



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO
EM METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

Beatriz Chaves Messias

**A JORNADA DOS NAVEGANTES HONORATOS:
LITERATURA JUVENIL COMO FORMAÇÃO PARA
DOCENTES DE LETRAS**

BELEM- PA

2025

BEATRIZ CHAVES MESSIAS

**A JORNADA DOS NAVEGANTES HONORATOS: Literatura
Juvenil como formação para docentes de letras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: INOVAMES

Orientadora: Prof.^a Dra. Elizabeth Orofino Lucio

BELÉM-PARÁ
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- M585j Messias, Beatriz Chaves.
 A Jornada dos Navegantes Honoratos : Literatura Juvenil como
 Formação para Docentes de Letras / Beatriz Chaves Messias. —
 2025.
 280 f. : il. Color. + 1 plano de curso (31 f.: color.)
- Orientador(a): Prof^ª. Dra. Elizabeth Orofino Lucio
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo
 de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão,
 Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em
 Metodologias de Ensino Superior, Belém, 2025.
 Acompanhado do plano de curso: “Navegantes Honoratos:
 Curso Extensionista de Literatura Juvenil como Experiência
 Formativa de Docentes de Letras - Língua Portuguesa”.
1. Curso de Extensão. 2. Formação de Professores. 3.
 Literatura Juvenil. 4. Metodologias Ativas. I. Título. II. Título:
 “Navegantes Honoratos: Curso Extensionista de Literatura
 Juvenil como Experiência Formativa de Docentes de Letras -
 Língua Portuguesa”.

CDD 371.102

BEATRIZ CHAVES MESSIAS

A JORNADA DOS NAVEGANTES HONORATOS: Literatura
Juvenil como formação para docentes de Letras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do
Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e
Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de
Concentração. Metodologias de Ensino/Aprendizagem. Linha de
Pesquisa: INOVAMES

Orientadora: Prof^ª Dra. Elizabeth Orofino Lucio

RESULTADO (X) Aprovado () Reprovado

DATA: 25/04/2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ELIZABETH OROFINO LUCIO
Data: 03/09/2025 09:24:52-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof Dra. Elizabeth Orofino Lucio —PPGCIMES/UFPA

Documento assinado digitalmente



TATIANE CASTRO DOS SANTOS OLIVEIRA
Data: 22/08/2025 12:05:13-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Tatiane Castro dos Santos —PPGE/UFAC

Documento assinado digitalmente



VANESSA CRISTINA GIROTTTO NERY
Data: 21/08/2025 14:40:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra Vanessa Cristina Girotto Nery —UNIFAL/MG

Prof^ª. Dra. Eliane Debus – PPGE/UFSC



Documento assinado digitalmente

Eliane Santana Dias Debus
Data: 21/08/2025 18:21:16-0300
CPF: ***.006.219.**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof Dr. Márcio Lima do Nascimento —PPGCIMES/UFPA

Documento assinado digitalmente



MARCIO LIMA DO NASCIMENTO
Data: 26/08/2025 10:42:54-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

BELÉM-PARA

2025

Para meus pais, que me ensinaram a não andar com os pés no chão.

Para minha avó, por quem realizo todas as conquistas. Sei que olhas por mim onde estiver.

E para os Navegantes Honoratos, que tornaram esta jornada possível.

AGRADECIMENTOS

Não digo que é impossível navegar sozinho, mas creio que tudo fica mais fácil, mais rápido e sobretudo, mais leve e divertido, se possuírmos uma tripulação. Aqui, agradeço imensa e eternamente à minha. Meu muito obrigada vai para:

Primeiramente, ao corpo de professores do PPGCIMES, por me ensinarem a como conduzir esta embarcação. Agradeço especialmente às professoras Fernanda, Netília e Arlete, e ao professor Marcus, que tanto me ensinaram em suas respectivas disciplinas.

Agradeço a todos os meus colegas do PPGCIMES, mas principalmente à Manu, Kátia, Érick, Fábio e Nara, pela amizade, carinho, suporte e todos os risos, em suma, pela amizade que construímos ao longo do caminho, e que espero que perdure para muito além desse tempo e espaço de nossas vidas.

À minha família, que me apoiou e esteve na torcida por essa caminhada, em especial meu pai, meu padrasto Luciano, minha tia Eliana, minha prima/madrinha Camila e minha madrastra Socorro. Sem vocês para serem os pilares que sustentaram meu porto, esse barco jamais teria navegado a lugar algum.

À minha avozinha, que certamente ficaria feliz de me ver vencendo mais essa etapa. E sei que está, onde quer que esteja.

Aos meus amigos, que seguraram minha mão, me escutaram e me deram todo o carinho e apoio durante essa viagem. Júnior, José, Lara, Milena, Duda, Paulo, Alice Palmeira, Alice Leão, Luiz Carlos, Sofia, Gabriel, Lucas... meu imenso amor e obrigada.

Ao Cainã, à Tia Conce e ao tio Tadeu, por me cederem tantas vezes sua casa para que eu escrevesse, tomasse cafezinhos e desabafasse sobre o processo. Obrigada por também serem como uma família.

Aos meus colegas de trabalho, por me ouvirem tanto falar dessa jornada, mas principalmente à Juçara, que teve sua mesa ocupada por minhas divagações sobre a dissertação tantas vezes.

Ao Luiz Pedro, que merecia uma página inteira de agradecimentos. Que nesse processo foi monitor, suporte técnico, diagramador, formatador, mas acima de tudo, amigo, mesmo quando as águas foram turbulentas e as tempestades ameaçaram tragar o barco. Muito, muito obrigada.

À minha orientadora, Elizabeth Orofino, que foi cocapitã por muito tempo durante a minha jornada acadêmica, e me ensinou, para todos os efeitos, as manhas da navegação.

Professora, creio que agora posso voar (ou, para os propósitos da metáfora aqui presente, velejar) enfim com mais autonomia e confiança, como a senhora sempre quis.

À minha mãe, por tudo e mais um pouco. Por ter sido minha primeira leitora, fã, entusiasta, a primeira nas arquibancadas de torcida da minha vida desde o momento que respirei o primeiro ar nesse mundo. Sem você, eu não teria chegado até aqui jamais. Ou em lugar algum.

E por último, mas não menos importante, aos Navegantes Honoratos, que estrelaram esse trabalho, que foram “cobaias”, como eles mesmos chamariam, mas na verdade foram muito mais do que isso. Foram aqueles que mudaram minha perspectiva do que é ser (e querer ser) professora. Foram os que tornaram essa pesquisa, esse percurso possível. A primeira tripulação de quem fui capitã. E não é que deu certo? Muito, muito obrigada.

Segue meu barco, transito no rio,
Rio de mim, aprendiz viajor
Eu sei, sou capaz de em paz navegar
Contigo ao lado, olhar para a lua
E sorrir.
(Renata Almeida)

RESUMO

Este trabalho de dissertação trabalha com a indagação da importância da literatura juvenil como experiência formativa de docentes de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (campus Belém). Para responder à questão, foi feita a aplicação de um curso extensionista de literatura juvenil intitulado Navegantes Honoratos, que por meio de uma composição de metodologias ativas, buscou trabalhar o gênero com o público selecionado, verificando sua relevância. O trabalho foi escrito de acordo com a metodologia narrativa elaborada por Lucio (2016), com suporte em Suárez e Clandinin e Connelly. Para o estudo da literatura juvenil, utilizou-se autores como Zilberman, Debus, Abramovich, entre outros, além das próprias escritoras-personagens deste trabalho: Maria Lúcia Medeiros, Cecília Meireles e Nelly Novaes Coelho. Ao fim da pesquisa e análise dos resultados, estes em forma de cartas confeccionadas pensando na Documentação Narrativa Pedagógica (DNEP) constatou-se a relevância e eficácia do estudo da literatura juvenil para docentes em formação de Letras - Língua Portuguesa, atestando que sua contribuição para com esse curso de graduação é valiosa.

Palavras-chave: Literatura juvenil; Formação de professores; Metodologias ativas; Curso de extensão.

ABSTRACT

This dissertation investigates the importance of youth literature as a formative experience for teachers of Portuguese Language and Literature at the Federal University of Pará (Belém campus). To answer this question, an extension course on young adult literature entitled *Navegantes Honoratos* was applied, which, through a composition of active methodologies, sought to work with the genre with the selected audience, verifying its relevance. The work was written according to the narrative methodology developed by Lucio (2016), supported by Suárez and Clandinin and Connelly. For the study of young adult literature, authors such as Zilberman, Debus, Abramovich, among others, were used, in addition to the writers-characters of this work: Maria Lúcia Medeiros, Cecília Meireles and Nelly Novaes Coelho. At the end of the research and analysis of the results, which were in the form of letters prepared with Pedagogical Narrative Documentation (DNEP) in mind, the relevance and effectiveness of the study of youth literature for teachers in training in Portuguese Language and Literature was confirmed, attesting that its contribution to this undergraduate course is valuable.

Keywords: Youth literature. Teacher training. Active methodologies. Extension course.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura curricular do curso de Letras - Língua Portuguesa Noturno do Campus UFPA – Belém	27
Figura 2 – Estrutura curricular do curso de Letras - Língua Portuguesa Noturno do Campus UFPA – Belém. (cont.).....	28
Figura 3 – Formação SESC de Leitura GEPASEA.....	34
Figura 4 – Logo do clube “Filhos de Norato”	46
Figura 5 – Encontros online dos “Filhos de Norato”	46
Figura 6 – Autora no Evento SLIJ.....	50
Figura 7 – Cartaz de chamada para o curso Navegantes Honoratos.	67
Figura 8 – Cartaz de boas-vindas.	71
Figura 9 – Dados de Idade colhidos no formulário.	72
Figura 10 – Dados de Gênero colhidos no formulário.	72
Figura 11 – Dados do Formulário sobre o interesse em literatura no curso.....	73
Figura 12 – Já teve contato com a literatura juvenil?	74
Figura 13 – Dado do formulário sobre LIJ paraense - Já teve contato com a literatura paraense?	76
Figura 14 – Slide de boas-vindas do curso Navegantes Honoratos.....	79
Figura 15 – Dinâmica da escolha dos objetos.	81
Figura 16 – Participantes e seus respectivos objetos.....	82
Figura 17 – Livro “Crônicas Paraenses.	84
Figura 18 – Foto final do encontro.	85
Figura 19 – <i>Prints</i> da Sala Moodle.....	87
Figura 20 – Participantes assistindo ao vídeo da autora.....	90
Figura 21 – Final do II encontro.....	95
Figura 22 – O último apito do trem.	98
Figura 23 – Alunos realizando a dinâmica.	101
Figura 24 – Final do Encontro III.....	107
Figura 25 – "Onde se chora três vezes".	109
Figura 26 – Alunos assistindo o vídeo do autor.	110
Figura 27 – Desenho de Zero.	111
Figura 28 – Cartaz de entrada do Encontro V.	117
Figura 29 – Livro “Mosqueiro - Lendas e Mistérios”.	119
Figura 30 – Leitura com a vela.....	121
Figura 31 – Final do encontro V.....	125
Figura 32 – Livro “Encontros”.	128
Figura 33 – Pesquisadora lendo o livro Encontros.....	129
Figura 34 – Final do Encontro VI.....	135
Figura 35 – Livro “Horizonte silencioso”.	138
Figura 36 – Participantes fazendo a atividade.	139
Figura 37 – Final do encontro VII.....	143
Figura 38 – Livro “Crônicas fantásticas de famílias em apuros”.	145
Figura 39 – Participantes e autora fazendo a atividade.	146
Figura 40 – Menu criado pelos participantes.....	147
Figura 41 – Lanche final do encontro VIII.....	151
Figura 42 – Leitura do Encontro IX.	155
Figura 43 – final do Encontro IX	159
Figura 44 – Objetos do encontro X	161

Figura 45 – Leitura no Encontro X.....	163
Figura 46 – Brinde dos Navegantes Honoratos.....	163
Figura 47 – Encerramento do curso.....	169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos encontros sobre Literatura Juvenil e Formação Docente.....	53
Quadro 2 – Roteiro inicial do curso Navegantes Honoratos.	55
Quadro 3 – Critérios PNBE.....	62
Quadro 4 – Dados do formulário sobre literatura na graduação.....	73
Quadro 5 – Se sim, quais livros.....	74
Quadro 6 – Dados do formulário sobre motivação para entrar no curso.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I. UMA PROFESSORA À BEIRA DO RIO	18
1.1 À beira d'água, surge um farol	18
1.2. Uma nova passageira	23
1.3. Forma-se uma tripulação	29
1.4. Uma reflexão sobre as águas da formação docente	39
CAPÍTULO II. PREPARANDO-SE PARA A VIAGEM.....	45
2.1. Como nasceu Norato	45
2.2. A bagagem dos que vieram antes	49
2.3. Fazendo as malas	55
2.3.1 Mala nº1: Os materiais literários	59
2.3.2. Mala de mão: as metodologias ativas	65
CAPÍTULO III. NAVEGANTES HONORATOS: A JORNADA.....	70
3.1 Encontro I: 23/09 – Boas-vindas ao curso Navegantes Honoratos!.....	70
3.2. Encontro II: 30/09 — A aprendiz de erveira	86
3.2.1. Carta nº1: Quem sou eu	92
3.3. Encontro III: 07/10 - O último apito do trem	96
3.3.1. Carta nº2: Quem sou eu como professor	102
3.4. Encontro IV: 17/10: Onde se chora três vezes.	107
3.4.1. Carta nº3: Quem eu seria em outra dimensão.....	112
3.5. Encontro V: 21/10 - Mosqueiro: Lendas e mistérios.....	117
3.5.1. Carta nº 4: Os meus choros.....	122
3.6. Encontro VI: 4/11 – Encontros.....	126
3.6.1. Carta nº 5: Como a cidade em que cresci fez quem eu sou	132
3.7. Encontro VII: 11/11 - Horizonte Silencioso.....	136
3.7.1. Carta 6: Encontros	140
3.8. Encontro VIII: 18/11 - Crônicas fantásticas de uma família em apuros	143
3.8.1. Carta nº7: Que livro eu gostaria de ter lido quando criança	148
3.9. Encontro IX: 25/11 - Chove nos campos de cachoeira	151
3.9.1. Carta nº 8: Como minha família fez quem eu sou	157
3.10. Encontro X: 02/12 - Despedida dos Navegantes Honoratos	160
3.10.1. Carta nº9: Quem eu sou depois do curso Navegantes Honoratos.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
REFERÊNCIAS	173
APÊNDICE A – CARTAS ENCONTRO I	181

APÊNDICE B – CARTAS ENCONTRO II.....	199
APÊNDICE C – CARTAS ENCONTRO III.....	212
APÊNDICE D – CARTAS ENCONTRO IV.....	224
APÊNDICE E – CARTAS ENCONTRO V.....	234
APÊNDICE F – CARTAS ENCONTRO VI.....	245
APÊNDICE G – CARTAS ENCONTRO VII.....	251
APÊNDICE H – CARTAS ENCONTRO VIII.....	260
APÊNDICE I – CARTAS ENCONTRO IX.....	269

INTRODUÇÃO

Me ensina a não andar com os pés no chão.

(Beatriz – Chico Buarque)

No dia 4 de janeiro de 1999, em um quarto esterelizado de hospital, nascia uma menina chamada Beatriz. E, não necessariamente ao mesmo tempo, em um dia difícil de precisar, nascia, à beira de um rio, um menino-cobra chamado Honorato. (Bopp; 2016).

Honorato cresceu querendo ser gente. Beatriz cresceu querendo ser tudo, menos gente. Queria ser super-heroína, uma princesa de um planeta distante, uma menina capaz de virar onça. No entanto, enquanto o desejo de Honorato tinha solução, o de Beatriz precisou ser modificado para um pouco mais de realismo; era preciso escolher algo mais sensato para se ser. No fim, ela escolheu professora.

Antes de chegar em seus objetivos, porém, os dois passaram por diversos percalços. Honorato (que preferia ser chamado de Norato) passou muitas noites de lua-cheia conhecendo a humanidade, dançando e encantando em festas, alimentando seu desejo de ser um de nós. Beatriz (que preferia ser chamada de Bia) aprendeu a ler e a amar os livros, amar a escrita e as histórias, e, por último, a amar a educação, à primeira vista de um grafite na parede da Universidade do Estado do Pará, onde Paulo Freire (quantos de nós, educadores, não começamos com Paulo Freire?) dizia: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor”. (Freire;2005). E Bia então se apaixonou por essa ideia de ensinar a libertar, ensinar a ser, e talvez, quem sabe, a ensinar a amar a leitura, os livros e a escrita tanto quanto ela.

Tanto em Bia quanto em Norato havia inquietações. Toda inquietação, penso eu, surge de um desejo. O desejo de Norato era a humanidade. O de Bia, talvez um pouco mais complexa de explicar. Ela sentiu a falta de, em sua graduação, aprender a tão sonhada maneira de ensinar a amar a leitura, amar a escrita e amar as histórias.

Eventualmente, Norato encontrou alguém corajoso o suficiente para furar sua cabeça de cobra e transformá-lo em humano (Corrêa; 2024) e Bia, por sua vez, encontrou alguém corajosa o suficiente para orientá-la em sua inquietação. E, enquanto Norato conhecia sua nova gente, Bia conhecia a dela: depois de Freire, conheceu Zilberman, Mortatti, Debus, Smolka e tantos outros que começaram a alicerçar sua jornada.

Você talvez esteja se perguntando o que essas duas personagens têm em comum. Bem, além das pequenas confluências na narrativa, há uma semelhança a mais: Bia, apaixonada por tantas histórias, apaixonou-se pela de Norato. Viu em sua inquietação algo semelhante a dela, e dessa forma, convidou-o para trilhar em conjunto o que batizou de sua primeira grande navegação.

É assim que as histórias de Norato e Bia começam, mas suas jornadas estão ainda longe de terminar. Aqui, sobretudo, vocês encontrarão um pedaço da história de Bia — e como ela se entrelaça não só com a de Norato, mas com as de outras personagens que vocês logo virão a conhecer.

E tudo começa à beira de um rio...



CAPÍTULO I. UMA PROFESSORA À BEIRA DO RIO

1.1 À beira d'água, surge um farol

“Agora sim
Me enfio nessa pele de seda elástica
E saio a correr mundo”
(Raul Bopp. In: Cobra Norato, p.137).

O começo dessa história foi um pouco inusitado. Vocês poderiam dizer que nela há um quê de realismo mágico, que Santos e Borges (2018; p.22) definem como sendo o local onde o mágico se mistura com a realidade visível. Mas bem, estamos na América Latina, onde esse gênero impera (apesar de eu não ser nenhum Gabriel García Márquez) e acima de tudo estamos na Amazônia, onde encantados vivem aos cantos de onde os olhos não veem. Portanto, se em algum momento lhe faltar credulidade para acompanhar esta narrativa, peço que faça um esforço e entenda que o contexto não poderia ser mais repleto de encantamento.

Sem mais delongas, nossa história começa assim:

Inspirada por Norato, decidi, em uma noite de lua cheia, me prostrar à beira do Rio Guamá, na Universidade Federal do Pará. Por que razão eu estaria fazendo isso, você poderia me perguntar, e eu respondo que estava refletindo os conflitos que me atingiam — e acreditem se quiserem, não há nada melhor que refletir na mente refletindo-se nas águas de um rio — e nessa reflexão eu me via querendo sair a correr mundo, mas sem saber bem como, desta maneira como tantas jornadas se iniciam.

Minha questão, naquela noite em particular, era uma que frequentemente aflige muitos dos professores: a dificuldade em acreditar estar fazendo o seu melhor. Não que eu já não possuísse alguns nortes: eu tinha uma ideia do que queria fazer (e ser) ao ensinar. Já possuía saber que o ensinar não é transferir conhecimento, mas criar condições para sua produção ou sua construção (Freire, 2011, p.20), e assim o desejar construir em minha prática docente, ainda que o caminho fosse desafiador.

Como professora formada para ensinar jovens, eu pensava particularmente na juventude, e como leitora formada desde cedo, pensava no poder transformador da literatura, pois havia sido eu mesma uma jovem transformada pelo ler. Mas minha formação havia sido na Universidade Federal do Pará, e dela vinha a inquietação: a universidade, especificamente no curso de Letras do campus Belém, não oferecia o recurso que eu buscava, na forma de uma disciplina de Literatura Infantojuvenil (LIJ), que poderia vir a se tornar tão essencial para a formação de docentes de Letras. Era preciso, acreditava eu, abrir portas para novas formas de

alcançar novos leitores. Afinal, “[...] ler é difícil. Ler coisas interessantes e que transcendem o prosaico cotidiano é mais difícil.” (Britto, 2015; p.138). Portanto, físgar o interesse de jovens leitores não é uma tarefa simples. E esse gênero que tanto me interessava eu achava, poderia ser uma maneira de transpor essa barreira. Eu, entretanto, tinha ainda muitas dúvidas a permear a minha mente. Assim, ao observar o rio, pedi silenciosamente por algo que me guiasse.

Enquanto divagava em meus anseios, uma lembrança perpassou pela minha mente: nem sempre essa ausência da literatura infantojuvenil existiu por aquelas bandas. Tempos antes, uma professora se fez presente para propor esse conteúdo a seus alunos, utilizando-se de autores do gênero para encher as mentes dos discentes com o conhecimento que estas poderiam proporcionar. Era ela, agora, que navegava por meus pensamentos enquanto eu observava as águas calmas. — o que eu não sabia, no momento, era que da calmaria surgia a turbulência.

Então, de súbito, senti alguém se sentar ao meu lado. Embora essa presença repentina talvez devesse me assustar, o rio ainda corria de forma bela e serena, e de alguma forma senti uma tranquilidade estranha com a presença da senhora; nada da desconfiança. E sem tanta surpresa, pois estava pensando nela há um minuto. Na mesma hora em que a vi, a reconheci, pois já a havia conhecido em fotos, e sobretudo, lido sobre sua vida (Amador, 2011).

Tendo-a ali agora, a pioneira e única professora da UFPA de Literatura Infanto Juvenil, Maria Lúcia Medeiros me fez observá-la com curiosidade, espanto, e um tanto de incredulidade; mas afinal, coisas difíceis dos olhos acreditarem aconteciam com frequência à beira daquele rio. Por alguns minutos, ela nada falou, e eu esperei ansiosa por ouvir sua voz — afinal não era sempre que víamos uma figura tão admirada se materializar assim, de bandeja, como possível solução para nossas maiores indagações.

— Eu não devia ter parado de fumar — diz ela de repente; bem, não era exatamente o começo que eu havia imaginado... — Sabe, sempre foi melhor, pra mim, refletir fumando (Amador, 2011) e se estás em reflexão aqui, sem cigarro nem nada, é porque algo te aflige. E, se quiseres compartilhar, Beatriz, estou aqui, toda ouvidos.

Por um momento apenas a observo, os cabelos com mescla de grisalho e o sorriso professoral e paciente. Me pergunto como ela sabe meu nome, mas pondero que essa talvez devesse ser a menor de minhas dúvidas. Todas as questões e anseios me pesam no coração; afinal, não é todas as noites que se encontra alguém que chegou até onde você gostaria de chegar e que trilhou um percurso tão inspirador. Um privilégio para muito poucos, e uma oportunidade que eu tinha de agarrar!

Então começo a contar para ela: digo o quanto admiro seu trabalho, que influenciou a tantos, que atravessou uma ditadura, que ajudou a fundar espaços como a Casa da Linguagem.

Digo que li sobre as cartas que enviou ao marido, que ouvi histórias acerca das paixões de seus alunos por suas aulas de literatura, e por fim, discorro sobre meu desejo de igualmente atravessar jovens mentes através do literário; mais especificamente da literatura infantojuvenil — sendo a juvenil especialmente de meu interesse. Mas essa disciplina parece ter sido esquecida no tempo, assim como a concepção de que não há necessidade de grandes estímulos pra esse gênero voltado ao público jovem. Os professores parecem ter se distanciado desse propósito, fazendo assim com que o norte do aluno se perca, e me recordo do que disse Zilberman (2017, p.97), quando falou que os professores caminham e uma uma direção, buscando seguir o sistema educacional que nos é ofertado, enquanto os leitores jovens seguem em outra e era justamente essa uma das faltas que me inquietava: a falta de conexão entre o docente e aquele para quem ensina.

— Por isso acredito que esse diálogo com a literatura juvenil é necessário — complemento, enfim — Para que professor e aluno possam caminhar juntos, utilizando-o desse recurso que os pode unir no âmbito educativo.

— Beatriz, a escrita e a leitura sempre foram, e continuam sendo, instrumentos de poder (Britto, 2015, p.140). Foi nisso que acreditei quando movimentei essa disciplina, que tanto te interessa, neste campus. Muitos de meus alunos futuramente se formaram escritores. É um passo e tanto que estás querendo dar.

— E isso tanto me apavora quanto me fascina, professora. Também acredito no poder da literatura... apesar de não compreender o conceito de todo. A senhora poderia me elucidar um pouco?

— O poder da literatura a que me refiro, minha jovem, está atrelado ao poder da educação. Podemos pensar em Nogueira e Laplane (2017, p.16) quando falam que a leitura é uma “atividade responsiva que mergulha na corrente de enunciados e produz sentidos, (re)cria experiências, sensações, imagens.”. Essas moças não são do meu tempo, mas acredito que tiveram falas certeiras. A leitura tem um potencial imenso, um poder que não é tangível, não é físico, mas é sentido, é amplo e perdura. E é imperativo ao professor da área de Letras utilizar disso que citei como instrumento de poder.

— Isso é mesmo interessantíssimo. Sabe que lembrei agora de uma fala de Camasmie (2017, p.27) quando disse que a leitura é também um instrumento da afirmação da individualidade. Isso me faz pensar principalmente no leitor jovem. Eu, quando adolescente, ainda estava tentando descobrir quem era (claro, isso ainda é uma realidade hoje, mas muito mais presente naquela época...) e os livros com certeza ajudaram a construir a pessoa que eu queria me tornar e me tornei. Imagina poder proporcionar isso a outros adolescentes?

— Imagino, sim. E, como professora, teu campo de atuação é e sempre vai ser maior na escola. Para tanto, é preciso refletir e repensar...

— Fale mais, professora.

— Sabe, em primeira instância, essa consciência de que era preciso considerar a literatura de ficção na escola foi se ampliando nas décadas de sessenta e setenta (Colomer, 2003, p.30) coincidentemente à época que comecei minha docência nesta universidade. Hoje em dia, é mais comum. Ainda assim, muito se falta, muito ainda há de ser construído; sabemos que a taxa de analfabetismo em nossa região é grande, que a leitura de nosso povo é por muitas vezes limitada, pois a leitura e escrita ainda precisam se consolidar enquanto direito. Creio que é essa uma de tuas preocupações?

— Com certeza. Na pesquisa Retratos da Leitura do Brasil edição 2024, feita pelo Instituto Pró Livro (IPL) e o Ministério da Cultura (MINC), os indicativos de leitores na Região Norte são preocupantes, professora. É de apenas 48%, número que caiu desde a pesquisa de 2019, onde o percentual era de 63% (p.21). Isso totaliza em apenas 8,2 milhões de leitores (p.22), menos da metade da nossa população. Isso me entristece bastante, mas ao mesmo tempo, me faz refletir, pois há duas perspectivas nestes dados: uma de desafio, outra de esperança. A pesquisa mostra outro dado, este que já me deixou esperançosa (p.95): entre leitores de 11 a 17 anos, a maioria de seus últimos livros lidos tinham sido indicados por professores!

— Olha, de fato é uma informação maravilhosa! Isso significa que o campo da docência é uma frente poderosa para se trabalhar no que tange ao incentivo à leitura.

— Sim! E a partir disso tudo, professora, acho que a senhora agora entende de onde surgiu essa minha questão de pesquisa, e mais precisamente, porque desejo explorá-la especificamente no campo que escolhi. Contribuindo para a adição de estudos sobre literatura juvenil em um curso onde pouco dela se fala, acredito que estarei também contribuindo, nem que seja a passos pequenos, para um avanço na educação de jovens leitores. E acredito que posso conseguir bons resultados.

— Eu, por minha vez, espero ouvir bastante sobre esses resultados. E entendo, talvez mais que ninguém, teu ponto de vista sobre o ensino de literatura juvenil — Maria Lúcia, para mim, ainda com cara de que estava necessitada de um cigarro, divagando consigo mesma tanto quanto eu fazia. — E, assim como tu, me preocupo com a dificuldade da formação de leitores. E sou veemente a favor da ideia de que não devemos desistir de nossos alunos. E, apesar do que muito se acredita, alunos inteligentes, alunos interessados, estão em todo o canto. Uma vez conheci uma menina que foi mandada pra estudar na escola porque sabia dizer a palavra

“helicóptero.”¹ Soube então que ela era esforçada, interessada, para conseguir decorar uma palavra assim, tão grande em um contexto socioeconômico tão pequeno. E assim trato todos os meus alunos; busco em seus olhares o interesse no saber e os estimulo a esse caminho.

— É esse tipo de professora que eu desejo ser, a senhora acredita? Talvez por isso o rio a tenha trazido por aqui. Para me oferecer um farol em meio a essa minha indagação ainda obscura — afirmei, meio acanhada. — Então acho que a senhora já pôde entender o que eu busco: como Zilberman, quero buscar fortalecer uma linguagem juvenil com linguagem própria, resultante de seus resultados particulares... (Zilberman, 2017, p.88)”. Esses resultados particulares, eu diria, se configuram na identidade da juventude que se reconfigura a cada geração, bem como a literatura que os rodeia: quero fazer a diferença, pois a questão foco é essa: há uma lacuna da disciplina de literatura infanto juvenil no curso de Letras deste campus, questão que considero grave, pois é uma peça importantíssima na formação docente. A senhora deve saber mais do que todos, pois estive aqui anos atrás, se esforçando para trazer essa disciplina à vida. Então, peço por isso: que sejas meu farol; ao menos, durante esses primeiros deslizes da minha navegação.

Maria Lúcia abriu um sorriso paciente.

— Bem, é importante primeiro que saibas que tudo é um processo. Eu mesma tive meus entraves para manter a disciplina, mas o amor por meus alunos e por suas escritas me motivaram a prosseguir. “Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá” (Péret, 2018, p.33) — Se tiveres calma e paciência, hoje posso te apresentar mais algumas pessoas. Elas vivenciaram coisas parecidas com a minha jornada, jornadas estas que acho que se mesclam à tua. Então, quem sabe, tenhas até mais do que um só farol.

O convite tinha gosto de aventura, e não seria eu a recusar. Ergui-me da beira e acompanhei a professora que já se adiantava na caminhada, e enfim, eu tal Honorato, vesti minha seda elástica para tentar correr mundo afora.

¹ Informação coletada em entrevista da pesquisadora com a professora Elaine Oliveira

1.2. Uma nova passageira

A literatura é uma espécie de arauto do que acontece no mundo. Ela explica tudo o que vai acontecer ou está acontecendo muito antes que se possa suspeitar.
(Nelly Novaes Coelho; 2007)

Vocês poderiam imaginar que a essa altura eu já havia aceitado e abraçado o fantástico que acontecia ao meu redor. Mas uma aparição encantada já é suficiente para desafiar a sanidade de muita gente; duas, por outro lado, pode dificultar o vencimento da lógica nesse desafio. Creio que foi a partir daí, então, que decidi abandoná-la.

Ainda assim, por um minuto, não acreditei. Pois agora outra navegante da educação se punha à minha frente: a materialização de um sonho. Criadora da disciplina de Literatura Infantil nos cursos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH – USP (Santos, 2022, p.560), Nelly Novaes Coelho, de quem eu muito ouvira falar, era mais uma ponte no meu caminhar em busca de meus objetivos.

— Eu disse que ia te apresentar convidadas ilustres — brincou Maria Lúcia — Esta minha colega é especial. Dizem que “Sabia transformar a palavra em caminhos de descobrimento de mundo”. (Cunha e Lopes, p. 10)

Como mencionei, a lógica para mim já havia sido descartada; em seu lugar, apenas deslumbramento. Embasbacada, cumprimentei a professora, e esta disse, para minha imensa surpresa, que já tinha ouvido falar de minha desventura em minha busca por uma disciplina de literatura juvenil.

— Maria Lúcia me deu uma atualizada, e acredito, pelo que escutei, que você está no caminho certo! Para mim, “a Literatura é um fenômeno que afirma na formação integral do ser humano, pois compreendida como manifestação de arte!” (Santos, 2022, p.564). O que fazemos ao trazer gêneros diversos para nossos alunos, em especial aqueles que com eles dialogam, objetiva-se como um moinho em movimento para o processo educativo. Não achas?

— É o que acredito — respondi, com um sorriso deslumbrado. E pedi, de modo tímido mas um tanto ávido, que ela me contasse mais sobre sua percepção da literatura infantil e juvenil, ao que ela me respondeu:

Na pré adolescência, fase da “capacidade de abstração, os livros que interessam nessa fase são os personagens humanos como heróis, heroínas, romances, novelas de ficção científica. Na adolescência, “busca pela identidade”, as histórias que interessam de modo geral, são as que ponham em jogo situações humanas, mas [...] confirma-se que a leitura literária é o menos atraente dos entretenimentos para o adolescente (e para adulto). Perde de longe para a televisão, praia, teatro, música etc. (Coelho, 1981, p. 564).

— Sim, concordo! — respondi, animada. — Era justamente esse o problema que eu estava discutindo com a professora Maria Lúcia. Há pouco interesse em leitura; portanto, poucos leitores formados. Daí pensei que a possibilidade de formar professores para formar leitores poderia ser interessante...

— Sabe, há tempos concedi uma entrevista cujas perguntas muito se pareciam com as tuas questões. Lembro-me de falar sobre minha própria disciplina de Literatura Infantil na USP, e em como a fiz para tentar aproximar o curso de Letras com o de Educação (2007). Eles eram lamentavelmente distantes na época, e parece que ainda são, não é mesmo?

— São, professora, e não acho que isso deveria acontecer, já que estamos tratando especificamente no curso de Letras como licenciatura. A educação, ao meu ver, não deveria estar tão apartada.

— Não só a educação e Letras, como a educação e o ensino de leitura. Se bem me lembro, eu disse na entrevista que quando o professor descobre esse lugar, esse de facilitador do eu e do mundo através da leitura, ele dá um “salto de importância” (Coelho, 2007). Portanto, estou disposta a embarcar na ideia desse seu curso.

— Não te disse que ela era especial? — brincou Maria Lúcia.

Eu não podia conter minha felicidade. Duas professoras brilhantes dispostas a me acompanhar nessa incipiente, desgovernada e arriscada navegação? Parecia até um sonho — mas eu estava decidida a ignorar o onírico e abraçar que aquele cenário era real.

— Fico muito feliz, professora, obrigada!

— Agora, Beatriz, eu entendi qual o problema que te aflige, mas só identificar o problema não é o suficiente. Portanto, peço que agora você me diga: quais são seus objetivos a partir disso? Você é uma jovem professora, e decerto deve saber que nada surge do nada. É preciso delinear bem o propósito, ou estamos apenas a um barco à deriva.

— Paixão eu sei que tens, e isso é importante — pontuou Maria Lúcia — . Eu nunca faria um trabalho que não amasse (Amador, 2011, p.77). Mas, além da paixão, é preciso também ter clareza. O amor é o combustível, mas a objetividade é o leme que direciona.

Fiquei então a refletir sobre essas questões. Quais seriam os objetivos explícitos deste trabalho? Acabei começando pelo básico, a reafirmar a questão problema já apresentada: formar professores com recursos mais amplos destinados a formar seus alunos leitores; especificamente leitores literários e seguindo esse passo, assim apresentar uma nova proposta de ensino ao curso de Letras – Língua Portuguesa, que ampliaria seus horizontes. É, afinal, importante pensar criticamente o modo como nós, professores, conceituamos nosso espaço de aprendizado (Hooks, 2017, p.56), especialmente ao se tratar de língua e literatura.

— É importante saberes que é um dever da escola, através da literatura, formar o ser humano (Coelho, 2011, p.43) — disse Maria Lúcia, como se houvesse lido meus pensamentos, e de repente até fosse esse o caso — Por isso a questão da aproximação do professor com os gêneros literários que se aproximam de jovens leitores é imprescindível. É fundamental que os professores se coloquem no papel de mediadores de leitura e agentes do processo (Aguiar, 2011, p.132).

— Concordo, professora. E não é simples a formação do professor enquanto esse mediador. A montagem do acervo é um processo longo e que exige muito cuidado e pesquisa. Certa vez li o que disse Constâncio (2011, p.377), afirmando que “o instrumento do professor é o livro, e quando falamos em formação de leitor, não tem como desconsiderar os textos literários como aqueles de considerável circulação e aceitação no meio escolar.” Além das escolhas de material literário que muitas vezes se alicerçam nas exigências do currículo escolar, há a responsabilidade do educador de procurar trabalhá-los da melhor maneira possível, para que dialoguem com o público de jovens alunos.

Em se tratando de leitores em formação, a tarefa e a responsabilidade do professor são mais delicadas ainda. Se a escolha recair em um clássico da literatura universal, como Robin Hood, Rei Arthur, Robinson Crusoé, Alice no país das maravilhas, publicado por muitas editoras, o critério deve levar em conta a qualidade da tradução (Riche, 2011, p.392).

Assim, eu disse às professoras, pensando na formação do docente de Letras para sua futura atuação como professor formador de leitores literários, essa proposta consistiria em um curso de extensão pautado no estudo da Literatura Juvenil, com ênfase em um acervo paraense, uma vez que, naturalmente, estamos em território amazônico. O esperado é que traria a Literatura Juvenil, gênero ainda tão desfocado, em evidência para os docentes em formação, que assim ficariam mais aptos a lidar com seu público jovem, uma vez que esse gênero literário os alcança, e ainda assim, pouco é seu acervo, ainda mais na Universidade. “São as mesmas batalhas (eu chamo de literaluta)” (Ribeiro, 2018, p.26-7). E, como havia dito a professora Maria Lúcia há pouco, o lutar por meio da educação era algo poderoso; era a luta, pensava eu, sem nenhuma violência, somente amor.

— As batalhas nunca deixam de acontecer, só mudam de acordo com o tempo — sorriu Maria Lúcia. — Ah, eu vi o conceito de juventude mudar diante dos meus olhos enquanto eu lecionava. Em setembro de 65, a Organização das Nações Unidas (ONU) enfim firmou a crença de que os jovens do mundo poderiam fazer a diferença na humanidade (Oliveira, 2018, p.11). Como se eu não soubesse disso desde os meus tempos áureos como professora, ora essa!

— Vejo muita coisa mudar, também — Nelly se manifestou — Em relação ao que foi e ao que agora é a literatura. Há agora uma pluralidade de temáticas e de novos autores que causou um boom na literatura infantil e juvenil brasileira (Segabinazi, Rodrigues; 2021, p.196). Inclusive, vejo que o gênero fantástico tem crescido no Brasil, pois antes eu via nossa literatura mais predominada pelo realismo (Coelho, 2007), e essa diversidade é interessante. E esse é o momento, Beatriz, de você se aprofundar nesse assunto. Não há melhor momento como o agora.

— Eu sei que a senhora tem razão — eu sorri. — E eu sei que é possível estudar esse gênero como caminho possível para a educação. E é isso que me inspira nesse momento.

Pois o curso da UFPA, eu disse a elas, ainda não se abria tanto para essa possibilidade, uma vez que a estrutura curricular se configurava desta maneira:

Figura 1 – Estrutura curricular do curso de Letras - Língua Portuguesa Noturno do Campus UFPA – Belém

DADOS DO CURRÍCULO		
Código: 2022		
Matriz Curricular: LETRAS - LINGUA PORTUGUESA - BELÉM - Presencial - N - LICENCIATURA		
Período Letivo de Entrada em Vigor 2022 - 2		
Carga Horária Mínima: Total: 3320h Optativas: 200h Complementar: h		
Prazos em Períodos Letivo: Mínimo 10, Médio 10, Máximo 15		
Créditos por Período Letivo: Mínimo 15, Médio 15, Máximo 408		
1º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
FH01110 - FILOSOFIA DA LINGUAGEM - 68h	Obrigatória	 
LA01121 - FONÉTICA E FONOLOGIA - 68h	Obrigatória	 
LA01122 - OFICINA DE COMPR E PROD. DE TEXTOS ACADEMICOS - 68h	Obrigatória	 
LA01125 - COMPREENSAO E PROD. ESCRITA EM PORTUGUES - 68h	Obrigatória	 
LA01128 - LATIM I - 68h	Obrigatória	 
LA01165 - ATIVIDADE COMPLEMENTAR I - 68h	Optativa	 
LA01167 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES II - 68h	Optativa	 
LA01168 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES III - 34h	Optativa	 
LA01169 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES IV - A - 34h	Optativa	 
LA01170 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES IV - B - 34h	Optativa	 
LA01171 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES IV - C - 30h	Optativa	 
LA01172 - ATIVIDADES COMPLEMENTARES IV - D - 34h	Optativa	 
LA01173 - LETRAMENTO CIENTÍFICO - 68h	Optativa	 
CH Total: 710h.		
2º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01124 - FUNDAMENTOS DA TEORIA LITERARIA - 68h	Obrigatória	 
LA01126 - OFIC. DA COMPR. E PROD. ESCRITA EM PORTUGUES - 68h	Obrigatória	 
LA01129 - LATIM II - 68h	Obrigatória	 
LA01130 - FILOGIA ROMANICA - 68h	Obrigatória	 
LA04106 - LINGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL - 68h	Obrigatória	 
CH Total: 340h.		
3º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
ED01061 - PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM - 68h	Obrigatória	 
LA01123 - TEORIA DO TEXTO POETICO - 68h	Obrigatória	 
LA01127 - FONÉTICA E FONOLOGIA DO PORTUGUES - 68h	Obrigatória	 
LA01132 - MORFOLOGIA - 68h	Obrigatória	 
LA01136 - COMPREENSAO E PROD. ORAL EM PORTUGUES - 68h	Obrigatória	 
CH Total: 340h.		
4º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01133 - TEORIA DO TEXTO NARRATIVO - 68h	Obrigatória	 
LA01134 - SINTAXE - 68h	Obrigatória	 
LA01135 - OFICINA DE COMPREENSAO E PROD. ORAL EM PORTUGUES - 68h	Obrigatória	 
LA01137 - FORMACAO DA LITERATURA BRASILEIRA - 68h	Obrigatória	 
LA01139 - MORFOLOGIA DO PORTUGUES - 68h	Obrigatória	 
CH Total: 340h.		

Fonte: SIGAA/UFPA

Figura 2 – Estrutura curricular do curso de Letras - Língua Portuguesa Noturno do Campus UFPA – Belém. (cont.)

5º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01138 - LITERATURA PORTUGUESA MEDIEVAL - 60h	Obrigatória	
LA01141 - SEMANTICA E PRAGMATICA - 68h	Obrigatória	
LA01142 - OFICINA DE DIDATIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS - 68h	Obrigatória	
LA01149 - LITERATURA BRASILEIRA MODERNA - 68h	Obrigatória	
LA01162 - SINTAXE DO PORTUGUES - 68h	Obrigatória	
CH Total: 332h.		
6º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
ED05037 - POLITICA EDUCACIONAL - 68h	Obrigatória	
LA01140 - SOCIOLINGUISTICA - 68h	Obrigatória	
LA01143 - PSICOLINGUISTICA - 68h	Obrigatória	
LA01150 - LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA I - 68h	Obrigatória	
LA01153 - LITERATURA PORTUGUESA CLASSICA - 68h	Obrigatória	
CH Total: 340h.		
7º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01073 - LIBRAS - 68h	Obrigatória	
LA01145 - ENSINO APRENDIZAGEM EM PORTUGUES I - 102h	Obrigatória	
LA01151 - LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA II - 68h	Obrigatória	
LA01154 - LITERATURA PORTUGUESA MODERNA - 68h	Obrigatória	
CH Total: 306h.		
8º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01146 - ENSINO /APRENDIZAGEM EM PORTUGUES II - 102h	Obrigatória	
LA01155 - LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORANEA - 68h	Obrigatória	
LA01157 - OFICINA DE A. NO ENSINO /APRENDIZAGEM DE PORTUGUES - 68h	Obrigatória	
LA01160 - OFICINA DE ENSINO DE LITERATURA - 68h	Obrigatória	
CH Total: 306h.		
9º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01074 - LINGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA SURDOS - 68h	Obrigatória	
LA01144 - METODOLOGIA DA PESQUISA - 68h	Obrigatória	
LA01147 - ESTAGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL - 102h	Obrigatória	
LA01161 - RECURSOS TECNOLOGICOS NO ENSINO DE PORTUGUES - 68h	Obrigatória	
CH Total: 306h.		
10º Período		
Estrutura Curricular	Natureza	
LA01148 - ESTAGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MEDIO - 102h	Obrigatória	
LA01163 - TRABALHO DE CONCLUSAO DE CURSO - 68h	Obrigatória	

Fonte: SIGAA/UFPA

— Portanto, para agregar às disciplinas de literatura, o curso vem com uma proposta de expandir horizontes, e trazer mais essa área do conhecimento.

— Muito interessante, de fato — afirmou Nelly — Essas iniciativas são importantes, pois “a força educativa da literatura reside, principalmente, no que facilita formas e materiais para essa ampliação de possibilidades”. (Colomer, 2003, p.21). Não concorda, Maria Lúcia?

— Sim. E pelo que vejo, teus objetivos parecem bem delineados, o que é fundamental. Queres, pelo que compreendo, por meio desta pesquisa, realizar o estudo do gênero de literatura juvenil narrativamente, e analisá-lo como relevante ou não como uma experiência formativa para futuros professores de Letras, verificando se as metodologias utilizadas no processo serão ou não efetivas. Certo?

— Certo, professora, falando de forma bem técnica, é isso mesmo. E além da literatura juvenil, trabalhar a formação com a literatura juvenil amazônica. Quem sabe não utilizo inclusive um livro da senhora?

— Ora, seria uma grande honra. Acho que esta conversa está bastante interessante, e tua ideia tem um inegável potencial. Mas preciso te dizer, minhas surpresas ainda não acabaram. Tenho mais uma convidada a te apresentar.

— E como eu já me envolvi com o projeto, sigo junto — declarou Nelly.

A essa altura, eu já esperava tudo; essa é a vantagem em abandonar a lógica e seguir a crença que impera no coração. Nele, eu sentia que a jornada estava prestes a se tornar ainda mais mágica, e não havia olhos mais luminosos, ou alma mais esperançosa que a minha naquela noite. Ladeada por Maria Lúcia e Nelly, fui seguindo a corrente do Rio, começando a estar mais certa de meu propósito.

1.3. Forma-se uma tripulação

No mistério do sem-fim
Equilibra-se um planeta.
(Cecília Meireles; 2009)

Estar em companhias tão valiosas, duas professoras que haviam já tanto contribuído para o ensino e a literatura ao longo da história, já me deixava deslumbrada, mas nada havia me preparado para a convidada final: sentada numa das “malocas” sediadas no complexo do Vadião, ela nos esperava com um café e um sorriso.

“Não existe canto, ladainha, reza ou pregão que não cativasse a menina Cecília Meireles”. (Kirinus, 2017, p.135). Cecília era professora, escritora e grande entusiasta da literatura a que eu estava me propondo aprofundar. E eu me encantei ao me sentar com essas três grandes professoras e mulheres, fiquei deliciada ao receber o cafezinho por elas oferecido — eu não fazia ideia de onde este tinha vindo, mas de jeito nenhum discutiria, mesmo porque estava sentindo necessidade de cafeína naquele instante — e observava, ávida, sua discussão

que agora se centrava especialmente em algo que a mim era, claro, meu maior interesse: minha pesquisa.

Certa vez eu soube que “Cecília entendia que escrever para crianças era ao mesmo tempo um exercício de ‘ciência’ e ‘arte’.” (Machado e Mélo, 2008, p.14). E meu pensamento se alinhava ao dela, mas em relação aos jovens. Eu estava animada para fazê-la enxergar sob essa minha ótica — vocês poderiam chamar de uma certa doutrinação, eu preferia chamar de troca de ideias amigável.

— Eu sei que a senhora, professora Cecília, concebe a literatura como importante ferramenta no desenvolvimento da habilidade de ler (Machado e Mélo, 2008, p.19). E é justamente isso que eu conversava com as professoras Maria Lúcia e Nelly. Meu propósito nesta pesquisa e criação de produto é ampliar horizontes. Mesmo discentes de graduação muitas vezes não possuem um hábito regular de leitura, e, inserindo o curso que pretendo criar, há a potencialidade de melhorar esse quadro, e conseqüentemente, melhor o hábito daqueles que um dia serão ensinados por eles.

Senti que falava com muita pompa, mas não podia evitar o nervosismo. Cecília Meireles não era só professora, era uma escritora que eu conhecia e admirava desde a infância, portanto, a admiração (e me perdoem o uso da palavra, a tietagem) era dupla.

— Beatriz, eu posso ver para onde você está indo, e me inclino a concordar. Para mim, a oferta de bons livros ao leitor infantil (e no seu caso, juvenil) proporciona o desenvolvimento de todas as suas habilidades de leitura e também intelectuais. (Machado e Mélo, 2008, p.10). Então por que temos tão poucos professores sendo formados no estudo desse gênero? Eu não conheço muito do currículo escolar das universidades do Norte, confesso, mas pelo que você está dizendo, ainda temos muito a caminhar nesse sentido.

— Concordo, colega. E posso acrescentar mais: Literatura Juvenil para mim aponta valores para outra mentalidade — arrematou Nelly (Cunha e Lopes, 2017, p.12) — Desde meados de 80, os pesquisadores passaram a analisar o que seria uma “cultura juvenil”, estudá-la como elemento agregador e identificador da juventude (Cassab, 2010; p.47). Então lhe digo que a literatura e juventude se entrelaçam para a construção de uma visão nova de mundo para as jovens mentes, e não há nada mais belo que isso. Se esse será seu foco, é um projeto que abre caminhos amplos, se bem delineado. Para mim, vale à pena escutar.

— Eu acredito muito nessa abertura de caminhos, professora. Observei isso em vários colegas ao longo da vida: quanto mais a literatura se aproximava de suas realidades ou temáticas de interesse, mais a avidez pela leitura surgia, pois “cada sujeito lê aquilo que têm relação com

seu modo de vida, com suas necessidades, com sua dinâmica profissional, com seus vínculos culturais e sociais” (Britto, 2015, p.134).

— Ah, sim. A leitura, em especial as primeiras, nos marcam de uma forma inigualável — arrematou Maria Lúcia — “Quando descobri os livros os livros descobri um jeito de ser artista”, (Amador, 2011, p.142), — ela então me sorriu. — Qualquer tipo de arte merece um instante para ser apreciada. Se descobriste a tua, então é o momento de explorá-la.

— Eu um dia escrevi: “Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares”. (poema Ou Isto ou Aquilo, publicado em 1964), acrescentou Cecília. — Acredito, Beatriz, que você seja do time dos ares, dessas que não gostam de andar com os pés no chão, e gostaria de ver quais ares você está subindo. No que se trata de educação, para mim, creio que o céu é o limite, pois há sempre coisas novas que se aprender.

Ao que tudo indicava, eu havia capturado o interesse das três professoras (logo eu, quem diria?), e, decidida a agarrar a oportunidade, prossegui:

— Bem, professoras, as senhoras já tocaram em muitos pontos importantes, mas acho que posso acrescentar: creio que o grande trunfo da formação leitora está em convencer o leitor a entrar no mundo literário; e aparentemente não se vê essa prática sendo exercida com grande maestria. Os docentes em formação atualmente são influenciados por seus professores na graduação, estes, em boa parte, ainda moldados em práticas tradicionais, e pouco, pelo que posso observar, alinhados ao pensamento contemporâneo. Como diz Hooks (2017, p. 30) “a maioria dos meus professores não me despertou o desejo de imitar seu estilo de ensino”. E, em defesa do acréscimo da literatura juvenil, Lajolo (1990, p.32) nos diz:

A inclusão desta disciplina, tanto no currículo que forma professores do primeiro grau, quanto no currículo de Letras que habilita para o magistério de segundo grau, embora não vá produzir efeitos miraculosos, parece-me, entretanto, necessária (Lajolo, 1990, p.32).

Cecília Meireles anuiu com a cabeça, e lembrei do que uma vez li: “Muitos ecos dessa infância, que soube nutrir-se de vozes da rua, podem ser recuperados pelo leitor de poesia de Cecília Meireles (Kirinus, 2017, p.237)”. Ela era, de fato, pura poesia. Com a expressão intrigada, então, a escritora me perguntou:

— Então, para você, onde entra a literatura juvenil no processo de formação?

— No conectar com o jovem. No usufruir e fazer proveito de histórias especificamente moldadas para o público juvenil e apresentá-las para os jovens discentes em formação. Em fazer parte da multiculturalidade presente em cada sala de aula (Hooks, 2017) onde os gostos literários dos alunos podem ser estimulados. Afinal, os jovens, ao serem socializados por

instituições sociais como escola e família, interiorizam o e reproduzem no cotidiano os valores (Oliveira, 2018, p.7) e, nós, professoras que navegamos no ensino do ler e da língua, possuímos grande responsabilidade no processo. Nesse âmbito, inclusive, acredito que, entre as professoras presentes nesse cafezinho despretenso, é a professora Maria Lúcia quem sabe mais.

— Ah, eu trabalhei em muitos espaços, e nunca deixei de trabalhar com a literatura — concordou a professora. — Gostava tanto de Fanny Abramovich, Lygia Bojunga, Monteiro Lobato... e apresentava todos aos meus alunos; seja na escola particular Gentil, onde comecei, seja na UFPA, seja como curadora da Casa da Linguagem, já aposentada.

— Eu já orientei professores cuja tarefa era leitura de crianças e jovens, ou seja, pilares na formação — manifestou-se Nelly — E o papel do docente nesse processo de inserção de novas literaturas é de extrema importância, afinal, os valores atribuídos pelos professores desta etapa ao romance juvenil circunscrevem-se a suas vantagens como textos motivadores, propícios ao debate de temas adequados à criação de hábitos de leitura (Colomer, 2003, p.129).

— Entretanto — continuou Nelly — Ainda gostaria de ver suas motivações acerca disso. Por que, agora utilizando da metáfora que você mesma criou, navegar neste rio?

Era difícil me manifestar diante de tal personalidade, mas tentei:

— Porque acredito no leitor, na formação do leitor literário. E por que não utilizarmos desse recurso para trazer um ar novo para o curso de formação de docentes, formá-los como leitores e formadores de novos leitores no futuro? “É possível que o jovem se descubra lendo uma história desafiadora, provadora de emoções [...] e se supere de muitas formas. (Britto, 2015, p.131). Eu realmente tenho um carinho especial pelo leitor jovem, professoras; talvez porque minha mente tenha estacionado um pouco nessa fase... ou, a falar mais seriamente, porque minha formação leitora tenha sido tão intensa nesse período.

Tomei mais um gole do cafezinho, acompanhada das professoras. Então prossegui:

— Tenho em meu pensamento um país de jovens leitores literários. Pouco ainda se fala da Literatura Juvenil, em especial aqui na Amazônia, e assim poucos leitores são formados, mas a literatura nos abre portas para outros horizontes. Assim sendo, creio que um curso de extensão de Literatura Juvenil acrescentaria muito aos docentes, ser uma contribuição importante para sua formação profissional, trazendo-lhes meios para melhor trocar conhecimento em salas de aula, quando chegar suas vezes de lá chegarem. Vocês, como professoras formadoras e grandes escritoras, hão de concordar, eu creio.

— O recorte na região Amazônica muito me interessa — declarou Cecília — Afinal, é a primeira vez que presencio uma discussão sobre a literatura jovem dessa região. O que mais, Beatriz, você pode nos contar sobre isso?

Eu, que sempre adorei uma deixa para falar, me animei:

— Certo! Motivada por toda essa minha inquietação, eu pesquisei dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) obtidos por meio do site do Instituto Nacional de Estudo em Pesquisa Anísio Teixeira (INEP). Lá pude ver que houve uma queda significativa na proficiência em língua portuguesa no ensino básico entre os anos 2019 e 2021, e isso, infelizmente sem grandes surpresas, acentuou-se na Região Norte. Isso já mostra uma grande preocupação para nós, profissionais da área de Letras.

— Com toda a certeza — concordou Maria Lúcia — E acho que o incentivo à leitura pode ser um grande aliado para melhorar esses dados; não à toa professores de Letras formam-se, em conjunto, docentes de português e literatura: uma tem o poder de complementar a outra.

— Exato! Vivenciamos uma crise na educação, professora. Ainda segundo o INEP, em estatísticas do censo escolar, eu pude verificar que o número de matrículas em escolas públicas e particulares na região Norte é um dos menores do país, perdendo apenas para a região Centro-Oeste. É preciso batalhar pela educação, pelos jovens, pelos alunos. E eu acredito tanto, professoras, que quando se aprende (e se aprende a gostar) de ler, já é meio caminho andado no percurso educacional. O que nos volta à questão em foco:

“Sempre observei, quando jovem, meus amigos se interessarem mais por livros voltados à juventude do que aos paradidáticos da escola. Isso, acredito eu, não se trata bem de uma “deficiência” no ensino, mas na formação, que deixa passar o interesse do público-alvo, e assim, longe dos domínios básicos da escrita e da leitura, não conseguimos superar o analfabetismo (Garcia, 2011, p. 9). Essa situação reflete nos cursos de licenciatura, especialmente Letras, onde o assunto mais deveria ser explorado. Como professora na área, encontrei desafios em meu praticar docente que teriam sido mais bem desvendados com a contribuição de tal disciplina — alunos pouco letrados e com mínimo interesse em leitura, esta que consideravam maçante. Não encontrei oportunidades de estudar o assunto até conhecer meu grupo de pesquisa, o Grupo de Pesquisa Laboratório Sertão das Águas — GEPASEA/LASEA. Nele, participei de eventos como a Farinhada Literária e o Congresso Nacional de Alfabetização, fiz participação em Lives com temáticas entrelaçadas de educação e literatura, escrevi trabalhos e delineei minha monografia, e assim trilhei esse caminho que me levou até... bem, até hoje, até este rio, com vocês. E agora desejo conhece mais. Ir mais a fundo, e trazer

essa prática não só para a minha formação docente, como para a de outros que podem estar buscando trilhar a mesma jornada.

Figura 3 – Formação SESC de Leitura GEPASEA.



Fonte: autora (2023)

Parei um pouco para respirar, tomando mais um gole nervoso de café. Observei enquanto as três se entreolhavam, as três fadas e a Bela Adormecida, ainda despertando na aurora da docência, aguardando seu veredicto como quem está em tribunal.

Por fim, Maria Lúcia me dirigiu os olhos e me sorriu:

— Bem, acho que esta parte, ao menos, está esclarecida. Já sabemos o porquê e o para quê. Mas agora precisamos saber como. Tens a tua questão a ser resolvida. Como pretende resolvê-la, ou ao menos, trabalhar para começar a solucioná-la?

Ah, se vocês pudessem ver a minha animação naquele momento!

— Então, como vocês podem ver — comentei com as três professoras, sorvendo meu último gole de café. — Considero necessário realizar um produto que preencha a lacuna antes, há tempos preenchida por Maria Lúcia. Inspirada em seu legado, professora, e seguindo os exemplos de Nelly e Cecília em suas próprias jornadas, gostaria de explorar a literatura juvenil neste Campus, através de um curso voltado a professores em formação da área.

— Então nos diga mais — estimulou Maria Lúcia — Faça-nos entender o porquê esse produto é tão importante.

— Como eu disse um dia — arrematou Cecília — “Pus meu sonho num navio, e o navio em cima do mar; depois, abri o mar com as mãos, para o meu sonho naufragar...” 2. Alguns

sonhos são frases, mas vejo força nesse teu querer. Quero saber mais. Creio que esse navio tem tudo para navegar, e diferente do sonho, está bem longe do naufrágio.

Inspirei fundo: já tinha um discurso preparado, como boa professora iniciante na parca tentativa de impressionar suas colegas mais experientes.

— Bem, o primeiro passo é um produto educacional criar o curso “Navegantes Honoratos”; para aqueles que querem se aventurar na literatura juvenil, em especial a amazônica, tal como Cobra Norato explorou o mundo dos homens. Ele visa apresentar aos participantes uma introdução à literatura juvenil e a formação do leitor literário, que então contribuirá com sua formação para futuros professores do ensino básico na área de Letras. Ou, ao menos, assim eu espero!

— Mas o que vais apresentar a eles? — Nelly perguntou — Na minha época, em 1982, fiz todo um dicionário crítico de literatura infantojuvenil (Santos, 2022, p.46). Vai trabalhar livros literários com seus participantes?

— Claro! — afirmei — Embora, no meu produto, o foco será voltado aos autores contemporâneos, como Fanny Abramovich era na sua época — completei, referindo-me a Maria Lúcia. — Em especial, àqueles da reunião Norte, e em mais especial ainda, num primeiro momento, no Pará. Em um primeiro momento, o curso se estruturará entre entrelaçamentos de textos teóricos e literários, a serem estudados e trabalhados ao longo dos módulos.

— É muito interessante, com certeza. E me parece um bom começo— Maria Lúcia deu mais uma tragada no cigarro, contrariando a própria promessa do início da noite. — Mas o que mais? O que vais produzir de tangível no curso, além de trabalhar a teoria e a literatura?

Eu já estava começando a me sentir em uma banca de avaliação — e das mais exigentes. Mas o que aos poucos fui aprendendo é que não tem nada que um acadêmico goste mais do que falar de sua pesquisa, e por isso, por trás de toda a insegurança, eu continuei:

— Bem, professoras, existe um conceito chamado Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica (DNEP). É uma metodologia que, segundo Rios (2022, p.30) “torna público sentidos e significados construídos pelos/as docentes no movimento de narrar, ler, reescrever e comentar as experiências vividas no cotidiano escolar”. Com base nisso, decidi documentar narrativamente meu curso através de cartas.

— Curioso. Que tipo de cartas? — indagou Nelly.

— Cartas confeccionadas pelos participantes ao longo do curso, a partir de temáticas que eu mesma vou orientar. O roteiro mais detalhado ainda está por vir, mas penso em criar temas relacionados à formação leitora dos participantes, bem como sua formação enquanto

professores, enquanto paraenses, e por aí vai. Assim, além de responder questões de pesquisa, poderei carregar comigo sempre lembranças dos meus Navegantes... já sinto que vou amá-los!

— E com certeza vai. Não há professor que passe incólume pelo processo de se apaixonar pelos próprios alunos — brincou Maria Lúcia — Gostei da ideia das cartas. Acho que vão ser um material de interessante análise posteriormente.

— A proposta também me parece boa; gosto de como entrelaça o literar com o aprender. Quando publiquei meu primeiro livro de literatura infanto juvenil, tinha o objetivo de “ensinar a ensinar” — Nelly comentou. — Mas tenho mais uma perguntinha: O que te levou ao sonho para que esse produto se torne realidade?

Cecília, ao lado, apenas cantarolava sua poesia, que reconheci como um trecho do poema “Sonhos de menina”: “A lua com que a menina sonha, é o linho do sonho, ou a lua da fronha?”. Acho que devanear de vez em quando é característica de poeta.

Me recostei mais, observando o movimentar do rio. Tomei mais um golinho de café; aquele café nunca parecia ter fim, assim como a noite. E, após uma breve pausa, disse:

— Bem... não somente de ensino tradicional vive o professor. Creio que percebi isso em meu curso de graduação, ao sentir falta de maneiras mais dinâmicas e diversas de ensinar literatura, esta que tanto pode ensinar aos jovens e adultos o valor da fantasia na reinvenção do cotidiano (Bazzo, Bortolotto e Debus, 2017; p.9-10). Isso me inspirou a criar esse produto. Trazer um novo olhar à formação docente e sua identidade de profissional da área de letras tornando-o capaz de formar o leitor literário. E por isso também trouxe vocês aqui, para me orientar, me guiar. “Um gesto de escuta: parar, ouvir, deixar-se atravessar”. (Ribeiro; Sampaio; Souza, 2016, p.145)

— É o que chamamos de experiência — disse Cecília — Tudo o que nos passa, acontece e toca (Larrosa 2002, p.980). A beleza de trabalhar com formação é precisamente esta: participar, ainda que de modo fugaz, de um atravessamento único na vida de cada aluno. E o que trazes, ou assim parece, é uma proposta que vai além do que nos traz a escola; é a formação do leitor para encarar a vida.

É de significativa importância a ampliação do repertório do leitor em formação, possibilitar-lhe o acesso a textos mais diversos com temáticas diversas, contribuindo para encontro com a leitura literária em sua pluralidade e, se possível, criando vínculos além do espaço escolar (Debus, 2012, p.980).

— Dito tudo isso, é importante que haja um horizonte aberto a esse caminho que queres seguir — apontou Maria Lúcia — O que representa para ti, trazer-nos aqui? Por quê? E para quê?

Olhei nos olhos das três mulheres, e expliquei, devagar, o quanto suas trajetórias abriram caminhos para que eu iniciasse a minha. Suas figuras emergiram das páginas para que eu pudesse encontrá-las e assim fazer esses encontros. Entrelaçar diferentes narrativas é algo extremamente valioso, pois:

Assim, a narrativa deixa de ser vista como um mero recontar de eventos para ser entendida como algo que entrou na biografia do falante que é avaliado emocional e socialmente, transformando-se em experiência (Paiva, s.d., p.3).

— Concordo com o que dizes — diz Nelly — Há aqui muitas trocas de experiências, entre escritos e poemas, entre projetos e docências, entre sonhos e planos. Nosso encontro aqui tem algo de literário, além do fantástico e onírico, e a narrativa aqui presente “trata-se de uma possibilidade de se dar a ler ao outro e de se permitir ser lido em nosso discurso.” (Ribeiro; Sampaio; Souza; 2016, p.149). Cultivar essa arte do encontro abre a possibilidade da experiência (Larrosa, p. 24) que é o que todas nós um dia buscamos, e o que agora você também busca.

— E eu acredito que a literatura atravessa a experiência, feita para abrir caminhos — prosseguiu Cecília — o caminho que escolheste ainda é pouco explorado, e tem potencial para trazer bons resultados para a formação docente. É preciso abrir portas e propiciar recursos para que os professores se tornem, cada vez mais, bons educadores, e todo novo conhecimento oferecido é precioso. E é importante, acima de tudo, que profissionais de Letras saibam usar a leitura e literatura a seu favor, pois “mais do que apenas ler, o professor deve saber apreciar o prazer proporcionado pela leitura”. (Bonin e Kirchot; 2017, p.115)

— Além disso, é importante que o professor pense com carinho no acervo em que está montando, visto que:

É evidente também que a seleção deve antecipar o tipo de leitura que pode adequar-se às expectativas culturais dos alunos de uma escola ou de usuários de determinada biblioteca. (Colomer, 2003, p.303).

— Sim — respondi, com o coração quentinho pelas palavras de incentivo. — É isso que pretendo ao montar meu acervo, e ainda que qualquer gênero literário tem limitações e que a literatura juvenil não é uma exceção (Colomer, 2003, p.51), tenho ciência de que sua forma de dialogar com o público a que se destina torna-o importante recurso para os docentes. E eu acredito que proporcionar estratégias e meios, como o processo de tertúlias e oficinas que poderão vir a ser praticadas, através desse produto educacional, é um bom caminho. Pretendo

fazer os futuros docentes em formação alçarem seus próprios voos, e assim criar uma cadeia que, espero, se estenderá por muito tempo, tocando os corações de muitos, a bem dizer Yolanda Reyes (2017, p. 45): “Y sobre todo, yo creo que se puede enseñar a amar la literatura.”

— É um desafio que dura uma vida inteira — assegura Maria Lúcia — eu mesma precisei me esforçar, na minha época, para manter meus alunos atentos e minha disciplina viva. É preciso sempre um estímulo diário, sem pressa, através de atividades de mediação e animação diversificada. (Silva, 2017, p.45)

— Concordo que é desafiador, professora. Mas também acredito que, quanto mais turbulento é o rio, mais gratificante é a chegada após a viagem.

As três se entreolharam em silêncio, como se partilhassem um segredo que eu só podia imaginar qual era. Mas o fato é que o pensamento que eu compartilhava com as três professoras era um só: literatura e educação são entrelaçadas, e há uma potencialidade imensa em juntar as duas, explorando a literatura juvenil para fins educacionais. Maria Lúcia, Nelly e Cecília haviam dado seus pontapés, cada uma a seu modo e época, para que um dia eu chegasse ao início de meu caminho.

A presença das docentes ali me auxiliou a chegar a essa conclusão, portanto, só tive a agradecer, pois esta via de pesquisa, de diferentes narrativas se encontrando, havia me possibilitado chegar até aqui. Assim:

Se acreditarmos que a vida é vivida de forma narrativa, que o viver é um ininterrupto processo de construir, reconstruir e interpretar histórias, então a pesquisa narrativa figura como uma opção potente e coerente no que se refere ao pesquisar a experiência educativa (Ribeiro, Sampaio e Souza, 2016, p.139).

— Mas afinal, Beatriz — Maria Lúcia retomou, o mindinho elegantemente erguendo a xícara de café. — Pegando uma questão desses teóricos que gostas, qual tu achas que é “a potencialidade de um processo que aposta na experiência da formação docente?” (Ribeiro, Sampaio e Souza, 2016, p.138)

Plateia difícil, pensei. E respondi:

— Então, professora, há algumas limitações em cursos de licenciatura que não trabalham com a necessidade de conectar-se ao público jovem; uma lacuna em especial no campus que está sendo estudado (UFPA, campus Belém). A falta de uma disciplina de literatura juvenil pode conferir na ausência de um recurso valioso para a formação de jovens leitores literários. E “sem dúvida, faz-se necessário criar as condições para que os estudantes leiam os textos literários com vistas do aprendizado.” (Bazzo, Bortolotto e Debus, 2017, p.9-10).

Portanto, penso que um processo de formação docente impacta não somente nos professores em formação em si, mas também na educação como um todo, nos futuros alunos que serão beneficiados, na reação em cadeia que um projeto como esse poderá, lentamente, desencadear.

— É importante não esquecer que a educação se modifica em diferentes contextos — alertou Maria Lúcia — As pessoas tendem a entender a juventude como grupo homogêneo, onde todos tem as mesmas oportunidades (Oliveira, 2018, p.5) e sabes que não é assim, ainda mais onde estamos. Cada um percorre o trilhar da literatura em tempos diferentes, mesmo os docentes em formação com quem queres trabalhar.

— E isso é parte do que quero aprender — respondi — Quero descobrir até onde posso atravessar aqueles com quem vou trabalhar. Penso assim: de gota a gota se faz um rio... de repente até um tão belo quanto esse em que estamos.

Com isso, as três me sorriram, e eu soube então que estava apenas no início de uma longa — e, eu esperava, bela — jornada. O barco havia acabado de deixar o cais, restava agora a mim navegar. Mas eu tinha três marinheiras experientes à disposição, que eu sabia que segurariam o leme caso eu perdesse a direção em algum momento.

— Bem, se nos permite continuar a lhe fazer companhia — disse Cecília, servindo-se de mais um gole de café. — Gostaria de ouvir mais.

— Não seja por isso, professora. O que a senhora quer saber?

— Não sei ela, mas eu tenho uma questão — ergueu a mão Maria Lúcia, e eu saboreei por um instante a sensação de ser professora daquelas tão ilustres professoras. — Estou intrigada com a maneira como estás conduzindo esta jornada. Por que nos trazer aqui? Por que narrar tua história desta maneira?

Ah, aquela era uma boa pergunta. Agora eu mesma me rodeando em uma aura de mistério, sorri:

— Bem...

1.4. Uma reflexão sobre as águas da formação docente

[...] o trem resfolegava na estação, o dia da partida finalmente havia chegado.
(Maria Lúcia Medeiros; 2000)

— Bem, professoras, como já discutimos exaustivamente, acho que é preciso constituir leitores literários, e para isso, é preciso utilizar a literatura como instrumento formador. Eu encontrei no gênero juvenil uma maneira, e dessa forma:

[...] é preciso contar também com livros que podemos considerar “sedutores”, livros que, por alguma qualidade especial — sua facilidade, seu tema, a moda etc. — podem incitar a ler os meninos e meninas que desenvolvem uma certa repulsa ou uma certa indiferença em relação à leitura (Colomer, 2003, p.32).

“Entretanto, a descoberta do gênero vai além do mero estudo empírico, e entrelaça-se com minha própria história, desde minha formação como aluna do ensino básico, seguindo para minha jornada no ensino superior, para enfim chegar à prática docente. A prática de leitura e escrita foi fundamental para que eu chegasse ao ponto em que hoje me encontro, bem como minha trajetória pessoal. Por essa razão, decidi que as águas em que navego devem se encontrar com outros navegantes, e descobrir — além de também construir — seus próprios caminhos.”

— E é aí que entramos nesses seus caminhos? — brinca Cecília, ao mesmo tempo em que soava intrigada.

— Ah, sim, professora. Veja, as senhoras trilharam caminhos parecidos com o que quero trilhar, e, sem querer demonstrar favoritismos (longe de mim!) mas Maria Lúcia é um exemplo a mim muito precioso que seguir. Ela foi a única até hoje a trabalhar a LIJ na Universidade Federal do Pará. Eu me entrelacei com suas narrativas, professoras, porque me inspiro em suas jornadas, e não acho que haja melhores navegadoras para me guiar.

— Ah, querida — Maria Lúcia, com um quê de emoção no rosto, põe a mão sobre o coração. — Ficamos honradas em saber disso.

— A honra é toda minha, professora. Mas antes que fiquemos muito emotivas, me deixe retomar: bem, assim como eu estou aqui falando com três grandes docentes, Suárez (2017) nos diz que conversar com docentes é também escutar histórias da escola. Descobrir a jornada de cada docente em formação — estes que comporão a disciplina — é descobrir como todos se formaram — ou, quem sabe, não se formaram — leitores e escritores. É descobrir que tipo de leitura fazem, que gênero os encanta, que processos os constituem e ainda irão constituí-los como docentes.

Cuando los docentes narran y vulven a narrar por escrito experiencias pedagógicas vividas, les están otorgando sentidos particulares a lo que hicieron como docentes em el mismo movimiento em que re-elaboran reflexivamente sus vidas y se re-posicionan respecto de ellas, ya más distanciados que cuando las vivieron (Suárez 2017, p.199)

“Então, a documentação do trabalho é parte essencial disso, pois as experiências pedagógicas indagam questões das próprias experiências narrativas através da narração, sistematização, comunicação e debate (Suárez e Argnani, 2011, p. 46) e a pesquisa aqui presente se propõe a isso em seus métodos, se propondo a conhecer a narrativa individual e coletiva dos

sujeitos que participarão do percurso. O autor nos diz que tais pesquisas objetivam problematizar e recriar a linguagem e o pensamento pedagógico em virtude da construção e reconstrução narrativa do pensamento escolar (p.46) que, neste caso, se refere ao futuro docente dos professores de Letras em formação.”

— Ah, eu concordo — disse Nelly — E acrescento: o diálogo entre docentes através do intercâmbio de conversação e diálogo, acerca do que é reconstruído, narrado e documentado (Suárez, 2007b) é imprescindível para a construção do grupo, pois, como será melhor descrito abaixo, a experiência que atravessa cada um (Larrosa, 2002) é o que, eu acredito, irá tecer e moldar os produtos a serem construídos ao longo do seu curso.

— É o que eu espero, professora! Além, para Clandinin e Connelly (2015) o pesquisador narrativo não produz dados, e sim os colhe. Assim, percebo, minha trajetória nesta pesquisa não será protagonizada por mim; e sim por meus sujeitos participantes. Ainda segundo os autores, ao pensar narrativamente, nos vemos diante de três dimensões: temporalidade, espaço e a dimensão pessoal e social.

“E dessa forma, como quem escreve nomes na areia, terei para a composição deste produto investigar as narrativas dos alunos que comporão o curso: quem são eles? Como se formaram — ou não se formaram — leitores? Como irão se formar professores e como exercerão seu trabalho com a literatura na docência? Como pontuam Clandinin e Connelly, (2015, p.140) isso tudo deverá ser identificado segundo as três dimensões.”

— Três dimensões? E quais seriam essas? — indagou Cecília.

— As três dimensões, professora, são as seguintes:

— Tempo: em que momento a leitura começou a se fazer parte da vida deste estudante? Em que idade ele começou a se formar leitor, ou demonstrou interesse em lê-lo? Como têm sido sua experiência no mundo literário ao longo do caminho?

— Espaço: quais são os lugares onde esse aluno entrou em contato com o livro e leitura? Seu ambiente familiar lhe proporcionou essa formação? Ou ela foi realizada em bibliotecas públicas, no espaço escolar, ou em ambientes afins?

— Termo pessoal e social: como seu gosto pessoal foi construído através do contato com a literatura? Como seu ambiente social afetou nesse processo de formação do leitor literário? Esses fatores influenciaram na preferência — ou não — de determinadas leituras?

“Assim, professoras, meu objetivo metodológico é me levar a conhecer meus participantes, descobrir suas narrativas através de produções (cartas, textos, diálogos) durante a disciplina, e me fazer parte dessa navegação, pois “a experiência narrativa do pesquisador é

sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência”. (Clandinin e Connelly, 2015)

“Como professora, me levo à proposta de ser tanto atravessada quanto atravessar meus alunos com a criação deste produto. Levando em conta o pensamento de Dewey (1983) o professor não deve ser somente um criador do currículo, mas parte dele. Tenho, em minhas aspirações, navegar pelas águas em companhia dos discentes de minha disciplina, e conduzi-los — e deixar-me conduzir — nesta jornada que é o descobrimento dessa nova maneira de pensar a literatura.”

Inevitavelmente, pesquisadores narrativos experimentam esta tensão, pois a pesquisa narrativa é relacional. Eles devem tornar-se completamente envolvidos, devem “apaixonar-se” por seus participantes, e devem também dar um passo para trás e olhar suas próprias histórias na pesquisa, as histórias dos participantes, assim como a mais ampla paisagem a qual todos eles vivenciam (Clandinin e Connelly; 2015, p.121).

— Certo, acho que compreendi — manifestou-se Maria Lúcia — Pelo que estou dando uma olhada nas tuas anotações (peço licença atrasada para espiar teu caderno, Beatriz) Rios (2022; p.41) nos diz que a DNEP se revela a nós como uma prática de investigação-ação-formação pedagógica, essa que se fundamenta no princípio da horizontalidade, isto é, a condição de produção, reflexão e validação de experiências que se constroem e se põem em reflexão por seus próprios pares.

— Exato, professora (mas por favor, devolva meu caderno um instante!)! E mais, Rios (2022, p.43) também diz que esse processo tem como fator central o experienciado, a partir do fato narrado. Ou seja, no curso que criei, o experienciado será o participante, e a narrativa se centrará nele, em sua experiência formativa.

— Muito bom! E pelo que vejo aqui — Nelly se curvou para dar uma espiadinha de esguelha em meu caderno. — Essa DNEP é também, segundo Nascimento (2024, p.64) um dispositivo de pesquisa-formação-ação. Que acho que é exatamente o que você pretende fazer, não é?

— Isso mesmo, professora. E eu espero que, agora, vocês compreendam melhor o que me levou a escolher narrar minha jornada assim, e trazer vocês para este barco comigo. Na verdade, acho que mais o rio me trouxe vocês aqui do que o contrário.

— É o que eu chamei uma vez de mistério do sem-fim — sorriu Cecília — Algumas coisas não tem um motivo claro para acontecer, mas ainda assim acontecem do jeito que tem que ser.

— É verdade, professora. E agora é chegado o momento da partida. É hora de navegar e fazer esse produto acontecer. E, tendo vocês aqui comigo, tenho menos medo. Podemos?

— Depois de você — gracejou Maria Lúcia, com uma pequena reverência.

E encerramos assim esse primeiro zarpar de jornada. O que aconteceu depois, vocês vão ver, já ocorreu após percorrermos muitas águas. O curso nasceu, viveu, fortaleceu-se. E, em breve, essa história vai também ser contada. Mas, antes, eu e minhas marinheiras tivemos outra longa conversa...



CAPÍTULO II. PREPARANDO-SE PARA A VIAGEM

Se não sabem a lição vocês têm que ser as árvores.
(BOPP, Raul;2016, p.203)

2.1. Como nasceu Norato

— Mas conta então desse teu curso, o “Navegantes Honoratos” — pediu Maria Lúcia
— Em primeiro lugar, fico curiosa: de onde surgiu esse nome?

Eu sorrio, entusiasmada com a pergunta.

— “Honorato” refere-se à Cobra Norato, lenda amazônica popular aqui na nossa terra. Honorato era um dos filhos de Boiúna, a Cobra Grande, com uma moça indígena. Nasceu em forma de cobra, mas podia se transformar em humano nas luas cheias, mas só isso não o satisfaz. Fez um ritual para se tornar totalmente humano, para assim viver entre nós, casar com sua amada, ter filhos. Conheci essa história através do livro de Raul Bopp (2016) mas também na cultura oral popular que escuto desde criança, enquanto paraense. Há um estudo de Paulo Maués Corrêa (2024, p.18), que elucida um pouco mais sobre a lenda:

Segundo a versão mais famosa, Norato nasceu cobra (ou criança que se transformou imediatamente em cobra), juntamente com sua irmã, Maria Caninana. Assim que nasceram, as duas cobrinhas foram jogadas no rio onde cresceram, com temperamentos opostos: Norato não fazia mal aos que navegavam no rio, ao passo que Maria Caninana, segundo Câmara Cascudo, era violenta e má (Côrrea; 2024, p.18).

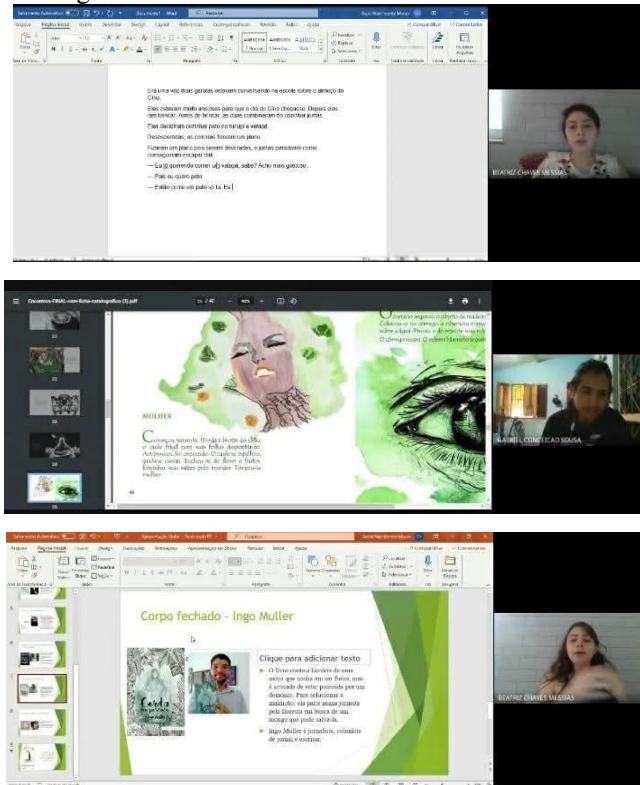
— Deixei de lado a cobra Caninana, vocês devem imaginar o porquê, e me concentrei em Norato, no seu amor pela humanidade e em como, segundo a lenda mais conhecida, fez um ritual para tornar-se humano e viver entre nós (Bopp, 2016). O conto me deu a ideia de que todos nós, nortistas, somos um pouco parentes de Norato, navegando por nossas águas, desbravando nossas próprias aventuras. Daí o nome. E esse nome não surgiu de agora: ainda em minha graduação, utilizei essa metáfora na narrativa de minha monografia de conclusão de curso, que consistiu em um clube de literatura juvenil paraense para estudantes do ensino público básico. Eu poderia dizer que esse clube foi um “filhote” de pesquisa em comparação com o que vivo agora, e não à toa se chamava “Filhos de Norato”. Lembro-me de selecionar livros de literatura juvenil paraense, alguns inclusive que virão a se repetir no curso Navegantes Honoratos, e fazer encontros de leitura com os adolescentes no formato de Educação à Distância (EaD) já que estávamos, à época, em plena pandemia de 2021.

Figura 4 – Logo do clube “Filhos de Norato”



Fonte: acervo da autora (2024)

Figura 5 – Encontros online dos “Filhos de Norato”



Fonte: acervo da autora

— A partir desse pontapé inicial, professoras, brotou feito semente em meu peito a necessidade de expandir o conhecimento da literatura juvenil paraense, dessa vez como recurso de formação docente, para que futuramente os professores formados possam repassar o que aprenderam para seus próprios “Filhos de Norato”.

— Gosto da poesia na sua ideia, e gosto como essa inquietação foi se derramando como cascata em sua jornada como pesquisadora — pontuou Cecília. — Agora, o que podes nos dizer do curso em si? O que vais nele trabalhar, quais são os conceitos que impulsionaram sua criação?

— Certo, bem: o curso, como já mencionei a vocês, é voltado ao estudo da literatura juvenil. Eu sei que vocês, em especial Cecília e Nelly, estão mais habituadas a trabalhar mais com o gênero literário infantil e infantojuvenil, então talvez o recorte específico para a juventude seja novidade. — Certo — Nelly concordou — Então, poderia nos falar um pouco melhor sobre essa diferença?

— Então, para começar, de acordo com Cardoso e Baccon (2015, p. 92-3) podemos considerar como “jovem” o leitor que tem a partir dos doze anos, idade que geralmente simboliza o início da puberdade, e, conseqüentemente, o abandono dos livros infantis. Então, o tipo de livro e leitura a ser abordado no curso não é exatamente a literatura mais voltada para crianças; é um pouco mais encorpada e madura. Inclusive, muitos tomam esse gênero, por ser chamado juvenil, como leitura “fácil”, mas não é bem assim... — Como tu descreverias, então, se não “fácil”? — perguntou Maria Lúcia.

— Bem, ainda de acordo com Cardoso e Baccon (2015; p.93) é através da leitura que o adolescente investiga, ou seja, procura por algo com que possa se identificar, próximo ao que ele vive, ao que o aflige ou corresponda seus anseios e desejos. Portanto, jamais enxerguei a literatura juvenil como literatura “simples”; é chamada assim pois aborda temáticas que correspondem à vivências e assuntos de interesse do público a que é destinada. Luft (2010, p.122) destaca que, entre os temas abordados no gênero literário juvenil nos últimos anos, estão aspectos psicológicos dos protagonistas dos livros, conflitos familiares e amorosos, e até mesmo questões densas e consideradas “polêmicas”, como morte, doenças, dor e solidão.

Jovens do mundo contemporâneo acompanham todas as transformações que a nossa sociedade vem sofrendo. Com isso, surge a importância de representar, pela literatura juvenil, o meio em que essas crianças e jovens vivem, fazendo com que elas se identifiquem com as obras lidas e, ao mesmo tempo, resgatem valores que estão se perdendo (Zanatta; Burlamaque, 2014, p.141).

— Isso torna o gênero algo precioso, professoras, porque possibilita que os alunos se reconheçam no que estão lendo, e, assim, o leiam com maior interesse e avidez. Isso não significa, de maneira alguma, que outras literaturas não tenham esse poder, mas precisamos começar de algum lugar, certo? E não vejo porque não começar a introduzir o jovem com a literatura pensada especialmente para ele. Quanto mais se lê e mais se estuda na escola, mais se

adquire o amadurecimento e pensamento crítico. Diz Britto (2015; p.45) que ao se reconhecer como interlocutor do processo dialógico da leitura, o leitor passa a ter uma maior possibilidade de ler criticamente. E é isso que desejo: ampliar a quantidade de leitores jovens, sobretudo leitores críticos, que possam tirar o maior proveito possível de suas leituras.

— Certo, mas acho que, para além da criticidade, há um aspecto fundamental — interveio Maria Lúcia.

— Qual, professora?

— O *prazer* em ler. Para formarmos um leitor, é preciso primeiro fomentar seu desejo na procura do ler, do mergulhar nos livros; de outro modo, estaríamos apenas incentivando a leitura de forma mecânica e quase obrigatória, a tal educação bancária, como diria Freire (2005).

— Eu concordo plenamente, professora. E é justamente um dos motivos porque escolhi trabalhar com literatura juvenil, porque acho que, pelos motivos já citados acima, ela tem o poder de genuinamente chamar atenção de seu público-alvo, uma vez que tanto se relaciona com suas vivências. E a fala da senhora me lembrou bem o que diz Moraes (2014, p.26):

Atualmente, o objetivo prioritário é formar um leitor que interaja cotidianamente com a leitura, em função de sua participação no mundo. Todavia, devemos considerar que esse leitor, apesar das habilidades e competências construídas, pode ser um leitor compulsório, ou seja, alguém que lê por obrigação, em decorrência das exigências sociais, profissionais, escolares, etc. Neste caso, podemos estar-nos esquecendo de um fator fundamental: o desejo. De que adianta conhecer as práticas de leitura e não desejá-las? Não ter prazer com elas? (Moraes, 2014, p.26).

— Também tomo a liberdade de citar o que diz Mortatti, em uma *live* no canal de YouTube “Trama Literária” em 2021, sobre como devemos fazer com que a literatura seja não somente objeto de reflexão e estudo, como de fruição e conhecimento, e esses todos são aspectos que pretendo considerar durante o curso. A professora diz também que não devemos olhar o texto não somente como conteúdo, mas também como forma e estrutura, ou seja, quem o escreveu, e *para quem* o escreveu, ou seja, se o livro foi escrito para um público jovem, deve ser avaliado com base nesse critério.

— Interessante — Maria Lúcia, segurando seu cafezinho, deu uma olhada em minhas anotações sem muitas cerimônias. — Pelo que vejo, Mortatti também levanta na *live* uma questão bem interessante: será que podemos usar o conceito de estética na literatura, ou literatura é um conceito amplo? Isso me fez pensar no que estavas falando antes, sobre o gênero juvenil ser frequentemente dado como “fácil”. Mas se olharmos a literatura por um viés de

maior amplitude, podemos entender que há uma maior complexidade no que é fácil ou difícil, no que é de qualidade ou não.

— Exato, professora! Tudo isso eu venho aprendendo, e aprendi, muito, na aplicação do curso. É interessantíssimo ver como a literatura juvenil é de fato uma grande aliada no processo de formação leitora.

— Acho que os pontos destacados por você por Maria Lúcia são bem pertinentes — comentou Nelly — E devo acrescentar: acho interessante pensar a literatura juvenil não só como formadora de leitores, mas também como recurso de formação docente, que é o que pretende no seu curso. Gostaria de ouvir mais sobre isso.

— Não seja por isso, professora. Eu andei dando uma olhada, inclusive, em estudiosos do assunto que me precederam. E o que encontrei foi muitíssimo interessante...

2.2. A bagagem dos que vieram antes

— A princípio, professoras, fiz uma análise de cinco artigos e um capítulo de livro que achei de extrema pertinência acerca do tema, em uma busca na plataforma Google Acadêmico, utilizando das palavras-chave Literatura Juvenil e Formação Docente. Achei resultados que considerei muito interessantes! — Ótimo — sorriu Maria Lúcia — Então compartilhe conosco.

— Primeiramente, professora, é notável a pouca discussão sobre o assunto; mesmo esmiuçando diversos trabalhos, considerei apenas seis que se relacionavam à minha pesquisa. Em segundo, observei que a maioria tratava de estudos no eixo Sul-Sudeste, e apenas um, acreditem vocês ou não, na Região Norte. E esse um foi um achado e tanto!

— Isso com certeza é uma pena — Nelly comentou — Ainda mais porque, como você mesma está nos mostrando, há bastante produção literária juvenil na sua região.

— E como há. Na minha época já havia — retrucou Maria Lúcia.

— Isso é verdade, professora, mas todas as buscas indicaram que o estudo da literatura juvenil com formação é mais evidente nas regiões sul e sudeste, o que é sem dúvidas um dado interessante. O primeiro trabalho que analisei, um artigo de Rêgo (2016) trata apenas de universidades do Rio Grande do Sul, onde há o que a autora chama de “lacuna” na formação docente (coincidentemente, a mesma questão que me motivou a esta pesquisa!). Rêgo (2016, p.402) aponta que a literatura infantojuvenil é chamada de “prima pobre” da pesquisa em Letras, apresentando-se de maneira mais frequente em outras áreas, como Pedagogia, ainda que Letras seja o curso que poderia melhor acolhê-la.

“A autora cita que há um número muito pequeno de disciplinas de LIJ nos cursos de Letras do Brasil, que, à época, eram apenas 17%. (2016, p.403). Ela até cita a senhora, professora Nelly, por ter sido a pioneira nesse âmbito, ao formar sua primeira turma de literatura juvenil na Universidade de São Paulo!”

— Ah, sim, isso foi em 1980 — sorriu Nelly, saudosa — Pena observar que o campo tenha crescido pouco desde então. Mas, de passinho em passinho, vamos caminhando.

— Com certeza! E, como dito antes, têm crescido primeiro de baixo pra cima. Em 2024, cheguei a participar do décimo Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (SLIJ) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nele, vi e conheci pesquisas interessantíssimas, escutei escritores e ilustradores do campo, e aproveitei para apresentar um trabalho sobre a pesquisa feita em minha monografia. Quem dera esse evento já houvesse chegado no Norte!

Figura 6 – Autora no Evento SLIJ.



Fonte: acervo da autora (2024)

— Meus parabéns! — vibrou Cecília — Parece ter sido uma experiência e tanto!

— E foi, professoras, obrigada! Mas vamos voltar à análise. No segundo trabalho, um artigo de Costa (2023), temos um recorte da literatura juvenil com relações étnico-raciais. A autora nos diz que (2023, p.502) “a literatura infanto-juvenil torna-se um espaço de acolhida para as crianças e jovens, possibilitando experiências novas, ao mesmo tempo em que despertam uma crítica a respeito do mundo”.

— O trabalho relaciona mais a literatura juvenil como aliada ao letramento racial, portanto, pouco converge com a minha pesquisa, mas faz interessantes apontamentos acerca da LIJ como identidade. E é muito bom que existam discussões acerca desse assunto!

“Então chegamos ao terceiro trabalho, de Butlen (2018), que trata de leitura, literatura e formação de professores, e inicialmente não parece tratar-se especificamente de LIJ. Mas é aí que fica interessante, pois, ao realizar uma pesquisa entre alunos do ensino básico, os alunos dizem que os livros passados pela escola não lhes despertam interesse nem geram identificação.

Uma das alunas, nomeada por Butlen de “Aluna D”, declara (Butlen; 2018, p.31):

Quando é um livro do gênero fantástico, de fato, eu posso ler por horas. Eu entro realmente dentro... enquanto que, nos livros que eles dão na escola, eu não costumo entrar na história...

Com um livro do gênero fantástico, às vezes a gente se coloca no lugar da personagem [...]

Na escola, somos obrigados a ler...

Em casa, eu leio por ler. Quando se lê por si mesmo, é melhor.

— Eu achei valiosíssima essa pesquisa, professora, pois se entrelaça tão bem com o que estamos debatendo desde o início deste cafezinho, sobre o impacto que uma literatura pensada para o público jovem tem na formação de leitores. E é sensacional que, ainda que o capítulo inicialmente não propusesse discutir a literatura juvenil, ao longo do texto o autor a considera como uma “construção da primeira cultura literária” (p.41) e aponta sua introdução em sala de aula como uma das principais estratégias para ofertas de leitura.

— Vemos aí o quanto a discussão sobre a LIJ parece se entrelaçar com a do letramento e formação de leitores — apontou Nelly.

— Exato, professora! Então passemos brevemente ao quarto trabalho analisado, um artigo de Pascolati (2023), que se trata da oferta da disciplina de literatura infantojuvenil na cidade de Londrina (mais uma vez, observamos aí o recorte sul-sudeste). A oferta existe, mas somente como matéria optativa, o que nos leva a observar que, mesmo quando o assunto é estudado, raramente é dado como essencial. No artigo, a autora também explora as diversas possibilidades da literatura infantil e juvenil, apontando como suas principais características a “oralidade, maravilhoso, lúdico, intertextualidade, metalinguagem, relações entre palavra e imagem, atravessamentos ideológicos, representações identitárias, afetividade e subjetividade leitora” (Pascolatti; 2023, p.63). E o que eu queria comentar com vocês, professora, é que todos esses aspectos foram, de alguma forma, trabalhados no curso Navegantes Honoratos, e nem preciso dizer em como fiquei feliz em perceber isso!

— Maravilha! — comemorou Maria Lúcia — Estou ansiosa para ouvir sobre o curso!

— E vamos chegar lá! Mas, por enquanto, estamos no processo de fazer as malas! O artigo seguinte que analisei trata de literatura e ensino, escrito por Domingues, Juliano e Debus (2020). Ele reflete acerca da formação em universidades de Santa Catarina (mais uma vez, nos vemos inseridos no Sul). Durante a discussão apresentada no texto, os autores consideram que a leitura literária no contexto escolar não tem se apresentado como uma possibilidade efetiva de formar um leitor que vá além da superfície do texto (Domingues, Juliano e Debus; 2020, p.265) e, para tanto, entram no âmbito de utilizar livros adaptados e de linguagem mais acessível para alcançar os alunos, o que também conversa imensamente com tudo o que vemos discutindo aqui.

Ocorre, porém, que, no Brasil, há muito a leitura literária na escola é marcada por ausências e equívocos. No início da organização da educação formal no país, o ensino da literatura seguiu dois caminhos, ou estava a serviço do ensino da língua, ou se resumia à obrigatoriedade do contato com as obras clássicas que, além de consagrar um ensino tradicional, eram usadas como exemplos de correção do uso de “regras e princípios a serem absorvidos pelos futuros cidadãos.” (Zilberman, 2009, p.12). Ao que tudo indica, porém, a ênfase em um ensino marcado pela obrigatoriedade de leitura dos clássicos, ou que se servia desses como artifício para o ensino da língua, levou uma geração de jovens brasileiros a recusarem o contato com a literatura na escola, fato comprovado em muitos estudos e pesquisas publicadas no Brasil desde o final do século XX até a atualidade (Domingues, Juliano e Debus; 2020, p.266).

— A discussão sobre a atratividade (ou falta de) dos clássicos é complexa, e vamos chegar nela logo mais. Mas o que é interessante é que texto considera que há pouca preparação de professores para ensinar literatura nas escolas. Em uma pesquisa com estudantes de Letras, nenhum dos graduandos entrevistados pelos autores soube indicar títulos atuais que pudessem ser bem-recebidos pelos jovens leitores, com apenas menções às sagas Harry Potter e Percy Jackson, que já estão no mercado literário há mais de vinte anos. (Domingues, Juliano e Debus; 2020, p.270)

— E isso é importante para tua pesquisa — considerou Maria Lúcia — Uma vez que tu mesma selecionaste livros contemporâneos que interessam aos jovens. E nacionais!

— Verdade, professora! Como eu gostaria de poder conversar com esses graduandos, que, agora, já devem ser todos professores formados. Bem, após a análise deste, estudei mais um artigo, de autoria de Alvez, Scaramuzza e Scaramuzza (2020). Guardei esse para o final por conta de uma grata surpresa: a pesquisa se passa no Norte! Mais precisamente, na Universidade Federal do Amazonas. O trabalho é uma pesquisa de práticas formativas pautada através da análise de um curso de extensão, intitulado “Registrando emoções: A literatura infanto juvenil como contributo para a promoção humana no contexto municipal de Humaitá/AM.” Foi um projeto que visou melhorar o rendimento escolar por meio da LIJ, e eu achei importantíssimo,

professoras, que esse tema esteja começando a ser trabalhado aqui no Norte, onde os índices de leitura são tão baixos. Na pesquisa realizada pelos autores, os discentes de Letras que participaram da extensão relataram ter tido experiências extremamente positivas (Alvez, Scaramuzza e Scaramuzza; 2020, p.6) e creio que, de todas as pesquisas realizadas, essa foi a que mais se aproximou do que eu quis fazer: muito embora eu não tenha feito meus discentes trabalharem no ensino básico, a intenção é que eles levem os ensinamentos para esse campo no futuro. Foi gratificante ler essa pesquisa, e fazer essa revisão como um todo!

— Consigo imaginar e ver, só pela sua alegria — comentou Cecília — E isso foi tudo o que você achou na área?

— Do que se aproxima da minha pesquisa sim, professora, mas não parei por aí. Eu precisava dar uma olhada nas produções dos campos de mestrado e doutorado feitas no assunto; por isso, no portal do Banco de Teses da CAPES, inserir uma busca com as palavras “literatura juvenil e formação docente”. E, filtrando para as publicações dos últimos dez anos, encontrei os seguintes trabalhos:

Quadro 1 – Trabalhos encontrados sobre Literatura Juvenil e Formação Docente

Nome	Autoria	Ano	Tipo	Universidade
Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil no Brasil: as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora	SANTOS, Vilson Pruzak dos.	2023	Tese	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
Relações étnico-raciais e práticas pedagógicas com literaturas infantil-juvenil afro-brasileira	COSTA, Missilene Maria Silva	2019	Dissertação	Universidade Federal Rural de Pernambuco
O Letramento Literário nas Práticas Pedagógicas: Vozes de Professores	NASCIMENTO, Sandro Everton	2021	Dissertação	Universidade da Região de Joinville

Formação continuada com profissionais da educação infantil: diálogos entre a corporeidade e temáticas da literatura afro-brasileira e africana	SANTOS, Sarita Faustino dos	2023	Dissertação	Universidade Federal do Espírito Santo
Poesia na escola: estratégias de letramento literário	LIMA, Agnaldo Batista de	2019	Dissertação	Universidade do Estado do Mato Grosso
Literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira em foco: formação de professoras/es e mediação da leitura	SILVA, Sonia Dalva Pereira da	2021	Dissertação	Universidade Federal do Espírito Santo
A formação do leitor literário juvenil: Uma proposta de diálogo entre o verbal e o visual	SILVA, Sandra de Melo	2021	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Narrativa do processo formativo de um professor de língua espanhola para crianças	SANTOS, Robert Marcos Moreira dos	2023	Dissertação	Universidade de Brasília
O conto e a formação literária: Um estudo no 9º ano do Ensino Fundamental	MORAIS, Francisco de Assis Bezerra	2021	Dissertação	Universidade Federal Rural de Pernambuco

Fonte: organizado pela autora (2025)

— Estes trabalhos, em geral, se relacionam pouco à literatura juvenil como formação de professores; tratam a LIJ em outros recortes, ou focam mais no público infantil, ou adentram mais a fundo o letramento a partir de outros gêneros literários. Todos eles possuem, porém, uma coisa em comum: nenhum foi realizado na Região-Norte, e, quando a palavra “paraense” foi adicionada à “literatura juvenil”, o resultado foi nulo.

— Ora, isso é bom — disse Maria Lúcia — Significa que achaste território inexplorado.

— É engraçado, professora, pois quando criança, ao estudar sobre as Grandes Navegações, nutri muito comigo mesma o desejo de navegar e descobrir uma terra inexplorada. E parece que agora, de maneira inusitada e surpreendente, consegui...

— E há muito ainda que desvendar nessas novas terras — acrescentou Cecília — Você está apenas trilhando os primeiros passos.

— Com toda a certeza. E por falar nisso, creio que é hora de avançarmos...

2.3. Fazendo as malas

— Então, professora, sem mais delongas, gostaria de falar com vocês sobre o curso em si. Ele foi concebido inicialmente através de um roteiro, que, como era de se esperar, acabou por sofrer algumas mudanças quando chegou a hora de aplicá-lo de fato. Mas eu gostaria de mostrar a vocês o planejamento original; depois, falamos sobre o que mudou...

Quadro 2 – Roteiro inicial do curso Navegantes Honoratos.

<p>Encontro I</p>	<p>Roda de apresentação da professora e alunos</p> <p>Apresentação do curso, livros e materiais</p> <p>(Desafio: quem eu sou) - carta</p> <p>Momento Tertúlia: Crônicas Paraenses - Jennifer Yara</p> <p>Momento oficina (gamificação): Escolha um momento marcante da sua vida que daria uma crônica</p> <p>Tema da segunda carta: continuidade</p> <p>Descrição:</p> <p>Roda de apresentação da professora, dos alunos e livros: haverá vários objetos dispostos na sala (cada um correspondente a um livro) e, sem saber disso, cada aluno escolherá um, e explicará o porquê (dando início à contação de crônicas sobre sua vida.) A professora também escolherá um objeto e falará sobre sua escolha, e, após, haverá a explicação da correspondência de cada objeto em relação a cada livro.</p> <p>Na Tertúlia, haverá uma crônica sorteada, e os alunos deverão ler seus trechos, para, em seguida, narrar um</p>	<p>Critérios checklist</p> <p>Slide - OK</p> <p>Livros - OK</p> <p>Materiais - OK</p> <p>Pegar a chave do depósito e pegar materiais (banner, enfeites)</p> <p>Cada livro dentro de um pandeiro - sugestão</p>	<p>MOODLE</p> <p>Apresentação do curso</p> <p>Apresentação da professora (minibio)</p> <p>Biblioteca (fotos dos livros)</p> <p>Cartas (Modelos)</p> <p>Momento tertúlia</p>
--------------------------	---	--	---

	acontecimento de sua vida como se fosse uma crônica.		
Encontro II	<p>Momento tertúlia: A aprendiz de erva (Possibilidade: caracterização)</p> <p>Momento gamificação: Quem serei como professor/ aprendiz de erva</p> <p>Várias ervas e/ou fotos de banho de cheiros e vendedoras serão trazidas, e os alunos devem se colocar em seus lugares e/ou de suas aprendizes.</p> <p>Leitura da carta anterior</p> <p>Tema da próxima carta: quem eu sou em como professor?</p>	<p>Checklist:</p> <p>Caracterização - OK</p> <p>Banhos de cheiro - falta</p> <p>Sugestão - fazer um chá com ervas</p> <p>Material: copinhos, chás, folhas</p> <p>Dinâmica da leitura da carta: colocar uma erva debaixo da cadeira; aquele que achar será o primeiro leitor</p>	<p>MOODLE</p> <p>Vídeo de uma erva</p> <p>Carta</p> <p>Momento tertúlia</p>
Encontro III	<p>Momento Tertúlia: O último apito do trem</p> <p>Momento oficina (gamificação): Cada um deve inventar uma Belém reimaginada; seja utilizando desenhos, escrita, pinturas, ou qualquer material ou meio de mídia disponível que o aluno quiser escolher</p> <p>Leitura da carta anterior</p> <p>Próxima carta: quem sou eu através do tempo e quem eu seria em outras dimensões?</p> <p>[DESCRIÇÃO LIJ]</p>	<p>Checklist - o trenzinho caipira do Villa-Lobos</p> <p>Materiais: pintura, desenho, papéis, fotografias de Belém (antiga, moderna)</p> <p>Múltiplas linguagens</p> <p>Sistematização do slide - O que é literatura?</p> <p>Resposta dos alunos</p> <p>Referencial teórico</p> <p>O que é a literatura juvenil?</p> <p>Características</p>	<p>MOODLE</p> <p>Áudio da música</p> <p>Momento tertúlia</p> <p>Fragmento do texto</p> <p>Carta</p>
Encontro IV	<p>Momento Tertúlia: Onde se chora três vezes</p> <p>Momento oficina (gamificação): Imagine o que aconteceria se chorássemos quatro vezes/ uma jornada ao longo do amadurecimento,</p>	<p>Materiais</p> <p>Fio de Nylon</p> <p>Fotos de pessoas chorando (diferentes tipos de choro)</p> <p>Falar com Thyago materiais</p>	<p>MOODLE</p> <p>Texto introdutório</p> <p>Imagens de pessoas chorando</p> <p>Carta</p>

	<p>do deixar de ser criança para se tornar jovem, e posteriormente adulto</p> <p>Leitura da carta anterior</p> <p>Trazer livros da literatura infantil/juvenil - referências à Breves</p> <p>Tema da próxima carta: Os meus choros</p>	<p>Dinâmica da leitura: um número atrás de cada foto</p>	
Encontro V	<p>Momento Tertúlia: Mosqueiro - Lendas e mistérios</p> <p>Momento oficina (gamificação): Que visagens permearam minha juventude e infância? Cada aluno deverá trazer alguma coisa para caracterizar-se de alguma lenda ou visagem baseada no local onde cresceu</p> <p>Leitura da carta anterior</p> <p>Tema da próxima carta: Como o lugar onde cresci me formou</p>	<p>Materiais: bonecos, imagens de visagens</p> <p>Caracterização dos participantes</p> <p>Trilha de olho-de-boto (ou concha)</p> <p>Sistematização: características da literatura juvenil</p>	<p>MOODLE</p> <p>Texto de chamada</p> <p>Momento tertúlia</p> <p>Carta</p>
Encontro VI	<p>Momento Tertúlia: Encontros</p> <p>Mania de explicação - Adriana Falcão</p> <p>Momento oficina (gamificação): Encontros com os livros anteriores/verbetes - cada aluno deverá escolher um</p> <p>Brincadeira/ludicidade sugestão - amarelinha</p> <p>Leitura da carta anterior</p> <p>Tema da próxima carta: encontros</p> <p>Encontros com si, com o livro</p>	<p>Materiais</p> <p>Ilustrações dos contos - Quadros de paisagens paraenses</p> <p>Outros livros ilustrados</p> <p>Textos misturados com as ilustrações do livro</p> <p>Dinâmica da leitura: cada aluno irá escolher uma ilustração do livro, e a ordem será de acordo à ordem alfabética do título correspondente</p> <p>SLIDE: Juventude; Juventudes; Juvenil; Juvenis; Juventude Amazônida (verbeta)</p>	<p>MOODLE</p> <p>Apresentação</p> <p>Momento tertúlia</p> <p>Carta</p>

<p>Encontro VII</p>	<p>Momento Tertúlia: Horizonte Silencioso</p> <p>Momento oficina (gamificação): crie um conto sobre a infância em conjunto com os seus colegas</p> <p>Montar um quadro de infância antes da escrita em conjunto (miniconto)</p> <p>Leitura da carta anterior</p> <p>Tema da próxima carta: Que livro eu, quando jovem, gostaria de ter lido?/ que livro sou eu - o livro que lê gente - que livro me leria</p>	<p>Materiais: objetos e fotos que remetam à infância</p> <p>Pesquisar: super-mãe do Ziraldo</p> <p>Dinâmica da carta: quem teve a infância mais recente inicia a leitura</p>	<p>MOODLE</p> <p>Apresentação</p> <p>Imagens de infância</p> <p>Momento tertúlia</p> <p>Carta</p>
<p>Encontro VIII</p>	<p>Momento Tertúlia: Crônicas fantásticas de uma família em apuros</p> <p>Prática de oficinas (gamificação): Criar uma receita com base na sua própria tradição familiar/cultura. Como o livro se trata sobre família, culinária e tradições, cada aluno deverá inventar a partir da criatividade, uma receita, e assim falar um pouco de seu seio familiar e de si</p> <p>Tema carta: como a minha família me formou como pessoa/professor/leitor</p>	<p>Ambientação: fotos de família (incluindo dos participantes)</p> <p>Comidas paraenses</p> <p>SLIDE: Há uma forma de formar leitores na juventude? Qual seria a receita?</p>	<p>MOODLE</p> <p>Apresentação</p> <p>Fotos de família</p> <p>Momento tertúlia</p> <p>Carta</p>
<p>Encontro IX</p>	<p>Momento Tertúlia: Chove nos campos de cachoeira</p> <p>Momento oficina (gamificação): Adapte a história para a cidade em que você vive/já viveu</p> <p>Leitura da carta anterior (fazer uma rede de cartas)</p> <p>Orientação para a última carta: Qual a transformação que o curso promoveu em mim (que águas me trouxeram/ quem eu sou agora)</p> <p>Brincadeira - espelhos</p>	<p>Ambientação: fotos do interior do Pará (pedir para os participantes trazerem)</p> <p>Dinâmica de leitura da carta: mapa do Pará</p> <p>SLIDE: Trazer as receitas: Como formar um leitor de literatura juvenil - conceito de bibliodiversidade</p> <p>Texto Antônio Cândido - 1962 - direito à literatura e a literatura como identidade nacional</p>	<p>MOODLE</p> <p>Apresentação</p> <p>Receitas</p> <p>Momento tertúlia</p> <p>Carta</p>

		Receita o que foi vivido no curso	
Encontro X	Tertúlia escolhida pelos participantes (um dos livros do curso) Leitura da última carta [JOGO MOTIVACIONAL CARTA] - segunda versão do curso Leitura da última carta Feedback e despedida	Ambientação: decorar o espaço com cartas, envelopes, selos Dinâmica de leitura das cartas: uma chave em cada carta	MOODLE Apresentação Momento tertúlia Carta

Fonte: organizado pela autora (2025).

— Muita coisa mudou, professoras, especialmente no que tange às dinâmicas planejadas para alguns dos encontros. Vocês três vão ver essas mudanças de forma mais clara (e o porquê de terem acontecido) quando chegar o momento de eu narrar, tim-tim por tim-tim, tudo o que aconteceu durante o curso (e acreditem, estou ansiosa por esse momento!) mas é importante eu explicar que considereei que os Navegantes Honoratos, especialmente por ser um projeto-piloto, seria pensado a partir do modelo de um design instrucional aberto, que, segundo Filatro (2016) é um modelo que permite mais flexibilidade, ou seja, permite que sejam feitas pequenas adaptações de acordo com a demanda dos participantes, sem, claro, descartar totalmente o planejamento oficial. E foi isso que fiz: observei o perfil dos alunos, o que mais os engajava, e fui fazendo pequenas mudanças aqui e ali, para que o curso tivesse o maior aproveitamento possível.

— Bem, estamos ansiosas para o seu relato — afirmou Cecília — Mas você não quer nos adiantar um pouco sobre as principais mudanças? E aliás, houve coisas que permaneceram inteiramente as mesmas?

— Houve sim! Os materiais literários escolhidos não mudaram. E acho que é daí que devo começar...

2.3.1 Mala nº1: Os materiais literários

— Vou dizer, só com essa primeira olhada no roteiro original já achei tudo muito interessante! — vibrou Nelly. — E fico feliz que as obras escolhidas não mudaram, pois os títulos me soaram instigantes. Poderia falar um pouco mais sobre essas escolhas?

— Bem, professora, como já discutimos, e foi enfatizado pela explicação do nome do curso, o foco é trabalhar com autores literários nortistas, e, nesse primeiro momento,

exclusivamente paraenses. Dessa forma, inicialmente, selecionei os livros *A aprendiz de erveira*, de Giu Yukari Murakami (2023); *Onde se chora três vezes*, do Thyago Costa (2024); *Mosqueiro: lendas e mistérios*, do Claudionor Wanzeler (2023); *Crônicas Paraenses*, de Jeniffer Yara (org). (2021); *Crônicas fantásticas de uma família em apuros* (Giu Yukari Murakami; 2024) e dois livros da minha própria autoria, *Encontros* e *O último apito do trem* (2020;2023). Posteriormente, foram acrescentados dois livros mais, por assim dizer, “clássicos”, sendo estes *Chove nos campos de cachoeira* (Dalcídio Jurandir) e *Horizonte Silencioso* (de sua autoria, professora Maria Lúcia!).

— Me sinto honrada! E por que esses livros, especificamente? — indagou Maria Lúcia.

— Bom, para começar, todos os autores, à exceção de Claudionor, são jovens; o que por si só já traz uma aproximação interessante com o público leitor. Mas a prioridade é o conteúdo literário, e procurarei explicar meus critérios de escolha para cada livro:

“A aprendiz de erveira, de Giu Yukari Murakami, e O Último apito do trem, de minha autoria, têm várias similaridades. Ambos se situam em um universo de fantasia, embora a fantasia em questão seja uma versão mágica da cidade de Belém, o que considero muito importante, se vamos trabalhar com literatura paraense, ver nossa cultura retratada nesse viés literário juvenil. Além disso, o apelo no fantástico é algo que mexe muito com o público adolescente, devido a possibilidade de sentir-se imergir nesse mundo, como diz Ferreira (2015, p.120): “o jovem, ao ler a obra, satisfaz, também, um desejo latente no ser humano: o de participar do mundo mágico e, assim, resgatar sua capacidade demiúrgica”. Ademais, ambos os livros são protagonizados por personagens femininas na fase entre o fim da adolescência e a idade adulta, facilitando a identificação do público que as lerão; sobretudo o público feminino.”

“Onde se chora três vezes, do Thyago Costa; é um livro particularmente especial, e como foi lançado recentemente, o selecionei há pouco tempo. O livro é composto por uma seleção de dez contos, todos estes que flertam com a fantasia, e situados na cidade de Breves, do Marajó, onde o autor cresceu. Além da temática regional, é pontual observar que narrativas curtas, como é o caso de contos, costumam ser bem-sucedidas entre leitores juvenis, como eu mesma pude atestar em minha monografia, que consistiu na produção de um clube de leitura com adolescentes do ensino básico (Chaves, 2021).”

— Isso tudo parece muito pertinente — comentou Cecília — Mas gostaria de saber mais sobre como você acha que esses livros poderiam contribuir para o panorama da educação.

— É uma boa pergunta, professora. De acordo com o guia do PNBE: Literatura fora da caixa (2014, p.39) é importante, para a educação de jovens e adultos (EJA) termos um personagem que passa por conflitos e se transforma, especialmente se tal transformação resultar

em alguma espécie de superação ou mudança de visão de mundo, sem, no entanto, que algo externo do sujeito mude. Acredito que isso se deva ao fato de que, além de gerar identificação, também produzirá reflexão nos leitores, que terão, a partir de seus 12 anos, discernimento para compreender a profundidade da narrativa. Por serem narrativas longas, *O último apito do trem* e *Aprendiz de Erveira* possuem, em ambas suas protagonistas, um arco de desenvolvimento bem interessante, de acordo com o critério do Plano Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Já *Onde se chora três vezes*, embora seja composto de narrativas curtas, também possui personagens que sofrem de transformações, em especial no conto que inspira o título do livro, onde o protagonista vivencia um crescimento forçado a cada vez que chora.

— Interessante. Agora, está mais compreensível — completou Maria Lúcia. — E quanto aos outros dois livros?

— No que tange a *Encontros e Mosqueiro: Lendas e mistérios*, já entra a questão de livros de imagem. Tanto *Encontros* quanto *Mosqueiro: Lendas e mistérios* possuem imagens compondo cada uma de suas narrativas, estas compostas por contos. Ainda de acordo com o guia do PNBE (2014, p.59) os livros ilustrados, embora inicialmente tenham sido voltados quase que exclusivamente para crianças, agora são também muito utilizados na prática educacional com jovens e adultos. O guia também enfatiza que a multiplicidade de narrativas com imagens pode gerar uma série de reações nos leitores (PNBE; 2014, p.53) acredito que porque diferentes mídias combinadas abrem para a possibilidade de diversos sentimentos e sensações.

Para além, é interessante trabalhar com *Mosqueiro: Lendas e mistérios*, por seu conteúdo que referência lendas populares na cidade de Mosqueiro, possuindo, assim como os demais livros, uma característica bem regional; eu mesma já o utilizei com alunos adolescentes, o que os estimulou a contar suas próprias experiências com tais lendas misteriosas. Já *Encontros*, que foi trabalhado em meu Clube de Leitura Filhos de Norato (Messias, 2021) é já atestado ser bem-sucedido em razão de suas narrativas bem curtas, formadas por microcontos, o que facilita uma leitura dinâmica em sala de aula.

“A escolha de *Crônicas Paraenses* teve motivos em sua proposta: projeto aprovado em 2021 pela lei Aldir Blanc, organizado pela professora doutora em literatura Jeniffer Yara, o livro teve a proposta de ser formado por uma série de crônicas escritas exclusivamente por autores adolescentes, na faixa etária de 16 a 22 anos. As crônicas tinham a temática das vivências dos autores no estado do Pará e com a cultura paraense. Dessa maneira, além de estar, em harmonia com os demais livros, alinhado à temática paraense, *Crônicas Paraenses* foi escrito por jovens e para jovens, abordagem que julgo muito interessante para se trabalhar em sala de

aula. Fora que abriria a possibilidade de trabalhar o gênero crônica, não produzido nos demais livros escolhidos.

“*Crônicas fantásticas de famílias em apuros* foi uma decisão repentina e quase de última hora, mas que foi aprovada com louvor! Lançado em 2024 também pela autora de *Aprendiz de Erveira*, Giu Yukari Murakami, é uma coletânea de contos que mistura a cultura paraense com as vivências nipônicas da autora, trazendo um arcabouço cultural riquíssimo; além de possuir uma temática muito pertinente a qualquer leitor, mas principalmente ao público juvenil, que ainda está em formação de vida: a família.”

“A escolha de *Horizonte Silencioso* e *Chove nos campos de cachoeira* foi feita após algum tempo, considerando que ainda sobraria tempo para algumas leituras distribuídas entre os dez encontros planejados. O teu, Maria Lúcia, considerei importantíssimo; afinal foste uma das pioneiras na literatura infantojuvenil paraense. Já o livro de Dalcídio, embora não seja especificamente voltado para o público jovem, é um importante legado da nossa cultura, e segue na proposta de ao menos um clássico ser acrescentado na lista: e não à toa foi deixado por último, pois parto do pressuposto que, em uma escola real, seria o momento em que os alunos, após terem tido contado com diversas obras juvenis, já teriam adquirido um hábito mais trabalhado na leitura, e estariam mais dispostos a entrar em contato com um clássico paraense.”

“E, para esclarecer de maneira mais objetiva as escolhas, relacionei cada um com os critérios estabelecidos do PNBE, e peço licença para mostrá-la a vocês”:

Quadro 3 – Critérios PNBE.

Livro	Qualidade de texto	Adequação temática	Projeto gráfico
Chove nos campos de cachoeira/Dalcídio Jurandir	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense	Capacidade de incentivar novas leituras Complexidade na elaboração da obra	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos
Horizonte Silencioso/Maria Lúcia Medeiros	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos

Encontros/Bia Chaves	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Relação texto-imagem	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade nas formas e gêneros	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos; Equilíbrio texto-imagem
Crônicas Paraenses/Jeniffer Yara (org).	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade temática	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos
O último apito do trem/ Bia Chaves	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade temática; Diversidade de representação	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos
Crônicas fantásticas de uma família em apuros/Giu Yukari Murakami	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense; Relação texto-imagem	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade temática; Diversidade de representação	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos; Equilíbrio texto-imagem
Onde se chora três vezes/Thyago Costa	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade temática; Diversidade de representação	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos
Mosqueiro: Lendas e Mistérios/ Claudionor Wanzeler	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade temática	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos

	paraense; Relação texto-imagem		paratextos; Equilíbrio texto-imagem
A aprendiz de erveira/Giu Yukari Murakami	Ampliação do repertório linguístico; Fruição estética; Repertório cultural paraense	Capacidade de incentivar novas leituras; Adequação às expectativas do público-alvo; Diversidade temática; Diversidade de representação	Capa; Tipologia gráfica; Espaçamento; Funcionalidade dos paratextos

Fonte: organizado pela autora (2025)

— Muito bom! Até eu fiquei com vontade de participar dessas leituras — exclamou Cecília — E fiquei curiosa sobre um ponto: no roteiro inicial, estão definidos os “Momentos Tertúlias” ... e acho que esse é um termo que não reconheço. Você pode explicar?

Maria Lúcia e Nelly acenaram em concordância, ao que respondi: — esse é um assunto em que eu estava mesmo querendo entrar. A Tertúlia Literária foi uma metodologia inicialmente escolhida para o curso, sendo uma maneira de ensinar leitura que trabalha por meio de compartilhamento e troca de conhecimentos em uma roda literária, trabalhando exclusivamente com clássicos universais da literatura (Comunidade de Aprendizagem, s.d.). E como vocês podem imaginar, justamente por esse último aspecto — entre outros — a metodologia não se encaixava de fato no produto, portanto, acabou por não ser utilizada. Uma pena, mas faz parte.

“E agora tenho que dizer, imagino que as senhoras estejam ansiosas para saber do curso em si, seu percurso e sua navegação. Mas acho que precisamos tratar de uma última bagagem antes de zarpar. Afinal, se a tertúlia não foi tratada de maneira estrita no curso, tampouco a outra metodologia prevista, a gamificação, foi. Isso não significa que outras metodologias ativas não surgiram: pelo contrário! O design aberto foi tão aberto que surpreendeu até mesmo a própria criadora.”

— Certo, tens minha atenção — exclamou Maria Lúcia — Queremos ouvir um pouco, então, sobre essa salada de metodologias. Vou até passar mais um cafezinho aqui...

— Apesar de “salada” ser um ótimo termo, professora, para sermos mais técnicas, eu chamaria de composição. E o que ocorreu foi o seguinte...

2.3.2. Mala de mão: as metodologias ativas

— Para começar a elucidar, preciso primeiro falar da metodologia ativa originalmente escolhida para o curso: a *gamificação*. Ela inclui estratégias de ensino em forma de jogos e simulação (Bishop; 2014, p.274) e foi escolhida justamente pela possibilidade de transformar a leitura literária em algo mais lúdico e dinâmico, aspecto que acreditei que seria atrativo para um público jovem, com o qual os professores em formação futuramente irão trabalhar. Bishop aponta que alguns estudos descrevem que games e simulações ajudam na descoberta do aprendizado de estratégias, habilidades de resolver problemas, além de promover o engajamento e a interação dos jovens (Bishop; 2014, p.275). Eu mesma já utilizei estratégias semelhantes com meus próprios alunos, além de ter criado um produto educacional de gamificação na Mostra de Produtos Educacionais de meu programa de mestrado, o game intitulado “*Laerte, não entendi*”; baseado em “memes” sobre a cartunista Laerte Coutinho, com o objetivo de exercitar a interpretação de alunos de diversas disciplinas, com foco em literatura e língua portuguesa. O produto inclusive gerou um artigo, ainda não publicado, por seus criadores, vulgo a autora que vos fala e o pesquisador Fábio Fujiyama.

— Certo — falou Nelly — E por que ela acabou não entrando no curso?

— O que é acontece é que cheguei a me aproximar bastante da metodologia, mas não cheguei a utilizar elementos que de fato caracterizassem um jogo, como deveria ser. As dinâmicas e leituras foram realizadas de forma mais livre, e a única prática linear do curso, que foi a confecção das cartas, acabou sem um elemento motivador para sua realização: os alunos, para a minha imensa surpresa e alegria, as escreveram por puro engajamento e prazer.

— Esse é um dado importantíssimo — falou Maria Lúcia — Mas então, se não essa, quais metodologias entraram no teu trabalho?

— Eu observo que, dessa composição, três metodologias se destacaram: a sala de aula invertida, o círculo de cultura e a ludificação. E explico o porquê:

“No que diz respeito à sala de aula invertida, Valente (2017; p.27) nos diz que os alunos, nessa abordagem, recebem e estudam o conteúdo *online*, em ambientes virtuais de aprendizagem, para posteriormente trabalhá-los em sala, onde serão então realizadas atividades práticas, resoluções de problemas e projetos...”

— Ué — exclamou Nelly — Mas você disse há pouco que as leituras eram feitas ao vivo...

— As literárias sim, professora. Mas as leituras acadêmicas, que foram inseridas após a confecção do primeiro roteiro do curso e acabaram ganhando muito espaço durante os encontros, eram previamente inseridas em uma sala de aula Moodle, para serem lidas e posteriormente discutidas no encontro, e através delas, como Valente aponta (2017, p.28) fazer perguntas, refletir sobre as práticas que seriam realizadas e desenvolver capacidade crítica sobre os assuntos que estávamos estudando. Nesse aspecto, a metodologia se aplicou perfeitamente, tanto na apresentação prévia de conteúdos quanto no que Valente chama de planejamento das atividades a serem realizadas presencialmente (Valente; 2017, p.31)

A sala de aula presencial assume um papel importante nessa abordagem pedagógica pelo fato de o professor estar participando de atividades que contribuem para o processo de significação das informações que os estudantes adquiriram online (Valente; 2017, p.32).

— Dentro da sala de aula invertida, ainda, há um importante aspecto chamado “aprendizagem personalizada”, que acho que também coube bem com o curso. Ela consiste em se adequar às necessidades de cada aluno e trabalhar em cima disso. Claro, como os gostos e modos de pensar dos participantes eram bem parecidos, talvez por serem todos parte da mesma graduação (você vão ver já, já...) esse não foi um grande desafio, mas ainda assim acho que consegui atender vários gostos, necessidades, ideias. E mais, creio que os fiz refletir sobre como (ao menos pensar em) atender às necessidades de seus futuros alunos, o que Valente chama de “rachaduras de aprendizagem” (2017, p.34)

— Essas “rachaduras”, a que chamas, acredito serem lacunas que não só o professor deixa passar (às vezes até por exaustão) mas pelo sistema educacional como um todo — argumentou Maria Lúcia — Por isso vejo a aprendizagem personalizada como de grande importância.

— Eu também, professora! E isso nos leva à segunda metodologia ativa que se fez presente nos encontros: o círculo de cultura. Originalmente criado por Paulo Freire, essa metodologia, segundo li de Leal, Silva e Azevedo (2021, p.333) é “uma proposta de libertação dos sujeitos”. Nesse método, o professor passa a ser não um expositor, mas um coordenador de diálogos, sendo o educando parte da construção de conhecimento, a partir de sua própria realidade (Leal, Silva e Azevedo; 2021, p.334). Ainda na página 334, os autores complementam: “Dessa maneira, tal método pretende construir coletivamente a compreensão do protagonismo territorial de cada sujeito, a partir de reconhecimento da identidade cultural”.

— E foi justamente o que aconteceu, professoras! Eu fui nada mais que o fio condutor dos diálogos nos encontros, que foram permeados de grandes contribuições de todos os

participantes, que se inseriram em seus contextos locais, culturais e suas vivências como um todo — vocês em breve vão perceber isso, quando eu contar dos encontros e mostrar suas cartas...

— Excelente! — Nelly celebrou — E creio que você mencionou uma metodologia a mais?

— Sim! A ludificação, que Prestes (2011) define não como sendo um simples momento de distração ou passatempo, mas como uma atividade séria a partir da qual se aprende e se desenvolve. Eu utilizei diversas vezes de elementos lúdicos com os participantes, a exemplo da dinâmica dos objetos (vocês vão descobrir sobre ela daqui a pouquinho!) além de um momento que Prestes cita como brincadeiras de “faz-de-conta” em uma dinâmica de confecção de reconto de uma das obras lidas, e tive, acreditem vocês se quiserem, até um momento de trabalho manual! Mais que tudo, Santos, Lessa e Arueira (2022, p.3) afirmam que o lúdico é uma metodologia flexível, sem rigidez, esse último adjetivo que acho que vocês começam a perceber que não combina comigo.

“No fim, professoras, sendo salada ou composição, o fato que as metodologias ativas, tão presentes e bem trabalhadas durante minhas disciplinas do mestrado, foram estrelas durante meu trabalho. E, nessa colcha de retalhos (vejam só mais um termo) podemos concordar com Santos, Lessa e Arueira (2022, p.3) quando dizem:

Percebemos como as metodologias ativas se contrapõem à abordagem tradicional de ensino, em que o aluno é espectador, enfatizando uma participação efetiva dos alunos de forma autônoma; o professor assume uma nova postura, de mediador, facilitador do processo de ensino-aprendizagem (Santos, Lessa e Arueira; 2002, p.3).

— Adorei a salada/composição/colcha-de-retalhos! Olha que isso dá um texto poético, viu? — Cecília brincou. — Fico feliz que você parece ter criado um trabalho rico em metodologias inovadoras.

— Também gostei muito — acrescentou Nelly — E acho que experimentações assim potencializam a transformação e inovação em sala de aula.

— E agora — manifestou-se Maria Lúcia — Estou curiosa para ouvir como essa colcha, de fato, se costurou.

— Muito bem, professora. A partir de agora, deixemos de lado a metáfora da colcha (que é algo que levamos na bagagem) e passemos a voltar à navegação. E, para tanto, recebo vocês da mesma forma como recebi meus (à época) futuros alunos do curso:

NAVEGANTES HONORATOS

Literatura Juvenil como Formação de Professores

CURSO DE EXTENSÃO



INSCRIÇÃO

Local: Auditório do Nitae² - UFPA
(Em frente ao veropesinho do básico)

Toda Segunda de 15h às 17h

Certificado de 30 hrs

10 Encontros

A partir de 23 de setembro



Fonte: acervo da autora (2024)



FILHOS DE HONORATO

CAPÍTULO III. NAVEGANTES HONORATOS: A JORNADA

— Agora, professoras, é chegada a hora de alcançar o cerne desta narrativa. Precisamos contar a história do passo mais importante em minha jornada. Quando recebo em meu barco novos passageiros, e com eles aventuro-me no rio, experimentando a viagem que é formar-se professor de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

E tudo começa em uma mera segunda-feira:

3.1 Encontro I: 23/09 – Boas-vindas ao curso Navegantes Honoratos!

“Algumas histórias ficavam apenas no imaginário, porém, outras foram vivenciadas”.

(Lais Carvalho, “Embalos da Memória”. In: Crônicas Paraenses: novos olhares sobre cenas locais)

— Estou ansiosa, Beatriz, para saber como seu curso navegou. Admito que essa era a parte pela qual eu estive aguardando por toda a noite afora.

— Por favor, professora Maria Lúcia, pode me chamar de Bia. É o modo como todos os alunos me batizaram, e acho que acabei me acostumando.

— Pois bem, Bia — Cecília se adiantou — Estamos prontas para escutar sua experiência, como diz Larrosa (2002), de quem já discutimos tanto!

— Eu um pouco mais do que estas duas — Maria Lúcia fez questão de ressaltar — Pois sinto que é um modo de revistar meus tempos áureos de professora na universidade.

— Ora, pois sim — Nelly resmungou — Pode prosseguir, Bia.

— Certo — suspirei, aliviada; temia que aquilo se transformasse em discussão. — Aqui vamos nós...

“O primeiro encontro do curso Navegantes Honoratos começou em uma tarde ensolarada, mais precisamente às 15h do dia 23/09/24, no auditório do Núcleo de Integração de Tecnologia à distância (NITAE). Digo que começou às 15h, mas os preparativos estavam a vapor muito antes. Esta professora que vos fala teve o auxílio de quatro monitoras (que, algum tempo depois, precisaram abandonar o barco, mas essa parte da história ainda há de chegar) que contribuíram com a confecção do cenário, do cartaz de boas-vindas (afixando-o à porta do auditório).”

Figura 8 – Cartaz de boas-vindas.



Fonte: acervo da autora (2024)

“Eu queria que os alunos se sentissem acolhidos e atraídos por aquele ambiente logo de cara, então busquei trazer um pouco de cor e de lúdico já nesse primeiro momento. Freire (2011, p.58) já dizia o quanto o espaço pedagógico é fundamental, precisando de condições favoráveis não só em termos espaciais, mas também estéticos, e assim, eu queria que esse momento de boas-vindas fosse belo e tão encantado quanto eu me sentia.

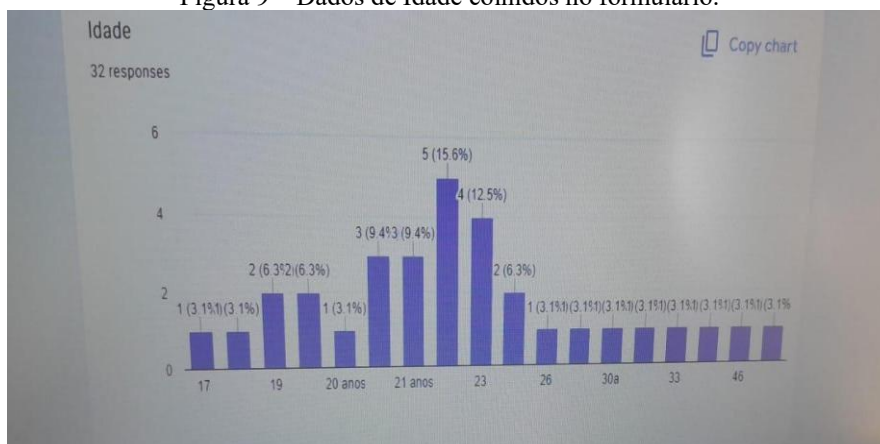
“Os participantes foram chegando e com eles, a ansiedade crescente. Não é fácil se colocar, pela primeira vez, como professora e formadora de graduandos, uma situação quase mágica, afinal eu estava em uma jornada de formar futuros formadores, e me veio à mente o que disse Prado, Morais e Araújo (2011, p.7), ao exclamar “a professora pode, então, vendo-se refletida no espelho, ver também nesta imagem seus alunos e alunas, desejando para si e para eles, um horizonte de novas possibilidades”. Definitivamente aquele viria ser um passo crucial para minha iniciante trajetória como professora universitária; como bem aponta Freire (2011): “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca.”

— E deixa eu te perguntar — manifestou-se Maria Lúcia — Tiveste muitos alunos nessa tua busca?

— Ah, sim! Esse primeiro encontro foi o de maior adesão, com quinze participantes. Cada um com seu perfil, sua carinha, seu jeito particular de ser. Embora é notável que a maioria era composta por mulheres, e predominantemente jovens na casa dos vinte anos. Mas isso condiz com o perfil dos graduandos de Letras na UFPA, a partir como os dados colhidos no

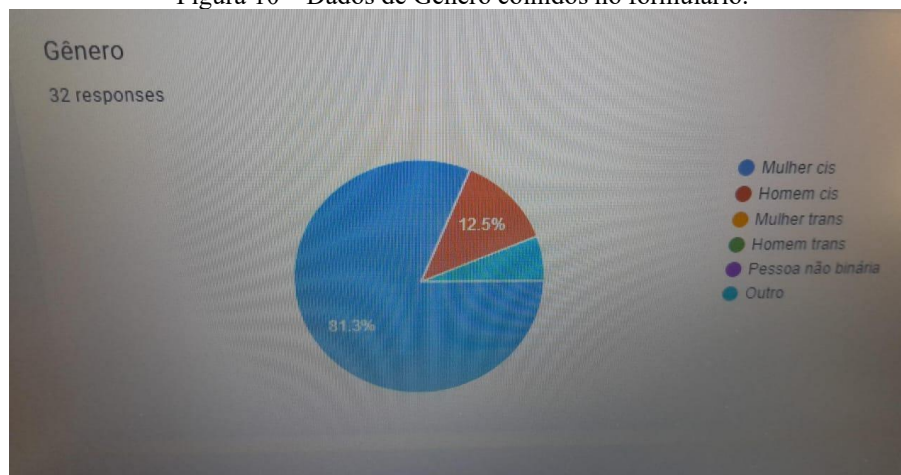
formulário de inscrição. Inclusive, professoras, acho que seria interessante mostrá-los para vocês! Eu comecei primeiro mapeando idade e gênero dos participantes. As idades foram bem variadas, mas o gênero se mostrou predominantemente cis-feminino, o que indica que essa é a maioria que compõe os estudantes de Letras - Língua Portuguesa (na minha época, já era assim!)

Figura 9 – Dados de Idade colhidos no formulário.



Fonte: dados da pesquisa (2024).

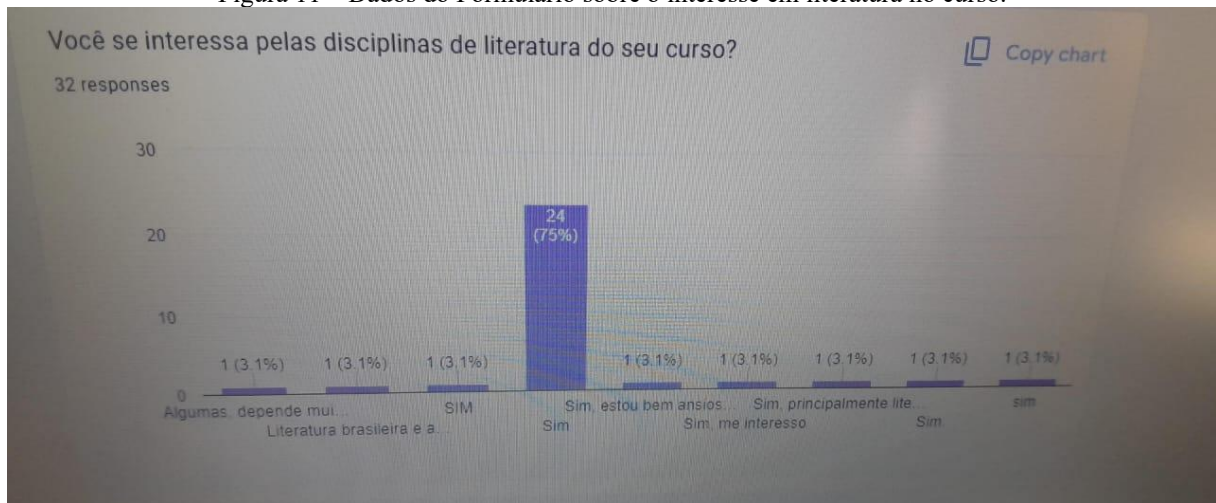
Figura 10 – Dados de Gênero colhidos no formulário.



Fonte: dados da pesquisa (2024).

— Perguntei também se os participantes tinham interesse pelas disciplinas de literatura ofertadas no curso. Todas as respostas foram positivas, embora algumas contivessem “depende” e algumas destacasse a literatura brasileira.

Figura 11 – Dados do Formulário sobre o interesse em literatura no curso.



Fonte: dados da pesquisa (2025)

— Então, perguntei o que mais os alunos gostariam de ver nessas disciplinas. As respostas foram abertas, variadas e muito interessantes:

Quadro 4 – Dados do formulário sobre literatura na graduação.

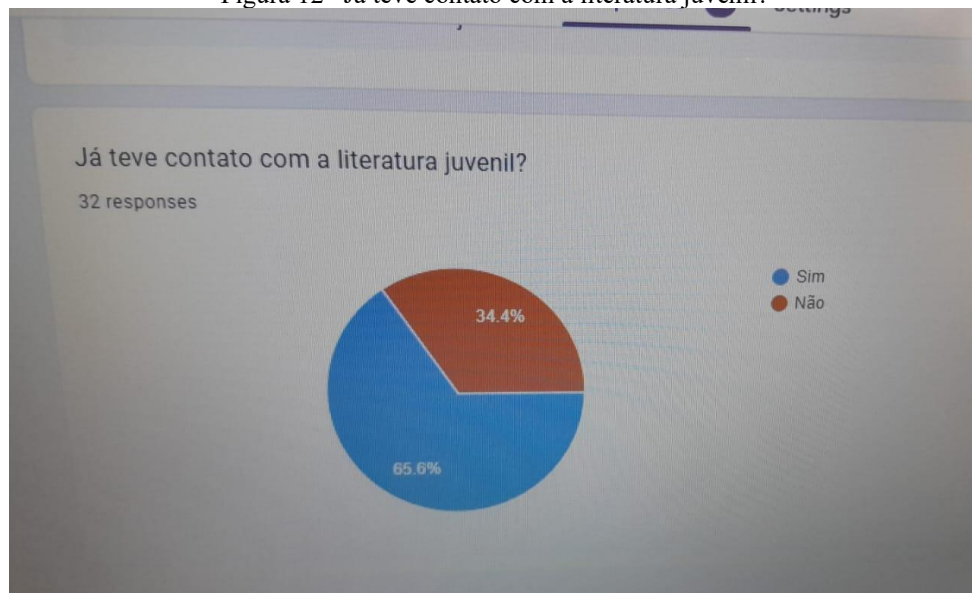
Participantes	Respostas
Resposta 1	Como ensinar literatura no ensino básico.
Resposta 2	Literatura decolonial e afrobrasileira
Resposta 3	Inovações
Resposta 4	Literatura amazônica e juvenil
Resposta 5	Mais aprofundamento
Resposta 6	Gostaria de ver propostas de Ensino de literatura para os estudantes do ensino básico e como aumenta o interesse deles por essa disciplina.
Resposta 7	Mais sobre literatura negra e amazônica
Resposta 8	Literatura infanto juvenil
Resposta 9	análises críticas e contemporâneas
Resposta 10	A ditatizacao do conteúdo para o ensino básico
Resposta 11	Literatura regional
Resposta 12	Livros atualizados que cativem o público jovem e infantojuvenil
Resposta 13	Eu diria que eu gostaria muito de estudar os textos e os contextos históricos dos mesmos.
Resposta 14	Representatividade de mulheres negras
Resposta 15	Literatura brasileira, especialmente regional
Resposta 16	Literatura voltada pra realidade
Resposta 17	Não sei muito bem ainda, pois estou no primeiro semestre.
Resposta 18	Na Pedagogia só tem uma disciplina de Literatura Infantil, deveria haver uma carga maior
Resposta 19	Didática, por exemplo: como o professor poderia administrar uma aula de literatura.
Resposta 20	Funções sociais
Resposta 21	Aulas sobre movimentos brasileiros, como Romantismo, Realismo
Resposta 22	Diversidade.
Resposta 23	A forma como a escrita se molda a idade do leitor

Resposta 24	Literatura paraense
Resposta 25	Propostas de ensino
Resposta 26	Histórias indígenas
Resposta 27	Gostaria de ver mais sobre literatura juvenil
Resposta 28	As críticas literárias, contextos, As obras abordadas e afins...
Resposta 29	Foco nas bases teóricas e práticas
Resposta 30	Como abordar temas relevantes e atuais, que sejam significativos para os jovens leitores
Resposta 31	Literatura clássica
Resposta 32	Os comentários que as pessoas fazem sobre o que entenderam da leitura.

Fonte: dados da pesquisa (2024)

— Em seguida, perguntei aos participantes já haviam tido contato com a literatura juvenil e se sim, quais livros. As respostas foram muito interessantes:

Figura 12 –Já teve contato com a literatura juvenil?



Fonte: dados da pesquisa (2024)

Quadro 5 – Se sim, quais livros.

Participantes	Respostas
Resposta 1	Anya, O caçador de pipas, O mundo de Sofia
Resposta 2	Principalmente da Paula Pimenta
Resposta 3	Não livros, mas gibis. Turma da mônica, entre outros.
Resposta 4	De volta aos 15
Resposta 5	Harry potter, diário de um banana, os livros tá Talita Rebouças, etc.
Resposta 6	Muitos, difícil lembrar de todos ou mesmo da maioria, o mais querido para mim foi O príncipe feliz e outros contos, de Oscar Wilde
Resposta 7	Percy Jackson e os olimpianos
Resposta 8	Bom, li algumas séries de livros (que acredito pertencerem a categoria "literatura juvenil), como Harry Potter, Anne,

	Desventuras em Série, O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares e outros que não são séries, tal qual Pollyana, Alice no País das Maravilhas, O Mágico de Oz, O Labirinto do Fauno, entre outros.
Resposta 9	O jardim secreto, A bolsa amarela, Harry Potter, O meu pé de laranja lima, Alice no país das maravilhas, Coraline, Dom Casmurro, Pollyanna, Contos da Lygia Fagundes Telles, entre outros...
Resposta 10	A borboleta atira, ilha Perdida, o alienista, Iracema, banho de cheiro etc.
Resposta 11	Menina bonita do laço de fita; O meu pé de laranja lima; O pequeno príncipe
Resposta 12	Principalmente Percy Jackson e Harry Potter, também alguns livros de romance.
Resposta 13	A série de livros Diário de um banana.
Resposta 14	Percy Jackson Diário de um banana Harry Potter Coraline Etc
Resposta 15	Percy Jackson, Turma da Mônica
Resposta 16	Diário de um banana
Resposta 17	Harry Potter, Percy Jackson, Turma da Mônica

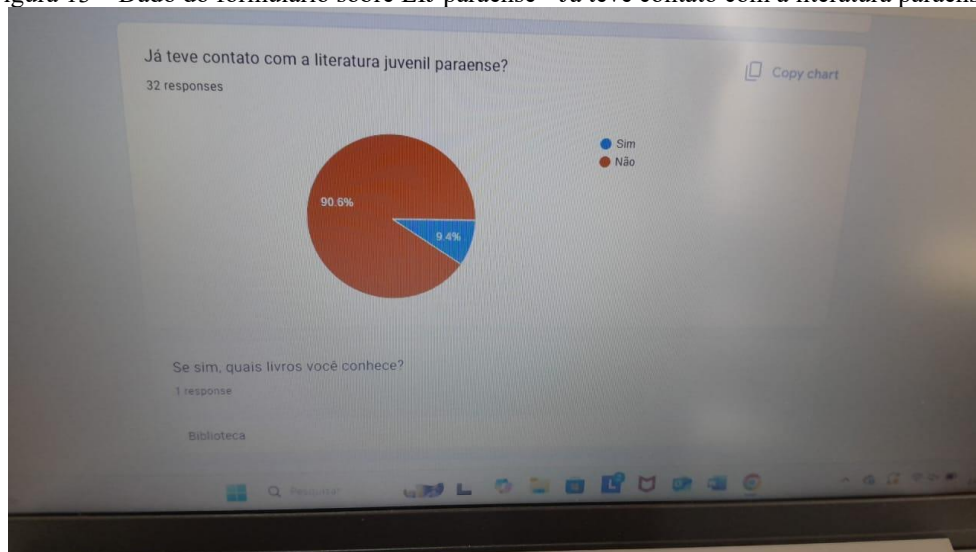
Fonte: dados da pesquisa (2024).

— Como as senhoras podem ver, boa parte dos livros citados são estadunidenses e uma minoria se constitui como literatura nacional, dado que viria a ser mais desmembrado e analisado ao longo do curso.

— Interessante mesmo — comentou Maria Lúcia — E nada de literatura juvenil paraense, pelo que vejo.

— Sim! Essa foi, inclusive, a pergunta seguinte do formulário:

Figura 13 – Dado do formulário sobre LIJ paraense - Já teve contato com a literatura paraense?



Fonte: dados da pesquisa (2024)

— O único livro citado, “Biblioteca”, sem referência de autoria, não pôde ser encontrado por mim, portanto, o dado que ficou é que o contato com literatura juvenil paraense dos participantes era quase nulo, informação extremamente importante. Por fim, perguntei a eles sobre sua motivação para participar dos Navegantes Honoratos:

Quadro 6 – Dados do formulário sobre motivação para entrar no curso.

Participantes	Respostas
Resposta 1	Conhecer novas obras e aprender sobre a literatura juvenil com o objetivo de aplicar na sala de aula só ensino básico.
Resposta 2	Além de gostar das disciplinas voltadas para literatura, estou bolsista de um projeto de pesquisa voltado para letramento literário afrodescendente.
Resposta 3	Gostaria de fazer o curso com a finalidade de aprender - por uma outra ótica - sobre a literatura :)
Resposta 4	O curso agregará a minha formação docente, além de me auxiliar, durante a universidade, nas práticas de estágio.
Resposta 5	Indicação de amigos
Resposta 6	Pretendo me engajar em projetos da área de literatura, então o curso é uma ótima oportunidade para explorá-la.
Resposta 7	Ampliação do meu repertório literário para melhoria da minha formação profissional em letras
Resposta 8	Gosto de ampliar os conhecimentos nas áreas de ensino e aprendizagem, e integrar a essa área a literatura como forma proporcionar a interdisciplinaridade entre as áreas.
Resposta 9	Eu estou me encontrando muito na literatura, acredito que a Academia não levanta muitas pautas para conversarmos sobre ela, ainda mais sobre literatura juvenil. Acredito que poder ouvir sobre o assunto e acrescentar nele, me trará novas interpretações, análises e vivências. Ver a literatura por todos os ângulos que ela se forma é muito necessário. Eu, como discente de Letras, adoraria

	aprender ao máximo sobre ela, para assim contribuir com o seu ensino na sala de aula de modo a incentivar e atrair meus alunos para todo o universo que pode ser um texto literário. acredito que o curso me ajudará com isso.
Resposta 10	A ideia de ter um curso voltado para o ensino de literatura
Resposta 11	Melhorar meu desempenho profissional
Resposta 12	Interesse de descobrir como trabalhar literatura juvenil na escola
Resposta 13	Eu me interessou muito pela literatura e pretendo me formar com excelência nesse quesito, já que consumindo e estudando a mesma, eu acredito que me tornarei uma professora que vá inspirar meus alunos a se interessarem também por essa área. Como diz a professora Fátima, "só forma o leitor quem é leitor". Portanto, cursos como esse são primordiais para expandir meus conhecimentos e preparar-me, cada vez mais, para atuar como professora.
Resposta 14	Para adquirir mais conhecimento sobre o ramo literário, já que literatura é o meu principal motivo de cursar letras.
Resposta 15	Tenho muito interesse na literatura juvenil e acredito que o curso pode contribuir bastante para minha formação.
Resposta 16	O gosta de ler e escrever vários contos...etc
Resposta 17	Tenho interesse em saber mais sobre o assunto e pela carga horária.
Resposta 18	Conhecer a literatura nos navegantes Honoratos
Resposta 19	Como eu não conheço sobre literatura juvenil, ao ver a proposta desse curso, me interessei, e gostaria de aprender sobre
Resposta 20	Conhecer e compreender sobre a literatura juvenil.
Resposta 21	A literatura foi o principal motivo que me motivou a entrar no curso de Letras em si. Agora, com este curso, busco me aprofundar mais na literatura e nos seus diferentes campos para expandir meus conhecimentos
Resposta 22	Me interessou pelo tema em questão, porém é um assunto que conheço menos do que gostaria. Então, penso que esta será uma ótima oportunidade para me instruir e ampliar meus conhecimentos.
Resposta 23	Tenho muito interesse em tudo oq envolve educação, busco aprender mais para ajudar na minha didática
Resposta 24	É um ótimo tema.
Resposta 25	Possibilidade de aumentar meu repertório como futura professora
Resposta 26	Obter mais experiências dentro do meu curso
Resposta 27	Achei interessante a temática, me despertou interesse para aprender mais sobre
Resposta 28	Eu achei interessante por ser um curso de extensão que seja voltado para o ensino de literatura que é uma área da qual eu gosto bastante
Resposta 29	Aprender mais sobre a literatura infanto juvenil
Resposta 30	Busca de conhecimento, trabalho com um público que tem interesse em literatura.

Resposta 31	Gosto muito de literatura e fazendo o curso de letras quero me aprofundar mais e obter mais conhecimentos
Resposta 32	Eu trabalho com crianças dando aula de reforço, a maioria dessas crianças tem dificuldade de escrever ou contar história, justamente, pela falta de contato. Eu não só gostaria de fazer com que elas consigam desenvolver sua criatividade para história como também pudessem ter contato com tais contos literário. Mas como eu, quando era criança, também nunca tive contato com livros literários, acaba fazendo com que eu tenho dificuldade de como começar a ler e escolher um livro.

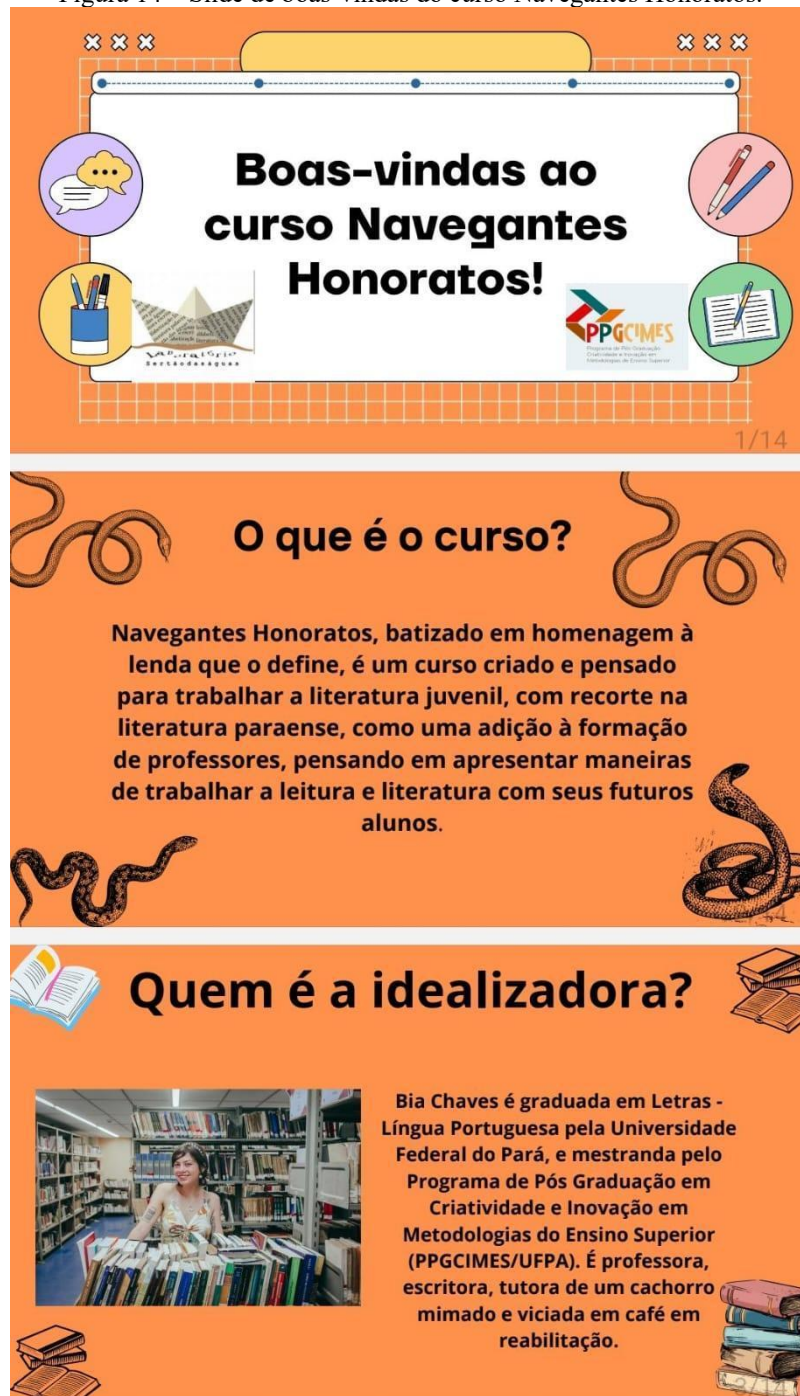
Fonte: dados da pesquisa (2024).

— Nossa! Quantas expectativas! — exclamou Nelly.

— Com certeza, professora, os participantes foram atraídos por muitas motivações, entre aprimorar suas práticas docentes e expandir seus conhecimentos acerca da literatura juvenil. Se essas expectativas viriam a ser cumpridas, eu só soube ao fim da jornada. E acho que, para que vocês também descubram, precisamos voltar à narrativa, ao início do primeiro encontro...

“As pessoas foram se achegando, sentando e se aconchegando. Quando percebi que haviam chegado todos, ou pelo menos a maioria, comecei minha apresentação. Com um slide produzido no aplicativo Canva fiz uma breve apresentação do curso e de mim mesma. Aproveitei, nesse momento, para levantar uma provocação: o que seria, para eles, literatura juvenil?”

Figura 14 – Slide de boas-vindas do curso Navegantes Honoratos.



Boas-vindas ao curso Navegantes Honoratos!

1/14

O que é o curso?

Navegantes Honoratos, batizado em homenagem à lenda que o define, é um curso criado e pensado para trabalhar a literatura juvenil, com recorte na literatura paraense, como uma adição à formação de professores, pensando em apresentar maneiras de trabalhar a leitura e literatura com seus futuros alunos.

Quem é a idealizadora?

Bia Chaves é graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, e mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior (PPGCIMES/UFPa). É professora, escritora, tutora de um cachorro mimado e viciada em café em reabilitação.

Fonte: acervo da autora (2024)

“Timidamente alguns participantes ergueram a voz, e citaram alguns livros que tomam por literatura juvenil, com grande destaque para as sagas *Harry Potter* e *Percy Jackson*. É interessante, professoras, observar como o gênero fantasioso permeia o gosto do público jovem, gênero esse que é definido pela imaginação e fantasia, aspectos que Debus, Juliano e Bortolotto (2017) consideram fundamentais para a formação do sujeito, e isso, ao meu ver, se faz ainda mais imprescindível com o sujeito adolescente, que ainda está em formação. Cheguei a

pesquisar o assunto para tentar compreender melhor, e alguns autores, como Debus, Bazzo e Bortolotto (2017, p.29) afirmam que optar pela via da fantasia e do imaginário ao ensinar literatura para jovens certamente ajudará a formar um leitor com capacidade crítica e emancipação no exercício da cidadania. Zilberman (2017, p.91), ainda, ressalta que “histórias fantásticas, que lidam com universos paralelos, idas e vindas no tempo, magia, trânsito entre a vida e a morte, contam com uma tradição”. E é fascinante observar como exercem encantamento até hoje.”

“Bem, e nesse instante, quando todos estavam declarando suas obras de preferência, aproveitei o gancho para mencionar obras juvenis brasileiras (que notavelmente não foram citadas) quanto mais obras paraenses, são comumente desconhecidas e/ou ignoradas pelo público em geral.”

— Boa pedida — Maria Lúcia celebrou — Precisamos dar voz à literatura da nossa terra.

— Lamentável a falta de conhecimento acerca de nossas obras infantojuvenis — protestou Cecília — Nesse caso, creio que podemos ter Isto e Aquilo. Gostar do que vem de fora não é um problema, mas ignorar o que vem de dentro é, para mim, imperdoável.

— Concordo! Mas essa discussão foi levantada em vários momentos, só que mais adiante nas águas do curso. Naquele primeiro encontro, conduzi a discussão até outra pergunta: eles deram muitos exemplos de livros que consideravam literatura juvenil, mas eu queria mesmo saber o que achavam ser o *conceito* de literatura juvenil. As respostas foram quase unânimes: literatura voltada para o público jovem, ora essa. Fiz então uma nova provocação: será que literatura juvenil é uma literatura “fácil”? Comumente é considerada como tal; mas não, eu disse a eles, não é disso que se trata o gênero: não se trata de uma literatura com linguagem simplória, mas sim pensada para dialogar com o público ao qual se destina. São livros que por muitas vezes contém enredos fantasiosos, aspectos mágicos que são muitas vezes considerados “bobos”; mas optar pela fantasia e pelo imaginário, pode ser, ainda segundo Debus, Bazzo e Bortolotto (2017, p.29) uma grande ajuda na formação do leitor, tornando-o críticos e emancipados para exercer seus papéis como cidadãos, sua habilidade de pensar, sentir e sonhar. Deixei-os com essa reflexão.

— Um começo promissor — considerou Nelly — E o que veio depois?

— Ah, então veio minha parte favorita: as apresentações! Para conhecer os participantes, elaborei uma dinâmica: dispus em uma mesa, com ajuda das monitoras, uma série de objetos selecionados por mim. Alguns eram de meu acervo pessoal, outros coletados do depósito do grupo GEPASEA. Estes eram:

- Uma bicicleta em miniatura;
- Um boneco violinista feito em arame;
- Uma cobra de miriti;
- Uma miniatura da máscara teatral da tragédia;
- Uma cuia cujo interior continha um pequeno patchouli;
- Um relógio despertador (quebrado);
- Um travesseiro com estampa infantil;
- Uma versão de bolso do livro Dom Quixote;
- Um buquê de rosas de pano em miniatura.

Figura 15 – Dinâmica da escolha dos objetos.



Fonte: acervo da pesquisadora.

— Cada participante deveria analisar os objetos, rodeando a mesa por alguns minutos, e após escolherem um, deveriam se apresentar, falando um pouco de si e do porquê escolherem o objeto em questão.

“E nossa! Cada apresentação mais interessante que a outra, sabem? Foi curioso ver os objetos mais escolhidos: um deles foi a bicicleta, e alguns justificaram a escolha por adorar andá-la; outros, em oposto, por não sabê-la (mas desejar aprender!). Alguns escolheram o relógio, por estarem sempre correndo contra o tempo. Por gostar de teatro, uma das participantes escolheu a máscara da tragédia.”

“Mas o que jamais esquecerei foi uma participante que escolheu a miniatura de Dom Quixote. Ela relatou que a leitura sempre foi um obstáculo em sua vida — só conseguiu aprender a ler aos onze anos. Eu pensei, professoras, no quanto isso pode refletir na taxa de analfabetismo do Norte, que, no censo de 2022 do IBGE, atingiu 8,8% em pessoas a partir de 15 anos. Mas a história dessa participante teve uma continuação feliz: ao se tornar estudante de Letras, o livro deixou de ser seu maior obstáculo para se tornar um de seus maiores objetivos, e dessa forma ela o escolheu. Eu tive que conter a emoção nesse momento, imaginem. Para a minha grande tristeza, essa participante veio a deixar o curso ainda nos encontros iniciais, e como eu gostaria de tê-la visto evoluir! Mas, mesmo com sua breve participação, ela me marcou para sempre.”

— Ah, sim — Maria Lúcia sorriu — Alguns alunos, por mais breve que seja sua passagem em nossas vidas, fazem morada eterna em nossos corações.

Mastigando e engolindo um pouco as emoções, balancei a cabeça.

— Com toda a certeza. Bem, onde eu estava...? Ah, sim. Certo, aos poucos todos se desinibiram, sabem, e apresentaram os objetos escolhidos! Um dos participantes, ao escolher a cobra de miriti, trouxe um relato muito interessante: a cobra tanto tinha a ver com seu credo religioso quanto sua origem e criação na Ilha de Mosqueiro — e esse detalhe, além de uma coincidência que já já explico, viria a se tornar ainda mais importante em encontros futuros.”

Figura 16 – Participantes e seus respectivos objetos.



Fonte: acervo da pesquisadora.

“E claro, como não sou boba nem nada, também escolhi meu objeto! Escolhi o violinista (que curiosamente não foi escolhido por ninguém). Meus motivos tanto tinham a ver com meu passado na música quanto com o segredo por trás da dinâmica: cada objeto na verdade representava um livro a ser lido durante o curso. As correspondências eram as seguintes:

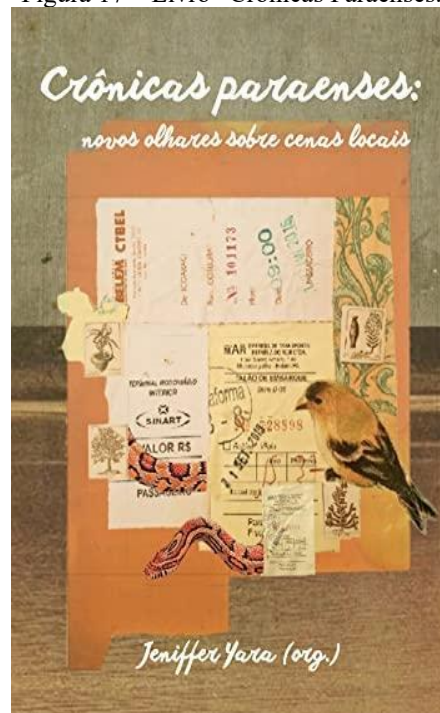
- Miniatura de Dom Quixote: Crônicas Paraenses (org. Jeniffer Yara; 2021)

- Bicicleta: A aprendiz de erveira (Giu Yukari Murakami; 2023)
- Relógio: O último apito do trem (Bia Chaves; 2023)
- Máscara da tragédia: Onde se chora três vezes (Thyago Costa; 2024)
- Cobra de Miriti: Mosqueiro - Lendas e Mistérios (Claudionor Wanzeler; 2023)
- Violinista: Encontros (Bia Chaves; 2020)
- Travesseiro: Horizonte Silencioso (Maria Lúcia Medeiros; 2000)
- Rosas: Crônicas fantásticas de uma família em apuros (Giu Yukari Murakami; 2024)
- Cuia: Chove nos campos de cachoeira (Dalcídio Jurandir; 1941)

— Lamento informar, professora Maria Lúcia, que ninguém, à exceção de uma das monitoras, escolheu o travesseiro, mas é importante ressaltar que ninguém sabia que o objeto tinha qualquer coisa a ver com seu livro... e estamos juntas nessa, já que ninguém escolheu o objeto do livro Encontros. Ninguém também escolheu a cuia, e essa é uma informação engraçada, mas vocês só vão entender a graça mais pra frente.

“Bem, aproveitei a revelação para apresentar no slide o acervo dos livros e a sinopse de cada um, e isso desembocou na leitura da vez, a primeiríssima de todas: o livro Crônicas Paraenses, organizado pela Professora Jeniffer Yara.”

Figura 17 – Livro “Crônicas Paraenses.



Fonte: Google Imagens.

“Escolhi abrir com esse por diversas razões. Primeiro, porque crônicas são muitas vezes histórias da vida real, e estávamos ali mesmo iniciando uma história. Segundo, porque o livro foi escrito por jovens e para jovens, e concluí que nisso os participantes poderiam se identificar. Terceiro, a obra tinha tudo a ver com o curso: projeto contemplado pela lei Audir Blanc em 2021, conta com uma seleção de textos escritos por jovens paraenses, todos com temáticas que entrelaçam a vida dos autores com sua vivência em nossa região. E a autora escolhida foi Laís Vilhena, com sua crônica intitulada Embalos da Memória. A escolhi por uma razão simples: era a mais jovem das autoras do livro. E, confesso, sou fã de sua escrita — ao menos da que conheci na leitura.”

“O momento da leitura contou também com um privilégio: um vídeo gravado pela própria Jeniffer, exibido no data-show, onde a organizadora contou do processo criativo do livro. Essa reprodução abriu a leitura: fez-se a roda, e os escolhidos para a leitura foram aqueles que escolheram como seu objeto o livro Dom Quixote, dividindo-se entre os parágrafos.”

— Ótimo — celebrou Nelly — E o que acharam?

— Bem, todos se impressionaram com a escrita de Laís, que de fato era muito madura para sua idade à época. Concordei e assinei embaixo.

“E essa foi a deixa para uma pequena discussão/dinâmica: que momento da sua vida daria uma crônica? Essa pergunta gerou uma esperada timidez inicial, mas aos poucos alguns foram se soltando: um dos participantes chegou a pedir licença para ler um texto poético

autoral! Foi um momento inesperado, confesso, mas bem-vindo. Muitos contaram histórias de sua infância, espelhando o que Laís fez em sua crônica. Eu, contadora de histórias e tagarelas que sou, também contei minhas próprias: uma com intuito de fazê-los rir, outra mais emocionante. Peço licença para não entrar em detalhes, certas coisas eu gostaria que ficassem só entre mim e meus navegantes.”

“Com tudo isso o tempo voou, e precisei passar ao último momentinho do encontro: apresentar a atividade que seria contínua ao longo de todo o curso: a escrita de cartas, a que falei para vocês do início, que se alicerça com a Documentação Narrativa Pedagógica, e busca entender a narrativa do sujeito. Nesse espírito, de tentar seguir suas narrativas desde o início, o tema da primeira carta, que deveria ser escrita para o encontro seguinte, era algo que eles mesmos já haviam iniciado a contar naquele dia: *Quem sou eu?*”

“E, claro, antes de deixá-los ir, pedi um pouquinho de suas primeiras impressões. Foram positivas e cheias de expectativas, ainda bem!”

“E, pontualmente às 17 horas do dia 23 de setembro de 2024, o primeiro encontro se encerrou — e uma inesquecível jornada se iniciou.”

Figura 18 – Foto final do encontro.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

3.2. Encontro II: 30/09 — A aprendiz de erveira

“Se dependesse de Irina, ela se lançaria aos céus, pairando acima dos veículos, sentindo o vento brincar com seus cachos e o lufar nas roupas fazendo cosquinha. Amava voar livremente...”

(A aprendiz de erveira - Giu Yukari Murakami, p.23)

— Depois de tanta emoção no primeiro encontro, confesso que estou curiosíssima para saber do segundo — Maria Lúcia comentou.

— E eu assino embaixo — disse Cecília.

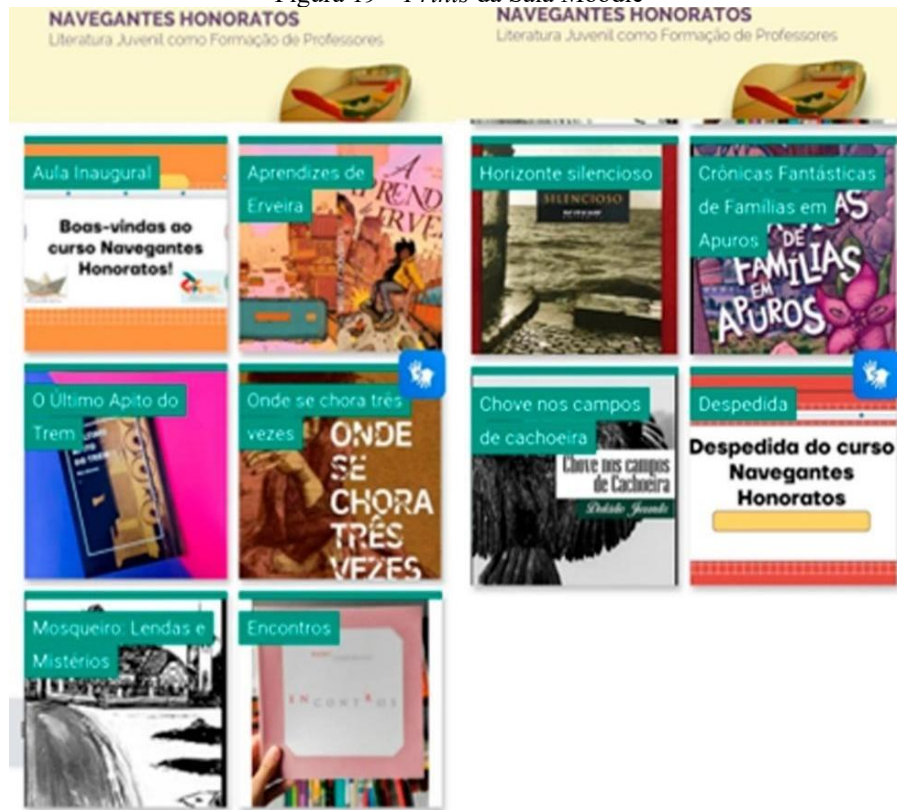
— Eu logo abaixo — acrescentou Nelly — Vou aproveitar e servir mais um café, que esses já tão esfriando. Dizem que é assim quando o papo é bom.

Me servindo um pouco mais da minha tão preciosa fonte de cafeína, olhei para minhas três ilustres visitantes e sorri.

— Ah, o segundo encontro. Queria contar pra vocês que a cada precedência de encontro eu tinha a mesma sensação: aquela ansiedade, aquele medo que ninguém aparecesse, e isso me acompanhou até o fim, e até o fim meus medos se mostraram infundados. Veio bastante gente nesse dia 30 de setembro; embora senti falta de alguns, rostos novos apareceram. Acho que devo acrescentar que cheguei a reabrir as inscrições após o encontro I, com medo da evasão, e que bom que fiz isso! Ganhei alguns participantes que permaneceram até o fim”.

“Mas bem, vamos lá. Esse segundo encontro inaugurou algo que não estava exatamente no planejamento inicial, mas se revelou essencial: as discussões teóricas que passaram a marcar o início de todos os encontros. Eu tinha acabado de inaugurar a plataforma Moodle, sabem, e começado a criar blocos na sala virtual correspondente a cada um dos dias em que nos encontraríamos. E, para o dia 30/09, apresentei aos alunos dois textos: Literatura e educação - pelos fios da tessitura dialógica” (Debus, Bazzo e Bortolotto; 2017) e “Que leitor queremos formar?” (Moraes; 2014).”

Figura 19 – Prints da Sala Moodle



Fonte: Plataforma Nitae² Moodle.

“Não foi à toa que os escolhi. Ambos, considerei, eram textos que de certa forma introduziam tudo o que eu queria trabalhar e discutir no curso. O primeiro abria o debate sobre como a literatura se entrelaça na educação, e pincelava indagações sobre como podemos aliar o livro literário na formação de leitores. O segundo texto, embora advindo de livro e autor diferentes, é quase uma continuação: queremos formar leitores, mas que leitores queremos formar?”

— Esse com certeza é um questionamento pertinente — afirmou Maria Lúcia — Quais são teus pensamentos sobre isso?

— Bom, os pontos que melhor quis destacar foram as considerações da autora acerca das transformações no ensino de leitura na escola, que objetivam, segundo ela, “formar um leitor que interaja cotidianamente com a leitura, em função da sua participação de mundo” (Moraes; 2014, p.26). E o que eu mais quis ressaltar: Moraes aponta a necessidade de despertar no aluno um desejo pela leitura, e a pergunta fundamental seria quais textos poderiam ser capazes de despertar esse desejo, desviar o caráter obrigatório do livro para colocá-lo no patamar da imaginação e prazer? Essa era uma pergunta que eu pretendia, ao menos, começar a responder durante o curso... e creio que, de forma tímida e ainda muito incipiente, posso ter conseguido! Mas isso deixa para as suas conclusões posteriores, professoras.

— Excelente — comentou Nelly — E os participantes, como reagiram à discussão?

— As interações dos participantes com essa discussão foram de início tímidas; muitos não chegaram a ler os textos, fato que considero normal, afinal, também já fui estudante de graduação, e aqueles em particular estavam sofrendo as consequências de uma greve recente. Mas nem pela falta da leitura eles deixaram de dar suas contribuições, e acreditem vocês se quiserem, mas esse momento acabou por durar mais de uma hora! Dada as temáticas de literatura e formação de leitores, a conversa logo enveredou para as preferências de leitura de cada participante em seus tempos de juventude (mais tarde, eu viria a descobrir que esse era um dos assuntos prediletos para a hora da discussão). Pipocaram nomes como *Jogos Vorazes* (Suzanne Collins, 2008), *Harry Potter* (J.K. Rowling, 1997-2007), *Divergente* (Veronica Roth, 2011), *Percy Jackson* (Rick Riordan, 2005-2009), *Diário de um banana* (Jeff Kinney, 2007), *Querido diário otário* (Jim Benson, 2004-2015) entre outros títulos conhecidos, relatados pelos participantes como abridores de portas para suas entradas no mundo da leitura.

— E literatura brasileira, nada? — Nelly questionou, com certa indignação no tom.

— Não livros formais, pelo menos nesse primeiro dia de debate. Mas interessante apontar que alguns mencionaram terem iniciado suas leituras no mundo das *fanfics*, o que creio que pode ser considerado como um tipo de literatura nacional. Como acredito que vocês não estão familiarizadas com o conceito, professoras, vou explicar: Zappone (2008, p.4) define a *fanfic* como produções narrativas veiculadas no espaço digital, publicando contos, romances e histórias em quadrinhos em cima de um determinado gênero ou personagem. Acrescento ainda que, pela minha experiência, *fanfics* também são maneiras de produzir histórias em cima de conteúdos já existentes que gostamos, e é uma prática muito comum em adolescentes e jovens leitores. Acredito que esse seja um caminho interessante de introdução à leitura e escrita do público juvenil, como essa própria discussão atestou, e uma das razões certamente é a possibilidade do leitor de fazer suas próprias produções e exercitar sua imaginação a partir daquilo que se gosta. Inclusive, professoras, haverá uma dinâmica muito interessante nesse aspecto que logo, logo falaremos por aqui!

— É um tipo de produção que eu gostaria de ver, com certeza — falou Cecília — Quem sabe falemos mais em nossas conversas futuras?

— Eu adoraria! Só a discussão nesse dia já rendeu tantas reflexões... Teve ainda quem dissesse que não se iniciou na leitura durante o período escolar, mas estes foram minoria. Tenho observado que graduandos de Letras tendem a ter sido ávidos leitores nos tempos de colégio (certamente foi meu caso!). Mas é pertinente observar, professoras, que eu e esses alunos somos infelizmente a exceção, não a regra. Na pesquisa *Retratos de Leitura* (2024, p.40), a qual já

discutimos um pouco por aqui, vemos que, entre as principais motivações para se ler um livro, a escola ou faculdade é responsável por apenas 6%!

— Esse é um dado importante que deve ser observado com cuidado — ponderou Maria Lúcia — É imperativo fazer da escola uma influência maior na formação de leitores... creio que teu curso já é um passo nessa direção.

— Também creio que sim, professora! Bem, mas depois disso precisei voar para a próxima parte do encontro, uma vez que metade do tempo já havia se passado. Era chegada a hora da leitura: “A aprendiz de erveira”, de Giu Yukari Murakami.

— Por que essa escolha para o segundo encontro? — Cecília inquiriu, cheia de curiosidade.

— Foi quase um teste, veja você. Na minha opinião, “A aprendiz de erveira” talvez seja o livro que melhor representa o objetivo do curso. Totalmente voltado ao público juvenil, extremamente paraense, com toques de magia e fantasia que parecem beber da fonte de *Percy Jackson* e tantas histórias que se mostraram amadas pelos participantes, e por tantos de nossas gerações. A obra, segundo a própria autora, é um “híbrido” de fantasia e ficção científica, e seu enredo conta a história de Irina, uma adolescente que vive no equivalente à região periférica de uma Belém em formato *cyberpunk*...

— Opa, tempo — Maria Lúcia pediu — Lembrem que somos de outra geração! O que seria “*cyberpunk*”?

— Ora, curiosamente, esse termo não veio depois dos tempos de vocês, talvez só tenha passado batido nas suas jornadas literárias. Vou tentar explicar com o meu conhecimento parco: segundo Silva (2022, p.10) o termo “cyber” remete aos avanços da tecnologia, e o “punk” contém o ceticismo sobre a postura social advinda desses avanços; ou seja, é um gênero literário que beira o distópico, e carrega certo pessimismo pelo futuro da sociedade, caso ela vá nesse caminho extremamente tecnológico. Ainda de acordo com Silva, o gênero surgiu em 1983, e é até hoje muito popular, e vem, pelo que eu observo, crescendo muito na literatura juvenil.

— Interessante. Realmente, é um pouco longínquo do nosso escopo literário — afirmou Cecília. — Certo, mas agora prossiga a contar sobre o livro.

— Certo. Na história, Irina vê sua vida mudar ao se tornar aprendiz das erveiras, um grupo de mulheres detentoras de magia, habitantes do ver-o-peso, usando a magia dos banhos de ervas para ajudar a população, que sofre com a opressão de alguns de seus governantes... veem a estética *cyberpunk* aí?

— Devo dizer, muito intrigante — ponderou Maria Lúcia — Mas quando que eu ia encontrar uma história dessas no meu tempo.

— E não é? Bem, assim como no encontro anterior, a apresentação do livro ficou por conta da própria autora, que gentilmente gravou um vídeo de doze minutos para os participantes, contando da história, do processo criativo e até o projeto gráfico do livro.

Figura 20 – Participantes assistindo ao vídeo da autora.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

“Após o vídeo demos início à dinâmica. Tenho que dizer pra vocês, eu me aventurei para adquirir o material para este encontro. Fui na Praça da República e comprei sete banhos de cheiro! Dois deles mantive na cesta decorativa junto ao livro, e cinco distribuí entre três alunas. Escolhi essas três especificamente porque todas haviam escolhido a bicicleta no primeiro encontro, que como vocês devem lembrar, correspondia ao livro Aprendiz de Erveira. Ah, preciso destacar que selecionei os banhos com os nomes que considerei mais úteis: “Chama dinheiro”; “Chora nos meus pés”; “Estudante nota 10” e por aí foi. Como eu gostaria desse último durante a minha graduação!”

— Tenho que dizer, essa é uma tradição paraense que eu gostaria de experimentar — brincou Nelly.

— Ah, você devia ter estado lá! O que eu fiz com os banhos de cheiro foi o seguinte: as três alunas que os seguravam seriam as “erveiras” e os demais seus aprendizes. Cada uma, uma de cada vez, deveria selecionar um aprendiz para ler um trecho do capítulo selecionado do livro. O aprendiz lia até onde se sentisse à vontade, e então caberia à próxima erveira escolher o próximo.”

— E por que, se eu posso perguntar, você selecionou esse capítulo em especial? — Cecília indagou.

— Ah, boa pergunta essa. Era um dos capítulos iniciais do livro, entende, e mostrava bem o momento onde Irina conhecia as erveiras e tinha seu primeiro contato com a magia. Também mostrava a protagonista sobrevoando a cidade com seu skate voador (sim, ela tem um skate voador, como bem ilustra a capa do livro!) narrando diversos lugares a nós paraenses muito conhecidos, como a Estação das Docas. Eu imaginei que isso fosse maravilhar os alunos, e acertei!

“Devo só dizer que infelizmente precisei encerrar a leitura um pouco antes do que deveria, por conta do tempo mal calculado. Professora de primeira viagem, vocês entendem como é. Mas o que foi lido foi o suficiente para os alunos se encantarem pela narrativa. Os comentários predominantes foram maravilhados acerca da ambientação na cidade de Belém: todos destacaram o quanto sentiram identificação em ler uma história que se passa em um lugar conhecido, familiar, frequentado por eles. Diz Cardoso e Baccon (2014, p.93) que “a literatura é uma forma de investigação do adolescente”, e assim esse público busca formas de produzir e consumir conteúdos que se aproximem do que está vivendo, temáticas que respondam questões que lhe aflijam, entre outros mecanismos. Então o que o adolescente investiga, exatamente? Eu penso que sua investigação se trata daquilo que ele quer descobrir no mundo e em si mesmo, e dessa forma, busca encontrar pontos que dialoguem com ele, conversem, se alinhem ou ampliem sua visão de mundo.

— Isso, na minha opinião, é um dos pontos-chave da literatura voltada ao gênero juvenil — pontuou Nelly.

— Concordo totalmente, professora! Outro ponto destacado foi a linguagem simples, mas muito bem escrita... o que nos faz novamente refletir sobre esse arquétipo de que literatura juvenil é “fácil”! Livros como o da Giu atestam justamente o contrário; professoras, e nos fazem perceber que uma linguagem acessível não necessariamente significa uma linguagem simplória. E o mais valioso de tudo, acredito eu, é que todos afirmaram, quando questionados, que adorariam passar o livro para seus futuros/atuais alunos.

— Ah, isso é precioso — afirmou Maria Lúcia. — Eu gosto muito da maneira como a narrativa se faz interessante e acessível na literatura. Em meu livro *O quarto de hora*, busquei reunir memória, tradição e imaginário (Lucena, 2015, p. 99) e acredito que são esses detalhes, como no livro da Giu, que tornam a leitura tão envolvente.

— Se são, professora! Mas a preciosidade maior veio a seguir... era chegada a hora do último momento. A leitura das cartas de tema “Quem sou eu”.

“Para isso, também fiz uma dinâmica. Escolhi o banho de cheiro de patchouli (o qual estava repousado no cesto) e o coloquei em mãos de uma das erveiras. Coloquei então no YouTube a música “No meio do pitiú”, da Dona Onete, aproveitando que a música e o clipe são ambientados e caracterizados no Ver-O-Peso, conversando com a temática do encontro. Então, enquanto a música tocava, o patchouli deveria ser passado de mão em mão, e quem o estivesse segurando quando a música fosse interrompida deveria ler sua cartinha.”

“Tem coisas que não são possíveis de se colocar em palavras escritas, e a emoção que senti naquela primeira leitura é uma delas. Posso colocar, porém, minhas impressões: os alunos abusaram da criatividade, em especial na escolha do destinatário, o qual deixei livre: alguns escolheram amigos ou parentes, outros se dirigiram a mim ou mesmo à figura do Norato, e houve ainda a participante que decidiu escrever para Kratos, personagem conhecido do videogame *God of War* (2005-2022) e para ele escreveu em todas as suas cartas futuras.”

“Mas nada se comparou ao conteúdo: cada um trouxe, em suas próprias linguagens particulares, muito de si mesmos, quem, de fato, eram. Desde seus gostos e hobbies até seus sonhos, planos e mesmo dores e tristezas. É inútil negar que me peguei, em muitos momentos, à beira de perder minha digna postura de professora.”

— Estou curiosíssima sobre essas cartas — declarou Maria Lúcia — Principalmente por terem começado com um tema tão sensível.

— Bem, professora, é por isso que agora decido trazer um pouco delas para vocês. Mas devo avisar que ainda não vou mostrá-las na íntegra: isso vocês poderão ver no final. O que fiz agora, para fins de análise, foi selecionar um fragmento de cada carta e juntar em uma única, para responder a uma questão de pesquisa específica.

“Primeiramente, para a primeira carta, não selecionei fragmento de todas (mas vocês vão ver todas completas em breve!) porque notei um dado padrão na maioria, e, baseado nesse dado, resolvi analisar a questão: quem são esses participantes enquanto leitores?”

O resultado foi o seguinte:

3.2.1. Carta nº1: Quem sou eu

Questão de pesquisa: quem são eles enquanto leitores

Cara Bia,

Aluna A: Sou uma leitora voraz, mas isso não ocorreu desde a minha infância, pois enquanto criança eu gostava mesmo era de ficar

calculando e lendo livros didáticos que continham questões para resolução. Na minha adolescência eu só tinha focos para o Enem e sempre dizia que ler era muito cansativo até que uma prima me indicou o livro “ O livro das princesas” e eu me apaixonei por completo pelo mundo da leitura.

Aluna B: Houve um tempo que me perdi da leitura, apesar dela ter me acompanhado durante toda a minha vida. O reencontro com ela veio depois de muito tempo sem termos contato genuíno. Ela se remostrou pra mim de uma forma que eu não esperava: a biografia de uma das atrizes mais ilustres da atualidade, Viola Davis.

Aluna C: Amo ler, embora às vezes enfrento as ressacas literárias, o que me faz cobrar de mim mesma, porque quero sempre ler mais, fazer as minhas resenhas, compartilhar com minhas amigas...

Aluna D: Minha avó é professora aposentada e desde muito cedo sempre me presenteou com livros e incentivou que a literatura fizesse parte da minha formação. Em partes, isso foi o que me fez entrar no curso de Letras e também usar meu perfil nas redes sociais para falar dos livros que leio. Acho importante dizer que tenho uma divisãõ na minha estante onde eu deixo meus livros favoritos e alguns títulos são: Heartstopper, É assim que se perde a guerra do tempo, Quinze dias, A estratégia do charme, e muitos, muitos outros.

Aluna E: Gosto de Harry Potter, tanto os filmes quanto os livros, e amo as músicas pop dos anos 2000 e 2010. A minha maior vitória até então foi conseguir uma bolsa de intercâmbio e realizá-lo em Portugal. O contato com outras culturas é algo muito maravilhoso, e talvez seja por isso que eu ame pesquisar sobre interculturalidade e educação intercultural.

Aluna F: Não me considero uma leitora ativa ,por isso também decidi fazer o curso navegantes honoratos , mas gosto muito de ler literatura.

Como escritora também não sou ativa , escrevo os textos acadêmicos, resumos de trabalhos , mas gosto muito de escrever .

Aluno G: De uns tempos pra cá tenho sido mais dado a leitura; aficionado em livros de ficção e fantasia; com breves momentos focados em literatura infanto-juvenil para me curar das ressacas literárias que me abatem de tempos em tempos.

Aluno H: E é claro, sou um leitor ávido. A leitura é um dos meus pilares. Ler é algo fundamental para mim, apesar de que devido a faculdade, minhas leituras pessoais andam bastante de lado. No entanto, estou sempre tentando consumir um livro por mim e não porque um professor mandou. Inclusive, considero que geralmente fazer essa leitura por obrigação é um processo absolutamente desagradável

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos.

— Como vocês podem ver, professoras, a maioria deles demonstrou já serem formados leitores, o que certamente facilitou o andamento do curso, fazendo com que as leituras, tanto teóricas quanto literárias, se fizessem fluidas e sem dificuldades. Eu tive esse privilégio, mas muitos infelizmente não o tiveram! Um dado importante também a ser analisado é a herança familiar: muitos dos participantes apontaram a influência da família para o consumo da leitura, e acredito que esse seja um dos fatores mais fundamentais para a formação de leitores. Mas o que mais me interessou foi a declaração dos participantes que afirmaram consumir literatura juvenil, principalmente a Aluna A, que disse ter começado a ler com “O livro das princesas”, um livro de contos juvenis da escritora brasileira Paula Pimenta (2013).

— Olha aí a literatura nacional! — celebrou Cecília — Interessante, nas discussões ao vivo ela não foi mencionada, mas, ao menos, estrelou uma das cartas.

— Exato! E mais um dado que me chamou atenção: uma das alunas demonstrou ter sido formada leitora desde pequena, através do incentivo da família. Isso é raro e muito importante, pois essa mesma participante foi uma das que se mostrou mais engajada nas leituras no decorrer do curso. Acredito que sua familiaridade com a literatura desde cedo possa ter contribuído com esse fato. E pelo que pesquisei, sei que o fator familiar é importantíssimo para a formação

leitora, como visto na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024, p. 109) que diz que boa parte dos livros adquiridos por leitores foram emprestados pela família.

— Reparei que uma aluna afirmou não ter o hábito de ler — disse Nelly — E procurou o curso para ajudar a desenvolver o hábito. Achei muito interessante.

— Eu também! E de fato essa participante pareceu se empolgar gradativamente com as leituras ao longo do curso, o que creio que mostra sua efetividade! Mas estamos nos adiantando. Também achei muito valiosa a fala do Aluno H, que fala sobre a obrigatoriedade da leitura e a necessidade de ler livros por si mesmo. É notável que o “ler por prazer” aparenta não conciliar com o currículo do curso de Letras. E é algo tão importante para a formação leitora, como diz Britto (2015, p.137) “Sem direito à escolha e sem interesse pelo que se lhe apresenta o jovem — insistem — não se faz leitor!”. É interessante refletirmos sobre isso, e vamos falar sobre o caráter obrigatório da leitura nas escolas mais adiante.

“O fato é que muito me interessou a formação leitora dos participantes. Estudantes de Letras, pelo que vejo, costumam já ser leitores formados muito antes de chegarem à graduação; esse é inclusive um dos incentivos para a escolha do curso. E com os meus Navegantes, não foi diferente: a maioria tinha um arcabouço vasto de leituras, como foi provado posteriormente em cada discussão teórica. E fiquei extremamente feliz de, já nesse início, saber um pouco sobre quem cada um deles era — e o que os levou até ali”.

“Bem, essa leitura foi nosso último momento do dia. E assim, estourando o limite de tempo, encerrou-se o segundo encontro.”

Figura 21 – Final do II encontro



Fonte: acervo da autora (2024)

3.3. Encontro III: 07/10 - O último apito do trem

— Esse lugar... é como uma realidade alternativa. Um mundo onde o Pará se separou do Brasil e continuou ligado à Coroa portuguesa [...] Aquela porta... era tipo um portal interdimensional?"
(O último apito do trem; Bia Chaves, 2023, p.55)

— Se bem entendi — falou Maria Lúcia — Esse foi o primeiro encontro em que um livro teu foi lido, não foi?

— Foi — concordei — e você pode imaginar meu nervosismo. Mas esse encontro foi um dos mais especiais, de muitas maneiras.

— Conte-nos — pediu Nelly.

— Certo, importante ressaltar que esse encontro começou antes mesmo de começar. Se ficou confuso, permitam-me esclarecer: vários alunos chegaram mais cedo nesse dia, incluindo mesmo alguns que ainda não haviam estado presentes nos dois encontros anteriores. E imaginem só vocês, todos começaram uma conversa, a qual eu (espero que disfarçadamente) fiquei prestando atenção. O tópico principal era o curso de Letras, disciplinas e professores, coisa que acho natural, uma vez que todos os participantes compartilhavam essa vivência. Mas, lá pelas tantas, uma frase me chamou muito a atenção: uma das alunas declarou que o curso de Letras “não a está preparando para ser professora.” Isso me chamou muito a atenção, e me lembrou da discussão de Pena (2005, p.33) sobre o professor-leitor, quando diz parecer contraditório a existência de professores não-leitores em nossa sociedade, que faz uso constante da leitura e da escrita. E isso é pertinente, considerando que estávamos vivenciando um curso de formação, no qual a principal discussão, afinal, era como podemos transformar o hábito de leitura em algo mais exponencial enquanto docentes. Cardoso e Baccon (2014, p.94) apontam que uma das maiores causas da distância entre um texto e um leitor é o ensino básico pouco preparado para a construção do letramento literário da criança e do adolescente. Esse letramento literário, segundo Cosson (2006) é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, ou linguagem literária, e se estamos em falta com essa apropriação, é porque algo está acontecendo durante esse processo de ensino. Então, diante da fala dessa participante, fiquei pensando: será que isso pode ser um reflexo do que vivenciamos na graduação?

— Isso é difícil de afirmar — pontuou Maria Lúcia — Mas decerto contribuir para essa formação de professores e formadores de leitores já é um passo importante para dar uma olhada nessas questões.

— Exato, foi o que pensei, professora! Acho que toda essa discussão daria um trabalho novo à parte, e eu acredito que essa ferramenta seja um recurso valioso ao fomento à

criatividade, e poderia ser uma adição muito interessante à sala de aula... e quem sabe para futuras aplicações deste produto! Mas voltemos à narrativa: depois desse momento de descontração, efetivamente começamos o encontro. Como se tornaria rotina, iniciamos a discussão teórica com o texto que incluí na sala Moodle: “O público jovem e seus gêneros literários prediletos” (Zilbermann, 2017)”. Vocês devem imaginar, escolhi especificamente este em razão do tópico gerar tanta empolgação entre os participantes. E não deu outra: mesmo que, sem muita surpresa, a maioria dos alunos tenha revelado ter lido nada ou pouco do capítulo, todos participaram da discussão quando estimulados. Dessa vez, uma nova temática surgiu desse debate: alguns participantes levantaram a influência das redes sociais sobre as escolhas de leitura dos jovens, a exemplo dos chamados “Booktok”, “Bookstagram” e “Booktwitter”. Como isso não é do tempo de vocês, vou tentar dar uma explicada: ainda na minha adolescência, já se via um ensaio grande de influência das redes sociais nos gostos não somente literários dos jovens, mas também midiáticos em geral, já que, como Zilberman (2017) aponta, as redes supõe um compartilhamento coletivo que multiplica seus usuários, assim possibilitando um passo à frente no percurso da difusão literária (p.91). E esse apontamento da autora já faz quase dez anos, vejam vocês! Hoje, a influência é muito mais forte, especialmente com o surgimento da rede social Tiktok, que possui uma forte corrente de divulgação literária. Valença (2023, p.34) afirma que “as bookredes têm sido fundamentais para impulsionar e promover livros que abordam questões relevantes para a sociedade contemporânea”

— Isso é de fato novo para nós três — Cecília pontuou — Uma vez que sucedeu nosso tempo. É muito bom ter essas informações! Nunca que íamos imaginar uma coisa dessas na nossa época, não, meninas?

— Sem dúvidas — Maria Lúcia — Eu mesma fazia grande parte da minha comunicação no papel (Amador, 2011) jamais que ia me acostumar com essas telas.

— Será que não, professora? Bom, mas foi uma discussão riquíssima. Outra que ainda surgiu foi em relação ao acervo de bibliotecas nas escolas, que por unanimidade foi considerado limitado, tanto em escolas públicas quanto privadas, a partir de experiências dos participantes em suas jornadas tanto como estudantes quanto como professores; e essa experiência não é única. Li certa vez um autor, Souza (2014, p.90) que apontou que a realidade das bibliotecas no Brasil, sobretudo em instituições de ensino público, parece pouco contribuir para o papel a que se propõem, ou seja, o papel de mediação da leitura, e isso casou bastante com tudo o que estava sendo ali dito. Sinceramente, eu poderia ter deixado essa conversa correr por todo o encontro, tão boa que foi. Mas, para cumprir a programação, precisei seguir após cerca de meia hora,

afinal, tive de aprender alguma coisinha com o atraso do encontro anterior. Foi nesse momento que passamos ao segmento da leitura.

“Sendo o livro da vez meu, coube a mim falar um pouco sobre ele aos alunos. Admito, estava bastante nervosa — afinal, eram minhas palavras ali, a serem lidas, analisadas e julgadas. Mas houve um quê de muito emocionante no processo, também.”

— E sobre o que trata teu livro? — indagou Maria Lúcia — Estou decerto curiosa.

— Então, “O último apito do trem”, como não poderia deixar de ser, é uma narrativa voltada ao público jovem, com um pé, naturalmente, na fantasia e na ficção científica (tenho isso em comum com a autora Giu Yukari Murakami). O livro conta a história de Lilás, uma menina comum que ganha o poder incomum de transitar através do tempo e de outras dimensões, com um notável detalhe: todas as dimensões por onde a personagem passa são versões alternativas da cidade de Belém do Pará.”

Figura 22 – O último apito do trem.



Fonte: Editora Urutau (2023).

— Interessante — falou Nelly — Então a escolha se deveu também pelo caráter cultural paraense?

— Isso! E a cena que escolhi para a leitura foi justamente o momento em que Lilás, juntamente ao co-protagonista, Noel, vão parar em uma versão de Belém que jamais se desligou da colonização portuguesa. Esse trecho da narrativa, além de dinâmico e divertido, também

narra um pouco de história de uma maneira um tanto lúdica; por isso, achei proveitoso utilizá-la.

“A dinâmica de leitura foi divertida. Ao início do encontro, cada participante sorteou um papel com um horário diferente — todos os horários precediam a meia-noite: quinze para meia-noite, três para meia-noite, etc., para dar um clima de contagem regressiva. No momento de ler o capítulo, as duas alunas presentes que haviam escolhido o relógio no encontro I deveriam escolher um horário, e a pessoa que detinha o papel com o horário escolhido deveria ler um pedaço do capítulo, e assim sucessivamente.”

— Gostei — sorriu Cecília — E o que os meninos acharam da leitura?

— Ah, para o meu deleite, eles demonstraram gostar bastante! E me fizeram muitas perguntas, e confesso, quase me empolguei e falei demais. Perguntaram muito sobre o processo, e me deixaram muito feliz em dizer que adorariam usar o livro em suas práticas docentes. Uma aluna também chegou a dizer que o uso da ambientação de um Brasil colônia nos tempos atuais lhe chamou muito a atenção, pois esse é um assunto que sempre a interessou muito desde a escola.

— Isso é ótimo — exclamou Maria Lúcia — Pois é possível que outros alunos sintam a mesma coisa a respeito dessa leitura.

— Exato! Foi isso o que também pensei na hora.

— Te parablenizo. Então, e depois?

— Ah, certo. Depois tivemos o momento da dinâmica, e devo dizer, foi a mais divertida até então. Foi proposto aos participantes que imaginassem sua própria versão de uma Belém alternativa, e para isso, os dividi em cinco grupos de três (foi o último encontro com uma adesão tão grande!). Fiz para eles um pequeno material inspiração: com a ajuda de um colega que veio a se tornar o monitor permanente do curso (as monitoras originais precisaram se ausentar por razões pessoais), gerei com Inteligência Artificial diversas imagens de “Beléms” alternativas, e as imprimi para serem observadas pelos alunos. Todos estavam livres para expressar sua criatividade como quisessem: fosse escrevendo, desenhando, ou apenas narrando, e dispus uma boa gama de materiais para serem utilizados.

— Um momentinho — pediu Nelly — Lembre que não acompanhamos as modernidades dos tempos atuais. E estou curiosa sobre essa tal Inteligência Artificial que utilizou.

— Nossa, professora, as IA’s são uma discussão complexa. Muitos docentes se preocupam que elas possam ser empecilhos no meio educacional, dada a quantidade de alunos que utiliza esse recurso para gerar trabalhos sem esforço. Mas eu vejo que, utilizadas de

maneiras estratégicas, as inteligências podem ser, sim, um grande recurso para o professor! Estudos de Chiu (2024, p.4-5) mostram que elas frequentemente auxiliam na performance do aluno, bem como sua motivação e engajamento em sala, além de melhorar as habilidades de solução de problemas, autoaprendizagem e desenvolver a criatividade. E o uso da IA geradora de imagens que selecionei para esse encontro, chamada MidJourney, de fato pareceu comprovar esses aspectos!

— Agora, estou curiosa para saber o que se saiu disso — afirmou Nelly — Que “Beléms” nasceram dessa dinâmica?

— Nossa, tantas, eu nunca imaginei me surpreender com tamanha criatividade!

“A começar pelo grupo I. Este era formado por apenas uma dupla, mas ambos geraram um resultado interessantíssimo. Eles me apresentaram uma Belém segregada, onde os mais abastados viviam em altas edificações, desfrutando de vários privilégios, e as classes baixas eram relegadas ao subterrâneo. Eles escolheram fazer um pequeno esquema escrito de sua cidade, e narrá-la em mais detalhes.”

“Já o grupo II foi, talvez, o mais inesperado para mim: as participantes criaram uma Belém que, após uma inundação, recebeu uma grande quantidade de imigrantes japoneses, população que veio a se tornar predominante, tornando a cidade um grande polo da cultura nipônica, que se misturou a elementos da cultura paraense — e para ilustrar, elas narram um Mercado Ver-O-Peso que vendia produtos japoneses.”

“Por sua vez, o grupo III pensou em uma Belém mais positiva, onde a parte hídrica da cidade foi aproveitada e a crise climática revertida. Curiosamente, o grupo IV teve uma ideia semelhante, utilizando-se de um desenho e uma pequena narrativa, exibindo o que categorizaram como uma Belém “Solarpunk”. Antes que vocês perguntem, após uma breve pesquisa, descobri que o termo é uma ramificação do movimento “punk”, só que, diferente do cyberpunk, que vimos no encontro anterior, possui uma visão bem mais otimista. Nachtigall (2022, p.4) o define da seguinte forma:

Solarpunk é um movimento literário que funde o pensamento utópico da tecnologia com a eco-filosofia da sustentabilidade em busca da liberdade. Utiliza painéis solares, turbinas eólicas, lâmpadas LED e outras tecnologias, dentro de uma estética *Art Nouveau*, para conectar a tecnologia e a natureza com os sonhos da humanidade. Baseia-se na ficção científica e em narrativas históricas sobre como podemos viver com e além das mudanças climáticas (Nachtigall, 2022, p.4).

— Por fim, o grupo V criou algo por que eu estava esperando ansiosamente: uma Belém mais mágica. Desenhando por cima de uma das imagens de I.A., a equipe criou uma cidade

encantada, onde criaturas fantásticas, como fadas, cobras-grandes e botos passeiam entre os humanos.

Figura 23 – Alunos realizando a dinâmica.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

— Que dinâmica mais encantadora! — celebrou Cecília — Penso que seria de interessante aplicação em sala de aula, para estudantes do ensino básico.

— Foi isso que os participantes disseram, Cecília! Só reclamaram um pouco do tempo limitado, mas infelizmente precisei correr um pouquinho de novo, pois eles se empolgaram e ainda faltava o momento de leitura da carta...

— Ah, sim — Maria Lúcia assentiu — Qual era o tema dessa vez?

— Um tema muito crucial, eu diria. Seguindo a mesma linha narrativa da primeira carta, o tema foi “Quem eu sou (ou seria, ou serei) como professor.

— Isso deve ter trazido grandes reflexões — ponderou Nelly.

— Ah, e como! Mais uma vez, precisei conter a emoção em alguns momentos. Me comoveu especialmente dois participantes: um que dedicou sua carta a um professor que o inspirou nos tempos de escola, e uma que disse que gostaria de ser uma professora paciente o suficiente para enfrentar os desafios que viriam em sua vida como docente.

“Mas nada me chamou mais a atenção do que uma carta de uma aluna em particular, que disse que havia desistido de ser professora. Disse que estava insatisfeita com sua profissão e com seu curso, o que me surpreendeu muito, em especial porque, afinal, ela estava ali presente, em um curso de formação de professores!”

— Ah — lamentou Cecília — Isso é triste, e infelizmente, não de todo incomum.

— Na minha percepção, professora, um dos aspectos mais desmotivadores da docência hoje em dia é a imensa pressão somada às rédeas imensas que a estrutura curricular nas escolas

nos amarram. Já em 2000, Aragão (2000, p.83) já dizia que o profissionalismo de um professor hoje em dia já não era o mesmo de antigamente, pois antes os docentes tinham mais autonomia para ensinar como quisessem (p.83), e hoje temos muitas imposições, limitações. Fora isso, precisamos pensar na falta de atrativos da profissão atualmente, que vem se configurando como desgastante e com poucos retornos positivos. Eu pelo menos percebi que essa foi uma queixa recorrente dos participantes que já possuem experiência em sala de aula durante o curso.

— Não sei de fato como anda o currículo do ensino básico de hoje em dia — falou Maria Lúcia — Mas sempre prezei muito pelo amor à profissão. Se algo me tirasse esse gosto, eu provavelmente escreveria uma carta parecida com a dessa participante.

— Eu também, professora, eu também... e claro, sem mais delongas, é hora das senhoras darem uma olhada nas narrativas dos participantes.

3.3.1. Carta nº2: Quem sou eu como professor **Questão de pesquisa: o que me motiva a ser professor**

Cara Bia,

Aluna A: Desde pequena, sempre fui fascinada pela maneira como meus professores ensinavam e a forma como eles tinham cuidado em transmitir aquele conteúdo para que todos compreendessem. O professor tem poder do conhecimento, tem a capacidade de transformar vidas. Esse Fascínio me levou a seguir a carreira de professora, um caminho que me permite não apenas ensinar, mas também aprender constantemente com cada um dos alunos.

Aluna B: Quero ser uma professora que deixe o meu aluno livre para explorar todas as suas capacidades. Não quero podá-los com meus “grandes conhecimentos linguísticos ou literários” ohhh, meu Deus. Não, leitor. Eu quero ajudar a costurar o balão mágico que vai fazê-lo voar. O balão não é meu, é dele. Eu apenas vou dar umas forcinhas aqui e ali usando o que eu aprendi e estou aprendendo. Quero que os meus alunos se tornem gente que pensa, gente que tem coragem de questionar (até mesmo a mim), gente que entende o porquê existem pessoas que falam “brusa” ou “nós foi”. Gente que sabe que não existe

um “Português correto”, mas que sabe se adequar conforme o desafio que estarão enfrentando. Gente que encontra num livro um conforto pra uma angústia ou um sentido novo para seu curso de vida.

Aluna C: Sou a professora que acredita que a educação transforma profundamente a vida daqueles que buscam o conhecimento e também daqueles que não dão ou não sabem de sua importância para sua formação como ser humano e cidadão do mundo.

*Aluna D: Mas queria contar um pouco sobre a minha maior referência nessa profissão. Minha professora de Língua Portuguesa do ensino médio, além de ser uma pessoa incrível, ela era uma profissional muito boa. Não tinha um aluno que não gostasse dela (e se tinha, podem duvidar do caráter deste). Ela nos ensinava com **dinâmicas divertidas e tinha uma didática maravilhosa, e o principal é que ela tinha os métodos dela para nos incentivar a ler, porque ela era apaixonada por livros.** [...] No futuro, eu quero muito ser 1% da profissional que ela é. Quero que a sala de aula em que eu estiver seja um ambiente saudável e, assim com ela, quero incentivar meus alunos a lerem.*

*Aluna F: Oi, meu querido futuro aluno! Eu espero ser uma boa professora que esteja te ensinando bem, compreensiva ao ponto de voltar o assunto para você compreender, te mostrar **Machado de Assis de uma forma que não seja chato**, ainda que você compreenda que vou puxar a sua orelha para não ficar conversando durante as aulas.*

*Aluna G: **A universidade não te prepara nem um pouco para a sala de aula, para aqueles que serão os seus piores e melhores anos. Eu definitivamente adoto a 3ª concepção de linguagem, afinal como ensinar aquele aluno se você não o conhecer?** Eu aprendi a aprender com meus alunos, eu aprendi a ouvi-los, mas principalmente aprendi que é impossível aprender tudo, então cada dia é um dia. **E dia de professora é sempre uma loucura!***

Aluna H: Acho que não posso dizer quem eu sou como professora, afinal, ainda não me considero uma, mas posso dizer que tipo de professora eu quero ser e a minha resposta está exatamente aí: quero ser uma professora igual a maioria dos que passaram na minha vida, quero ser uma professora que faz seus alunos se sentirem motivados a estudar.

*Aluna I: Eu acho que o que mais me agrada nessa **profissão é essa possibilidade de ser uma pessoa que causa um impacto positivo na vida de uma pessoa em formação, seja criança ou adolescente. E é isso que me motiva a seguir essa profissão.***

Aluno J: E, quando penso no professor que quero ser, só lembro de ti. Você é o professor que eu quero ser, X.

*Aluno K: Penso que gostaria de ser o **educador que instrui seus alunos**, não unicamente mas principalmente, por meio do afeto. Essa é uma das formas mais eficazes de ensinar. Sempre ouço histórias de alunos que praticamente tiveram suas vidas mudadas por um professor ou uma professora especial. E o que torna esses educadores especiais é a paixão com que eles transmitem o conhecimento. A paixão que eles tem pelo assunto, pelo ofício e por realizá-lo. A paixão que os faz persistir em uma profissão cheia de agruras. Almejo ser assim, mas não tenho certeza se conseguirei.*

*Aluna L: [...] a realidade não é nem um $\frac{1}{3}$ do que imaginei que seria, apesar que sempre soube que a educação tinha seus problemas... São inúmeras as problemáticas que um professor enfrenta na profissão, seja o ambiente escolar, que beiram a insalubridade, **professores universitários que tem a função de formar outros professores mas nem sequer pisaram em uma sala de aula, além de não entenderem a realidade da educação atualmente e isso acaba impactando de maneira negativa em nossa formação. Sendo bem sincera Kratos, a maioria dos professores universitários(principalmente os professores da minha***

universidade) são presos ao que apreenderam no passado e dificilmente dão importância a assuntos fora de sua(s) bolha(s), contudo, entendo que eles também estão cansados e com princípio de Burnout e infelizmente muitos continuam nessa situação pra pagar os boletos... Diante disso, eu não me vejo mais atuando como professora [...]

Aluna M: A professora que quero me tornar é aquela atenciosa, dedicada, extrovertida e amiga. Para mim ter um relacionamento de amizade com vocês é o principal, pois sei que vocês vão se sentir mais confortável com isso, mas quero que a nossa amizade possa existir respeito e admiração de ambas as partes, quero que vocês se sintam tão a vontade comigo ao ponto de não sentirem vergonha de me procurarem quando estiverem com alguma dúvida sobre algum determinado assunto, como ex – aluna de nível médio, sei o quanto é apavorante está com dificuldade em uma matéria e sentir vergonha de perguntar para o professor por medo. Não quero que vocês tenham vergonha ou medo de mim, apenas quero o respeito e amizade de vocês.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Nossa, mas que contribuições valiosíssimas! — suspirou Maria Lúcia.

— Sim, professora, acredito que esta tenha sido uma das cartas mais importantes. Podemos ver muitas questões das narrativas dos alunos: uma, é impressionante o número de participantes que decidiu seguir a carreira docente graças ao exemplo de um professor da área de Letras presente em seus ensinamentos básicos. Isso mostra o quanto uma boa formação docente é fundamental: se tornando um bom professor, fazendo-se árvore firme sobre as próprias raízes, espalha-se sementes para fazer crescer o pomar. Por outro lado, é claro, temos uma grande romantização da docência, aspecto bastante comum entre estudantes de licenciatura: eu mesma passei por isso, e, se for confessar a vocês, ainda passo de vez em quando!

“O grande consenso da maioria foi também o conceito de educar com afeto. Lembrou-me do que disse Hooks (2017, p.25):

[...] nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (Hooks, 2017, p.25).

“E isso me comoveu demais. Senti que estava diante de excelentes futuros profissionais educadores, e isso acalentou meu coração.”

— Mas ainda há aquela que mencionaste, a que não deseja mais ser professora — apontou Maria Lúcia.

— Sim, professora, é verdade. Infelizmente, os percalços que vem com a profissão, a desvalorização, o desgaste, acabam afastando muitas pessoas que do contrário teriam feito contribuições valiosas para a área.

— Outra coisa me chamou muito a atenção — exclamou Nelly — A aluna que disse que “a universidade não prepara nem um pouco para a sala de aula”.

— Ah! Essa é uma discussão muito importante e também entra mais uma vez na fala da aluna que não quer ser professora, quando diz que os professores da UFPA estão “presos no passado”. Isso confirma o que venho falando desde o início desse nosso café: os moldes tradicionais do curso de Letras da Universidade Federal do Pará têm desagradado aos alunos, e assim torna-se importante pensar na renovação dessa formação docente, quem sabe com uso da criatividade e o desejo de inovação, como pude vivenciar no mestrado! E claro, foi por meio dessa inquietação que o Navegantes Honoratos surgiu.

— Olha que frutos preciosos que estás colhendo — sorriu Maria Lúcia — Na minha época, minha disciplina era uma inovação, uma que não chegou a ser repetida. Mas tu estás trazendo a LIJ novamente para o curso da UFPA, em uma nova forma, e em um novo tempo. E, pelos relatos de teus alunos, essa inovação é preciso.

— Sim... e fiquei feliz em saber que eu estava trilhando os passos na direção certa. Mas isso, professoras, foi só o início. Bem, mas as leituras das cartas não foi o último momento nesse dia. Sendo a autora da vez, tomei a liberdade de sortear alguns exemplares do meu livro; três, para ser mais exata. Preciso afirmar, fiquei extasiada em ver a alegria dos ganhadores, e até secretamente feliz com as reclamações daqueles que não foram contemplados, afinal, isso significou que o livro foi aprovado e era desejado!

“Então apressadamente encerramos, pois mais uma vez ultrapassamos a hora — por quase meia hora dessa vez!, e o prédio precisava ser fechado.”

Figura 24 – Final do Encontro III.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Ora, então ao que tudo indica as coisas estavam indo muito bem! — comentou Maria Lúcia.

— Estavam sim! E devo dar a vocês um *spoiler*: apesar de muito ter continuado bem, já no encontro seguinte já começou a haver alguns tropeços.

— Ih, lá vem história...

3.4. Encontro IV: 17/10: Onde se chora três vezes.

“Em Breves, chora-se três vezes antes de ser gente feita. As ruas, de areia encardida e batida, são as únicas testemunhas da angústia. Em Breves, chora-se três vezes antes do fim da inocência.
(Onde se chora três vezes; Thyago Costa, 2024, p.112)

— O primeiro perrengue a que me refiro foi uma pequena e temporária mudança de data. Comumente, todos os encontros seriam às segundas-feiras, mas, em decorrência do feriado do re-círio no dia 14, esse encontro teve de ocorrer na quinta-feira, dia 17. Isso levou a mais baixa adesão até então, totalizando nove participantes.

— Ora, mais isso é normal — protestou Maria Lúcia — Todo professor precisa lidar com evasão de alunos. Faz parte da nossa vivência.

— Pois, mas a senhora imagina meu desespero; eu, que o tempo todo ficava esperando pelo momento que o povo ia sumir. Mas fiz o possível pra controlar a ansiedade: decidi que mesmo que viesse uma pessoa só, ia trabalhar com essa uma pessoa. Então, peguei esses nove e fui em frente.

“E as coisas começaram a animar ainda na discussão teórica. Isso, porque além de um capítulo mais acadêmico, intitulado “Letras vivas: leitura literária e performance na formação do leitor (Kefalás, 2014) escolhi também um texto literário: o conto “Quando a escola é de vidro”, da autora Ruth Rocha, inserido no livro “Este admirável mundo louco” (2006).

— Ah, adoro a Ruth! — empolgou-se Cecília — Bela escolha!

— Eu adorava esse livro quando criança! E os alunos também adoraram (neste a leitura prévia foi até abundante!). O conto narra uma escola onde todos os alunos jaziam presos em vidros, até a fatídica chegada de um aluno vindo de uma realidade diferente, que se recusava a entrar nos vidros e incentiva os colegas a quebrá-los. E isso desembocou, exatamente como eu esperava e desejava, em uma discussão sobre como podemos usar a leitura literária em sala de aula para ajudar a “quebrar os vidros”.

Aliás nunca ninguém se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E, pra falar a verdade, ninguém cabia direito (Rocha, 2006, s. p.).

— E, para além, houve ainda uma discussão que eu não estava esperando: alguns alunos expressaram inquietações sobre como ser um professor “fora da caixa”; ou seja, como não reproduzir os “vidros” em seus futuros alunos?

— Essa é uma discussão importantíssima — afirmou Maria Lúcia — O que tu pensas disso, Bia?

— Bem, certa vez eu li que “o pensar deve estar entre as primeiras preocupações das práticas educacionais” (Kohan, 2016, p.19) o autor reforça que o pensamento deve ser maior até que o ler e escrever. E creio que concordo, pois para ler, precisamos compreender e pensar criticamente o que estamos lendo, e mais ainda para produzir em cima daquilo que lemos. Anseio muito por uma educação fora dos vidros. Gostaria de exercer minha docência além desses aquários, e creio que é assim que os participantes do curso também se sentiram.

— É uma iniciativa preciosa para todo professor em formação... e estamos constantemente e para sempre em formação, eu acredito — disse Cecília — E o que mais tem a nos contar?

— Bem, então fomos ao segundo momento: nossa leitura. O livro escolhido chamava-se “Onde se chora três vezes”, do autor brevense Thyago Costa. A obra é composta por uma

série de contos ambientados na cidade de Breves, no Marajó, e é permeada por narrativas que passeiam entre o drama, a comédia e a fantasia, com uma escrita rica e repleta de emoção.

Figura 25 – "Onde se chora três vezes".



Fonte: Editora Escambau.

— Vou dizer, me interessei por esse — exclamou Nelly.

— Eu também, especialmente pelo encantamento de se passar num lugar tão belo do nosso Pará — acrescentou Maria Lúcia — Apesar de poder imaginar, quero ouvir de ti: por que escolheste esse?

— Bom, é uma leitura mais densa e mais madura que os anteriores, com certeza. Mas tem ainda uma potencialidade riquíssima de alcançar os jovens: possui uma linguagem complexa e ao mesmo tempo acessível; além de, como a senhora mesma apontou, se passar em um local tão lindo e pouco explorado na literatura. Fora que possui um critério que para mim sela o contrato: um toque de fantasia.

“E como se tornou praxe, quem falou sobre o livro foi o próprio Thyago, através de um vídeo que ele nos gravou, contando um pouco de si, do livro e seu processo de criação. Curiosamente alguns dos participantes já o conheciam, já que ele possui um projeto aplicado no curso de Letras da UFPA, uma oficina de escrita intitulada Mão e Obra. Isso aumentou ainda mais o interesse na obra, que felizmente, já estava alto!”.

Figura 26 – Alunos assistindo o vídeo do autor.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

“Iniciamos então a leitura. Se vocês bem lembram, o objeto correspondente a esse livro era a máscara da tragédia — e já explico o porquê. Para o encontro, além da tragédia, trouxe também a comédia. Quem estava em posse de um dos broches lia parte do encontro selecionado, antes de participar o objeto e o livro para outro colega, e assim por diante. Dessa vez, não houve ‘comandantes’, uma vez que tristemente os que haviam escolhido a máscara no primeiro encontro não estavam presentes.”

— Certo — anuiu Nelly — E qual foi o conto escolhido?

— Foi o conto que inspira o nome do livro, intitulado “A última chuva”. Em Breves há uma lenda que uma pessoa chora três vezes antes de se tornar adulto, e cresce um pouco a cada choro. E é isto que acontece com Acácio, o protagonista do conto, de forma mais literal que metafórica: a cada choro seu, o menino dá uma espichada anormal. Compreendem agora a escolha das máscaras como objetos correspondentes?

“A narrativa densa tanto surpreendeu quanto comoveu os participantes, e alguns já pareciam prontos para ir à livraria adquirir o livro. Mas antes, é claro, eles precisavam fazer a dinâmica que propus!”

“Vale destacar que essa dinâmica não estava prevista no planejamento inicial. Mas, ao observar os participantes, ver como gostavam de criar e imaginar, decidi inventá-la. Acho que

me inspirei no que diz Ades (1994, p.28) quando disse que “a tarefa criativa não pode ter resultados previsíveis e não pode ser programada, como se programa a construção de uma ponte”. Nesse espírito, inventei também um personagem: em uma cartolina, desenhei e pintei um menino que batizei de Zero”.

Figura 27 – Desenho de Zero.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

“Zero nunca tinha chorado, e cabia aos participantes lhe dar seus choros e seus porquês. Para isso, foram formados três trios. Sabe, inicialmente, era para cada trio criar um choro, mas trabalhar com pessoas cria resultados inesperados, e os trios desejaram cada um criar sua própria jornada de vida para o menino.”

— Nossos alunos tendem realmente a nos surpreender sempre — concordou Maria Lúcia — E o que se deu dos choros de Zero?

— Foram os mais variados. Como o personagem foi pintado com a pele negra, um dos choros ocorreu devido a um caso de racismo. Outro choro foi decorrente de um coração partido, desse que espichou a todos nós algum dia. Mas houve até mesmo um choro feliz: em uma das histórias, Zero chorou quando passou no vestibular, e então se tornou adulto.

— Penso que até eu choraria com os choros de Zero — brincou Cecília, me fazendo sorrir.

— Foi uma dinâmica quase que improvisada, mas fiquei extremamente feliz em ver que os participantes gostaram, e isso foi reiterado uns tantos encontros depois, como daqui a pouco irei contar. E após a brincadeira, como sempre, tivemos o nosso momento de leitura das cartinhas.

— Ah, sim! Qual foi o tema dessa vez?

— Considerando a temática da leitura anterior, essa carta se chamava “Quem eu seria em outra dimensão”. E houve um resultado mais surpreendente que o outro. Eu nunca deixei de me maravilhar com a criatividade desses meninos.

— Estou ansiosa pra ler essas cartas, viu — demandou Cecília.

— Não seja por isso, vamos a elas:

3.4.1. Carta nº3: Quem eu seria em outra dimensão

Questão de pesquisa: o fantasioso dos alunos

Cara Bia,

Aluna A: Em outra dimensão, eu sou uma viajante do tempo, explorando os segredos do universo. Me chamo Mari (nome inventado pela aluna), e sou conhecida por minha habilidade de navegar pelas linhas do tempo espalhando iluminação. Minha jornada começou quando descobri um artefato antigo que me permitiu acessar as linhas do tempo. Desde então, eu tenho viajado pelo passado e pelo futuro, enfrentando desafios e aprendendo com as experiências. Passo um tempo lá, passo um tempo por cá e assim eu vou vivendo nessa fantasia de idéias...

Aluna B: Eu acredito que em uma outra dimensão onde eles não tiveram feito essa escolha, acho que eu teria o mesmo destino dos nossos antigos colegas que brincavam de rua com a gente, mas que acabaram se envolvendo com as drogas, a morte, enquanto você seria mais um usuário ou visse vessa.

Aluna C: Não sei ao certo quem eu seria em outra dimensão. Mas pensando bem, eu seria professora de educação física. Era um sonho que eu tinha antes de começar o curso de Letras.

Aluna D: No meu universo paralelo particular, nós estaríamos preocupadas com qual cores iríamos criar a atmosfera da nossa tela de pintura. Nós teríamos um ateliê de arte em alguma parte pacata do Brasil, porque minha realidade paralela precisa se passar aqui nesse país tropical abençoado por Deus. Me tire tudo, menos o meu Brasil de mim, por favor. Nós moraríamos numa casinha com paredes amarelas por fora, de um tamanho bem espaçoso pra caber a família que vamos construir. Lá tem uma mesa grande no quintal, em que eu colocaria bolos, pães e frutas dispostos em vasilhas que combinam com os pratos e canecas de mesa posta. Talvez minha natureza seja familiar, mesmo em um universo paralelo. Nós cortaríamos frutas aos montes todas as tardes para alimentar os Carcarás, Quero-queros e Bem-te-vis que por ali passariam em busca de saciar a fome.

Aluna E: Em um outro universo/dimensão, eu poderia ser uma super-heroína se o mundo estivesse sendo invadido por um alienígena malvado, que nem na Marvel. Mas não sei se eu seria tão altruísta, logo, eu poderia ser uma anti-heroína. Sei que eu não seria vilã, não mais do que na nossa dimensão atual. Eu poderia ser uma cantora, uma atriz ou uma autora de best-sellers, espero que uma das minhas versões seja muito talentosa! Durante nossa passagem por esta dimensão, não vai dar tempo de viver tudo, de conhecer mais pessoas, de seguir várias profissões e de olhar para cada canto do mundo. Nesse sentido, eu queria poder viver todas as possibilidades que existem em cada dimensão, em cada versão minha que existir.

Aluna F: Bom... a cada escolha uma direção, assim, talvez em outra dimensão eu possua uma dessas profissões: estilista, médica veterinária, artista visual, arqueóloga, socióloga e antropóloga, penso nisso baseada nos meus desejos de infância ou em acasos sucessivos

que quase me levaram para esses rumos. Porém, caso essa outra dimensão tivesse mais a ver com uma versão minha vivendo em outra época do passado, a depender de quando, acredito que minhas tendências fariam de mim uma modelista nos anos 20, uma hippie nos anos 70, ou até mesmo uma revolucionária contra a ditadura no Brasil. Pensando bem, essa questão é arbitrária, logo, escolho algo diferente: eu seria uma diretora de cinema.

Aluna G: [...] dadas as circunstâncias de um curso de literatura nada melhor do que contar a história da fase, no auge dos 22 anos, na qual achei que era escritora. É claro que eu vou lhes contar caros amigos essa história, não é longa, pois nunca terminei, mas de fato talvez fosse promissora. Era pandemia, tinha acabado de terminar a faculdade de biblioteconomia, desempregada, presa em casa, com pânico de sair, é claro que eu fui reler Jogos vorazes, na melhor que uma distopia para fugir da realidade. Nessa época eu só estudava francês, aprendia a tocar ukulele e aperfeiçoava minhas técnicas de desenho, no entanto uma vontade repentina de escrever a próxima distopia bombástica veio. É claro que jogos vorazes serviu de base para toda a discussão. Sem mais delongas, a história era a seguinte... Numa Salinópolis pós pandemia onde não haviam encontrado uma cura para o COVID 19, a solução para muitos foi se isolar uns dos outros para sobreviver na esperança de dias melhores. Lia é uma jovem de 23 anos que conhece muito pouco do mundo do antes e vive com sua mãe, seus tios, primos e um avô alcoólatra. Tudo que ela sabe estão nos muitos livros que ela possui e guarda com todo carinho. Ela conhece Clarice por acaso em circunstâncias nada favoráveis, mas surge uma amizade a distância entre elas enquanto tentam sobreviver ao caos que a vinda de um navio com dezenas de pessoas desembarca na cidade [...]

Aluna H: A realidade é que estou presa num mundo em que eu ouvi a sugestão do nosso pai e fui pra Porto Velho fazer faculdade de matemática... que coisa, meu senhor! Imagine a minha tristeza de estar em um local em que meu eu atual não conhece ninguém; deve existir

em algum lugar essa L que já conhece todo mundo daqui, anda pelas ruas com naturalidade, se acostumou com a saudade, vai pra igreja e faz malabarismo com sua identidade... Mas essa não sou eu! Nada daqui é meu, você me entende? Deve entender, só eu poderia me entender.

Aluna I: Preciso ser muito honesta com você e dizer que nesse momento estou encarando uma tela do docs em branco e pensando seriamente em não entregar essa carta. Simplesmente porque não consigo pensar em algo que seja suficiente para o tópico. Primeiro, que eu não costumo consumir fantasia e sci-fi, então nem sei quais são as regras narrativas para imaginar outra dimensão. E segundo, que eu acho que se eu fosse outra pessoa, em outra dimensão, então automaticamente eu não seria eu.

Aluna J: Acho que provavelmente seria melhor em matemática e faria arquitetura. Agora, provavelmente, estaria construindo alguma coisa. E, também, não estaria mais aqui. Estaria em algum lugar bem longe, onde fariam uma outra língua, e que eu não tivesse que pegar ônibus lotados. Todas as minhas viagens seriam sentadas, e não espremidas. Teria uma moto. Pois, sendo menos medrosa, me aventuraria em coisas novas, em coisas várias. Talvez, fosse um pouco mais egoísta. Ou não, fosse completamente altruísta.

Aluno K: Nessa dimensão alternativa sua infância foi memorável. E não tem nada que você tenha esquecido... Ou preferido esquecer, por qualquer motivo que seja (porque você também tem medo de descobrir). Desta forma, acredito que por sua infância ter sido tranquila e memorável, você não tenha crescido tão quebrado. Você não passou a juventude ansioso e com medo de enfrentar certas situações.

Aluno L: Gostaria que esse eu de outra realidade, aprendesse e sentisse mais cedo o significado da palavra acolher. E que não passasse pelas mesmas situações chatas que passo nesta dimensão.

Aluna M: Crio muitas histórias fictícias na minha cabeça, haja vista que elas ajudam a acalmar meus pensamentos. Para ser bem sincera, eu sempre me imagino sendo uma cientista altamente treinada que tem como objetivo explorar diversas galáxias. Imagino também que a qualquer momento os humanos irão trazer um desequilíbrio tão grande para o universo inteiro que será necessário intervir. Nas minhas histórias, a alta cúpula de meu planeta me enviará para a Terra para fazer essa mediação. De modo resumido, eu iria até a ONU e iria propor outro meio de produção que não fosse destrutivo para o universo e a própria Terra, argumentaria que minha raça e nossos aliados poderiam ajudar nessa transição.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Como as senhoras puderam observar, nessa carta eu quis analisar o fantasioso dos alunos, e acima de tudo, verificar se havia alguma influência da literatura fantástica em suas especulações; afinal, esse é um tema que dá muito espaço para a imaginação fluir! E, bem, não me decepcionei.

— Vi que algumas citaram quadrinhos de super-heróis — apontou Cecília — E muitas menções à fantasia e à ficção científica.

— Houve até uma escritora — sorriu Maria Lúcia — E gostei muito da história dela, embora, confesso, não posso nem imaginar o que deve ser ter vivido esse horrível período de pandemia.

— Ah, a senhora nem queira imaginar... mas bem. O fato é que pude atestar que o fantasioso tem, de fato, muito apelo entre esses alunos, o que não é de surpreender, dado suas leituras favoritas da juventude, que relataram ao longo de todo o curso. Claro, alguns dos participantes optaram por se imaginar destinos mais sóbrios, em outras profissões, por exemplo; mas pude ver que a atração pelo fantástico é grande. E o fantástico, como nós já conversamos, é um elemento recorrente e importante na LIJ, e pode ser uma ferramenta de formação do leitor

juvenil, por ser tão atrativo para o público; e mais, o fantástico na literatura paraense tem um potencial imenso, abusando do fantasioso que permeia a cultura amazônica! Admito que me agradou demais esse resultado, uma vez que eu mesma sou uma grande entusiasta da ficção e da fantasia.

— Percebemos, pelo seu livro — brincou Cecília.

— Então, professora! Mas vamos prosseguir. O encontro IV se encerrou assim, mais modesto, com menos gente, mas com muito carinho. E acho bom vocês prepararem um cafezinho a mais, porque ainda tem muita história pra contar...

3.5. Encontro V: 21/10 - Mosqueiro: Lendas e mistérios

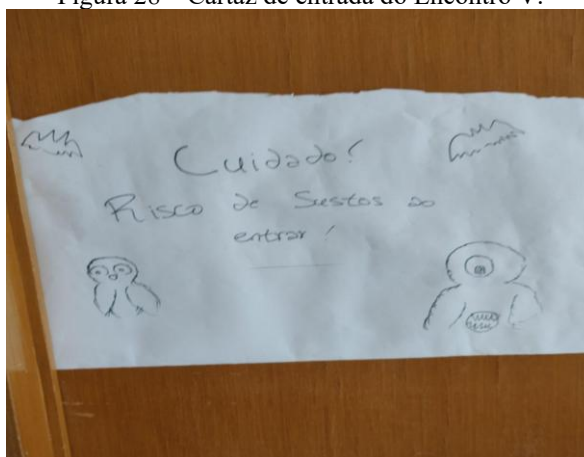
Do ventre materno, em vez da criança tão esperada, saíram duas pequenas cobras.
[...] A mãe, cobrindo o rosto com as mãos, suplicou num desespero incontido:
— Tire-as daqui, pelo amor de Deus! Leve-as para a Ilha e jogue-as ao mar.”
(Mosqueiro: Lendas e mistérios; Claudionor Wanzeler, 2023)

— Qual não foi minha surpresa quando o encontro V se revelou o com menor adesão, vejam vocês, com apenas sete participantes. Tudo bem que os faltantes se justificaram, e entendam, estávamos passando por um período pós-greve, os graduandos tinham tempo limitado e muitos eventos e afazeres acadêmicos para cumprir...

— Ora, mas se justificaram, isso indicava interesse em prosseguir no curso, certo? — considerou Cecília.

— Ah sim, pois é, mas professora ansiosa vocês sabem como é. Mas, como já vinha me acostumando, engoli a ansiedade e tentei fazer do encontro o melhor possível. E não é que deu certo?

Figura 28 – Cartaz de entrada do Encontro V.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

“A leitura acadêmica da vez consistia no texto “As linhas de força da promoção da leitura” (Casmime, 2015). Eu não esperava que a discussão fosse se desdobrar de forma tão interessante, mas os alunos pareceram genuinamente se interessar pelo conteúdo, principalmente no ponto em que se debateu a que o autor aponta como linha sociocultural da leitura (Casmime; 2015, p.32), e nesse momento os participantes compartilharam livros em que sentiram identificação com os personagens, e ressaltaram o quanto, em suas opiniões, isso pode facilitar que um jovem ganhe gosto e interesse pela leitura oferecida.

“Esse debate também enveredou para o conceito de leitura como “experiência”, e como, quando ela nos toca, tem o poder de não somente nos passar pelos olhos, mas nos tocar, mas nos atravessar. Não sei se as senhoras estão familiarizadas com o conceito, professoras, mas sobre ele, Larrosa (2015, p.43) diz:

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. E a existência, como a vida, não pode ser contextualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento (Larrosa, 2015, p.43).

— E Larrosa (2003, p.25-26) já nos dizia que “a literatura ideológica é algo que consideramos como algo que nos forma e constitui, ou coloca em questão aquilo que somos”. e é interessante perceber que os estudantes não conheciam a perspectiva teórica dessa discussão, mas pareciam entendê-la de maneira instintiva, por seus próprios atravessamentos pessoais. Afinal, como foi discutido, algumas histórias conversam conosco, seja através da história, seja dos personagens, já outras não nos tocam tanto. Foi importante vermos como Casmime (2015, p. 20-21) aponta os diversos fatores que configuram o “ser leitor”, o que não depende somente do interesse, do hábito ou mesmo do gosto pela leitura, mas além, para condições tanto objetivas quanto subjetivas, como tempo, recursos materiais, formação e até disposição, e a autora aponta que essas são condições distribuídas desigualmente em nossa sociedade, e o ensino da leitura visa, deve visar, a formação de pessoas por meio da experiência e da vivência com o conhecimento nas diversas formas em que se expressa. Não à toa foi um texto que gerou tanto interesse!

— Ah, esses atravessamentos são essenciais — Maria Lúcia apontou — E creio que essa discussão em si já foi riquíssima, e uma baita, como já diz Larrosa, experiência.

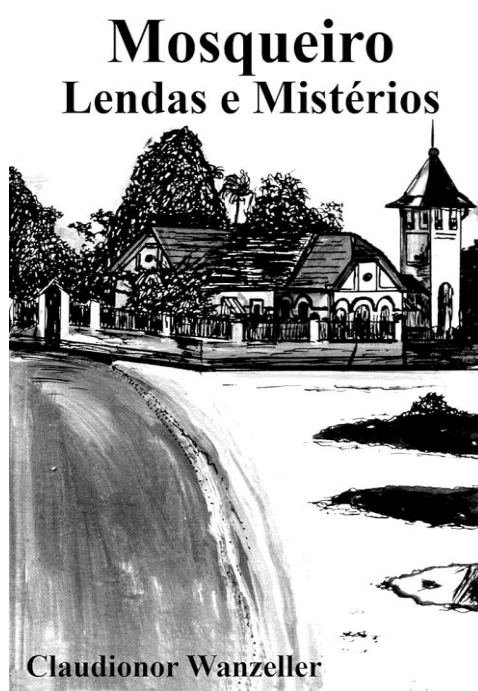
— E como! Pelo menos, pra mim.

“Bem, passada a discussão teórica, nos movemos para a leitura selecionada da vez. “Mosqueiro - Lendas e mistérios”, de Claudionor Wanzeler. Diferentemente dos autores anteriores, Claudionor é um autor idoso difícil de se acessar por qualquer rede social, por isso infelizmente não consegui contatá-lo para que nos gravasse uma apresentação como os outros. Por sorte, havia uma extensa biografia sua na orelha do livro, e descobri junto com os participantes que ele é um grande expoente na veia cultural da cidade de Mosqueiro, informação que chamou atenção geral.”

— E quanto ao livro? — questionou Nelly — Que fala sobre lendas e mistérios, já está bem óbvio, mas por que a escolha?

— Essa escolha foi interessante, porque foi a única previamente testada de forma prática, sabem? O livro, como vocês devem já ter deduzido, é um compilado de contos que narra lendas e “causos” da Ilha de Mosqueiro, misturando fatos históricos e lendas. Pois bem, certa vez, meses antes do nascimento desse curso, eu apresentei o livro para meus alunos do ensino básico na ONG Jardim das Oliveiras. A leitura causou um engajamento que eu certamente não esperava nos adolescentes. Empolgados com as lendas, cada um se animou a contar a própria história de visagem, teve até certos atropelos. Então, como comprovadamente a obra tem influência positiva sobre jovens, mesmo jovens que, como era o caso dos meus alunos, eram periféricos e de pouco hábito de leitura, achei que valia muito à pena trabalhá-lo, e contei inclusive essa história aos participantes.

Figura 29 – Livro “Mosqueiro - Lendas e Mistérios”.



Fonte: Google.

— Realmente, uma ótima pedida — disse Maria Lúcia — E os participantes, que acharam da leitura?

— Bem, a dinâmica da leitura consistiu no seguinte: como acredito que vocês devam lembrar, o objeto escolhido para o livro no primeiro encontro foi uma cobra de miriti que eu não despropositadamente batizei de Norato. Para o encontro V, trouxe Norato, que ficou nas mãos do participante que o escolheu no encontro I, enquanto uma cobrinha de miriti menor (essa chamada Rudá — um nome um pouco mais arbitrário) passava de mão em mão de acordo com quem estava lendo, e o leitor era escolhido pelo detentor de Norato.

“Sendo cada conto curtinho, selecionei cinco para a leitura, cada um lido por um participante, em vez de dividirem-se por parágrafos, como já tinha se tornado comum. Os títulos dos contos escolhidos foram “Raimundo, o boi e a cobra” (p.81); “A misteriosa ponta do amor (p.41)”; “O estranho caso da vela” (p.47); “O navio fantasma (p.31)” e “Uma luz na escuridão” (p.73).

— E por que especificamente essas escolhas? — questionou Cecília.

— Sinceramente, eram meus favoritos pessoais. No entanto, há algumas outras razões. “Raimundo, o boi e a cobra” contém informações históricas muito interessantes sobre a Ilha de Mosqueiro; “O estranho caso da vela” conta uma lenda bastante conhecida e que sempre provoca certo entusiasmo, conhecida como “a procissão das almas”. Os demais foram, também, os favoritos de meus alunos adolescentes. Ah, e não posso esquecer que a “A misteriosa ponta do amor”, curiosamente conta um enredo muito parecido com a lenda da Cobra Norato, embora não tenha o mesmo nome. Inclusive, isso gerou perguntas e uma breve discussão sobre a lenda, a mesma que discutimos ainda pouco durante os preparativos para a jornada.

— E ao fim da leitura, passamos para a dinâmica da vez. Eu quis fazer parecido com o que sucedeu com meus adolescentes, considere que receita aprovada não tem como dar errado: na roda, cada um deveria contar uma lenda urbana ou caso de visagem que já tinha vivido ou ao menos escutado falar. Dei uma incrementada e, para criar um ambiente mais lúdico, apaguei as luzes e baixei um aplicativo de celular que simulava uma vela acesa. Como vocês devem imaginar, aquele que estava com a palavra segurava a “vela” diante do rosto.

Figura 30 – Leitura com a vela.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Agora fiquei curiosa sobre os relatos — comentou Nelly — Esse conceito de “visagem” é muito característico de vocês do Norte, confesso que nunca escutei muita coisa.

— Ah, os relatos foram diversos. Alguns relataram não ter vivido nada em particular, mas contaram lendas que compuseram sua infância, como a conhecida por todos os belenenses Mulher do Táxi (citada por exemplo no conhecido livro “Visagens e assombrações de Belém”, de Walcyr Monteiro, em 1986). Já uma participante contou um “causo” vivido por sua avó com a entidade Matinta-Pereira. Uma terceira participante, ainda, contou que em sua casa há diversos espíritos perambulantes que ainda não fizeram a passagem. Houve até um que nos contou uma narrativa de terror e visagem publicada na rede social Twitter, o que me fez considerar que o assunto é de fato popular entre a juventude.

“A dinâmica, mais uma vez, foi recebida de forma positiva, o que me deixou aliviada, pois era bem menos ‘mão na massa’ que as anteriores, o que me fez temer por monotonia. Mas acho sinceramente que, principalmente aqui no Norte, sentar em uma roda e contar causos de terror e uma atividade que nunca perde a graça.”

— Assino embaixo — celebrou Maria Lúcia.

— E o que veio depois? — Cecília indagou — A leitura das cartas?

— Ah, sim. O tema da carta sugerida no encontro anterior foi delicado. Baseado no livro Onde se chora três vezes, o título da carta nº4 era “os meus choros”, onde os participantes deveriam contar quais choros os fizeram crescer.

— Imagino que muita emoção deva ter saído daí — supôs Nelly.

— Muita. E, pelos trechos que aqui vou compartilhar, vocês já vão poder ter uma boa ideia...

3.5.1. Carta nº 4: Os meus choros

Questão de pesquisa: Vivências dos participantes

Cara Bia,

Aluna A: [...] deixo aqui alguns choros bons! Dessa vez, um choro de felicidade, porque a mulher mais incrível do mundo escolheu andar de mãos dadas comigo pelas estradas da vida enquanto nossas felicidades são vizinhas uma da outra. [...] Eu acho que todos deveriam se molhar nessas águas pelo menos uma vez na vida. Mas não apenas de namoro eu falo, também falo dos amores vindos de amigos! Uma vez já chorei ao perceber que amo tanto meus amigos que eu adoraria ser criança com eles por um dia e convidar todos pra brincar na chuva e roubar acerola dos vizinhos. Já chorei por amar demais a vida mesmo que ela constantemente me bata na cara. Mas você já sentiu que estar vivo, por si só, já é uma grande benção? Essa é outra água que eu desejo que algum dia todos se aventurem em nadar.

Aluna B: Depois que cresci encontrei outras situações que desencadearam mais choros, porém eu aprendi a superar mais rápido o que me causava chorar. Acho que eu até gostava de chorar, dizem que lava a alma. Nós últimos meses não tenho conseguido ter tempo para exercitar o choro, mas sempre há razões para que ele venha. Mas sabe de uma coisa? Eu prefiro sorrir, mesmo que a situação seja controversa.

Aluna C: Choro porque odeio voltar para casa de barco todos os dias. Choro quando não vou bem em uma apresentação de trabalho que eu estudei para caramba. Choro porque quero ser um orgulho para a minha mãe, apesar de ela dizer que sente orgulho de mim várias vezes. Choro porque acho que não vou ser uma boa professora, acho que não tenho vocação para a profissão que eu escolhi com 15 anos, que irônico.

Aluna D: Então, ponho-me a contar três vezes que chorei e nunca esqueci... a primeira é de lágrimas de felicidade de quando eu soube da minha aprovação na UFPA... eu estava lendo um livro, intitulado “A elegância do ouriço”, e eu não fazia idéia que naquele dia sairia o listão, então quando vieram até a minha casa me avisar eu fiquei em choque e confusa pois eu não sabia se de fato era eu que havia passado. Quando eu confirmei que era eu, a única coisa que eu fiz foi chorar muito, de felicidade e de alívio por aquele objetivo alcançado. [...] a última e não menos importante lembrança foi de uma leitura muito triste de um livro que eu li na adolescência. O livro era o “O menino do pijama listrado”, e a narrativa me pegou de maneira tão emocionante que quando eu terminei a obra eu podia dizer que estava em uma profunda melancolia e tristeza, principalmente com o final.

*Aluna E: Saudade do pai que está viajando
Trabalhando em um ambiente degradante
Para que possa te sustentar
Com seu salário sucinto*

Aluna F: Nós que não costumamos entender essas coisas, choramos, sofremos, com uma dor que perdura, assim como o choro do menino que corre enquanto chora.

Aluna G: Sobre o terceiro choro foi mais simples e feliz, foi numa noite sozinha quando percebi que tinha a garota mais linda do mundo ao meu lado e descobri a parte boa de amar alguém.

Aluna H: Gosto de pensar que chorei ao passar na UFPA. Um choro feliz e incrédulo, porque ninguém acreditava que seria possível.

Aluno I: Mas, deixando isso de lado, não posso falar dos meus choros sem falar dos meus risos. Pois eles são muitos e bem mais frequentes do que os meus choros, ainda bem. E, arrisco dizer que são tão frequentes, que chego a rir nos momentos em que deveria chorar. Não sei ao certo porque isso acontece, mas tenho quase certeza que ainda tenho um tanto de assuntos a resolver comigo mesmo.

Aluno J: No começo deste relato, iniciei pontuando que não choro muito. Pessoalmente, acho meio intrigante estar assim. Porque, quando criança me achava meio chorão, mas sempre ouvi que não devia ser desse jeito. Que homem não chora. Que precisava engolir o choro, acho que ouvi e internalizei isso tão bem que até hoje, não mais uma criança, ainda sou assim. Uma represa de mim mesmo. Caramba, a obediência é uma desgraça mesmo [...]

Aluna K: [...] o último choro é com relação o meu ingresso e na faculdade, percebi que apesar desse terceiro choro ser o menos pior ainda sim é ruim, porque apesar das possíveis portas que se abrirá após a conclusão do curso, ainda sim a experiência aqui está sendo péssima, você inclusive teve um pequeno deslumbre na minha carta sobre que tipo de professora eu seria.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Vi aqui que escolheste, através desta carta, analisar as vivências dos alunos — falou Maria Lúcia — E creio que esses pequenos trechinhos já dizem muito.

— Sim, professora. Eu queria entender melhor seus perfis, de onde vinham, o que lhes importava. Aqui nestes trechos, tentei dar prioridade aos choros bons, e observei que uma declaração constante era o choro ao ser aprovado na UFPA. A formação acadêmica é importante para esses alunos, professoras, e por isso acredito que eles vão se formar tão bem enquanto futuros docentes.

— Pelo engajamento que tiveram e que você está nos contando, não tenho dúvidas — afirmou Nelly — Mas fiquei pensando na Aluna C, que disse ter medo de não se tornar uma boa professora...

— Eu tenho algo especial para falar sobre essa aluna mais para frente, professora. Mas é verdade, o medo de não se encontrar na profissão foi manifestado outras vezes ao longo do curso, por ela e por outros. E em alguns casos, como o dela, isso se agravou pelo contexto social...

— Percebi isso. Aliás, esse contexto apareceu diversas vezes ao longo dos trechos dos participantes — pontuou Maria Lúcia — Diferentes modelos familiares, lugares onde vivem... isso tudo nos constrói. Isso tudo influencia nossos “choros” que nos tornam quem efetivamente somos.

— Sim. Admito, professora, que adentrar profundamente nessa carta não é algo fácil para mim, pois os alunos me revelaram fatos muito pessoais; por isso, optei por tentar selecionar o máximo de choros alegres que pude. Mas foi importante demais conhecê-los ainda melhor, e ver o que os construiu como pessoa, como chegaram ali... e, após tudo isso, tenho ainda uma boa notícia, um pequeno *spoiler* (revelação de enredo): ao fim do curso, houve mais alguns choros... esses de emoção e alegria.

Figura 31 – Final do encontro V.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

“Mas antes que eu me emocione antes da hora, vamos prosseguir. Ainda tenho muitos ‘causos’ a contar...”

3.6. Encontro VI: 4/11 – Encontros

Um dia, na pré-escola, escreveu “cinta” em vez de sinta. Hoje, olhando para o erro, percebeu: o sentimento prevalece sobre a gramática.
(Encontros; Bia Chaves, 2020)

— Pelo que eu entendi, esse é mais um encontro lendo um livro teu — Maria Lúcia apontou.

Abri o que esperei ser um sorriso modesto.

— Foi, sim. E, não sei o que acontece, mas os encontros dos meus livros instalaram um carinho especial no meu coração. E juro que não é porque gosto de me exhibir; acho que porque se sucedeu uma empolgação a mais, talvez. Quem é que sabe? Antes que eu comece aqui a me gabar, deixa eu narrar o que aconteceu...

“As leituras da vez foram o capítulo “O livro ilustrado - três estudos de caso” (Coelho, 2017) e o artigo “Professor, não tenho tempo para ler! - a prática docente diante do hábito de não-leitura” (Baade e Silva, 2016). O último chamou particular atenção dos participantes e recebeu muitos elogios, culminando em uma longa e interessantíssima discussão sobre como se pode promover a leitura para alunos do ensino fundamental e médio. Uma participante me intrigou muito ao expressar seu medo em não conseguir realizar esse feito enquanto professora, uma vez que, em sua visão, o caráter ‘obrigatório’ de uma leitura escolar pode desanimar o estudante, mas ao mesmo tempo (e cito palavras dela) deixar a leitura ‘livre demais’ pode produzir o mesmo efeito. Então todos acabamos entrando em debate sobre estratégias de leitura que podem ou não ser eficazes, e para a minha satisfação alguns fizeram relatos de momentos em sua trajetória escolar em que livros didáticos chamaram atenção. Para mim, contei a eles, foi a finada e preciosa coleção Vagalume, e uma versão adaptada de Pollyanna.

— É interessante essa discussão da didatização da leitura — apontou Nelly — Imagino que as coisas sejam diferentes hoje em dia que na minha época.

— Confesso que estou um pouco longe do ensino básico tradicional atualmente, professora, mas sei que na minha época, e na época dos alunos do curso, as coisas estavam longe de ser ideias. Fanny Abramovich (2009, p.140) fala bem sobre isso, e me identifico muito com seus apontamentos. Ela diz, entre outras coisas, sobre o critério reinante da leitura não ser, na maioria dos casos, a qualidade do livro, e sim o da pronta-entrega, e eu concordo! Acho que a curadoria da literatura nem sempre presa por aquilo que vai de fato agregar aos alunos, sabem?

— Ah, eu adoro a Fanny, e de fato — disse Cecília — Se bem me lembro, ela também dizia que a obrigatoriedade do prazo, aquela conversa de o livro precisar ser lido em um determinado período, com data marcada para entrega, para análise, sem considerar a necessidade ou a leitura, o ritmo e o prazer (o que ela chama de “querência”) pode ser prejudicial. (Abramovich; 2009, p.140)

— Isso é uma verdade imensa, professora! A questão da obrigatoriedade surgiu diversas vezes em nossas discussões...

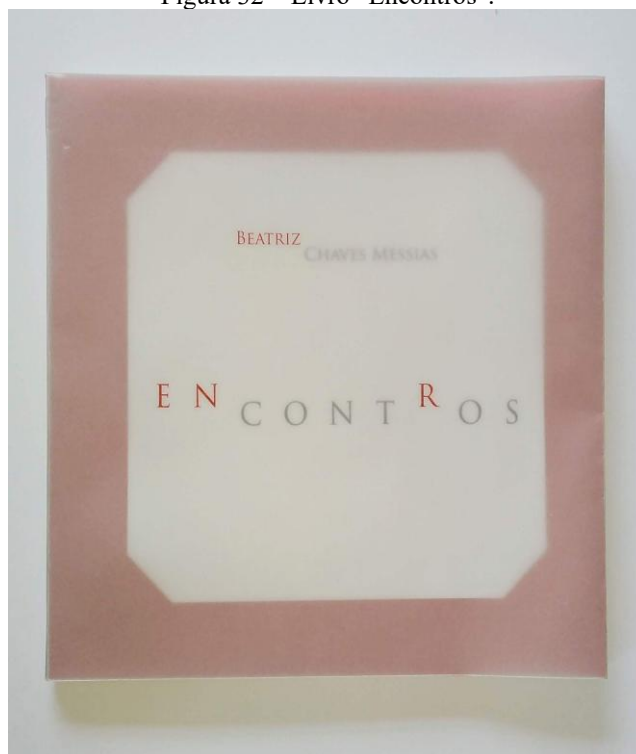
“Bem, já o primeiro texto eu escolhi, como vocês podem ter adivinhado, porque iríamos trabalhar ali com um livro ilustrado. Aproveitei para perguntar se eles achavam que ilustrações ajudavam a tornar um livro atrativo e se sim, o porquê. Coelho (2017, p.91), autora do texto, aponta a importância das ilustrações, e outros elementos não verbais, no fato de que eles “alteram o modo como lemos o texto verbal”. Podemos também afirmar que o ilustrador é também um autor, uma vez que imprime sua própria visão em cima da narrativa. E de fato, professoras, durante a discussão, muitos concordaram que ilustrações auxiliam a fomentar a imaginação acerca de um texto, visualizar melhor cenário e personagens, principalmente para aqueles que possuem mais dificuldade em transfigurar as letras em imagens mentais. Foi divertido ouvi-los compartilhar os livros ilustrados que os marcaram durante a infância e a adolescência, e claro que não faltou a participação do famigerado “Diário de um banana”. Todos concordaram que as ilustrações ajudavam a fomentar a imaginação e complementar a imagem que tinha da ambientação e personagens dos livros. Os participantes também demonstraram gostar bastante do texto, interessados em conhecer os livros nele exemplificados, como o “Onde vivem os monstros” de Maurice Sendak (1963), e “O anjo da guarda do vovô”, de Jutta Bauer (2001).”

— Olha que fazer graduandos gostarem de teoria é um feito e tanto — brincou Maria Lúcia.

— Foi o que me disseram! Às vezes, honestamente, pensei que poderia deixar esses debates rolarem indefinidamente. Mas era chegada a hora da leitura.

“Bem, eu era novamente a autora do texto, então naturalmente coube a mim explicar um pouco do livro e seu processo de escrita. “Encontros” surgiu primeiro em 2017, advindo de um desafio de um grupo de Facebook chamado “Escambanautas” que todos os dias soltava na rede social uma palavra aleatória (“Soldado”, “Valise”, “Mostruário” ...) e cabia aos participantes escreverem um chamado microconto, uma narrativa de até 300 caracteres sobre a dita palavra. Em 2020, os 51 microcontos que produzi nesse desafio se materializaram em um livro, cada texto apresentado por uma ilustração, feitas por quatro jovens artistas paraenses.”

Figura 32 – Livro “Encontros”.



Fonte: Site da Editora Caseira

“Eu disse que o livro “Mosqueiro: Lendas e mistérios” foi o único testado por mim de forma prática, mas acho que com a idade vem o esquecimento, pois Encontros também está nesse rol. Em 2021, fiz como monografia de TCC um clube de leitura intitulado (vejam vocês!) Filhos de Norato, com um grupo de adolescentes de escolas públicas, e Encontros foi um dos livros que li com eles. E foi o livro que mais fez sucesso! Porque sou uma escritora excepcional? Não exatamente, mas sim porque textos curtos e ilustrados, como vim a descobrir, geram muito engajamento e são muito simples de se ler e discutir em sala de aula, de modo que me vi na obrigação de utilizá-lo no curso.”

— Certo, acho que isso já respondi minha pergunta sobre a escolha do livro — zombou Cecília, sorrindo.

— Perdoe a empolgação. Vê o que quero dizer sobre os encontros dos meus livros?

“Então, para a leitura, fiz uma dinâmica simples: cada participante teria de escolher um número (que corresponderia ao número de uma página) e apontar outro colega para ler o microconto na página selecionada. Então, esse participante escolheria o próximo, e assim por diante. No fim, os dez alunos presentes no dia leram um texto cada um, fazendo, como eu já esperava, comentários a cada leitura, normalmente sobre o caráter do microconto — se era engraçado, se era triste, se era sombrio (e percebi que aos 18 anos eu tinha uma tendência para

a escrita melancólica). Inesperadamente, fui estimulada a ler alguns também, e selecionei meus dois favoritos: “Sinta” e “Soldado”.

Figura 33 – Pesquisadora lendo o livro Encontros.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

“Vocês devem imaginar que a dinâmica a seguir foi pelo caminho óbvio. Antes do encontro começar, escrevi diversas palavras (totalmente aleatórias, lhes asseguro) e as recortei, dobrei e depositei em uma latinha. Cada participante sorteou uma, e baseado nela, cada um deveria escrever um microconto — naturalmente, de até 300 caracteres.”

“Vocês não imaginam os resultados que isso gerou. Deem só uma olhadinha nas produções deles”:

Palavra: Silêncio

E havia uma palavrinha que se denominava assim: Silêncio. A arte de calar aquilo que as vezes nem se quer foi dito, expulso de mim por meio da minha voz que de algum modo, ecoa em algum lugar no mundo. A maneira por meio da qual apago aquilo que detesto. O silêncio... ah...é algo me transita diariamente em mim.

Palavra: Força

Queria ter força para esquecer e desistir, mas a única força que prevalece é a do sentimento. Hoje eu disse à E que sinto tudo demais. Um dia terei força para seguir em frente e esquecer, mas esse dia, definitivamente, não é hoje.

Palavra: Transbordante

Eu o vi bem ali com a face rosada chorando a primeira dor da vida: a de respirar. E foi aí que eu descobri o amor transbordante que fez desaguar em mim um amor que ultrapassa o meu próprio. Filho, eu lamento este ser o meu último momento nos seus primeiros momentos de vida.

Palavra: Laço

Chegou embriagada, cantava pedaços de bregas que se uniam em uma única música sem sentido. Após o banho, ele desembarçou seus cachos, com carinho, e os prendeu com a fita azul. Mesmo que fosse um penteado desengonçado, aquela tentativa de laço sintetizava o que eles eram.

Palavra: Vasilha

Põe amor, Põe cor, Põe drama, E põe comédia... E nela ainda cabe... O amor cabe O desejo cabe A alegria cabe A felicidade cabe Todos os ingredientes cabem na vasilha e fazem o prato mais delicioso que é meu amor por você.

Palavra: Cansaço

Passa hidratante, passa protetor, passa base, passa corretivo, só não passa o cansaço de estar vivo.

Palavra: Intenso

Todos diziam que ela era intensa demais. Todos berravam que sua intensidade era um inconveniente. Todos alertavam que ela devia ser mais normal. Todos diziam que ela precisava se achar na vida. Todos

sempre tinham muito a dizer. Mas ela nunca compreendeu eles, era muito acostumada a se guiar pelo coração.

Palavra: Carne

Aquela carne que nutre o corpo é a mesma carne que é açoitada, sangrada e cerceada em espaços de pouquíssimos metros quadrados para satisfazer o ego daqueles que detém o capital.

Palavra: Tremor

Brincando com o mundo que observo, encontro diversão no que me rodeia. Ver a beleza do cotidiano me enche de paixão, humanidade, sinto-me inteiramente de carne e osso com um toque etéreo... até eu encontrar a beleza nos olhos de uma desconhecida. Droga, toda troca de olhares é sempre um abalo sísmico.

— Que interessante — Nelly observou — Eles encontraram sentidos bastante inusitados para cada uma das palavras.

— Foi o que percebi também! E a dinâmica foi muito elogiada; e não é para menos, à época da escrita dos meus microcontos me diverti muito. Para mim, é uma dinâmica interessantíssima a se testar em sala de aula, em diversas faixas etárias.

— Sem dúvida — Cecília assentiu — Gostei especialmente do “Vasilha”. É o tipo de escrito de amor que eu gostaria de ler... e de escrever!

— Tenho certeza que a autora ficaria muito feliz em saber, professora! Mas, bom, foi isso. Depois houve o tradicional momento de leitura da carta nº 5. O tema, baseado em nosso passeio pela Ilha de Mosqueiro, era “como a cidade onde cresci fez quem eu sou”.

— Opa que já estou ansiosa! — declarou Maria Lúcia.

— Pois vamos lá...

3.6.1. Carta nº 5: Como a cidade em que cresci fez quem eu sou

Questão de pesquisa: Formação cultural

Cara Bia,

Aluna A: Eu nasci em Belém, e morei nessa cidade até meus seis anos. Depois mudei-me para Vigia, uma cidade vibrante e cheia de vida. Suas ruas estreitas e históricas, seus igarapés e seu povo acolhedor foram minha escola, meu lar e meu mundo. Lá aprendi a valorizar a simplicidade e a hospitalidade. Eu cresci em uma cidade que me ensinou a ser ousada e exploradora. Suas ruas me levaram a descobrir novos mundos e sonhos. Hoje, sou uma pessoa que não tem medo de arriscar e buscar novos horizontes.

Aluna B: Essa cidade linda me fez ser alguém que sempre está procurando prédios antigos para admirar. Eu sei, é muita arquitetura portuguesa, então quero deixar aqui registrado que havia um povo aqui antes dos branquelos de barco aportarem nas nossas terras. Belém é território de um povo chamado Mairi, a gente das cores vermelhas. Essa cidade me fez então alguém que fareja histórias que querem deixar embaixo do tapete, mas se depender de mim, todo mundo vai saber que a nossa cidade cresceu em cima da violência. No entanto, Belém é linda e carregada de história.

Aluna C: Eu já quis muitas vezes ir embora, porque nada me agrada em uma cidade tão pequena. Muito clichê, né?! Posso ter esperanças demais, mas sinto que, se ainda estou aqui, há um propósito maior e isso me tranquiliza, tanto nos dias bons quanto nos ruins. Continuo afirmando que é um lugar ordinário, mas, como outro clichê também, o nosso lar é onde o coração está e o meu ainda está aqui.

Aluno D: A verdade é que não imagino fazendo outra coisa, senão voltando para casa, depois de uma bela andada pela cidade enquanto escuto som de Reginaldo Rossi, Adilson Ramos ou qualquer outro

brega que todos gostam por aqui. Para mim, esse é o tempero de Belém. Não me vejo em outro lugar. Essa é a minha casa.

Aluna E: Essa minha cidade, considerando a região metropolitana, a Grande Belém, fez de mim uma típica belemense e ananindeuense. Este recorte geográfico me fez, quando criança, sentir medo da Matinta Pereira e da Mulher do Taxi, admito que quando vou ao interior ainda fico cabreira com a Matinta. Se eu não fosse daqui, talvez nem soubesse quem são essas entidades. Ter nascido e sido criada aqui me faz saber que açaí não tem gosto de terra, me faz entender a letra da música quando Djavan canta “Açaí guardiã, zum de besouro, um imã”. Toda a cultura que só os nascidos aqui tem, o sangue ardente que o Sol da linha do Equador não deixa esfriar, nem com a chuva da tarde (que tem sido mais rara, roubada pelo “progresso”).

Aluna F: Depois de explicar o que me deixa feliz e triste em Belém vou para a pergunta, misturando os dois sentimentos me tornei uma mulher forte, esperta, curiosa e sem frescura.

Aluna G: Em resumo, Tomé-Açu me ensinou a levar a sério os estudos e fazer as coisas do jeito certo, mas também me traumatizou e me ensinou que as pessoas podem fazer coisas terríveis. E minha nova cidade, Marituba, me acolheu quando eu mais precisava e me possibilitou ir mais além do que eu poderia imaginar.

Aluna H: Assim começou minha vida, assim em qualquer lugar, e esse lugar qualquer tem nome, e tem carinho. Cândido Mendes. Minhas memórias são mais doces porque estão embebidas das histórias e do modo de vida do meu lugar, quem sou eu sem as aventuras no mato com a vovó, sem as fofocas em frente à loja da Sarah, sem os banhos de água doce e salgada? É simples, menos feliz.

Aluna I: Digo que sou espírita, porém recuso toda e qualquer explicação pautada na influência dos espíritos; quando vou a Missa, a

hóstia gruda no céu da minha boca; e a única coisa que resta da antiga crença do meu pai, é a mania de falar “saravá” quando estou próxima à minha família — e isto é mais culpa do meu tio do que de meu pai. Por muito tempo pensei que fosse ateia, mas acredito em cada caso que me contam — e a Senhora sabe que Belém é um caso — e peço a Deus que sempre ilumine o caminho de minha família. É tudo tão irônico, não é, Mãezinha? Essa grande Belém que é tudo e de todos e ao mesmo tempo de nada e de ninguém. Teria como isso ser mais eu? Não sei, mas eu rio.

Aluno J: [...] também posso mencionar algumas coisas mais simbólicas, experiências que só quem é paraense pode vivenciar e apreciar, como, almoçar no ver o peso, bater perna no comércio até se perder, contemplar o pôr do sol na estação das docas.

Aluna K: [...] , apesar de todas as coisas ruins, a minha cidade me tornou uma entusiasta pela cultura e gastronomia paraense, fez de mim uma apreciadora dos diversos ritmos existentes na região, uma eterna curiosa em entender como que nosso sotaque e dialeto funcionam.

Aluna L: . A periferia me ensinou a ser esperta, mas nunca usar dela para passar por cima dos outros, me fez ter empatia ao ponto de ficar feliz com a felicidades dos meus amigos que enfrentam as mesmas dificuldades diárias que eu enfrento.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Quantos recortes culturais — observou Cecília — Muitos inclusive citam a construção do conhecimento do folclore e das lendas, temática presente no encontro anterior.

— Sim, professora! Essa carta foi uma das mais interessantes. Constatei que muitos vieram do interior, das periferias... esse é um recorte importante. O curso de Letras não é considerado um dos cursos “de elite”, pelo contrário, já ouvi de um professor da graduação que era um curso de quem “não tinha outra opção” (o que, é claro, discordo veemente!). Mas pude

perceber, tanto pela minha vivência como graduanda quanto formadora de graduandos, que boa parte dos estudantes de Letras-Língua Portuguesa vem de contextos sociais diversos, muitas vezes periféricos, quilombolas, entre outros grupos sociais.

— E isso é muito bom — Maria Lúcia afirmou — Deve-se cada vez mais ampliar o acesso ao ensino superior e democratizar a educação. Pelo que soube, Saramago (2013, p.11) uma vez debateu acerca do saber desenvolvido no interior da universidade, e de como ele é capaz de elevar o estágio de desenvolvimento humano. Acredito que nossa ambiência universitária é capaz de transformar profundamente cada um desses jovens.

— Eu concordo muito, professora E além disso, notei mais uma coisa: quase todos afirmaram ter tido muita influência e amar a regionalidade paraense, mesmo a aluna que afirmou um dia ter sido “vira-lata”. E isso só me fez ter mais certeza que a escolha de trabalhar com literatura juvenil paraense foi muito acertada! Acredito que tenha trazido para a perspectiva deles uma noção de identidade, especialmente na nossa cultura tão invisibilizada, e ampliou a bibliodiversidade (Haussauer, 2022) que é tão necessária para os estudiosos da literatura. Creio que, se eles já se interessavam pela nossa cultura antes, saíram do curso com mais arcabouço e conhecimento sobre nossa arte, sobretudo a literária. E isso me fez muito feliz!

— E deve fazer mesmo — Maria Lúcia replicou — Nossa cultura é linda, e quanto mais nossa produção for difundida, mais chegaremos longe, em todos os âmbitos.

— Isso com certeza — disse Cecília — Até eu estou com ganas de ler todos esses livros.

Sorri, com o coração aquecido. Essa foi sem dúvidas uma das minhas cartas favoritas, e seu compartilhamento me alegrou imensamente. Mas era chegada a hora de prosseguir.

Figura 34 – Final do Encontro VI.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Bom, com essa carta, encerrava-se o sexto encontro. Fervam mais cafezinho aí, que a navegação continua...

3.7. Encontro VII: 11/11 - Horizonte Silencioso

Naquelas tardes absurdamente caóticas posso até jurar que era o olho de Deus que acompanhava F durante o percurso que ela fazia de volta para casa.
(Horizonte Silencioso; Maria Lúcia Medeiros, 1990).

— Eu imagino que a professora Maria Lúcia estava ansiosa para a chegada deste encontro...

— Eu não é pra menos... — comentou Cecília.

— E por falar em vaidade... — brincou Nelly, a expressão sapeca.

— Ora, parem de pavulagem, vocês — reclamou Maria Lúcia — pode prosseguir, Bia.

— Tá certo. Vamos por partes: o encontro começou, como sempre, com a discussão acerca da leitura teórica que sugeri no Moodle. Eu escolhi uma de tema um pouco diferente dessa vez: “Os contos de fadas em narrativas contemporâneas - pressuposições sobre o leitor jovem” (Cardoso e Baccon, 2015). As autoras ressaltam no texto o quanto filmes, séries e romances tem acessado jovens com cada vez mais frequência, uma vez que essas mídias espelham seus próprios interesses (Cardoso e Baccon; 2015, p.89) e utilizam o capítulo para verificar como isso se reflete na literatura, especialmente nos contos de fadas. O pressuposto de quais narrativas interessam ao leitor adolescente, já tão discutido por eles e por nós, gerou, mais uma vez (mas não posso negar que adorei cada vez) uma discussão sobre quais tipos de livro atraíram cada participante para a leitura. Alguns poucos começaram por contos de fadas, como no texto; outros citaram livros do gênero distopia, que estavam em alta nos anos 2010, a exemplo das sagas *Divergente* e *Jogos Vorazes*, que creio que faziam sucesso, como aponta Zilberman (2017, p.91) pelo caráter inovador da ascensão de suas personagens femininas como heroínas e protagonistas, o que atraiu muito o público feminino adolescente da época (que mais tarde se tornaram as jovens que eram predominantes no curso, vejam vocês!). Outros participantes citaram as fantasias contemporâneas, e até mesmo *fanfics* e mangás. Sabe, professoras, era muito interessante notar como eles sempre se empolgaram ao falar das suas primeiras leituras, o que me leva a crer que esse é um momento marcante e emocionante na vida de cada leitor... o meu certamente foi!

— Alguma chance de uma de suas primeiras leituras ter sido uma de nós? — gracejou Cecília.

— Confesso que só você, Cecília, eu conheci quando criança. O poema “Isto ou Aquilo” me foi apresentado na minha turma de teatro no alto dos meus nove anos. Já Nelly e Maria Lúcia conheci muito depois, mas nunca é tarde, não é mesmo? O que nos leva à leitura literária do sétimo encontro. Infelizmente, a autora do livro não pôde estar presente, pois só vive aqui, nesse espaço de cafezinho onírico em que nos encontramos. Mas, já que tenho o privilégio de estar na presença dela agora, a senhora quer fazer as honras?

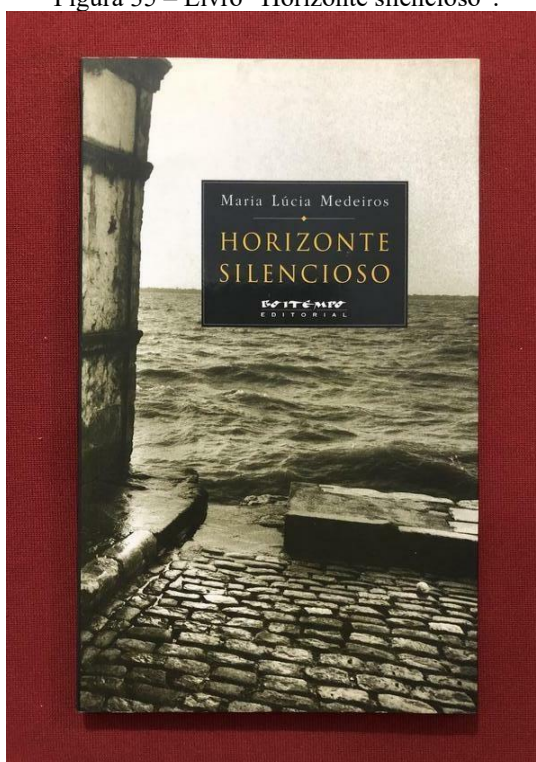
Observei então Maria Lúcia repousar sua xícara de café ao lado do corpo, cruzando as pernas e se inclinando no assento. Não conseguia deixar de pensar no quanto a admirava — em especial seu trabalho não só como escritora, mas como formadora de escritores, em sua época na Casa da Linguagem. Sinceramente, mal podia esperar para ouvir suas palavras.

— Diante desse pedido, é minha honra falar um pouquinho do meu trabalho, de autora para autora. Bem, o que dizer? Horizonte Silencioso foi publicado no ano de 2000 (você, se não me engano, não passava de um bebê, Bia) pela editora Boitempo é um compilado de contos que passeia entre a vida de diversos personagens; desde um homem atormentado a uma criança curiosa. Ah, mas a querida Maria de Fátima Côrrea Amador (2011, p.84), em sua dissertação escrita gentilmente sobre minha trajetória, fez uma belíssima descrição sobre o livro, melhor do que eu poderia fazê-lo (uma vez que creio que escritores muito pouco tem habilidade de sintetizar suas próprias histórias). Ela definiu meu livro, e aqui a cito diretamente, como “uma incursão pelos recantos da memória, com personagens que retomam lembranças antigas, histórias do passado, quadros que estão e não estão ali, à vista, naufrágios que podem ou não ter acontecido, histórias dentro de histórias, e uma avó amada” (Amador; 2011, p.84).

— Que descrição sensível — comentou Cecília — E que belo o nome da obra, “Horizonte Silencioso”. De onde vem?

— Também és escritora, Cecília, então sabes que os nomes de nossas histórias surgem dos lugares mais inusitados, até mesmo conversas banais. Em uma carta que escrevi em 1999, casualmente eu disse “foi assim que entendi como se você achasse ‘silencioso’ demais o meu ‘horizonte’” (Amador, p.114).

Figura 35 – Livro “Horizonte silencioso”.



Fonte: Google.

— Lindo! Muito obrigada pela apresentação, professora. Então devo relatar que dos lindos contos do livro eu selecionei “Ao sol das três da tarde”. Foi um conto que me aconchegou e me remeteu muito à infância (e não à toa o objeto correspondente escolhido foi o travesseirinho, que foi passado de mão em mão pelos leitores), e isso foi importante para a dinâmica que passei a seguir.

— E então? — Maria Lúcia soava serena, mas eu podia notar curiosidade e quase uma certa ansiedade em seu tom de voz. — O que os participantes acharam do conto?

— Como eu, eles gostaram, e eu não tinha a menor dúvida. Um comentário unânime foi a surpresa por o conto realmente parecer ter sido escrito por uma criança, e esse não é um feito simples de ser reproduzido por um autor. Devo também informar, professora, que muitos ficaram tristes pela morte do primo de F ao final.

— Acho que tenho um quê por finais agridoces — brincou Maria Lúcia.

— Percebemos! Ah, uma das participantes chamou atenção para um aspecto interessante do texto: há nele algumas pontuações “incorretas”, e ela indagou se era proposital, para simular uma escrita infantil. Creio que essa só a senhora pode responder.

— Vou te confessar, Bia, que não me sinto no papel de destrinchar cada pequena escolha dos meus textos, pois creio que prefiro que as pessoas, assim como tua participante, encontrem seus próprios detalhes por si mesmos. Ela devia ser uma menina muito observadora.

— E era! Ah, professora, tinha tantas coisas na sua história que nos chamaram a atenção. O conto se passa em uma época em que nenhum de nós viveu, e ainda assim, de algum jeito, conseguimos ver nele um pouco de nossas próprias infâncias. E isso nos leva à dinâmica que seguiu a leitura...

— Ah sim, estou curiosa — exclamou Cecília — Como foi?

— Bem, essa também foi uma dinâmica que surgiu no pulsar do encontro, pois não estava no planejamento inicial. Mas eu também dou aula para crianças, vejam vocês, e uma coisa que percebi com elas é que nada as agrada mais do que colocar a mão na massa. Como estávamos trabalhando a infância, quis que os alunos acessassem um pouquinho suas crianças interiores. Por isso, dispus em uma mesa e ofereci a eles todo o material que pude conseguir: cola, cartolina, canetas hidrográficas, tesouras... até barbantes! Então, apresentei a eles várias imagens, selecionadas na internet por mim e impressas em papel A4. Todas elas representavam algo que, ao meu ver, remetia à infância: tardes na praia, pipas, bicicletas, videogames, celulares antigos, jogos de futebol, amarelinha, entre outras coisas. Então disse a eles que fizessem colagens que melhor representassem seus áureos anos de vida.

Figura 36 – Participantes fazendo a atividade.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Ora, mas isso é bonito — comentou Nelly — Os resultados parecem ter ficado belíssimos.

— Ficaram! Muitos deles fizeram colagens que remeteram à própria família, amigos, e cidade onde cresceram. E interessante ver como todos, mesmo possuindo infâncias diferentes,

compartilhavam aspectos parecidos uns com os outros. Essa foi, afinal, para o mal e para o bem, a nossa geração.

“Mas o que mais me interessou foi a resposta deles à dinâmica. Foi a mais positiva até então. Fiquei os observando enquanto trabalhavam manualmente, e todos não paravam de dizer o quanto a atividade era “relaxante” e o quanto estavam “precisando daquilo”. E sobretudo foi um momento de confraternização: todos, ao redor da mesa, ficaram rindo, conversando e trocando experiências, e para mim não há nada mais “criança” do que isso — a camaradagem que surge da brincadeira. Foi lindo de ver.”

— Ah, devo dizer que eu também adorei demais — declarou Cecília — A infância tem um lugar especial no meu coração. Certo dia eu disse que “tudo é mistério nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar.” (Meireles; 1984, p.30)

— Parece realmente ter sido um belo encontro — afirmou Nelly.

— É claro — retrucou Maria Lúcia — Com um livro maravilhoso desses...

— De fato foi. Tamanha a empolgação, chegamos a passar do horário, situação não rara para nós àquela altura. Mas ainda houve tempo para ler a carta do dia, de tema “Encontros”, batizada em homenagem, claro, ao livro anterior. Essas narrativas tiveram resultados inesperados e muito criativos, pois decidi por deixar o tema bem livre (outro recálculo de rota) uma vez que, dado os resultados das cartas anteriores, tão diversos, quis ver o que os alunos fariam com uma temática tão ampla. E como gostei do resultado!

— Pois então compartilhe! — demandou Maria Lúcia, sem esconder sua curiosidade.

— Pois não, professora!

3.7.1. Carta 6: Encontros

Questão de pesquisa: a criatividade dos alunos

Cara Bia,

Aluna A: Penso sempre no quão lindo é quando dizemos que sempre nos conhecemos, mas Deus nos fez amigas no momento certo. Precisávamos uma da outra, pelo menos, sei que eu precisava de você. Por causa de tudo que passamos nos últimos quase dois anos e porque sua companhia me salvou tantas vezes, eu não conseguiria contar quantas.

Aluna B: E aí, pensando mais um pouco, vi que os passeios algum dia me levaram para os encontros mais fantásticos de minha vida. Não falo apenas de passeios literais, Leitor, que são aqueles que fazemos com as pernas, mas também me refiro aos passeios metafóricos, que parecem além da compreensão quando nos damos conta que algo tão simbólico e bonito nos encontrou.

Aluno C: Acredito que não posso falar nesse tema sem retornar ao passado. Acredito também que, se você estivesse tratando do mesmo assunto, o faria também. Pois quando pensamos em encontros, uma das primeiras coisas que nos vêm a mente é: os encontros que poderíamos ter tido.

Aluna D: Eu tenho que escrever uma carta que fale sobre encontros, e começar esse tema é difícil para mim. Sinto vontade de escrever sobre desencontros. Apesar disso, acho que vou falar de um encontro bastante importante para mim.

Aluna E: Nesse momento estou escrevendo sem saber onde quero chegar, qual encontro eu quero expor com vocês? seria meu encontro com meu amor para toda a vida? Seria um encontro com a minha profissão dos sonhos? Seria aquele primeiro encontro com meus alunos que acompanhei a evolução deles por um semestre inteiro? Pensando bem, nenhum parece tão bom assim... Pois bem... falarei daquele primeiro encontro que me proporcionou abrir os olhos para o mundo, aquele vislumbre que temos sobre nós mesmos e definimos “hummm acho que eu sou esse tipo de pessoa”. Vou falar de quando as coisas fizeram sentido para mim.

Aluno F: Após muita ponderação, muita mesmo, resolvi escrever sobre meu encontro com a literatura. Minha história começa já na infância, aprendi a ler um pouco mais cedo que a maioria e desde então não parei mais. Acho relevante comentar que ter o exemplo da minha mãe foi de suma importância. Cresci vendo ela sempre com algum livro

diferente em mãos, e com certeza isso teve uma forte influência sobre mim. Ela lia seus próprios livros e os que conseguia emprestando com amigos.

Aluna G: O tema desta carta, encontros, é um pouco curioso e até demasiadamente difícil para mim, pois eu sinto que eu perdi tanto ao longo da vida que, francamente, não faço ideia de como me encontrar.

Aluna H: Acho que a vida é assim: uma sequência de encontros que nos levam a seguir um caminho, bom ou ruim, mas um caminho.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Bem, como dito acima, eu quis com essa carta analisar um pouco do poder de criatividade dos alunos. Já dizia Ades (1994, p.28) que “a tarefa criativa não pode ter resultados previsíveis e não pode ser programada, como se programa a construção de uma ponte.” Deixei o tema bem amplo de propósito, pois queria ver o mesmo fenômeno que aconteceu com os microcontos do encontro anterior: ver o que os participantes faziam com uma palavra com tantas possibilidades de significado (nesse caso, Encontros) e recebi as mais diversas histórias: encontros de amor, encontros de amizade... encontros consigo. Atestei o que já estava claro, mas ficou mais claro ainda: alunos de Letras, além de grandes leitores, tendem também a ser grandes escritores. Mesmo aqueles que afirmavam com todas as forças que não escreviam bem, professora, produziam lindas cartas, como as senhoras puderam ver.

— Lindas e muito tocantes — afirmou Cecília — Me interessei também pelo aluno que falou sobre seu encontro com a literatura. Acho que podemos ver, como já discutimos aqui, que a formação leitora construída desde cedo, no seio do lar, faz muita diferença.

— Disso não tenho dúvidas. Esse aluno se mostrou um leitor muito dedicado e interessado ao longo do curso, e sei que essa formação leitora desde a tenra infância teve nisso muita influência. Bom, eu diria que essa carta foi mais uma experimentação da criatividade dos participantes, mas sem dúvidas trouxe dados notáveis. Acho que podemos, então, prosseguir. Sentem, professoras, que ainda vem história...

Figura 37 – Final do encontro VII.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

3.8. Encontro VIII: 18/11 - Crônicas fantásticas de uma família em apuros

Universitário sofre. É prazo de trabalho aqui, acolá, exigência de todos os professores, às vezes como se só uma matéria existisse no curso inteiro...
(Crônicas fantásticas de uma família em apuros; Giu Yukari Murakami, 2024, p.30)

— O oitavo encontro teve um gostinho especial (piadinha que vocês já vão entender) e teve pela primeira vez a participação em carne e osso da autora do livro (à exceção de mim, claro). Mas ainda vamos chegar lá.

“Ainda um pouco no tema ‘conto de fadas’ selecionei para a discussão teórica o texto “Branca de neve e as sete versões: uma manifestação do insólito ficcional” (Debus e Domingues; 2015). O texto discorre sobre um livro interativo onde o clássico é reimaginado, dando à personagem Branca de Neve sete possíveis finais. Como sempre, não foi à toa que eu o escolhi: a temática criativa combinava bem com o livro que estávamos prestes a ler, e além, eu desejava conversar com os participantes sobre como explorar diferentes possibilidades de narrativas, que tem como trunfo a inovação, como potencial para atrair seus leitores — em especial, naturalmente, o público jovem. No texto, as autoras falam desse livro em particular destacando a o atrativo da interatividade do leitor com o texto, ao poder decidir o percurso e mesmo o final da história, fora o fato do livro apresentar uma interessantíssima ruptura com o clássico que referencia (Debus e Domingues; p.62). E eu acho que esse tipo de recurso é extremamente interessante! Obras interativas têm se tornado muito populares nos últimos anos, não só em livros como em várias outras mídias, como o filme *Bandersnatch* (2018) do serviço

de streaming Netflix. Trazer então esse recurso para narrativas juvenis, ao meu ver, é um excelente recurso para atrair o interesse de novos leitores!

“Vocês não vão se surpreender quando eu contar que esse debate levou os alunos a contarem sobre livros com estilos de narrativa inusitada que gostaram. Alguns dos citados foram “Simplesmente acontece”, (Cecília Ahern, 2014), todo escrito em formato de *e-mails*; “Os sete maridos de Evelyn Hugo (Taylor Jenkins Reid, 2017) cuja maior parte se dá em formato de entrevista; e “Daisy Jones and the Six” (Taylor Jenkins Reid, 2019), que também possui formato de entrevista, além de ter adição de tabloides, matérias de revistas e jornais e outros estilos de metalinguagem. É interessante ver como esses diversos tipos de gênero, muitos dos quais surgiram com a cibercultura (Levy, 1999) influenciam a literatura contemporânea, e mais ainda a geração que cresceu e cresce inserida nesse contexto. Foi um consenso geral, então, reiterando o que disseram as pesquisadoras no capítulo, de que livros que ousam em suas narrações e formatos possuem potencial para atrair um bom público”

— Com certeza uma discussão interessante — falou Nelly — Mas como se relaciona com a leitura literária escolhida?

— Então! “Crônicas fantásticas de famílias em apuros” é mais um livro da autora de Aprendiz de Erveira, Giu Yukari Murakami, e esse foi publicado com o auxílio da Lei Paulo Gustavo, no ano de 2024². A obra narra como uma escritora ociosa recebe diversas histórias inusitadas de famílias que passaram por certos “perrengues”, e decide escrevê-las. E há vários diferenciais na narrativa do livro. Em primeiro lugar, a autora/narradora interage com seus leitores, inserindo pequenas notas em meio à história, que contém cada uma ilustrações simulando fotografias, e até receitas de pratos regionais — o que muito teve a ver com a dinâmica apresentada — e, claro, como já é marca da autora, muita fantasia e regionalidade, o que foi um dos principais motivos para sua escolha para o curso, como eu já cheguei a dizer a vocês!

² A Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022) representa o maior investimento direto já realizado no setor cultural do Brasil e destina R\$ 3,862 bilhões para a execução de ações e projetos culturais em todo o território nacional. Se destina a profissionais da cultura, permitindo o acesso a recursos por meio de editais, chamamentos públicos, prêmios, aquisição de bens e serviços ou outras formas de seleção pública simplificada. Fonte: <https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/comunicabr/lista-de-aco-es-e-programas/lei-paulo-gustavo>

Figura 38 – Livro “Crônicas fantásticas de famílias em apuros”.



Fonte: Site profissional da autora.

“E, como mencionei, nesse encontro tivemos o luxo da presença da autora! Giu chegou na metade do encontro, de modo que nossa discussão teórica se estendeu por quase uma hora para esperá-la. Mas, quando chegou, valeu à pena! Pegamos o buquê de flores (objeto correspondente ao livro) e passamos a ler o conto escolhido. Giu, é claro, foi escolhida para ser a primeira leitora!”

— E qual conto escolheu? — Cecília indagou — E por quê?

— O conto escolhido foi o segundo do livro, chamado “Paixão raiz”. O escolhi porque o acho um dos mais divertidos, com grande possibilidade de atrair jovens leitores. E porque gira em torno de um elemento tão belenense: a mangueira! O enredo trata de uma mangueira que se apaixonou por um rapaz e assim invade seu apartamento, quase literalmente o sufocando de tanto amor. Foi um momento de leitura muito divertido, e os aspectos mais comentados foram a linguagem acessível, fluida e repleta de linguagem regional inserida de forma natural, o que é (ou deveria ser) próprio da literatura juvenil. Também chamou a atenção a interatividade da narradora com o leitor, elemento que havíamos discutido amplamente antes da chegada da autora. Essa, aliás, foi bombardeada de perguntas, respondendo-as com muita solicitude e simpatia. Podemos ver, professoras, em todo esse conto, vários pontos que se entrelaçam: características marcantes da LIJ e uma literatura mergulhada na bibliodiversidade, que Hassauer (2022, p. 15) aponto como um segmento editorial que valoriza diversas expressões culturais,

caso muito evidente no livro da Giu, que combina tantos elementos diversos, entre heranças paraenses e japonesas!

“Após toda essa entrevista, emendamos na dinâmica: como disse a vocês, o livro conta com algumas receitas ao fim de alguns dos contos, pois os personagens possuem tradições culinárias advindas de suas respectivas culturas: um dos protagonistas de “Paixão raiz” é um gastrônomo mineiro, e a receita que decora a narrativa é de um bolo de milho. Assim, me inspirei nisso para criar o que veio a seguir: os participantes deveriam se reunir e criar suas próprias receitas, baseadas em tradições familiares e/ou paraenses.”

Figura 39 – Participantes e autora fazendo a atividade.

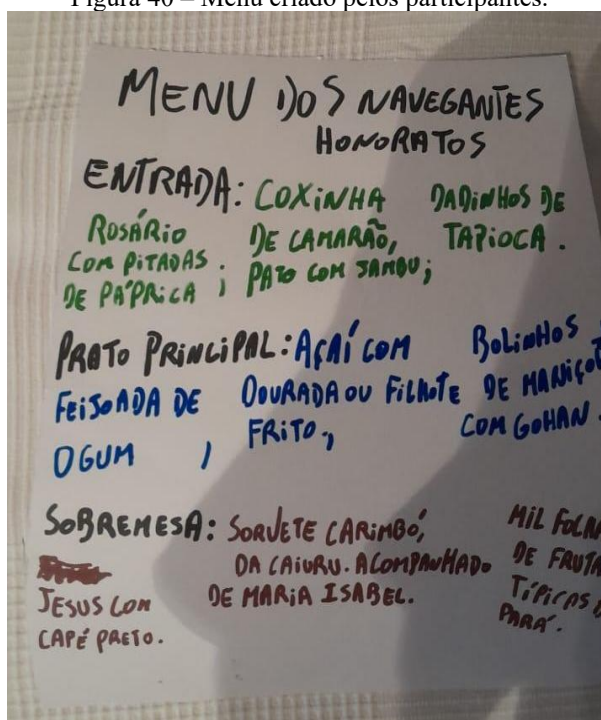


Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Taí que me deu até fome — comentou Maria Lúcia — um bolinho de milho pra acompanhar este café seria uma boa pedida.

— Você não imagina a fome que me deu também! E um detalhe importante: os próprios participantes modificaram, a pedidos, a dinâmica. Em vez de fazer uma só receita, eles solicitaram fazer um menu de restaurante, para que assim pudessem trabalhar todos juntos. E eu, como achei a ideia interessantíssima, acatei a mudança. E o resultado foi o mais fascinante possível:

Figura 40 – Menu criado pelos participantes.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Eita que a fome apertou mesmo — exclamou Nelly — Parece tudo delicioso. E muito criativo.

— Demais! Até a Giu teve um dedinho nesse preparo todo. E foi interessante observar como eles pegaram gosto por trabalhar coletivamente, a ponto de fazerem sugestões de alteração na dinâmica por essa razão. Essa foi, para mim, uma das maiores belezas em aplicar esse curso: ver como ele se transformou e cresceu até além de mim, graças aos alunos. “Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”, diz Freire (2005, p.50) e esse espaço proporcionou a criatividade não só a mim mas como para eles, da maneira como aprendi durante meu mestrado.

— É uma das grandes belezas de educar — concordou Cecília — E o que mais?

— Bem, depois disso tivemos a leitura da carta, cujo tema era “Que livro eu gostaria de ter lindo quando criança” (pegando o gancho da leitura ligada à infância do encontro anterior). Esse tema foi muito importante, professoras! E aqui compartilho com as senhoras o que mais me chamou a atenção:

3.8.1. Carta nº7: Que livro eu gostaria de ter lido quando criança

Questão de pesquisa: formação leitora

Cara Bia,

Aluno A: [...] quando leio o tema e reflito, penso em vários livros. Em sua maioria sagas, sempre fui mais adepto delas. Mas logo entendo que não importa que ou quais livros eu gostaria de ter lido; mas sim que eu gostaria de ter lido mais.

Aluna B: “A parte que falta” seria o livro que eu gostaria de ter lido quando criança. Talvez eu ainda não estivesse pronta para recebê-lo com a profundidade que merece, mas eu ficaria muito feliz de ver as figuras da bolinha com a parte faltante tentando se encaixar nas demais. Certamente, eu acharia engraçado e sem sentido, assim como toda criança costuma fazer. Nós somos assim, não acha, Leitor? Ao sermos crianças, tudo tem graça e nada tem sentido. Apenas somos.

Aluna C: Eu gostaria de ter lido O Pequeno Príncipe, mas eu não tive a oportunidade de ter o livro em mãos. Fui ler adulta, e amei acompanhar a aventura do Pequeno, imagina ler essas aventuras quando criança?

Aluna D: Ao refletir sobre minha infância, percebo que a curiosidade e a imaginação sempre foram meus companheiros inseparáveis, mesmo que diante dessa percepção atual na minha infância eu não houvesse tido contato com diversos livros que pudessem de alguma forma abrir meus pensamentos. Assim, havia um livro, em particular, que eu gostaria de ter conhecido naquela época: “O pequeno príncipe”.

Aluna E: Eu não fui uma criança muito leitora. Os livros que tive contato naquela época eram de temáticas que eu não entendia bem, apesar de que eu me considerava “madura para a minha idade”. Queria ter lido livros destinados para a minha faixa etária. Queria ter

lido todas as 100 edições da primeira série de “Turma da Mônica Jovem”. E acho que a minha eu criança iria se apaixonar por Jogos Vorazes também, demorei muito a conhecer essa obra-prima.

Aluna F: Acho que não existe esse livro que teria me mudado ou que me fez falta na infância, mas acho que poderia ter lido mais, que eu poderia ter mais acesso a esse mundo fantástico de livros.

Aluna G: Ainda não li o livro que eu gostaria de ter lido nesta idade, mas espero encontrá-lo logo. E, para finalizar, talvez “Heróis do Olimpo” tivesse sido uma ótima pedida para esse tempo.

Aluno H: Eu gostaria de ter tido mais contato com a literatura paraense e com livros com personagens não tão heteronormativos. Mesmo que eu goste de pensar que os livros certos me encontraram nos momentos certos, teria sido muito bom ter entrado em contato com autores paraenses ou com livros lgbs.

Aluna I: Porém, matutando e perscrutando no fundo da minha mente, eu gostaria de ter lido na infância 20 Mil Léguas Submarinas de Júlio Verne. É um livro tão maravilhoso, tão instigante e que nos deixa tão imerso que até nos dias atuais ele continua uma boa história de aventura [...]

Aluna J: Eu nunca fui uma criança leitora, comecei a gostar de leitura aos 16 anos, tudo graças a uma colega de escola que era cheia de livros e confiava em mim para emprestar seus livros (ela era muito corajosa, sinto saudades dela, mas, infelizmente, cada pessoa toma seu rumo.), porém se eu pudesse voltar no passado, levarei para a minha eu todos os livros paraenses voltado para o infanto-juvenil, fazendo com que o meu eu desde cedo valorizasse a literatura local.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Como as senhoras podem ver, esse foi um tema estratégico, e com resultados muito pertinentes. Primeiramente, fiquei feliz em ver que muitos declararam desejar ter tido contato com a literatura juvenil mais cedo: mostra que o curso foi bem-sucedido em afirmar a importância do gênero. Claro, outros livros foram citados, até mesmo clássicos como Júlio Verne, e vamos falar sobre a leitura de clássicos logo mais.

— Um dos alunos chegou a falar que gostaria de ter tido mais contato com a literatura paraense, e isso também é ótimo, pois mostra que estás fazendo uma contribuição não só para o gênero juvenil, mais também para a nossa regionalidade — disse Maria Lúcia — Uma vez que a literatura paraense abre espaço para a decolonialidade (Machado e Soares, 2021) e pode ser um combate às práticas do neoconservadorismo, que realiza ataques ao multiculturalismo (Lima e Hypolito, 2019).

— Ele também mencionou livros “heteronormativos”, e creio que não estou tão familiarizada com a palavra — observou Nelly — Podes explicar?

— Claro! A heteronormatividade, segundo Noro, Crespi e Nóbile (2019, p. 2) como o modelo de mundo em que todos são criados para serem heterossexuais e/ou adotem o modelo heterossexual em suas vidas. O participante autor dessa carta levantou frequentemente nos encontros a questão de representatividade de gênero e orientações sexuais na literatura.

— Interessante — comentou Nelly — Parece que os livros contemporâneos vêm trazendo cada vez mais essa discussão, não?

— Sim, professora, e ela é importantíssima, pois se entrelaça com o que há de mais de valioso na LIJ, que já discutimos antes: abordar questões que importam ao público jovem, e sexualidade e gênero é uma delas. Além disso, com essa carta compreendemos, professoras, que mesmo que a maioria dos participantes já tivesse uma formação leitora, houve a falta, para grande parte deles, do contato com a literatura mais acessível e pensada para sua faixa-etária à época. E isso, para os propósitos da nossa pesquisa, é muito importante: atesta que o gênero realmente faz diferença na formação.

“Bem, a leitura das cartas não foi oficialmente o último momento. Depois disso, acreditem ou não, tivemos um lanche de verdade! Além de alguns biscoitos japoneses trazidos pela Giu, tivemos a contribuição do monitor, que levou um verdadeiro banquete, e do bolo de cenoura de uma das participantes. Com o tempo já ultrapassando o limite, comemos nosso lanche de encerramento de encontro.

— Nossa! Fiquei até com inveja — lamentou Nelly.

Figura 41 – Lanche final do encontro VIII



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Eu abri um sorriso sapeca.

— Não falei que esse encontro teve um gostinho especial?

3.9. Encontro IX: 25/11 - Chove nos campos de cachoeira

Uma sensação obscura de que é infeliz, de que nada pode alcançar neste mundo.
Tudo lhe vem ao contrário. Será o seu carocinho que o impede de ir a Belém?
(Chove nos campos de cachoeira; Dalcídio Jurandir; 1941, p.288)

— Aqui eu aviso a vocês que meu tom de voz vai começar a adquirir um toquezinho de melancolia, uma vez que estamos nos aproximando do fim (e, como vocês devem imaginar, essa navegação foi tão gostosa que eu já não queria que acabasse nunca). Afinal, chegamos agora ao penúltimo encontro.

“Esse encontro se diferencia bastante dos outros por um motivo: a leitura literária que utilizaríamos não era, propriamente, do gênero juvenil. Mas ainda vou chegar a essa parte.”

“Começamos com a discussão das leituras acadêmicas, e tenho que dizer, essa foi uma das mais interessantes. Selecionei dois textos: ‘Dinamização e mediação na biblioteca escolar’ (Souza, 2014) e ‘Graças e desgraças na corte do El Rei Tadinho’ (Oliveira, 2003).”

— Se bem estou certa, esses parecem tratar de assuntos que não foram explorados anteriormente — apontou Cecília — Deve ter frutificado discussões interessantes.

— Ah, com toda a certeza! O primeiro texto gerou um compartilhamento de experiências escolares dos alunos, e muitos apontaram que os espaços de bibliotecas em suas escolas eram pouco utilizados ou até inexistentes. Uma das participantes chegou a relatar que

era proibido pegar ou consultar livros no colégio em que estudou. O fato é, professoras, que a leitura nas escolas, pelo que pude perceber, tanto pelos relatos dos alunos em sua época de estudantes quanto enquanto docentes, está sendo negligenciada e pouco articulada com o restante do currículo, esse que que Silva (2002, p.15) define como sendo uma seleção de um universo amplo de conhecimentos e saberes, a partir dos quais serão selecionados as partes que efetivamente formarão o currículo.

A própria autora do texto, Souza (2014, p.91) nos diz:

O fato é que uma ambiência bem planejada e organizada possibilita a articulação de diversas atividades e ações que, em essência, se apresentam como promoção da leitura do livro literário [...] a leitura literária na sala de aula, por vezes descontínua e desarticulada de outras atividades escolares, também pode não representar considerável contribuição para a democratização da leitura (Souza; 2014, p.91).

— O segundo texto gerou trocas ainda mais interessantes. Ele não tinha realmente sido lido previamente pelos participantes, porém gerou muita curiosidade quando lido durante o encontro. Oliveira (2003) fala sobre o contrato da comunicação, que define como os papéis que o “Eu-comunicante” e o “Tu-interpretante” desempenham em cada situação comunicativa (p.38) E, na leitura, isso se dá, principalmente, no contrato entre leitor e narrador, que pode ser aceito ou não. A respeito disso, Oliveira diz (2003, p.118):

O leitor não tem de aceitar o contrato, mas o simples ato de continuar lendo já implica que o aceitou e que, portanto, entrará no clima de “faz de conta” das cenas de ficção, agindo como se acreditasse no conteúdo narrado (Oliveira; 2003, p.118).

— Assim, levantei uma provocação: perguntei a eles quais livros tinham aceitado o “contrato” e quais não.

“As menções foram diversas. Uma das participantes citou a saga Crepúsculo, na qual ela não aceitou o contrato em relação à mitologia apresentada na história — curiosamente, escolheu lê-lo ainda assim. Outra aluna citou não ter aceitado o contrato da série “Jogos Vorazes”, e, em seu caso, não conseguiu prosseguir com a leitura. Outra fala muito fascinante foi a de uma participante que relatou não ter aceitado o contrato de determinado livro quando jovem, mas ao ler de novo, mais velha e com outra maturidade e perspectiva, não só aceitou como se apaixonou pela história. e isso, naturalmente, enveredou para como certos livros nos atravessam (ou não) em diferentes momentos da vida. Foi muito interessante, e me lembrou do que certa vez li de Ítalo Calvino (1993): ele fala que de fato (e isso tem tudo a ver com tudo o que vimos no curso!) as leituras da juventude podem (e aqui eu enfatizo o *podem*) ser pouco

proficuas, isso devido a impaciência, distração ou mesmo a inexperiência; mas, talvez ao mesmo tempo que isso, acabam dando forma às experiências futuras, coisas que vão agregar valor depois, mesmo que pouco lembremos da leitura. Ele arremata (Calvino; 1993, p.10):

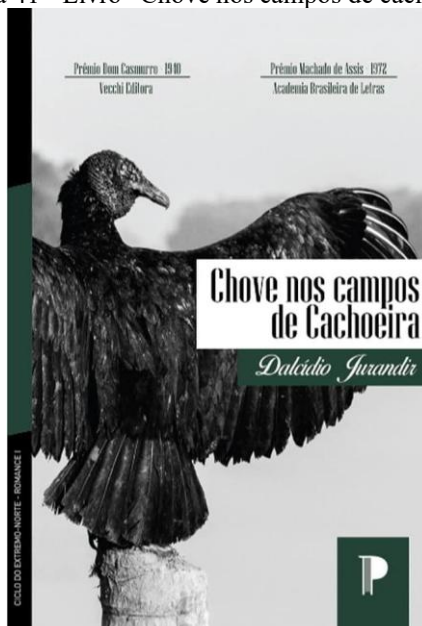
Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. [...] por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo (Calvino; 1993, p.10).

— Concordo e assino embaixo — celebrou Maria Lúcia — Só porque um livro não foi capaz de nos conquistar na juventude, não significa que não tenha chances de nos conquistar no futuro.

— Essa foi justamente uma das lições que aprendi e que o curso me fez refletir, professora. E, ah... vocês não imaginam como as coisas se encaixaram... essa discussão foi muito importante para o que aconteceu a seguir!

“Apresentei a eles o último livro que tínhamos no curso: *Chove nos campos de Cachoeira*. Clássico da literatura paraense, é o primeiro de uma série conhecida como “Extremo-Norte”. Ambientado na pequena cidade de Cachoeira, centra-se principalmente na história de Alfredo e Eutanázio, ambos filhos do Major Alberto, mas com perfis inteiramente diferentes: Alfredo é uma criança que sonha em sair de Cachoeira e estudar em Belém, e Eutanázio é um adulto amargo, adoentado e desafortunado”.

Figura 41 - Livro “Chove nos campos de cachoeira”.



Fonte: Editora Parágrafo.

— Dalcídio é sempre uma pedida maravilhosa — afirmou Maria Lúcia.

— Mas estou intrigada — disse Nelly — Por que decidiste acrescentar um clássico? E como último livro, ainda por cima?

— Bom, existe uma discussão muito acirrada sobre se adolescentes devem ou não ler clássicos na escola, se esses são ou não efetivos para introduzi-los no mundo da leitura. Como estudiosa da literatura juvenil, creio que alguns esperam que eu seja avessa a eles, mas não é esse meu pensamento. Eu confesso que já fui um pouco avessa, sim, à apresentação de clássicos para jovens leitores, mas, após uma longa trajetória de estudos, mudei de ideia. Uma autora que gosto muito, e que inclusive também é professora e escritora de literatura juvenil, chamada Ieda de Oliveira (2011) enfatiza o valor universal dos clássicos, sobre como atravessam gerações e despertam o encantamento e a perplexidade de quem os lê, não importa quantas vezes os leiam e releiam (Oliveira; 2011, p.113) por isso eu considero que, embora a literatura juvenil seja essencial, por seu elo com a formação do leitor, não se pode de maneira alguma descartar a literatura clássica, especialmente quando o leitor já está introduzido e mais maduro no mundo literário. E foi a partir desse pensamento que tentei reproduzir o que eu acho que seria uma trajetória bonita de introdução ao mundo da leitura: livros juvenis a princípio, transitando entre densidade e complexidade, até chegar em um clássico um tanto mais maduro. E, claro, seguindo a proposta dos Navegantes Honoratos, não podia deixar de ser um importantíssimo clássico paraense! Foi uma experimentação... e teve um resultado bastante revelador.

— Despertou minha curiosidade — declarou Cecília — O que sucedeu?

— Foi o único livro que chegou a desagradar os participantes... e desagradou a maioria. As impressões negativas transitaram entre a narrativa ser confusa e difícil entretenimento, e há quem chamasse até de “chata”. Alguns poucos disseram que ainda dariam uma chance a conhecer a história, e considero que, talvez, o fato de ter sido apresentado um texto avulso tenha contribuído para o desinteresse, embora essa hipótese possa ser refutada pelo fato de que isso aconteceu com outros romances anteriores. O importante, no geral, foi que afinal alguns aceitaram o “contrato”, outros não.

— É intrigante — refletiu Maria Lúcia — Como o único livro que não era propriamente literatura juvenil foi o que mais desagradou: ainda mais levando em consideração de que estamos tratando de professores em formação, graduandos do curso de Letras. Creio que isso estende a discussão a respeito do uso dos clássicos.

— E como, professora! Na minha concepção, esse fator que levantamos foi negativo. Considerei também o aspecto da leitura ter sido associada como sendo uma das leituras

obrigatórias das disciplinas de literatura brasileira do curso de Letras (como foi para mim) e em como a “obrigatoriedade” da leitura pode tirar seu prazer. Esse é um fator que todos nós, como professores de Letras, devemos refletir ao passar leituras para nossos alunos. Como driblar a “chatice” da obrigatoriedade? Bem, nesse encontro fiz algumas experimentações nesse sentido:

“Primeiro, para ajudar a engajá-los, dei uma breve contextualização acerca do trecho e da história dos personagens em foco. O trecho em questão narra Alfredo refletindo sobre sua vida e desejo de ir a Belém — trecho escolhido não por acaso; afinal, o início da jornada de Alfredo colidia com o fim de nosso curso.”

“O objeto correspondente ao livro, como vocês talvez se lembrem, era uma cuia, e essa foi tradicionalmente passada de mão em mão pelos leitores. Ao fim desse momento (e dos comentários negativos) foi apresentada a eles a dinâmica, e nesse momento houve uma virada de chave.”

Figura 42 – Leitura do Encontro IX.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— Estou curiosa em saber que dinâmica utilizaste para um livro com recepção tão negativa — disse Maria Lúcia.

— Bem, foi outra dessas dinâmicas que não estavam previstas de início. Mas eu considerei que o livro poderia não ter uma resposta tão empolgada quanto os anteriores, então decidi aplicar algo que, após nove encontros observando o perfil dos participantes, supus que daria certo... e minha suposição foi correta!

“Eu pedi que os alunos continuassem a história de Alfredo, depois de sua ida à Belém. É o que acontece de fato nas continuações do livro, mas, como nenhum dos participantes tinha

acesso a essas, sua imaginação estava totalmente livre para imaginar o que quisesse. E, fato interessante: por unanimidade, mais uma vez, o grupo optou por criar a história em conjunto.”

“Nem sei como contar a narrativa que eles produziram aqui para vocês, porque é inusitada e um tanto perturbadora, apesar de também muito divertida. Em circunstâncias normais, eu a censuraria, mas para vocês me sinto no dever de registrar tudo”:

“No conto, Alfredo teve uma desventura e tanto ao chegar em Belém: chegou à cidade junto com Lucíola, personagem que no livro é uma babá e aspirante a mãe, mas no enredo dos participantes, acabou por abusar do menino. Alfredo assim fugiu e se tornou morador de rua, para logo em seguida entrar na prostituição. Após um tempo, o protagonista chega a se tornar acompanhante de luxo, conquistando o amor de um homem rico que o contrata. Então, em uma reviravolta impressionante, o menino (já não mais menino) dá um golpe em seu amado, fugindo com o dinheiro para a cidade de São Paulo e se tornando (e aqui eu gostaria muito de pedir o perdão da palavra, mas foi a utilizada pelos alunos) “cafetão”. Ao fim da narrativa, nosso herói volta para Belém para reiniciar o ciclo em que se colocou no início”.

— Nossa — Cecília exclamou, a face levemente horrorizada. — Seus participantes possuíam uma tendência para a morbidez, então?

— Sabe, tenho fortes suspeitas que o conteúdo da história foi um pouco inspirado nos livros de Edyr Augusto, autor que os participantes frequentemente citaram e afirmaram gostar durante o curso, uma vez que leram sua obra na graduação. Os livros de Edyr, “Psica” e “Belhell”, tocam em temas bastante delicados que incluem violência e prostituição, também ambientados na cidade de Belém, e claro, não os incluí no curso por motivos óbvios, embora confesso ser também uma fã.

— Imagino — Maria Lúcia assentiu — O conteúdo consumido por um leitor pode também influenciar muito sua produção escrita. Não somente em termos de literatura, inclusive. Uma novela, um filme, a internet, tão popular no seu tempo, e até mesmo contação de histórias populares, tudo o que se consome pode ser de grande influência no que se produz, e constituem até mesmo práticas de letramento literário (Zappone; 2008, p.3).

— Com toda a certeza! Mas o mais interessante, professora, foi o quanto eles gostaram e se divertiram fazer essa dinâmica. Me faz pensar que o ato de idealizar em cima de um enredo já existente (como, aliás, é o que se faz em *fanfics*) pode ser algo muito interessante de trabalhar em sala de aula, e pode inclusive auxiliar a aumentar o interesse por livros que a princípio não despertam tanto o interesse dos alunos! Que tal isso?

— Muito pano pra manga — concordou Nelly — Rende uma nova pesquisa.

— Ah, e com certeza vai render! Mas estamos chegando ao fim do encontro, onde lemos a carta número 8, de tema “como a minha família fez quem eu sou”, que gerou muita emoção...

— E tu só alimentando a expectativa por essas cartas — provocou Maria Lúcia.

— Mas a senhora vai ver que tenho razão em fazê-lo, professora! Veja só:

3.9.1. Carta nº 8: Como minha família fez quem eu sou **Questão de pesquisa: Formação**

Cara Bia,

Aluna A: De mamãe, eu tenho a sensibilidade de chorar fácil com a mesma facilidade de dar risada. Eu e ela somos exímias organizadoras e planejadoras. Nada nos assusta quando sabemos que estamos preparadas pra enfrentar até as maiores instabilidades. Aprendi com ela a andar de ônibus. Vez ou outra saíamos pela cidade e ela me ensinava nomes de ruas, nomes de outros ônibus e me dizia o que fazer caso eu me perdesse. Sem pânico, apenas procure um final de linha. Com ela, aprendi a ser presente, mesmo que isso tenha significados diferentes para nós duas. Aprendi a brincar de “cama de gato”, aprendi a desenhar uma flor. Com ela, aprendi a me esforçar. Lembro das noites que ela ficava estudando pra concurso público. 48 das 50 questões ela acertou. Minha mãe é incrível.

Aluna B: Foi na minha família que aprendi a importância de nunca desistir, mesmo diante dos desafios mais difíceis. Além disso, minha família sempre incentivou a busca pelo conhecimento e pelo desenvolvimento pessoal. Cada livro que li, cada atividade extracurricular que participei, teve o apoio e o incentivo daqueles que mais amo.

Aluna C: Vocês sempre incentivaram a nossa educação. Tão sábios! Mesmo que esse direito tenha sido negado a vocês, que tiveram a infância e a adolescência tão duras. Ainda assim vocês permitiram que J e eu estudássemos. J agora é professora, e eu estou começando a

trilhar esse caminho, cheia de esperança nas próximas gerações e no futuro. Aprendi a sonhar. E quanto aos meus objetivos? São sempre pensados na gente como um todo, afinal, eu sou porque nós somos!

Aluna D: Com minha avó C, mãe da minha mãe, tive uma cultura do interior muito grande porque sua profissão era agricultora e ela tem plantação de milho e mandioca e perdi as contas de quantas vezes a vi fazendo farinha do tipiti e tirando o tucupi.

Aluna E: Mas então o que eu poderia falar da minha mãe? Da minha avó? O caráter delas me moldaram, [...] Essas coisas acontecem sem perceber, quando dá por si está lá, com uma raiz tão profunda no seu ser que é impossível saber de onde vem cada coisa e, no final, tudo se torna um eu colorido e cheio de facetas (até porque seria chato se fosse algo preto e branco).

Aluno F: Minha família tem uma parcela de culpa em basicamente tudo o que eu fiz. Boa ou ruim. Eles me criaram, eles me fizeram ser quem sou hoje. Talvez eu tenha influência de uma ou outra pessoa que passou na minha vida, mas basicamente, sou um produto deles.

Aluno G: [...] acho forte falar que algo ou alguém me fez, ou fez quem eu sou. Penso que estamos sempre em formação, não considero que já tenho uma completude imutável. Desse modo, não tenho como afirmar que algo, ou alguém, fez quem eu sou.

Aluna H: Este tema é bastante complicado, pois não tenho uma boa relação com minha família, cresci num lar extremamente conturbado e desunido, o que faz com que eu tenha uma certa desconexão com este núcleo [...]

Aluna I: Se hoje eu sou uma pessoa sonhadora, foi que eu aprendi com eles como sonhar, a correr atrás dos meus objetivos. Mesmo em meio as dificuldades, eles sempre me mostraram o caminho certo, me

mostraram a saber vê as coisas, tratar as pessoas com respeito, independentemente, da idade, sexo ou gênero.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos

— Essa carta com certeza moveu sentimentos fortes — comentou Cecília.

— Verdade, professora, e assim como da dos choros, é uma que não desejo entrar tão a fundo, pois trata-se muito das vivências pessoais dos participantes. Mas acho que uma coisa podemos comentar: vários comentaram que a família esteve por trás de sua trajetória como profissional, como leitor. Isso, além de ter me deixado muito feliz, mostra o quanto é importante esse formação familiar. Não somente a escola tem um papel fundamental na formação literária e profissional. Não é impossível ir longe sem o apoio da família, mas ele certamente faz toda a diferença. Sei que pra mim fez...

— Ih, já está se emocionando... — Nelly brincou, mas havia gentileza em sua voz.

Figura 43 – final do Encontro IX



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— E como estou! Ainda mais que a navegação já foi longe, e estamos nos aproximando do porto. Estamos chegando (infelizmente) ao final...

3.10. Encontro X: 02/12 - Despedida dos Navegantes Honoratos

— Há tanta coisa que a gente não entende, compadre
 — O que é que haverá lá atrás das estrelas?
 (Cobra Norato; Raul Bopp; 2016, p.429)

— Despedidas são sempre agrídoces, não é? E essa mistura doce-amarga para mim já começou desde a preparação para o encontro, a cada objeto que coloquei a postos na mesa: os objetos do primeiro encontro, dessa vez acompanhados de seus respectivos livros. E uma novidade: um barquinho de miriti, representando a nossa navegação.

— Eu já estaria com dificuldades de segurar a emoção bem aí — afirmou Maria Lúcia — Imagina quando os participantes fossem chegando.

— E foram. Doze participantes, todos aqueles que permaneceram firmes e fortes durante o curso. Foi-se formando a roda, mais estreitinha e aconchegante que o habitual. Todos nós sabendo que o adeus estava se achegando.

“Bom, mas mesmo com esse clima todo de fim de jornada, não faltou a discussão teórica de início, claro! Os textos da vez foram “Signos e suportes contemporâneos: notas sobre a literatura infantil e juvenil” (Cunha, 2017); Gêneros literários na escola: do significado ao sentido, da escassez à abundância, da essencialização à diversidade” (Beltrão, 2014) e um bônus carinhoso de “Ideias para adiar o fim do mundo” (Krenak, 2020).”

“E já nesse primeiro instante eu já pude ter um tiquinho das impressões dos alunos sobre o curso: que dinâmicas mais os marcaram, que livros e que momentos os fizeram refletir sobre educação, literatura e juventude, e tudo o mais que seus corações quisessem dizer. E qual não foi minha felicidade com as respostas! Muitos enfatizaram o quanto gostariam de ter tido contato com os livros que estudamos na juventude. Vários ressaltaram que desejavam aplicar as dinâmicas praticadas com seus futuros alunos, com destaque para a feita no encontro anterior, de continuar uma história com a própria imaginação.”

“Antes que eu começasse a me emocionar antes da hora, encerrei a discussão com um trecho de Krenak:

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho (Krenak; 2020, p.65).

— E então demos início a nossa última dinâmica.

“Foi um espelho do que fizemos no primeiro encontro. Cada aluno deveria escolher um objeto, mas, dessa vez, sabendo sua correspondência a cada livro. Essa escolha deveria ser

embasada no livro que mais marcou o participante durante o curso, seja por seu conteúdo, seja pelo momento do encontro em si, da dinâmica apresentada em cima da leitura; enfim, critérios de livre escolha, e após isso, ler um trecho do livro escolhido.”

Figura 44 – Objetos do encontro X



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— E deixa eu adivinhar — disse Cecília — eles te surpreenderam.

— Naturalmente. A começar quando começaram a pedir para escolher mais de um livro, voltando cheios de objetos nas mãos. Para não me alongar até o infinito nos detalhes, irei narrar os eventos com os olhos do coração:

“Acho que os livros que mais se repetiram foram *Aprendiz de Erveira*, *O último apito do trem*, *Encontros e Mosqueiro: Lendas e mistérios*. A justificativa dessas escolhas, vou tentar narrar uma por uma”:

“*Aprendiz de Erveira* teve como consenso o apreço por seu conteúdo: o mundo cyberpunk ambientado em Belém do Pará conquistou a muitos, assim como a linguagem e estilo de escrita de Gyu Yukari Murakami. Uma participante ressaltou, mais uma vez, o quanto gostaria de ter lido o livro quando adolescente.”

“Quanto a ‘*O Último apito do trem*’ (aqui estou tentando esconder o orgulho na voz) houve uma gama de comentários: houve quem citasse que o tema, centrado no conceito de “multiverso” (extremamente difundido na cultura *pop* atual) era muito interessante; um segundo participante elogiou a representatividade LGBTQUIA+ * no livro, e o quanto considerava isso importante para fazer adolescentes se sentirem vistos na leitura, aspecto que tanto discutimos durante o curso. Houve, ainda, quem tenha gostado do estilo da escrita.”

“Já a escolha frequente do livro *Encontros* (vou dizer, preciso controlar pra não desenvolver a vaidade) se justificou na maioria das vezes devido ao gosto pela dinâmica realizada no dia (a escrita dos microcontos, se vocês lembram bem), e, além, da preferência pela leitura de textos curtos, dado que considerei muito interessante!”

“Por sua vez, o livro *“Mosqueiro: Lendas e Mistérios”* se repetiu por duas razões: uma, porque a dinâmica de contação de lendas foi considerada muito divertida, e a outra, dada por dois participantes, foi que o livro os lembrou de suas próprias cidades onde foram criados na infância, essas também permeadas por lendas, mistérios, visagens e assombrações. Interessante também foi para mim ver que o participante que havia escolhido de forma inconsciente a cobra de miriti no primeiro encontro, a escolheu de novo, dessa vez de forma consciente”.

“Houve menos escolhas dos livros *Crônicas fantásticas de famílias em apuros*, *Crônicas paraenses* e *Onde se chora três vezes*. O primeiro destacou-se pelo ponto positivo de ter a presença da autora no encontro, bem como a linguagem leve e divertida (parece fazer toda a diferença!); a participante que escolheu o segundo, por sua vez, disse ter gostado da dinâmica do livro (que foi, na verdade, a dinâmica de abertura); e o terceiro, por fim, foi escolhido pela participante por sua linguagem poética e profunda.”

“Lamento em dizer, professora Maria Lúcia, que seu livro só foi escolhido uma vez”.

— Ora, bem — Maria Lúcia deu risada — Não se pode vencer todas.

— Mas o participante que o escolheu destacou que sentia muita admiração pela senhora, e que ficou muito feliz em lê-la no curso.

— Menino esperto, esse. Gostaria de conhecê-lo.

— Chove nos campos de cachoeira também foi escolhido apenas uma vez, e mais pela dinâmica que o precedeu do que por sua história. Eu realmente estou interessada em testar mais clássicos no futuro e ver as reações que despertam...

“Mas o que importa é que a dinâmica também trouxe consigo muitas trocas entre os participantes sobre o curso. Um dos alunos chegou a dizer que gostou, em suas palavras, “até da teoria”, acreditam?”

“E mais: fui também quase intimada a escolher um livro eu mesma. Optei pelo *Crônicas paraenses*, mais pelo seu simbolismo: foi o livro que abriu o curso — foi quando os conheci”.

Figura 45 – Leitura no Encontro X.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

“O encontro foi cheio de detalhezinhos especiais, na verdade. Vocês sabem que teve até brinde?”

Figura 46 – Brinde dos Navegantes Honoratos.



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— E a leitura das cartas? — questionou Cecília — Vi que o tema do último encontro era particularmente especial.

— Sim. Acho que eu mesma não posso expressar palavras sobre as cartas “Quem eu sou depois do curso Navegantes Honoratos”. Vou deixar que falem por elas mesmas... e acho que é suficiente dizer que não pude segurar as lágrimas.

3.10.1. Carta nº9: Quem eu sou depois do curso Navegantes Honoratos

Questão de pesquisa: feedback do curso

Cara Bia,

Aluno A: [...] o tema dessa carta é quem sou depois do curso. Bem, não posso afirmar que mudei muito, mas sim que aprendi bastante ao longo desses encontros. Aprendi com as cartas que talvez devesse ser mais aberto as coisas que anteriormente não gostava e aprendi com as obras que o nosso estado é mais rico em literatura do que de fato imaginamos.

Aluna B: O curso Navegantes colocou nossos olhares voltados para esse grupo de pessoas que um dia vão ter voz mais ativa. Se nos cabe alguma missão no mundo, algo que nós teremos de “propósito” a ser atingido, esperamos tocar o coração dos jovens por meio da educação. Não almejo ser uma professora revolucionária, mas uma que seja boa o suficiente apenas para enxergá-los como pessoas que precisam de atenção para com o seu desenvolvimento enquanto aprendentes. [...] Lembro de um episódio de Naruto, em que o sensei Asuma Sarutobi provoca o Shikamaru perguntando a ele quem seria o Rei. O Rei, no Xadrez, é a peça que devemos proteger. A batalha se desenvolve unicamente com o fim de não deixar meu Rei cair para as peças opostas. Então... quem seria o Rei? A resposta é: são as crianças, são os jovens. O Navegantes mudou em mim uma coisa que eu ainda demorei pra perceber. Eu finalmente pude me sentir responsável pelo Rei. Espero conseguir fazer um bom trabalho daqui em diante.

Aluna C: O curso despertou em mim um desejo insaciável de continuar aprendendo e me aprimorando. O curso "Navegantes Honoratos" me ensinou a importância de que a literatura juvenil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos jovens leitores e que é através das páginas dos livros que eles podem embarcar em aventuras incríveis,

descobrir novas culturas e entender diferentes perspectivas sobre o mundo.

Aluna D: Quando eu lia os textos teóricos, ficava pensando que tipo de professora eu queria ser no futuro. Essa parte, durante essas semanas, me fez refletir muitas coisas. E eu não poderia estar mais alegre em ter entrado em contato com as obras literárias paraenses, penso em como usarei elas nas minhas futuras aulas. Mesmo sendo quase engolida pelas minhas inseguranças, acho que ainda quero ser professora. Me apaixonei de novo pelas palavras e quero ser alguém que consegue transmitir isso para outras pessoas, seja para os jovens leitores ou para os que já são mais velhos, mas que por algum motivo não tiveram esse incentivo e acesso quando novos.

Aluna E: Após o curso Navegantes Honoratos percebo uma J mais sensível, mais instigada, mais enamorada pela leitura. Agora, Bia, tenho algumas ferramentas para me aventurar nessa jornada que é a leitura como fruição e por consequência, me aventurar na sala de aula, ou em espaços menos formais, para levar a literatura.

Aluna F: Nos encontros eu gostei de descobrir livros juvenis paraenses, atores, e ainda ouvir sobre como encantar os jovens com essa literatura. Ainda me expressei através das cartas ou como aconteceu um dia, em colagens. Agora eu sou uma pessoa que entende um pouco mais sobre literatura juvenil, e como posso expor para os meus futuros alunos.

Aluna G: Hoje eu tenho mais embasamento teórico, tenho um curso que não só me apresentou de uma forma diferente um tema que eu já amava, como me fez resgatar aquela aquela vontade de escrever mais vezes. Este curso veio numa época onde fazer letras estava sendo mais um peso do que um prazer pelas belas letras. Eu sou uma pessoa mais feliz e realizada por ter encarado fazer mais uma coisa que acabou sendo a melhor parte do meu semestre.

Aluna H: Acredito ter aprendido muito neste curso, Norato. Aprendi mais sobre o aluno leitor e o não leitor, a escola que se propõe a fazer algo diferente junto ao professor (falo junto, pois acredito que um depende do outro para fazer um bom trabalho) e, acima de tudo, sobre o dever do professor com seus alunos. Transformar um aluno não leitor em leitor pode parecer uma tarefa impossível, mas não é. Talvez com os livros certos, se torne mais fácil. Aprendi — ou, melhor, fui usada de cobaia — técnicas para fazer os alunos se sentirem mais conectados com os livros e acho que isso se liga diretamente ao contrato que fazemos ao aceitar ou não determinado enredo. Alunos que se sentem incluídos em uma história vão se conectar melhor com as aulas e interagir mais. Acho que saio daqui com uma nova imagem do que quero ser como professora: aquela que forma leitores (ou ao menos tenta).

Aluna I: O que aprendemos? Qual a melhor maneira de levar a literatura em pensando em crianças e jovens? Será com livros ilustrados, será com personagens que dialoguem com as histórias deles, suas vidas, sua cidade. A única máxima que compreendi é que levar os livros seja obras novas, sejam clássicos em outros formatos como quadrinhos, o importante no final é incentivar o gosto e o hábito pela leitura, porque esse é o papel mais importante do professor, ler abre portas, quebra barreiras e constrói opiniões.

Aluno J: Esse foi um curso que modificou meus entendimentos em vários aspectos. Ingressei aqui tendo algumas dúvidas a respeito da literatura juvenil, apesar de me considerar um entusiasta, não tinha muita convicção se no hoje ela ainda poderia ser bem abordada ou se verdadeiramente valia a pena abordar ela. Ou se há realmente uma variedade minimamente interesse para o seu público alvo, e meus futuros possíveis alunos. Bom, é com um grande prazer que informo que sim, ainda vale a pena tratar da literatura juvenil e sim, é totalmente possível fazer isso de modo proveitoso. Também é fato que

há uma boa variedade de títulos que podem ser abordados com os educandos de forma profícua. Por causa disso e de outras coisas, sinto que não saio do curso da mesma maneira que entrei, concluo esse capítulo da minha trajetória acadêmica da melhor maneira possível.

Aluna K: ” Só posso dizer que este curso foi uma daquelas raras e boas fagulhas que Letras trouxe no meu cotidiano acadêmico haja vista que não é surpresa alguma que a rotina e a própria graduação vez em quando me causam sobrecarga e frustração. Os Navegantes Honoratos resgatou em mim aquele apreço pela literatura ao qual estava perdido no mar de livros academicistas com toda aquela linguagem técnica que pouco ou nada conversam com os graduandos e me fez lembrar do principal motivo de eu escolher cursar Letras, a paixão pela literatura, pelos livros e principalmente por aqueles gêneros literários aos quais alguns ditos “cultos” e “entendedores” da área não consideram se quer literatura de fato.

Aluna L: Tudo que aconteceu durante os encontros fez eu ter vontade de criar uma roda de leitura em minha casa e mostrar para as crianças do meu bairro tudo o que aprendi aqui, levar cultura a elas, mostrar todas as obras que tive o privilégio de conhecer nesse encontro. O curso Navegantes Honoratos me mudou bastante, fez com que eu ainda quisesse continuar no meu curso e trabalhar obras literárias paraense com as crianças não só com as do bairro onde moro mas também dentro de sala de aula.

Atenciosamente,
Navegantes Honoratos.

— O que posso dizer, professoras? Acho que as cartas falam por si. Tudo o que eu gostaria de ter conquistado, conquistei, e até um pouco mais. Fiz uma aluna, que de início não sabia mais se queria ser professora, reacender esse desejo. Toquei, nem que seja um pouco, a vida desses participantes. A navegação foi turbulenta, mas com uma vista maravilhosa, e transformou não só a eles como a mim.

“Acredito que consegui construir uma formação no campo da LIJ, da melhor maneira que pude com as ferramentas que estavam ao meu dispor. Tentei trazer a inovação e criatividade que aprendi enquanto mestranda para os graduandos de Letras, em um curso que pouco utiliza dessas estratégias. E creio que consegui, também, trazer um pouco à luz a produção por muitas vezes invisibilizada da literatura paraense, que é tão importante para o multiculturalismo (Lima e Hipolyto, 2019). E, com todas essas experimentações, consegui concluir de maneira linda a jornada mais ousada que já fiz.”

“Peço desculpas, mas acho que a emoção não me permite dizer mais nada. Posso, no entanto, compartilhar minha própria carta. Afinal, eu não podia me despedir de meus navegantes sem lhes oferecer algumas palavras — embora elas nem de longe traduzissem tudo o que havia em meu coração:”

Caros Navegantes Honoratos,

Onze semanas atrás, vocês eram somente palavras em palavras em um Formulário Google. Hoje, vocês tem nomes, rostos e histórias contadas através de cartas que fizeram com que se transformassem em mais do que participantes em um curso. Vocês navegaram junto comigo nessa jornada tortuosa e, tal qual marinheiros em uma tempestade, me ajudaram a segurar o leme e me guiar através da tormenta.

Por trás da alegria de cada encontro, houve muito nervosismo, dúvidas e preocupações da minha parte. Mas isso tudo sumia do auditório para dentro, quando a presença de vocês fazia com que eu acreditasse que o que estava sendo feito era certo, que este curso vinha fazendo, mesmo que pequena, alguma diferença.

Não sei quem vocês são após os Navegantes Honoratos, mas eu, certamente, não saio daqui a mesma. Saio com um pedacinho de cada um de vocês, saio com um pouco de cada momento, cada debate, cada cartinha, e até algumas indicações de livros, mangás e fanfics.

Obrigada por navegarem comigo. Que possamos em breve nos encontrar em novas águas, sempre colhendo novos aprendizados e, principalmente, ajudando um ao outro a cruzar esses rios que são a vida.

*Com carinho,
Bia Chaves*

Figura 47 – Encerramento do curso



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

— E assim eu me despedi, professoras, de um dos pedaços mais lindos da minha vida. Não somente acadêmica, sabem, mas como um todo. Meu barquinho pode seguir para muitos lugares daqui para a frente, mas jamais esquecerei esse cais. E jamais, com toda a certeza do mundo, esquecerei meus navegantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

— Pois então até breve, compadre
Fico le esperando
Atrás das terras do Sem-fim.
(Raul Bopp; 2016, p.662)

Assim se finda este pequeno pedaço das histórias de Norato e Bia — embora suas jornadas, certamente, estejam longe de acabar.

Nossos personagens começaram esta jornada com uma indagação: um problema de pesquisa que se configurava em descobrir se, afinal, a literatura juvenil poderia ser um recurso formativo aos graduandos de Letras - Língua Portuguesa. A mim, e a você que acompanhou toda esta navegação, creio que pode-se julgar que a resposta é sim.

Para chegar a essa resposta, foi preciso nascer os Navegantes Honoratos, estrelas deste trabalho, e desta pesquisa. Já dizia Santos, Rocha e Pessaglio (2016) que a extensão possui importância transformadora para a formação de estudantes de graduação, e para esse fim, Bia escolheu esse modelo para navegar com os passageiros de seu barco. Não somente isso, mas com o recurso da DNEP, fez com que os navegantes documentassem suas próprias jornadas, registrando seus relatos de experiência pedagógica, que, se observarmos o que diz Silva e Oliveira (2022, p. 42) é um itinerário pedagógico que compreende o movimento de ler, escrever, reescrever e comentar, sendo um processo de construção entre pares, em que professores e pesquisadores constroem e validam de forma dialógica os saberes experienciais que são documentados nas narrativas. E, ainda que neste trabalho isso tenha sido concretizado de forma parcial, foi uma conquista preciosa, que marcou Norato e Bia para sempre.

No ponto em que deixamos esta narrativa, que se alicerçou na Metodologia Narrativa Criativa desenvolvida em três dimensões: autobiográfica, formativa e ficcional, criada e orientada pela orientadora do trabalho, Elizabeth Orofino Lucio, vemos o movimento de adaptação e criação para um território inicial de formação docente em uma universidade pública brasileira e sobretudo, amazônida, onde os rios ainda são mais distantes, inexplorados e turbulentos. Pudemos acompanhar, aqui, as descobertas de Norato e Bia nessa desbravação, que configuram em achados, traduzidos nas histórias em formação dos participantes, tanto as narrativas que já haviam sido trilhadas por eles quanto as que se formaram após o Navegantes Honoratos. Esses tesouros, proporcionados pelo curso, são valiosos para a formação inicial dos professores de Letras no campo da LIJ. Os resultados que colhemos nesta viagem não são absolutos ou definitivos, mas sementes que foram plantadas do que pode vir a ser. E é nesse ponto que deixamos as narrativas de nossos dois protagonistas.

O que se deu de Norato é mais nebuloso; há muitas controvérsias sobre seu destino. Há quem diga que brigou com sua irmã Caninana, ficou parcialmente cego e hoje seu único olho restante é confundido com um farol pelos marinheiros desavisados (Corrêa; 2016, p.54). Eu, por minha vez, prefiro acreditar na versão em que ele vive feliz entre nós, e que se alegraria em descobrir que co-estrelou este trabalho de dissertação.

O destino de Bia, após este capítulo, ainda está por desenrolar. Ela agora se despede de suas mentoras, Maria Lúcia, Nelly e Cecília, cujo cafezinho finalmente se esgotou, e à beira do rio, as quatro dizem seu adeus (ou melhor, seu até logo) umas para as outras. Como estamos aqui agraciados pela licença poética do realismo mágico e da metalinguagem, podemos dar uma espiada. Vejamos agora, então, essa singela despedida:

— Eu agradeço muito, professoras, pela companhia durante essa navegação. Não acho que teria conseguido sem seu apoio, seus questionamentos, suas palavras de sabedoria e alento. Serei eternamente grata pelas três.

— “Eternamente” é muito tempo — retrucou Cecília — Estamos sempre nos renovando, tanto o tempo como a vida. “A vida só é possível reinventada” (Mireles; 1942). Siga sempre te reinventando, Bia, que nos encontraremos mais vezes durante sua constante navegação.

— E eu também te agradeço — Nelly arrematou — Por me trazer de volta para discutir um assunto que tanto gosto. Como uma vez eu disse, e aqui repito:

A literatura pode dinamizar o mundo interior de cada um. Lendo, a pessoa vai tomando contato com o mundo que está ali por trás de cada palavra. Também toma contato com a imaginação e a fantasia, e de repente, entregue a esse processo, a pessoa se conscientiza. Descobre um lugar para si no mundo e enxerga um caminho aberto a ser desbravado (Coelho, 2007, s. p.).

— Antes de qualquer agradecimento, eu tenho uma pergunta — manifestou-se Maria Lúcia — Nós nunca saímos iguais após uma longa viagem. O que mudou para ti então, Bia?

Naquele momento, Bia sorriu. Só mesmo Maria Lúcia para fazer uma pergunta daquelas...

— Acredito que as mudanças mais profundas em mim não podem ser traduzidas em palavras, professora. Mas com certeza aprendi muita coisa. Comecei essa viagem, como a senhora chama, inquieta. Parte dessa inquietação agora se foi, embora não completamente; ainda bem, porque são as inquietações que nos movem.

“Sei que a literatura juvenil não vai salvar o mundo, revolucionar a educação e formar todos os leitores que eu gostaria. Mas pude atestar que ela é um caminho, um bom caminho.

Pude formar uma dúzia de professores para utilizar esse caminho a seu favor, e cada um deles pode um dia formar mais uma dúzia, que por sua vez formará mais uma... e vocês já entenderam. De gotinha em gotinha nasce um rio. Acredito que criei uma nascente, e não pude evitar lembrar do que disse Saramago:

A universidade, na minha opinião, deverá reivindicar algo mais do que aquilo que, objetivamente, lhe é próprio: a qualidade de ensino a partir da nascente do rio (Saramago, 2013, p.38).

— E eu mal posso esperar, professoras, para ver até onde essas águas chegarão.

— Essas águas podem se estender até depois do teu tempo — apontou Maria Lúcia — Como se estenderam após o meu; tu mesma és uma afluenta do meu rio. E foi um privilégio navegar nestas tuas águas.

Engolindo as lágrimas, Bia sorriu mais uma vez. Era chegada a hora do até logo.

— Venham mais vezes, professoras. Eu nunca recuso um bom café.

— Pode nos esperar — assegurou Maria Lúcia — Estaremos sempre aqui, quando precisares. Atrás das terras do sem-fim.

Tradicionalmente, as histórias — boas histórias — se encerram com três derradeiras letras: “Fim”. Mas, para essa história em particular, gostaria de flexibilizar um pouco as regras, e assim, encerrá-la em vez disso com três palavras:

Apenas o começo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. Editora Scipione: São Paulo, 1989.
- ADES, Cesar. **Notas sobre a criatividade em pesquisa**. In: Temas em psicologia, nº3. São Paulo: USP; 1994.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O compromisso de fazer literatura para crianças e jovens**. In: OLIVEIRA, Ieda de (org). **O que é qualidade de literatura infantil e juvenil: com a palavra, o educador**. São Paulo: DLC, 2011.
- ALVES, Maria Isabel Alonso; SCARAMUZZA, Genivaldo Frois; SCARAMUZZA, Simone Alves. **Literatura infantojuvenil e formação docente: atividades extensionistas na interligação entre universidade e comunidade**. Revista Conexão UEPG, vol. 16, núm. 1, Enero-Abril. 2020. ISSN: 1808-6578 2238-7315. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/14170>
- AMADOR, Maria de Fátima Corrêa. **Maria Lúcia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção**. Universidade Federal do Pará: 2011.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Penso Editora Ltda: São Paulo; 2018.
- BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTTO, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Pandora: São Paulo, 2017.
- BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTTO, Nelita; DEBUS, Eliane. **Literatura e educação — pelos fios da tessitura dialógica**. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTTO, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Pandora: São Paulo, 2017, (p. 19-35).
- BELMIRO, Celia Abicalil; MACHADO, Maria Zélia Versiane; BAPTISTA, Mônica Correia. **Tertúlia literária: construindo caminhos para a formação literária de professores alfabetizadores na universidade**. In: **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 33, n. 1, 97- 117, jan./abr. 2015
- BISHOP, Jonathan. **Gamification for Human Factors Integration: Social, Education, and Psychological Issues**. Information Science Reference; 1st edition, 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.
- BONIN, Iara Tatiana; KIRCHOF, Edgar Roberto. **Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea**. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTTO, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Ed. Pandora: São Paulo, 2017. (p.101-137)
- BOPP, Raul. **Cobra Norato**. Sindicato Nacional de Editores de Livros: Rio de Janeiro: 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo técnico - censo escolar da educação básica 2021.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação.** Pulo do Gato: Rio de Janeiro, 2015.

BUTLEN, Max. **Leitura, literatura e formação de professores.** In: DALVI, Maria Amélia; SILVA, Arlene Batista da; SOUZA, Renata Junqueira de; BATISTA, Ana Karen Costa. Literatura e educação: história, formação e experiência. Editora Brasil Multicultural: Campos dos Goytacazes – RJ, 2018.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMASMIE, Vanessa de Abreu. As linhas de força de promoção da leitura. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (org). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível.** Leitura Crítica. Campinas: 2017.

CASSAB, Clarice. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. **Revista Perspectiva**, Erechim. v.34, n.128, p.39-51, dezembro/2010.

CARDOSO, Rosane; BACCON, Franciele F. Os contos de fadas em narrativas contemporâneas: pressuposições sobre o leitor jovem. In: DEBUS, Eliane; MICHELLI, Regina (org.). **Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens.** Dialogarts publicações: Rio de Janeiro: 2015.

CENSO DEMOGRÁFICO 2022. Rio de Janeiro: **IBGE.** 2022

CHAVES, Bia. **O último apito do trem.** Editora Urutau: São Paulo, 2023.

CHIU, Thomas K. F. The impact of Generative AI (GenAI) on practices, policies and research direction in education: a case of CHAT GTP and MidJourney. **Interactive Learning Environments.** 2024, vol. 32, n. 10, 6187-6203.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa.** Uberlândia: EDUFU, 2015.

COELHO, Isabel Lopes. O livro ilustrado: três estudos de caso. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (org). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível.** Leitura Crítica. Campinas: 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **A dama da literatura infantil.** Entrevista concedida a Francisco Bicudo e Elisa Marconi publicada em 2007 pelo site www.sinprosp.org.br

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história-teoria-análise:** das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. O que é qualidade na educação? In: OLIVEIRA, Ieda de (org). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil:** com a palavra, o educador. São Paulo: DLC, 2011.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Global: São Paulo, 2017.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: Narrativa infantil e juvenil atual**. Global: São Paulo, 2003.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. **Tertúlia literária dialógica**. S.d. Disponível em: https://www.comunidadeaprendizagem.com/act_de_exito/tertulias_dialogicas.

CONSTÂNCIO, Patrícia. Depoimento em: OLIVEIRA, Ieda de. (org). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra, o educador**. São Paulo: DLC, 2011.

CÔRREA, Paulo Maués. **A lenda da Cobra Norato: entre a letra e a voz**. Editora Paka-Tatu: Belém – PA, 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto: São Paulo, 2006.

COSTA, Tatiana Santos. **Literatura infanto-juvenil na sala de aula: Letramento racial e a formação leitora**. Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES 2023. 1 – Fábrica de Letras, 2023.

COSTA, Thyago. **Onde se chora três vezes**. Editora Escambanática: Fortaleza-CE, 2024.

CUNHA, Maria Zilda; LOPES, Cristiano Camilo. **Nelly Novaes Coelho: uma vida dedicada à literatura**. Linha D'Água, v. 30, n. 2, p. 9-16, 2017.

DEBUS, Eliane. As vozes das margens na literatura de recepção infantil e juvenil: reflexões sobre a produção de Georgina Martins. **Revista perspectiva**, v.30, n.3, 2012.

DIAS, Ana Crelia. O velho Graça e as histórias que não nos cabem. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Pandora: São Paulo, 2017, p.171-185.

DOMINGUES, Chirley; JULIANO, Dilma Beatriz R; DEBUS, Eliane. **Literatura e ensino: uma reflexão a partir da formação de professores**. Revista ENTRELETRAS (Araguaína), v. 11, n. 2, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/9953>

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Uma cinderela moderna e seus encantamentos: análise da obra Harry Potter e a pedra filosofal, de J.K. Rowling**. In: DEBUS, Eliane; MICHELLI, Regina (org.). **Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens**. Dialogarts publicações: Rio de Janeiro: 2015.

FILATRO, Andrea. **Produção de conteúdos educacionais**. Editora Saraiva: São Paulo, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra: São Paulo; 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Regina Leite (org). **Para quem precisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais.** Cortez: São Paulo, 2011.

HAUSSAUER, Marina. **Desafios da gestão de coleções em bibliotecas públicas na contemporaneidade: um estudo amparado em princípios da bibliodiversidade.** São Paulo, 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Martins Fontes: São Paulo, 2017.

Instituto Pró-Livro; Ministério da Cultura. **6º edição Retratos da Leitura no Brasil.** 2024

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira.** Editora Parágrafo: Belém-PA, 2019.

KIRINUS, Gloria. As vozes da rua na poesia de Cecília Meireles. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantojuvenil: pelas frestas do contemporâneo.** Pandora: São Paulo, 2017, p. 235-241.

KOHAN, Walter Omar. A necessidade do impossível: pensar, ensinar, ler... a filosofia de uma escola popular. **Revista Leitura: teoria e prática.** Campinas, v.34, n.67, p. 13-25.
KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LAJOLO, Marisa. A formação do professor e a literatura infanto-juvenil. **Ideias**, p.24-34, 1990.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015

LEAL, Yknam Luís de Vasconcelos; SILVA, Severino Bezerra da; AZEVEDO, Ciro Linhares de. Círculo de cultura freiriano: instrumento metodológico para o ensino profissional. In: **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v.20, n.3, p. 326-343, set-dez, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Editora 34: São Paulo, 1999.

LIMA, Lana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019.

LUCENA, Aline de Fátima da Silva. **A escritura de mim: memória, (auto) biografia e ficção em *Quarto de Hora*, de Maria Lúcia Medeiros.** Bragança, 2015.

LUFT, G. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI. **Estudos da literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 36, p. 11-130, 2010.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MÉLLO, Cristiane Silva. As contribuições de Cecília Meireles para a leitura e a literatura Infantil. **Anuário de Literatura**, v.13, n.2, 2008.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Horizonte Silencioso.** Editora Boi-Tempo: Belém-PA, 2000.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Editora Nova Fronteira: São Paulo, 1984.

MESSIAS, Beatriz Chaves. **Encontros**. Editora Caseira: Florianópolis, 2020.

Ministério da Educação. **PNBE na escola: literatura fora da caixa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. Elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais

MORAES, Giselly Lima de. Que leitor queremos formar? In: OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela (org). **Leitura literária e mediação**. Editora Leitura Crítica: Campinas, 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Entre a literatura e o ensino: a formação do leitor**. Editora UNESP: São Paulo, 2018.

MURAKAMI, Giu Yukari. **Aprendiz de erveira**. Editora Folheando: São Paulo, 2023.

MURAKAMI, Giu Yukari. **Crônicas fantásticas de famílias em apuros**. Lei Paulo Gustavo: Belém- PA, 2024.

NASCIMENTO, Leandro Gileno Militão. **ENTRE FIOS NARRATIVOS, RETALHOS E COSTURAS COLETIVAS: DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS GESTORAS NOS ENREDAMENTOS DA DIVERSIDADE NA ESCOLA**. Universidade do Estado da Bahia (UNEB): Salvador-BA, 2024.

NACHTIGAL, Lucas “Havoc” Suzigan. Introdução: um outro mundo é possível. In: **Solar e Lunar: Uma antologia solarpunk e lunarpunk**. Editora Cyberus: Belém-PA, 2023.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; LAPLANE, Adriana Lia Friszman (org). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível**. Leitura Crítica. Campinas:2017.

NORO, Deise; CRESPI, Livia Saiani; NÓBILE, Márcia Finimundi. O nome social na educação básica: abordagens sobre gênero na escola. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.10, n.28, p. 7 à 28, 2019 ISSN 2177-7691

OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela (org). **Leitura literária e mediação**. Editora Leitura Crítica: Campinas, 2014.

OLIVEIRA, Ieda de. (org). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra, o educador**. São Paulo: DLC, 2011.

OLIVEIRA, Ieda de. **O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

OLIVEIRA, Raquel Correia de. O processo de construção da juventude como categoria social: notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social; 2018. **Anais...**

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A pesquisa narrativa: uma introdução.** UFMG/CNPq/FAPEMIG; s.d.

PASCOLATI, Sônia. Contar, ler, encantar: a literatura infantil e juvenil na formação docente continuada. In: SANTOS, Adilson dos; LIMA, Sheila Oliveira; PASCOLATI, Sônia. **Trilhas literárias na pesquisa e no ensino: Dez anos de ProfLetras – UEL.** Editora Pedro & João: São Carlos, 2023.

PENA, Selma Costa. **Família, escola e trabalho: tempos e espaços de formação de leitoras em narrativas de professoras alfabetizadoras.** Universidade Federal do Pará: Belém -PA, 2005.

PÉRET, Flávia. A palavra escrita como ato de resistência. **Palavra**, ano 9, nº 8, 2018, p. 28-36.

PRADO, Guilherme Val Toledo; MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. Processos de (Auto)formação docente no cotidiano da escola: horizontes de possibilidades. **RPD – Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.11, n. 24, p. 53-67, jul/dez. 2011 – ISSN 1519-0919

PRESTES, Z. A brincadeira de faz-de-conta como atividade-guia. 2011. Disponível em: http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2011_11.23.25.5523439fc322d424a19c109abd2d2bb9.pdf. Acesso em: 09 Nov 2021.

RÊGO, Zila Leticia Goulart Pereira. A literatura infantil e juvenil nos currículos de Letras do Rio Grande do Sul. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.** V.2, n.2; jul./dez de 2016, p.397-41.

REYES, Yolanda. La poética de la infancia y la formación del lector literario. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo.** Pandora: São Paulo, 2017. p. 37-49.

RIBEIRO, Saulo. **Anotações de um pequeno editor ou as baratas da edição ou literatura jiu-jítsu.** In: **Palavra.** Ano 9; nº 8. São Paulo: 2018. P. 26-7

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches; SOUZA, Rafael de. Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências... **Roteiro**, v. 41, n. 1, 2016, p. 135-154.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos P. (org). **Documentação narrativa de experiências pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica.** Pedro & João editores: São Carlos – SP, 2022.

ROCHA, Ruth. **Este admirável mundo louco.** Editora Salamandra: São Paulo, 2012.

SANTOS, Laís Silva Cassimiro. O legado de Nelly Novaes Coelho (1922-2017) para o ensino da literatura infantil brasileira. **Linha Mestra**, nº 46, 2022.

SANTOS, Bruna Carla dos; BORGES, Erinaldo. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio da afirmação da literatura latino-americana. **Cadernos ESPUC**, n. 32, 2018.

SANTOS, J. H.; ROCHA, B.F.; PESSAGLIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v.7, n.1, p. 23-28, Janeiro/Junho, 2016.

SANTOS, Rosiane de Oliveira da Fonseca; LESSA, Francine Guímel de Cristo; ARUEIRA, Kelly Ciane Viana dos Santos. O lúdico e as metodologias ativas, uma leitura da Teoria da Aprendizagem de Vygotsky na Educação Infantil. **Revista Educação Pública**, 31/05/2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/20/o-ludico-e-as-metodologias-ativas-uma-leitura-da-teoria-da-aprendizagem-de-vygotsky-na-educacao-infantil>

SARAMAGO, José. **Democracia e universidade**. Editora UFPA: Belém, 2013.

SCHNETZLER, Roseli P. e ARAGÃO, Rosália M^a Ribeiro de. (Org.). **Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens**. 1 eded. Campinas: CAPES/UNIMEP, 2000.

SEGABINAZI, Daniela Maria; RODRIGUES, Severino. Literatura juvenil e/ou literatura *Young adult*: duas faces da mesma moeda? **Revista e-escrita**, v.12, n. 2, 2021.

SILVA, Alexandre Meireles. Prefácio. In: GUERRA, Pedro Demingos. **Mundo Punk: contos retrofuturistas**. Editora Cyberus: Belém-PA, 2022.

SILVA, Sara Reis da. “Palavras que voam”: tendências contemporâneas da poesia portuguesa para a infância. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil**: pelas frestas do contemporâneo. Pandora: São Paulo, 2017, p.51-84.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2002.

SILVA, Fabrício Oliveira da; OLIVEIRA, Adelson Dias de. **Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas**: tessituras metodológicas da formação. In: RIOS, Jane Adriana

Vasconcelos P. (org). **Documentação narrativa de experiências pedagógicas: por outros movimentos insubmissos da formação docente na Educação Básica**. Pedro & João editores: São Carlos – SP, 2022.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Dinamização e mediação na biblioteca escolar: potencialidades da leitura literária. In: OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela (org). **Leitura literária e mediação**. Editora Leitura Crítica: Campinas, 2014.

SUÁREZ, Daniel H. Relatar la experiencia docente. La documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, v. 18, n. 50, 2017.

SUÁREZ, Daniel Hugo; ARGNANI, Augustina. Nuevas formas de organización colectiva y producción de saber pedagógico: la red de formación docente y narrativas pedagógicas. **Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 20, n. 36, p. 43-56, 2011.

TRAMA LITERÁRIA. **Ensino de literatura com Maria Mortatti**. 08/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7LQGMR03scg>

VALENÇA, Patrícia Felix. **Comunidades virtuais de leitores: o impacto das bookredes no consumo e na difusão da literatura**. Universidade Federal da Paraíba, 2023.

VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Editora Penso: São Paulo: 2018.

WANZELER, Claudionor. **Mosqueiro: Lendas e mistérios**. Editora Páka-Tatu: Belém-PA, 2022.

YARA, Jennifer (org). **Crônicas paraenses**. Belém - PA, 2021.

ZANATTA, D. L.; BURLAMAQUE, F.V. O jovem e as narrativas contemporâneas: uma análise de Jogos Vorazes. In: AGUIAR, V.T.; MARTHA, A. Á. P. (Org.). **Lei juvenil: leituras plurais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Fanfics - um caso de letramento literário na cibercultura? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 29-33, abr./jun. 2008

ZILBERMAN, Regina. O público jovem e seus gêneros — literários — prediletos. In: BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita; DEBUS, Eliane (org.). **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Ed. Pandora: São Paulo, 2017, p.85-99.

APÊNDICE A – CARTAS ENCONTRO I**CARTA ENCONTRO I - 1**

Querido Leitor,

Escrever essa carta é um desafio, ainda mais em se tratando de falar sobre mim. Eu sempre fico perdida em como dizer sobre mim, mas vou tentar dizer aqui, de maneira concisa. Então vamos lá, leitor...Eu me chamo A C C L, tenho 21 anos e sou estudante de Letras Língua Portuguesa na UFPA.

Sou uma leitora voraz, mas isso não ocorreu desde a minha infância, pois enquanto criança eu gostava mesmo era de ficar calculando e lendo livros didáticos que continham questões para resolução. Na minha adolescência eu só tinha focos para o Enem e sempre dizia que ler era muito cansativo até que uma prima me indicou o livro “O livro das princesas” e eu me apaixonei por completo pelo mundo da leitura. Também recebi um convite para ir à feira do livro e a partir de então não parei mais. Além de leitora, gosto bastante de escrever quando tenho tempo. Minha maior inspiração para tanto é linguagem das obras da Clarice Lispector. É uma das autoras que eu mais admiro. E além de tudo isso, finalizando essa cartinha para você, leitor, sou uma pessoa muito companheira e amiga. Sempre disposta para aprender e usufruir de novos conhecimentos...

Com carinho, A.

CARTA ENCONTRO I - 2

Olá! Meu nome é A. A., tenho 33 anos, sou mãe e também professora de Língua Portuguesa formada pela Universidade Federal do Pará em outubro de 2023. Posso dizer que minha jornada acadêmica não foi fácil, mas recebi muitos conhecimentos os quais não fazia ideia que pudessem existir. Eu amo estudar o funcionamento da Língua Portuguesa e a forma como ela é expressada em diferentes contextos sócio linguísticos e textuais. Nos próximos anos, pretendo continuar me especializando nos conteúdos voltados para o processo de ensino aprendizagem e sei que esse curso contribuirá para essa formação.

CARTA ENCONTRO I - 3

Domingo, 6 de outubro de 2024.
Sem nome,

Mas com endereço.

Estou pensando há horas em quem sou eu, afinal de contas, acredito que não tenho como me categorizar especificamente de uma única maneira.. Nos meus pensamentos habitam muitos de mim, alguns pintam em telas, outros fazem bolo, alguns observam as notícias e tem outros que apenas passam um café e relaxam. Espero que minha psicologia me ajude, mas esse sou eu, ainda estou em construção. Minha natureza não cabe em uma única certeza. Minha razão não é nada sem meu coração. Quando me deparo com um espelho e fico em sua frente, a imagem que se apresenta a mim me mostra vários tempos. Quem eu era, quem estou querendo ser, e o que sou agora. Viver é um assombro mesmo, porque até então, a única certeza que eu tenho a meu respeito, é a de saber o que eu não quero pra mim vida. Porque o que eu quero eu descubro na coreografia que é viver, mesmo que eu erre, mesmo que eu não entenda, mesmo que eu confunda, mesmo que eu rasgue o peito, há dentro de mim presença e saudade mais do que me falta.

CARTA ENCONTRO I - 4

A monotonia apática da rotina se instala como uma neblina cinzenta, levando embora a cor e o interesse por todas as ramificações possíveis que a vida pode ter, deixando apenas o desfoque do mundo ao redor e as cores apagadas e meio acinzentadas.

Minha rotina se encontrava assim, sem razão ou ponto a ser alcançado, o mesmo café todos os dias, o mesmo caminho pro trabalho, o mesmo trabalho e a mesma volta pra casa.

Dorme
Acorda
Come
Trabalha
Dorme
Acorda
Come
Trabalha
Dorme
Acorda
Come
Trabalha

Um expectador da própria existência, em modo automático seguia a rotina que me era forçada a seguir.

Porém, recentemente isso mudou um pouco, minha rotina ficou um pouco mais atarefada, entretanto mais interessante e instigante, uma vez pude relembrar de como é gostoso exercer meu direito ao estudo.

Tinha esquecido quão prazeroso era poder utilizar minha criatividade para investigar e pesquisar sobre assuntos diversos, instigar minha mente a pensar de fato e não apenas repetir, mas questionar e criticar, refletir e concluir para poder refletir novamente

A rotina nova me satisfaz, apesar de cansativa, me cativa ao ponto de o cansaço todo valer a pena quando me deito no final do dia, sinto que descobri coisas novas e úteis para meu futuro e o futuro dos que estão ao meu redor, sinto que posso ser útil, não apenas de maneira técnica e mecânica, mas crítica e revolucionária pelo modo de pensar e questionar, e assim, me sinto vivo ao poder aprender.

CARTA ENCONTRO I - 5

Caros ouvintes da minha cartinha,

Desde que esse tema foi proposto, fiquei me perguntando por onde iria começar a escrever. A única coisa que veio na cabeça foram as biografias que sou fascinada em ler, então acho que pode ser um bom ponto de partida.

Houve um tempo que me perdi da leitura, apesar dela ter me acompanhado durante toda a minha vida. O reencontro com ela veio depois de muito tempo sem termos contato genuíno. Ela se remostrou pra mim de uma forma que eu não esperava: a biografia de uma das atrizes mais ilustres da atualidade, Viola Davis.

Gosto de biografias porque vejo que todos nós vestimos máscaras para conviver em sociedade.

A leitura de uma biografia, de certa forma, faz o autor tirar um pouco das suas máscaras de "pessoa famosa intocável" e o torna humano, próximo de nós. Suas falhas, suas dores e suas alegrias não são tão distantes assim. Não sou famosa, muito menos intocável, mas visto minhas máscaras assim como todos aqui. Tentarei, por meio dessa carta, despir, por um breve momento, alguns capítulos da minha vida. Você tem algo na vida que é tão essencial quanto oxigênio para conseguir viver? Posso dizer que esse algo, pra mim, é a arte. Uma vez, na minha criancice, encontrei um violão na casa do meu tio. Eu hesitava em pegá-lo porque era um instrumento grande pros meus bracinhos pequenos, mas um dia, num pico de vontade, eu o segurei desajeitadamente sob o meu corpinho também pequeno. Eu não sabia uma nota, um acorde, uma melodia, mas aquele momento mudou completamente toda a minha rota de vida, que é a que eu sigo até hoje. A J. criança adoraria ver o som que tiramos hoje no nosso violão que o mesmo tio nos deu, mas ficaria bem triste em saber que ele se foi. No entanto, ele te deixou uma herança bonita que até hoje você usa e abusa com todo o prazer.

Além da música, também tenho umas poesias guardadas num caderno que pegou chuva quando eu estava voltando de Marituba. Meu desejo é que, um dia, eu transforme o que escrevo em canções, mas isso é projeto pra outro momento da vida. Também mantenho um diário em que todo o dia anoto uma impressão diferente. Tenho um certo fascínio pela minha própria vida e por onde percorri. Espero que isso não soe gocêntrico, juro que não é. É apenas um gosto muito grande pelas coisas pequenas que construí e que estão desenhadas em mim como tatuagens.

Vejo na arte uma forma de me colocar no mundo. É por onde declaro amores à minha namorada, por onde despejo minhas dores e por onde crio os curativos, por onde escrevo minhas declarações para meus amigos. Toda a vez que abro uma página para escrever, que pego meu violão, que seguro a caneta pra desenhar, descubro algo novo.

Talvez eu tenha ousadia de dizer que sou uma eterna desbravadora.

Atenciosamente, J. A.

CARTA ENCONTRO I - 6

Belém, 30 de setembro de 2024

Queridos Navegantes Honoratos.

Eu sou a mãe do F e do B.

Digo isso porque me parece mais fácil responder a essa questão relacionando-me a outros. “Quem sou eu” é uma questão profundamente filosófica. Tanto é, que a própria filosofia a aborda com melhores ferramentas.

Mas, quem sou eu além do meu nome? - Já repararam que assim começa a maioria dos textos que discorrem a essa pergunta?

E quem sou eu além de mãe de dois cachorros incríveis? Além de filha dos meus pais, irmã dos meus irmãos e amiga dos meus amigos e amor do meu amor? Afinal, nessa comparação, eu sou o outro.

Queria responder que “Sou a sereia que dança, a destemida lara/Água e folha da Amazônia”, mas Caetano antecipou-se.

Eu tenho um corpo, que é minha barreira física, ele me transporta e faz parte de mim. Mas eu sou muito mais do que isso: eu sou o que lembro, penso, sinto, desejo e o que projeto. Por isso, de forma livre, penso que sou dor e deleite de mim mesma; sou o que nem pensei desejar, mas desejei.

Sou o que penso ser mesmo sem saber o que pensar, e também sou um pouco o que pareço.

E após tanto emaranhamento de ideias, e sem chegar a uma resposta mais definitiva ou direta, talvez por não saber responder a essa pergunta, despeço-me de vocês.

J.

CARTA ENCONTRO I - 7

Quem sou eu? Sou uma garota com grandes sonhos e uma melancolia que às vezes me acompanha. Amo ler, embora às vezes enfrento as ressacas literárias, o que me faz cobrar de mim mesma, porque quero sempre ler mais, fazer as minhas resenhas, compartilhar com minhas amigas. Gosto do conforto da minha casa, porque nela eu tenho tudo, comida, o meu computador, meus livros, internet, sei lá, eu amo onde eu moro. Recentemente, entrei no mundo dos jogos, influenciada pelo meu namorado, é um mundo bem diferente para mim, mas estou aprendendo. Apesar de ser uma pessoa mais reservada, algo que me incomoda de vez em quando, estou sempre buscando maneiras de me abrir e melhorar um pouco a cada dia. Eu esqueci de falar o meu nome, eu me chamo K.

CARTA ENCONTRO I - 8

De: L

Para: Meus queridos "Navegantes Honoratos"

Oi! Meu nome é L da S Q F, tenho 26 anos e até hoje estou trabalhando no "Quem sou eu".

Vou começar dizendo que já fui a melhor em matemática no fundamental, já ganhei o 3º lugar em dança contemporânea aos 13 anos, um dia já fui apaixonada por Nicholas Sparks e, até hoje, tenho uma paixão por a última música, já deixei as pessoas mudarem minha cabeça até não saber mais de mim.

Foi aí que falei pra mim mesma sobre quem eu queria ser: queria ser dona de mim, fazer um curso de desenho e ter tempo pra mim, quero uma família onde todos são ouvidos e dinheiro para viajar 1x ao ano.

Eu, hoje, sou filha da dona W e do A, sou irmã mais velha da H. Na minha casa tem 2 cachorros, 2 galinhas e 1 galo.

Hoje eu faço letras na UFPA, namoro uma menina e pinte o cabelo. Eu falo inglês, francês, um pouco de espanhol e quero aprender tailandês, eu amo assistir séries e ir a igarapés (eu amo água). Tenho uma turma pré-enem na qual quarta-feira passada usamos cruzadinhas.

Eu sou tantas coisas e às vezes nenhuma delas, só sei que sou hoje minha melhor versão de mim mesma.

Com muito carinho, L Q.

CARTA ENCONTRO I - 9

Caro Norato

Você, que ama os humanos em toda a sua futilidade, poderia ler a história dessa mais uma garota da floresta de concreto e ferro? Se não, peço que esqueça essa carta assim como se esquece uma palavra velha: deixando-a no canto da memória, sem uso, até que um dia o vento chega e a manda para longe, sem dar sinal nem porquê.

Essa menina nasceu numa família normal, lhe digo, apenas sua mãe era onze anos mais velha que seu pai, mas nada que importasse para o sentimento que surgia. Uma chegada pouco planejada, mas veio ao mundo numa quinta-feira de lua nova. Viveu com seu irmão mais velho, o qual era seu mundo, até os 5 anos, quando sua mãe decidiu se separar do seu pai após uma sórdida traição. Crianças tendem a não entender o mundo, mas sua mãe dizia que ela a consolava com palavras carinhosas e mais firmes que a de muitos adultos.

Seu pai e seus irmãos passaram a ser visitas pouco recorrentes em sua vida... e as madrastas? Dessas não fale muito alto se não o choro culposos volta de quem teve sua existência menosprezada por anos. Quando fez 9 anos, sua mãe percebeu a falta de sorrisos e a levou num psicólogo. Veio então o diagnóstico: depressão. Ora! Mas criança não podia ter essas coisas! Criança foi feita para sorrir e brincar, você sabe disso, senhor Norato! De alguma forma, esse diagnóstico passou despercebido pela sua mãe e só foi fazer burburinho novamente com seus 11 anos, quando a escola passava a lhe cobrar o dobro e o choro mudo já era ouvido no bairro inteiro.

O ensino fundamental foi difícil, o ensino médio também... pelo menos ela fez bons amigos pelo caminho. Assim foram 10 anos de tratamento (quase) ininterruptos. Os 15 anos foram um período difícil e quase que, de vez, não a vejo; teve a pandemia, quando ela se isolou um pouco mais que o resto do mundo; também teve 2023. Senhor, me desculpe, mas aqui não temos tempo de falar do cansaço mental do universitário, é só uma folha que me resta. Contudo, com todos os males, ela está estável a pouco mais de seis meses! É uma vitória e tanto pra quem se perdeu tão cedo do caminho da felicidade e de todas as coisas que brilham.

Entretanto, senhor Norato, se a encontrar... não, quanto a encontrar, lembre-a da beleza do mundo, do canto dos pássaros e do abraço tenro de quem escolheu como família;

lembre-a que o mundo não gira em torno de um número-idade e que escolhas não são imutáveis, a mudança pode ser boa ao coração; lembre-a da beleza que o senhor via nos

humanos antes de ser um por completo. Se ela lhe ouvir, sei que voltará a brilhar e não há nada que eu mais queira nessa vida.

Por isso eu lhe peço, Senhor Norato... eu lhe imploro! Ajude essa pobre alma a achar mais uma vez o percurso da vida. E, quando me perguntares, afinal, quem é essa garota que tanto peço por, eu lhe digo: sou eu.

Um pedido de ajuda da menina perdida,

L.M.

CARTA ENCONTRO I - 10

Oi, Bia!

Tudo certinho? Primeiro, um super obrigada pela chance de fazer parte desse curso que promete ser uma aventura incrível! Sou a L., tenho 29 anos e sou de Belém. Estou aqui para compartilhar um pouco do meu mundo! Recentemente, adotei uma fofura chamada M.. O pessoal até critica o nome, mas é inspirado no filme que eu amo desde pequena!

Sou apaixonada por tocar violão, maratona filmes e devorar livros históricos. É sempre bom espalhar o que a gente ama, né? Além disso, sou consultora de vendas de colchões e estudo todo dia! Nas minhas horas de folga, adoro ir ao cinema e curtir a família. Afinal, quem não ama um momento de diversão e relax?

Já realizei alguns sonhos, como comprar minha moto e passar na Universidade Federal do Pará, e sigo em busca de novas oportunidades. Sempre digo que sou uma eterna aprendiz!

Abraços!

L

CARTA ENCONTRO I - 11

Queridos navegantes,

Preciso começar dizendo que o questionamento "quem sou eu?" normalmente é sinônimo de gatilho para muitas crises existenciais, mas vou me ater a descrever apenas as partes mais divertidas do que me constitui.

Eu fui criada pela minha avó e muito da minha personalidade vem do companheirismo que construímos. Meus amigos vivem dizendo que eu uso muitos ditados antigos e pode ter certeza de que todos eu aprendi com ela. Minha avó é professora aposentada e desde muito cedo sempre me presenteou com livros e incentivou que a literatura fizesse parte da minha formação. Em partes, isso foi o que me fez entrar no curso de Letras e também usar meu perfil nas redes sociais para falar dos livros que leio. Acho importante dizer que tenho uma divisão na minha estante onde eu deixo meus livros favoritos e alguns títulos são: Heartstopper, É assim que se perde a guerra do tempo, Quinze dias, A estratégia do charme, e muitos, muitos outros.

Falando em redes sociais eu adoro fazer dumps do mês, ou, em outras palavras, postagens de fotos dos melhores momentos de cada mês. Eu levo muito a sério esse registro e às vezes passo horas editando as fotos, colocando efeitos e fazendo desenhos decorativos. Eu gosto muito desses hobbies que envolvem trabalhos manuais e há anos mantenho cadernos de memórias onde eu coloco ingressos, passagens, cartões postais, notas fiscais etc, todos os registros físicos de coisas que vivi, além de colar fotos e escrever um pouco sobre como estava me sentindo em cada momento. É muito bom, depois de um tempo, folhear esses cadernos e relembrar o que vivi. Acho que a gente não pode contar apenas com a nossa memória.

Outro grande hobby que tenho é a dança. Eu faço aulas de dança de salão, que são a minha dose de felicidade semanal, e às vezes até me apresento no palco. Eu adoro aprender novos passos e depois ir para os bailes treinar o que aprendi nas aulas. Acho que meu ritmo preferido de dançar é o brega, mas eu também acho lindo o samba de gafieira e meu sonho é conseguir ser avançada nesse ritmo. Além de dançar eu também adoro escutar brega, e isso é algo que vem da minha infância. Eu cresci escutando muito brega e pagode, e até hoje eu adoro ambos. Considero meu gosto musical bem eclético, gosto um pouquinho de cada coisa. Minhas duas bandas favoritas são McFly, que toca pop rock, e BTS, que é um grupo de kpop. Mas eu sou uma pessoa que de tempos em tempos fica obcecada por um artista ou música específica e escuta apenas isso por horas seguidas. Ano passado minha obsessão foi o álbum SOS da SZA e nesses últimos 2 meses minhas obsessões foram a Kehlani e o álbum Caju da Liniker. As minhas faixas favoritas são Caju, Febre e Pote de Ouro. Como a bela pisciana que sou, eu amo tudo que envolva romance, especialmente descrições altamente poéticas de amor. E acho que a Liniker tem uma habilidade descomunal de escrever letras com descrições altamente poéticas de tudo.

Eu ainda não sei em qual área de Letras eu quero me especializar, assim como ainda não sei muita coisa sobre mim mesma. Mas, no geral, gosto bastante de quem tenho me tornado apesar de todas as coisas não tão divertidas da vida. Acredito muito que todos somos apenas humanos, com sentimentos igualmente humanos que podem não fazer sentido o tempo todo, e que agimos de acordo com o que sabemos em cada fase da vida, e tá tudo bem ainda não fazer sentido por que em algum momento as coisas finalmente se encaixam e a gente encontra um pouquinho mais da gente. Acho que isso tudo é um pouco de quem sou eu.

Com carinho,

CARTA ENCONTRO I - 12

Sou M. Tenho 22 anos e sou estudante da Universidade Federal do Pará. Escrevo essa carta de uma varanda de um Airbnb, deitada em uma rede, no bairro de Moema, em São Paulo. Falo de onde estou escrevendo porque situa exatamente quem sou: uma aventureira. Viajar, para mim, é sinônimo de paz. E agora eu estou em paz. Por dias tive ansiedade com a escrita do projeto de mestrado, pois também dou muito valor na vida acadêmica. Sou filha, irmã, prima, tia. Sou feliz com todos esses títulos, imensamente feliz.

Gosto de Harry Potter, tanto os filmes quanto os livros, e amo as músicas pop dos anos 2000 e 2010. A minha maior vitória até então foi conseguir uma bolsa de intercâmbio e realizá-lo em Portugal. O contato com outras culturas é algo muito maravilhoso, e talvez seja por isso que eu ame pesquisar sobre interculturalidade e educação intercultural.

Eu gosto de ser professora, mas também tenho medo. O medo está presente nos alunos de comunidades carentes, com realidades de extrema vulnerabilidade. Pensar em ter contato com esses alunos me traz uma angústia, pois sou coração mole, e com certeza choraria escondida no banheiro dos funcionários ao ver uma criança sem mãe, ou sem pai, criada na rua, ou que passa fome. É difícil pensar nisso.

Mas eu sou professora aventureira, e amo ser assim. Tenho empenho em superar as dificuldades, pois já superei várias. E nessa vida, muitas ainda virão, e eu acho que para quase todas elas eu estarei preparada.

CARTA ENCONTRO I - 13

Remetente : M D

Destinatário: Bia

Assunto : Quem sou eu?

Falar de mim é um pouco difícil, mas vamos começar do começo. Eu me chamo M., tenho 20 anos, sou estudando de letras do primeiro semestre, tenho duas irmãs e uma

família que me apoia em tudo. Durante a minha caminhada como estudante, sempre fui muito dedicada, mas nunca a aluna 1, porém sempre me esforçava para melhorar, minhas matérias preferidas eram português, literatura, redação e história. Quando cheguei no ensino médio a minha paixão pela área de linguagem ficou mais intensa, devido as professoras maravilhas que tive e que foram a minha inspiração para escolher o curso de letras.

Não me considero uma leitora ativa, por isso também decidi fazer o curso navegantes honoratos, mas gosto muito de ler literatura. Como escritora também não sou ativa, escrevo os textos acadêmicos, resumos de trabalhos, mas gosto muito de escrever. Sou uma jovem sonhadora, que luta pelo o que acredita e se doa em tudo que faz, sou uma pessoa verdadeira e cheia de imperfeições.

Carinhosamente, M B

CARTA ENCONTRO I - 14

Prezado leitor,

Sou aluno do quinto semestre do curso de Letras – Língua Portuguesa na UFPa – Universidade Federal do Pará – e também me considero um escritor esporádico.

De uns tempos pra cá tenho sido mais dado a leitura; aficionado em livros de ficção e fantasia; com breves momentos focados em literatura infanto-juvenil para me curar das ressacas literárias que me abatem de tempos em tempos.

Também sou dado a assistir filmes, gosto de tentar criticar roteiros e ver bons momentos de fotografia. Gosto também de escutar música. Meu gênero favorito pode mudar conforme eu esteja me sentindo naquele determinado período da minha vida.

E esse sou eu. Desde já agradeço a atenção.

Atentamente,
P.

CARTA ENCONTRO I - 15

Bom, vou tentar resumir quem sou eu aqui nessas poucas palavras. Apesar de não achar nada simples resumir todos os nuances de uma pessoa de uma única vez. Logo, desde já deixo claro que certamente algo pode e vai ficar de fora. Mas vamos lá, eu me chamo R. Conhecido como R. M., com 'Z' no final. Entretanto, o "m." não consta em meus documentos porque, acho que é relevante mencionar isso, ele é mais artístico. Quem me conhece faz tempo já sabe tudo sobre isso, e dependendo do tempo em que a pessoa me conhece ela muito possivelmente acompanhou o "nascimento" desse novo sobrenome. Quem me conhece agora e não sabe, é porque ou não é tão próximo ou porque nunca me viu falando sobre o assunto. Tenho inúmeras qualidades e vários defeitos, como todo mundo. Meu signo é de escorpião, meu aniversário é no fim de outubro. Minha altura não sei ao certo, mais é algo em torno de 1,80. O que nem é tão perceptível pois minha falta de postura diminui minha altura consideravelmente. Eu escrevo. Escrevo desde sempre, um pouco de tudo, mas hoje em dia escrevo principalmente contos. O que considero uma reviravolta pessoal já que antigamente não gostava tanto de contos. Ainda sim, pretendo escrever um romance. E quem sabe até publicar algo. Sou noveleiro então sempre que posso tento assistir alguma novela. Porém ando bem decepcionado com o que anda acontecendo já há um tempo na teledramaturgia nacional. Além de noveleiro também sou cinéfilo. "Crítico" de letterbox, gosto muito de filmes e de falar sobre cinema, adoro as produções nacionais, e lastimo por não serem tão valorizadas quanto poderiam e deveriam. Adoro música, ouço de tudo um pouco. E é claro, sou um leitor ávido. A leitura é um dos meus pilares. Ler é algo fundamental para mim, apesar de que devido a faculdade, minhas leituras pessoais andam bastante de lado. No entanto, estou sempre tentando consumir um livro por mim e não porque um professor mandou. Inclusive, considero que geralmente fazer essa leitura por obrigação é um processo absolutamente desagradável. E dependendo do livro e do professor, e da didática, "desagradável" é até um elogio. Sou do tipo franco, ou pelo menos tento ser. E normalmente consigo ser. Isso ocorre principalmente porque muitas vezes tenho dificuldade em filtrar as coisas que falo. Então, na medida em que eu vou pensando eu saio falando, sem antes discernir se deveria ou não falar o que pensei. Em algumas ocasiões isso não se limita apenas a fala mais também vale para atos. O que acaba sempre gerando situações marcantes. Marcantes seja em um sentido positivo seja em um sentido negativo. Contudo, sinto que devo pontuar que hoje em dia já estou bem melhor, digamos que mais "comedido", antigamente já fui pior. Considero esse excesso de franqueza uma faca de dois gumes. Tem dois lados. Sou incapaz de achar a honestidade algo ruim, mas reconheço que o fato de pensar assim não me libera para que eu possa falar o que quiser. Eu me acho bem humorado, mas confesso que dependendo do dia meu humor fica péssimo. Sou um ser humano sempre tentando evoluir, ou como diria o cantor, uma metamorfose ambulante. E assim termino esta tentativa de carta. Escolho finalizar com uma última confissão, tenho dois vícios graves: Doces em geral e café preto.

CARTA ENCONTRO I - 16

De: T M C

Para: K

Caro Sr. K, espero não estar atrapalhando suas funções de deus da guerra afinal as 7 runas precisarão de toda a sua dedicação para serem mergulhadas. Bem, o motivo de eu lhe escrever é para pedir alguns conselhos e também conversar sobre quem sou eu. Há tempos me pergunto, pois acho que mereço ter direito a essa resposta. Dizem por aí que sou prestativa, inteligente, engraçada e empática, no geral uma boa pessoa, mas sabe K., às vezes tenho em mente que as pessoas só estão exagerando ou não me conhecem bem, pois em diversas situações irei agir com base no egoísmo e acabei por magoar aqueles que mais amo. Contudo, o que isso me torna? Tento seguir o seu principal conselho, ser melhor. O conselho que te peço hoje é: como perdoar e já fui? E a propósito, tens notícias do A.?

Ass: Com carinho, T M C.

CARTA ENCONTRO I - 17

Querido E,

Você deve estar se perguntando, por que diabo estou escrevendo uma carta se eu posso entrar em contato contigo pelo facebook, instagram e whatsapp. Mas como você sabe o quanto eu amo a estética de antigamente, (tirando, é claro, a política, o preconceito, o racismo e a misoginia daquela época) venho aqui escrever uma carta “pra tu”, como você mesmo fala com seu sotaque carioca. E eu lembrei da conversa que a gente teve esses dias sobre o quanto estamos cansados de toda essa tecnologia, então resolvi inovar dessa vez.

Amigo, tu lembras daquela conversa que tivemos, bem no começo da nossa amizade sobre quem a gente era? Pois é, esses dias me bateu uma saudade daquela época de quando tínhamos tempo para conversa, aí acabei me lembrando desse assunto e depois fiquei pensando sobre, deitada na minha cama olhando para o telhado do meu quarto e concluir que se eu fosse uma figura de linguagem seria a antítese.

Por que uma antítese? Bem... Amigo, eu sou a pessoa mais contraditória que possa existir, porque da mesma maneira que sou comunicativa, também consigo ser calada. Eu amo o barulho e o silêncio que a minha família faz dentro de casa. Gosto tanto de sair como também gosto de ficar em casa. Eu odeio e amo os meus amigos, irmão e parentes. Consigo ficar feliz e triste em um só dia (eu sei, eu sei, talvez eu precise de um psicólogo, mas me falta tempo amigo, não dá para ficar três hora esperando chegar a minha vez para ser atendida lá no CAPS, é muita gente mano!).

Mas essas emoções dependem muito do local e com quem estou. Tipo, na minha sala da faculdade eu sou reservada e calada, porque eu não me sinto confortável naquele ambiente e nem com as pessoas. Muito diferente do curso que estou fazendo aos finais de semana, onde sou uma pessoa extremamente comunicativa, brinco e faço piada, estou toda hora rindo, tudo porque me sinto bem naquele local e com as pessoas de lá. Entende?

E outra, me considero muito emotiva, choro assistindo series, filmes e com gatinhos cantando a música da B, quando alguém está feliz, independente de ser conhecido ou não, acabo ficando feliz (isso também vale para tristeza). Mamãe fala que eu sou emocionada demais, embora eu não ache isso, queria/quero poder demonstrar mais do que eu sinto para as outras pessoas. Mas é tão bom poder demonstra amor para aqueles que amo, isso me deixa viva, feliz e com todo tipo de sentimento bom que existe.

Ser emocionada não deveria ser algo ruim, e sim, uma coisa boa, tu não achas? Eu nunca vou entender o ser humana que romantiza frieza. Eca, Deus me livre de gente assim!

Bom amigo, por hoje é só. Espero que tu possas me retornar essa carta um dia kkkkkk... Ou pode apenas me mandar uma mensagem no WhatsApp (mas se poderes me mandar uma carta vou amar muito)

Ah! Já ia esquecendo, estou na metade do meu semestre na faculdade, estou conseguindo sobreviver, embora já tenha pensado em desistir. Amei o presente que tu me deste do livro “Flor de Gume”, amei muito mesmo, até porque como você sabe, eu queria ele faz um bom tempo. Eu estou bem até de saúde, meu renovaram o contrato de trabalho do meu pai, a mãe ainda sente de vez e outra aquela dor nos quartos, meu irmão agora já tem amigos, todo final de semana eles estão aqui para jogar com ele. Amigo, não vejo a hora de vim me visitar em Ananindeua para te mostrar um pouco dela, um pouco de Belém, do interior de Bragança e Vila dos Neves, tu vais amar. Beijinhos, se cuida!

Da sua querida e eterna T.

CARTA ENCONTRO I - 18

Querido J,

Espero que esta carta encontre-lhe em boa saúde. Como está sua semana? Sua mãe já melhorou da virose? Torço que sim. Saudade de encontrar você na praça perto da escola e conversar sobre nossa vida, nossos devaneios, nossos filmes do momento. Preciso te contar algo que me aconteceu! Semana passada uma senhora perguntou-me “quem é você?” na parada enquanto eu esperava o ônibus. Ô, pergunta complicada para se fazer com o sol em clímax, quase derretendo a Belém, não é?

Espero que a meiga senhora tenha entendido meu silêncio após esse questionamento e a minha resposta mais prática para aquele horário: “Eu sou T, e você?”. Eu não tinha ideia de como respondê-la, entende? Você também fica perdido? Lembra quando o Sapo me perguntou a mesma coisa e eu respondi que eu era uma gororoba de todas as pessoas que já conheci e que me foram importantes, todos os livros que já li, todas as músicas que sei decoradas e outros temperos que deixam a degustação mais interessante? Pois é, acredito que essa resposta não estava tão errada quanto eu achei ao pensar em vários instantes sobre. Às vezes tenho vontade de responder cantando “Reconvexo”, porque faz muito sentido pra mim nós sermos muitas coisas, como a Bethânia nessa música. Sei que você não me perguntou isso quando conversamos pela primeira vez porque, mesmo sendo desconhecidos um para o outro, você notou minha alma inquieta, notou que questionar isso me perturbaria e eu fiquei muito grata por tê-lo feito, porque assim não precisei resumir o meu ser e você pôde ver quem eu sou de camarote, vivendo comigo.

É uma indagação curiosa essa, não? E a situação que me ocorreu fez-me sentir muito como A, na sua primeira interação com a Lagarta, na qual ela respondeu “Eu mal sei, senhor, neste momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei hoje de manhã, mas acho que desde então já mudei várias vezes.” Garota esperta, não é? É isso mesmo. Desde que ela me perguntou aquilo, a interrogação paira sobre mim... quem sou eu?

Bom, eu sou o que performo dentro e fora da minha cabeça. Eu sou uma moça que nasceu em um hospital de Ananindeua, mesmo que eu tenha vivido quase toda minha vida em Belém, primogênita dos meus pais, neta da minha vovó, nascida no ano e no segundo em que o médico me tirou do conforto do meu apertado mundo que era o ventre de minha mãe. Sou alguém que já morou em diferentes lugares/casas até meus 9 anos de idade e que mora na Terra Firme desde então, alguém que quando bebê não chorava muito, não porque segurava, mas porque preferia rir, e que foi criada por meu extraordinário pai. Eu já fui muitas coisas e todas refletem no que eu sou/como estou agora. Ultimamente, eu sou a pessoa que observa muitas coisas, que lança olhares curiosos para tudo e todos, que fica por longos instantes olhando pro nada enquanto pensa em qualquer coisa, porque me basta pensar para me entreter, que consome a arte diariamente (principalmente música e cinema nacionais), que acredita que ser genuinamente gentil pode mudar o mundo (tanto o meu, quanto o seu), que se sente mal ao ser minimamente ríspido com outro ser. Sou alguém que tenta melhorar todos os dias a minha relação eso e exo, choro o quanto for preciso e saboreio muito as minhas emoções, mesmo as que podem ser consideradas ruins. A gente é tanta coisa, não é, Jonathan? É bom saber que eu tirei um tempo pra me conhecer e ser T, do jeito que sou, da forma que eu ajo. Acho que da próxima vez que me fizerem essa pergunta, eu vou responder: “É uma longa história...”. Tudo bem começarmos pelo nosso nome, não é? O que você acha, amigo? Espero que você volte logo pra Belém, daqui uns dias o ITA vai voltar e podemos brincar juntos lá! O que me diz? Espero que possamos...

Obrigada por me ouvir/ ler, não demore para mandar sua carta também! Me conte tudo que lembrar, sabe como amo suas cartas... Mas, aí, me diz uma coisa... quem é você?

Saudosamente, de sua amiga T B.

APÊNDICE B – CARTAS ENCONTRO II**CARTA ENCONTRO II - 1**

Querido Leitor,

Hoje, gostaria de compartilhar um pouco sobre quem sou eu, enquanto professora em formação.

Desde pequena, sempre fui fascinada pela maneira como meus professores ensinavam e a forma como eles tinham cuidado em transmitir aquele conteúdo para que todos compreendessem. O professor tem poder do conhecimento, tem a capacidade de transformar vidas. Esse Fascínio me levou a seguir a carreira de professora, um caminho que me permite não apenas ensinar, mas também aprender constantemente com cada um dos alunos.

Como professor, acredito que meu papel vai ser além de transmitir conteúdo, assim como eu via meus professores do ensino básico e aqui na Universidade. Vejo-me como um guia, alguém que vai fazer o possível para inspirar, motivar e apoiar os alunos em suas jornadas de aprendizado. A cada aula vai ser uma oportunidade para explorar novas ideias, fazer perguntas e descobrir respostas juntos.

Que minha abordagem ao ensino seja baseada no respeito mútuo e na empatia. Entendo que cada aluno é único, com suas próprias experiências, desafios e talentos e para isso irei criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos se sintam valorizados e encorajados a participar.

Acredito que sempre sejamos esse professor-estudante, pois creio que o aprendizado é um processo contínuo e que sempre há algo novo a descobrir e essa curiosidade constante é o que nos mantém motivado e entusiasmado em sermos futuros professores.

Com carinho, A.!

CARTA ENCONTRO II - 2

Eu sou a professora que aprecia o processo da aprendizagem, a que incentiva até o último segundo da aula o aluno que ainda não aprendeu o assunto do dia, eu também sou a que percebe se o aluno está compreendendo ou não o que está sendo dito na sala de aula. Eu sou a professora que acredita que cada aluno tem potencial para alcançar o conhecimento, mesmo diante de suas adversidades. Sou a professora que acredita que a educação transforma profundamente a vida daqueles que buscam o conhecimento e também daqueles que não dão ou não sabem de sua importância para sua formação como ser humano e cidadão do mundo. Eu sou a professora a qual tem esperança na educação na Amazônia e no Brasil.

CARTA ENCONTRO II - 3

Oi,

Espero que estejam todos bem!

Posso começar esta carta sendo, desnecessariamente, honesta? É um pouco difícil falar do meu “eu” professora no momento em que escrevo isso; no momento em que só consigo sentir como se eu fosse um poço de tristeza e insegurança.

Mas queria contar um pouco sobre a minha maior referência nessa profissão. Minha professora de Língua Portuguesa do ensino médio, além de ser uma pessoa incrível, ela era uma profissional muito boa. Não tinha um aluno que não gostasse dela (e se tinha, podem duvidar do caráter deste). Ela nos ensinava com dinâmicas divertidas e tinha uma didática maravilhosa, e o principal é que ela tinha os métodos dela para nos incentivar a ler, porque ela era apaixonada por livros.

Sou suspeita para falar, porque sempre amei meus professores de português, mas eu vi nela uma amiga. Acho que, se fôssemos pensar em quais qualidades um professor tem que ter para exercer essa profissão, ela teria todas.

No futuro, eu quero muito ser 1% da profissional que ela é. Quero que a sala de aula em que eu estiver seja um ambiente saudável e, assim com ela, quero incentivar meus alunos a lerem.

Com carinho,

J.

CARTA ENCONTRO II - 4

Caro leitor,

Hoje estou inquieta. Quando entrei na faculdade de Letras, sabia desde sempre que algum dia eu iria professorar, só não sabia quando. O dia em questão veio assim que recebi a mensagem de uma amiga dizendo que tinha me indicado onde ela iria trabalhar. Naquela semana, eu era uma estudante que lia com afinco os materiais que eram dados sobre ensino-aprendizagem, que gostava de discorrer sobre o ensinar. Mas, de repente, a partir da semana que vem, algumas pessoas me enxergariam como professora.

Esse nome tem uma grande responsabilidade, leitor. No entanto, no papel passado e nos documentos que eu tive que assinar para ser funcionária do local, eu era uma “auxiliar de desenvolvimento infantil”. É um nome bonito para dar àquela pessoa que dá uma forcinha pro aluno resolver os exercícios. Eu não era aquela que tinha a voz que guiava o aluno no seu aprender. Na verdade, uma folhinha com 10 questões eram dadas para a criança e meu papel era intervir caso ela precisasse de minhas ajudas. Meu trabalho, leitor, era registrar seu crescimento individual no boletim. O professorar cabia bem pouco aí, mas tava valendo...

Até que um dia, meu caro, eu tive que ir à recepção do meu trabalho resolver alguma coisa com a recepcionista quando uma mãe de aluno me para e fala “professora, que horas o Fulaninho vai sair da aula?”. Veja bem, leitor, eu não lembro se a pergunta foi realmente essa, me desculpe, mas o vocativo professora me fez flutuar ali mesmo. Pela primeira vez, fui reconhecida como professora por uma mãe de aluno, o que foi fantástico! Meus alunos usavam o “tia” para se referir a mim (acho fofo, vai), mas deve ter acontecido de um ou outro me chamar de professora. Foi um ato simbólico de referência, mas naquele dia eu me achei toda.

O tempo passou e eu estou aqui. Sai daquele trabalho que, convenhamos, era legal, mas muito exploratório. Só Deus e eu sabemos o quão exaustivo era atender 4 crianças com 4 níveis diferentes de aprendizagem em 30 minutos de tempo quando uma das professoras faltava. Algum dia vou explicar pra você como funciona essa coisa de Kumon, tudo bem? O foco nessa carta é outro. Agora eu estou procurando novas formas de ser uma professora. A minha busca nessa profissão se fundamenta em dois aspectos: dominar as técnicas, as nomenclaturas do que estou ensinando, dominar teorias de ensino aprendizagem; e dominar ser um bom ser humano, com empatia e flexibilidade. Quero ser uma professora que deixe o meu aluno livre para explorar todas as suas capacidades. Não quero podá-los com meus “grandes conhecimentos linguísticos ou literários” ohhh, meu Deus. Não, leitor. Eu quero ajudar a costurar o balão mágico que vai fazê-lo voar. O balão não é meu, é dele. Eu apenas vou dar umas forcinhas aqui e ali usando o que eu aprendi e estou aprendendo. Quero que os meus alunos se tornem gente que pensa, gente que tem coragem de questionar (até mesmo a mim), gente que entende o porquê existem pessoas que falam “brusa” ou “nós foi”.

Gente que sabe que não existe um “Português correto”, mas que sabe se adequar conforme o desafio que estarão enfrentando. Gente que encontra num livro um conforto pra uma angústia ou um sentido novo para seu curso de vida.

É esse o papel que eu quero me doar de alma, leitor. Não almejo a grandeza e ser revolucionária, mas se algum dia um pupilo meu parar o meu caminhar para papear e falar “você foi minha professora, lembra? Você me ajudou em [insira aqui qualquer assunto da disciplina de Língua Portuguesa da educação básica]” Eu vou rir, vou dizer que lembro, mesmo com dificuldade, e vou seguir meu caminho com um sorriso no rosto por ter facilitado a vida de alguém.

E você, leitor? Você lembra daquelas aulas sobre transitividade verbal? Se não, estou disposta a ajudar. aguardo uma resposta sua, foi adoro ler suas cartas também.

Da sua leitora daqui do Guamá, J A.

CARTA ENCONTRO II - 5

Belém, 07 de outubro de 2024.

Olá, queridos Navegantes Honoratos.
Espero encontra-los bem.
Quem sou eu como professora?
Como professora sou o entusiasmo das descobertas, afinal essa é uma experiência nova que tenho recebido a conta-gotas.
Mas se eu penso em como quero ser, percebo em minha trajetória a busca pela decolonialidade,
que desencadeia em mim o sonho de realizar transformações sociais, que somente a educação
pode alcançar. Ser professor é ser sonhador, não aquele que dorme, mas aquele que realiza.
Sim, sou busca de me tornar. E quando alcançar o almejado, acho que vou continuar buscando. Afinal, deve ser assim que nascem aqueles professores queridos que redirecionam nossas vidas: entram na nossa mente de maneira leve, e por vezes divertida, nos ensinam de maneira transformadora, constroem morada, registram-se em doces fotografias daquele recorte da vida, sendo revisitados por meio das nossas memórias, continuam a existir, ressoando em nossos questionamentos e reformulando a forma como vemos o mundo.
Desejo levantar questionamentos no pensamento e na alma. Assim me vejo quanto professora: um pequeno pássaro entoando um canto que não precisa ser solitário, embora as vezes seja. Me despeço, Navegantes, desejando-lhes uma leve jornada.

J.

CARTA ENCONTRO II - 6

Oi, meu querido futuro aluno! Eu espero ser uma boa professora que esteja te ensinando bem, compreensiva ao ponto de voltar o assunto para você compreender, te mostrar Machado de Assis de uma forma que não seja chato, ainda que você compreenda que vou puxar a sua orelha para não ficar conversando durante as aulas. Meu futuro aluno, eu aguardo o meu presente no dia dos professores, calma, não estou querendo te colocar pressão, mas eu gosto de roupas e perfumes. Poiser, espero que você tenha boas lembranças dessas aulas, e desculpas por você ainda não me conhecer e ter essas experiências. Atenciosamente, de sua futura professora K F..

CARTA ENCONTRO II - 7

Meus queridos navegantes honoratos,
Oi, tudo bem? Sou eu aqui novamente, dessa vez me desafiando mais uma vez a falar de mim, que coisa complicada essa, talvez eu deva começar pelo começo, quando tive essa vontade de me tornar professora, será que devo resumir a um só evento? Uma epifania espontânea na qual de repente um fato muito específico mudou minha vida? Sinto muito decepcionar a todos vocês. Essa história é simples e ao mesmo tempo complicada. Começou com meus 14, ou seria 15 anos?, não lembro bem, vamos dizer que foi com 15 anos, aquela menina cheia de sonhos e esperanças e nenhuma decepção amorosa nas costas.

Acredite se quiser, aquela menina detestava português, o barroco até hoje lhe causa calafrios com suas cantigas de amigo e cantigas de amor... CREDO! Essa menina é a mesma que adorava ler Nicholas Sparks e se tornou leitora voraz com o livro "A hospedeira" de Stephenie Meyer e daí nunca mais parou. Essa mesma menina que teve uma pincelada de literatura no último ano do ensino médio e adorou mais que tudo o Romantismo. O destino levou para a Maior do Norte em Biblioteconomia, isso porque sua paixão pelos livros era maior que sua paixão pelas Letras... Mas no fundinho sempre lhe assombrou aquele "e se..." que ficou guardado na lembrança. A paixão veio não pelo português, mas pelo inglês, o tanto que ela amava entender um povo pela sua língua, a gramática era uma pequena parte para se entender um universo inteiro, e por que não fazer isso em casa?! Entender que a língua é uma forma de entender as pessoas, e mais ainda: fazer as pessoas perceberem o poder da palavra? Aquele "e se..." voltou com tudo, aquela fagulha há tempos guardada se tornou realidade.

É claro que aquela menina teve muitos desafios, mas cada um deles apenas reforça a professora que eu me tornei. Hoje eu digo aos meus alunos: "Tudo é texto", "tudo depende do contexto". Todo dia é um aprendizado, cada dia é um dia dando aula, já me perguntaram porque existe tonicidade na palavra muito vê se pode uma coisa dessas?

A universidade não te prepara nem um pouco para a sala de aula, para aqueles que serão os seus piores e melhores anos. Eu definitivamente adoto a 3ª concepção de linguagem, afinal como ensinar aquele aluno se você não o conhecer? Eu aprendi a aprender com meus alunos, eu aprendi a ouvi-los, mas principalmente aprendi que é impossível aprender tudo, então cada dia é um dia. E dia de professora é sempre uma loucura!

Atenciosamente,

L d S Q F

CARTA ENCONTRO II - 8

Cara Mãe,

Dessa vez irei dispensar as formalidades, já me conhece a muito tempo e sabe que, nessa altura o campeonato, estou bem cansada com os meus afazeres. Irei direto ao ponto. Desde a nossa última carta, venho pensando incansavelmente na pergunta que me fizestes: quem tu és como professora?

Ora, que perguntinha mais difícil! Você sabe do meu trauma da minha primeira experiência em sala de aula... mas também sabe o quanto amo estar no meio dos alunos tentando entender tudinho que passa na cabeça deles para poder dar a aula mais incrível que eles poderiam ter ou a mais incrível que eu poderia dar; fazer tudo o que está ao meu alcance, com meus poucos recursos, para que eles entendam o porquê e queiram estudar. Acho que não posso dizer quem eu sou como professora, afinal, ainda não me considero uma, mas posso dizer que tipo de professora eu quero ser e a minha resposta está exatamente aí: quero ser uma professora igual a maioria dos que passaram na minha vida, quero ser uma professora que faz seus alunos se sentirem motivados a estudar. Mas, confesso, mãe, não faço a menor ideia de como fazer isso.

Sei que fazer uma piadinha aqui e ali, como costumo fazer, não vai passar de arabesco (um bem bonito e útil, mas ainda, sim, um arabesco) e ensinar gramática como me ensinaram me parece um tanto quanto abstrato; usar a literatura como base dos meus passos me parece uma saída, porém tenho medo de virar um professor que passa “Os Sofrimentos do Jovem Werther” para uma turma de oitavo ano sem nunca ter passado antes um livro com mais de 30 páginas antes. Você lembra quando isso aconteceu comigo e eu me senti tão angustiada que não li mais do que 50 páginas e acabei levando os temas desse livro pra terapia? Lembro de rir com a minha psicóloga da mesma forma que ri com você depois. Tempos que não voltam mais, né? Era bom quando tínhamos tempo pra essas coisas.

Mas...

Do que eu estava falando mesmo? Ah, é! A professora que eu quero ser! Acho que se eu for um pouco diferente do meu professor do terceiro ano e mais próximo o possível do meu professor do segundo ano do médio, eu vou ser boa (ou pelo menos razoável). Você lembra que eu li “Olhos D’água” da Conceição Evaristo pela primeira vez em sala, né? Foi aí que eu me apaixonei por contos. Eu quero fazer meus alunos se apaixonarem por algo, principalmente pela leitura. Vou trabalhar muita música (vou levar minha caixinha de som em formato de skate para sala de aula) e contos, não sei se teremos tempo para livros inteiros nas escolas privadas e tato para convencer os diretores a dar voz a minha escolha; já nas públicas, não sei se terei como escolher os livros que gostaria de trabalhar, provavelmente ficarei com o menos pior e isso é horrível.

Verdade seja dita, a professora que eu quero ser está envolta pelo medo da inexperiência. Acho que é normal, mas não torna isso menos assustador. Quando eu voltar para a sala de aula (algum dia), vou lembrar do que você já me disse várias vezes: dê tempo ao tempo. Tentarei não pensar muito até lá, para não criar muita expectativa, e, quando chegar, farei tudo uma coisa de cada vez. Ao menos tentar, né?

Enfim, espero ter respondido a sua pergunta, mesmo que eu tenha mais incertezas do que certezas. E, por favor, não me faça mais perguntas difíceis. Com muito carinho,

L M.

CARTA ENCONTRO II - 9

Querida vovó,

Quando você me sugeriu fazer faculdade pra ser professora, confesso que era uma área que me interessava mas eu nem sabia o que significava ser professora. Quando eu entrei na faculdade de licenciatura, eu não tinha muita certeza se esse era realmente o caminho que eu queria seguir. Mas quem tem certeza de algo aos 17 anos, né? O problema é que 4 anos se passaram e eu ainda não tenho certeza de muita coisa.

Vó, sei que você sugeriu porque era um mundo que você conhecia, a profissão que você passou anos exercendo, e eu acho isso lindo. Orgulha-me imensamente quando estamos passeando e alguma pessoa que foi sua aluna para e lhe cumprimenta, lhe chamando de “professora”. Acho que não tem alcunha mais bela. Por isso que quando penso em como eu quero ser como professora, eu penso em você. Apesar de nunca ter assistido suas aulas, só o fato de você ser lembrada com carinho por seus ex-alunos já me diz tudo que eu preciso saber. Eu acho que o que mais me agrada nessa profissão é essa possibilidade de ser uma pessoa que causa um impacto positivo na vida de uma pessoa em formação, seja criança ou adolescente. E é isso que me motiva a seguir essa profissão.

Eu confesso que às vezes fico incerta se posso me denominar professora, porque ainda está enraizada em mim a ideia de que eu precisaria ser efetiva numa escola. Mas se eu for me basear no dicionário, que diz que professor é “aquele que ensina”, acho que posso sim me dar o luxo de carregar essa alcunha, por que guardo com carinho a lembrança de todas as crianças que já ensinei algo. Não foram muitas, comparado ao que eu acho que o futuro me reserva, mas todas deixaram uma marca no meu processo de ser uma professora. Eu nunca dei aulas esperando qualquer tipo de reconhecimento posterior, mas não tem sensação mais legal do que ouvir um agradecimento de um aluno que entendeu o conteúdo que ensinei. Eu sempre tento pensar “como eu consigo tornar esse conteúdo o mais fácil possível de entender?” e acho que até o momento tem dado muito certo.

Enfim, eu espero que meu futuro em sala de aula seja tão leve quanto tem sido meu presente de aulas particulares, apesar de sentir que isso é utópico... Mas se for caótico, espero que eu tenha muita paciência e sabedoria para lidar.

Com carinho,

Sua neta e futura professora.

CARTA ENCONTRO II - 10

Prezado T,

Quanto tempo, certo?

Então, estou enviando essa carta porque atualmente estou fazendo um curso sobre literatura infanto-juvenil na faculdade. E, no fim de toda aula, a professora passa

aos alunos um tema para escrevermos uma carta e ler na próxima aula. O tema da última carta é "Que professor eu sou?", como não sou professor nenhum (ainda) vou escrever sobre o professor que quero ser. E, não poderia fazer isso, sem me lembrar de você.

Lembro da minha turma do primeiro ano do ensino médio, quando você foi meu professor pela primeira vez. Éramos bagunceiros, não é? Acredito facilmente que éramos a pior turma daquela escola. De qualquer forma, isso não te impediu de nos dar boas aulas. Incrivelmente, você era um dos poucos professores que não perdia a

paciência em sala conosco. E acho que nunca teve que expulsar um aluno. E eu conto isso porque, quando paro pra pensar no curso que escolhi, não posso deixar de lembrar de ti. E na forma como você ministrava aulas. Um pequeno resumo, seguido de atividade e, por fim, contava a história de um livro daquele período. Foi desta forma que consegui aprender bastante sobre literatura naquele ano e que me apaixonei pelos clássicos. Graças a ti, li *Lucíola*, *Iracema*, as *Memórias Póstumas*, entre outros. E qual a importância deles na minha vida? Bem, eu não sei ao certo, mas posso dizer que são muito importantes. Ler eles me despertaram curiosidade, e essa curiosidade me trouxe aonde estou agora. E certamente não me arrependo.

Antes de terminar, lembra quando nos encontramos no meu último ano do ensino médio e conversamos, depois da aula, como dois amigos que não se viam há muito? Bem, nesse dia eu te perguntei o porque você ministrava aulas daquela maneira para minha turma, e tu respondeu rindo que quando a turma não estava interessada em aprender, você experimentava coisas novas porque sabiam que eles não iriam se importar. Bem, acho que se importaram, a maioria ali gostou daquelas aulas. Eu estou nessa maioria.

Por fim, T., você não irá ler essa carta, mas eu venho te confirmar que aquele modo de dar aula funcionou. E funcionou tão bem que me trouxe até onde estou. E, quando penso no professor que quero ser, só lembro de ti. Você é o professor que eu quero ser, T.

De certa forma nostálgico,

P.

CARTA ENCONTRO II - 11

Pensando unicamente no professor no contexto da sala de aula (porque no meu entendimento a pergunta tem mais esse viés), eu ainda não atuei como professor. Então não consigo falar sobre o professor que sou, tendo em vista que ainda vou adquirir a vivência da sala de aula. Entretanto, vou comentar sobre o professor que quero ser. Correndo o risco de, erroneamente, romantizar a profissão. Penso que gostaria de ser o educador que instrui seus alunos, não unicamente mas principalmente, por meio do afeto. Essa é uma das formas mais eficazes de ensinar. Sempre ouço histórias de alunos que praticamente tiveram suas vidas mudadas por um professor ou uma professora especial. E o que torna esses educadores especiais é a paixão com que eles transmitem o conhecimento. A paixão que eles tem pelo assunto, pelo ofício e por realizá-lo. A paixão que os faz persistir em uma profissão cheia de agruras. Almejo ser assim, mas não tenho certeza se conseguirei. Admito que não é fácil insistir numa vida com poucos aplausos e com bastante desgaste. Porém, ainda sim, sou incapaz de duvidar da potência de uma boa educação. Existe uma nobreza inquestionável em alfabetizar, ensinar alguém a ler e escrever. Fazer uma pessoa acreditar nos estudos e que ele pode ter um futuro próspero. Existe nobreza nisso, poderia dizer até que, existe algo de heroico nisso. Não tem jeito, a educação é essencial, é a chave para um mundo melhor. Como já disse o mestre, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. No entanto, ainda sim, confesso que não reclamaria se o dinheiro fosse um pouco melhor. Aliás, é até engraçado que tem quem questione a escolha dessa profissão, justamente pela questão monetária. Assim, eu respeito, pelo menos em parte, as pessoas que vivem exclusivamente em nome de bens e matéria. Mas ainda prefiro acreditar numa vida que faça sentido. Não me entenda mal, jamais negaria a relevância do dinheiro. Porém creio que é preciso haver um equilíbrio na vida.

CARTA ENCONTRO II - 12

De: T M C

Para: K

Data: segunda, 7 de outubro de 2024.

Caro Sr. K, espero mais uma vez não incomodar seus afazeres de Deus da Guerra. O assunto de hoje é sobre que tipo de professora eu quero ser. Tudo começou aos meus 17 anos, no último ano do ensino médio, através do meu professor de Português, antes disso já me interessava muito por literatura e acredito que esse meu interesse pela literatura foi crucial para eu tentar Letras. Inicialmente, meu sonho era acima de tudo, formar mentes pensantes. Durante meus estágios no curso, o que mais amava era constatar a evolução dos meus alunos e perceber que conseguia ativar a curiosidade deles para a literatura, sempre dei o melhor de mim apesar de todas as adversidades. Contudo, apesar desse aspecto positivo, a realidade não é nem um $\frac{1}{3}$ do que imaginei que seria, apesar que sempre soube que a educação tinha seus problemas... São inúmeras as problemáticas que um professor enfrenta na profissão, seja o ambiente escolar, que beiram a insalubridade, professores universitários que tem a função de formar outros professores mas nem sequer pisaram em uma sala de aula, além de não entenderem a realidade da educação atualmente e isso acaba impactando de maneira negativa em nossa formação.

Sendo bem sincera K, a maioria dos professores universitários (principalmente os professores da minha universidade) são presos ao que apreenderam no passado e dificilmente dão importância a assuntos fora de sua(s) bolha(s), contudo, entendo que eles também estão cansados e com princípio de Burnout e infelizmente muitos continuam nessa situação pra pagar os boletos... Diante disso, eu não me vejo mais atuando como professora, primeiro porque dentro do contexto escolar nos delegam responsabilidades aos quais não são compatíveis ao cargo que se exerce, responsabilidades essas que vão desde bancar a babá de alunos até ser a secretária pessoal que leva cafezinho na sala da coordenação pedagógica, trabalhamos muito e ganhamos pouco e isso porque estou me referindo apenas a questão financeira, porque se falarmos de valores como respeito e reconhecimento, essas palavras são quase inexistentes no contexto educacional atual. Se queremos fazer alguma mudança e trazer algo diferente daquilo que foi inicialmente proposto pelos péssimos currículos fechados das escolas, a depender do lugar que você trabalha, você é ridicularizado e seus sonhos destruídos pouco a pouco. Infelizmente, você é reduzido a uma mera marionete daqueles que comandam, você me entende, afinal, os deuses do Olimpo fizeram exatamente a mesma coisa contigo, só que num grau muito pior né... O que eu fico mais triste é o quanto que a educação tradicional mata o professor e também o potencial dos nossos alunos, pra ser sincera, eu não sei o que irei fazer após terminar este curso, talvez faça um mestrado, talvez eu trabalhe em qualquer emprego aleatório para ganhar a vida até aparecer um direcionamento ou até mesmo faça um concurso público, ou dou prosseguimento naquele curso de bartender que comecei na internet... Sei lá, eu amo literatura e algumas áreas da linguística a exemplo de análise do discurso, mas eu não sinto a menor vontade de trabalhar com isso ou me especializar, principalmente levando em consideração que aqueles professores que vivem dentro da bolha são quase os mesmos que ministram aulas no PPGL... No momento não tenho uma solução palpável para essas angústias, creio que só após a formatura terei uma ideia mais nítida do que quero pra minha vida, mas no geral a professora que sou atualmente é aquela que se preocupa com os alunos, que tenta dar o melhor de si sempre, afinal, devemos ser melhores, porém muito provavelmente a resposta para a pergunta "Que professora quero ser no futuro?", atualmente é **NÃO QUERO SER PROFESSORA...** Enfim, fale mais sobre como é ser deus da guerra após o Ragnarok????

Ass: T M C

CARTA ENCONTRO II - 13

Caros queridos alunos

Hoje fui desafiada a escrever essa carta para vocês, mas não é nada tão interessante (embora para o meu curso seja), espero que vocês não se sintam entediado e leiam até o final.

Como eu escrevi no primeiro parágrafo, fui desafiada a escrever uma carta para vocês e o assunto é sobre “quem sou eu como professora”. Quando escrevo que é eu fui desafiada, estou referindo a mim mesma como professora.

Escrever sobre mim já é difícil, como professora é algo ainda mais desafiador, pois não sei se de fato sou para vocês a mesma professora que eu penso ser. Então ao invés de escrever quem eu sou, vou escrever sobre a professora que eu quero ser. Vamos lá...

A professora que quero me tornar é aquela atenciosa, dedicada, extrovertida e amiga. Para mim ter um relacionamento de amizade com vocês é o principal, pois sei que vocês vão se sentir mais confortável com isso, mas quero que a nossa amizade possa existir respeito e admiração de ambas as partes, quero que vocês se sintam tão a vontade comigo ao ponto de não sentirem vergonha de me procurarem quando estiverem com alguma dúvida sobre algum determinado assunto, como ex - aluna de nível médio, sei o quanto é apavorante está com dificuldade em uma matéria e sentir vergonha de perguntar para o professor por medo. Não o quero que vocês tenham vergonha ou medo de mim, apenas quero o respeito e amizade de vocês.

Espero está cumprindo com todos esses requisitos, caso eu não esteja, mas acreditem, eu estou tentando.

Com amor, a querida professora de linguagem de vocês

APÊNDICE C – CARTAS ENCONTRO III**CARTA ENCONTRO III - 1**

Querido Leitor,

Hoje, gostaria de compartilhar um pouco sobre quem sou eu, enquanto professora em formação.

Desde pequena, sempre fui fascinada pela maneira como meus professores ensinavam e a forma como eles tinham cuidado em transmitir aquele conteúdo para que todos compreendessem. O professor tem poder do conhecimento, tem a capacidade de transformar vidas. Esse Fascínio me levou a seguir a carreira de professora, um caminho que me permite não apenas ensinar, mas também aprender constantemente com cada um dos alunos.

Como professor, acredito que meu papel vai ser além de transmitir conteúdo, assim como eu via meus professores do ensino básico e aqui na Universidade. Vejo-me como um guia, alguém que vai fazer o possível para inspirar, motivar e apoiar os alunos em suas jornadas de aprendizado. A cada aula vai ser uma oportunidade para explorar novas ideias, fazer perguntas e descobrir respostas juntos.

Que minha abordagem ao ensino seja baseada no respeito mútuo e na empatia. Entendo que cada aluno é único, com suas próprias experiências, desafios e talentos e para isso irei criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos se sintam valorizados e encorajados a participar.

Acredito que sempre sejamos esse professor-estudante, pois creio que o aprendizado é um processo contínuo e que sempre há algo novo a descobrir e essa curiosidade constante é o que nos mantém motivado e entusiasmado em sermos futuros professores.

Com carinho, A.!

CARTA ENCONTRO III - 2

Quem eu seria em outra dimensão?

Não sei ao certo quem eu seria em outra dimensão. Mas pensando bem, eu seria professora de educação física. Era um sonho que eu tinha antes de começar o curso de Letras. Lembro-me as aulas de educação física no ensino fundamental. Minhas amigas e eu amávamos esse horário de aula. Presumo que esse sentimento é mais comum do que eu imagino entre os alunos. Mas foi interessante imaginarme sendo professora de educação física, pois eu seria completamente diferente do que sou e faço agora. Acho que até mais feliz. Não me entenda mal, eu gosto do curso que escolhi, amei estudar fonética e fonologia e conhecer a história da língua portuguesa, incluindo os estudos de latim. - Socorro! Kkkk Talvez eu construa esse caminho para realizar esse desejo o qual foi deixado para trás e que agora está apenas em outra dimensão. Algumas vezes também imaginei-me estudando Biologia, nesse aspecto não sei se eu seria professora, mas eu gostaria muito de entender os aspectos mais profundos sobre o funcionamento dos microorganismos e enxergar mais a natureza circundante através dos olhos de bióloga. Talvez eu não saiba o que eu seria em outra dimensão, mas essa pergunta pode ter várias respostas. E o melhor dela é que podemos nos imaginar ser o que queríamos ser.

CARTA ENCONTRO III - 3

Oi, Navegantes Honoratos,
Com certeza, minhas versões de outra dimensão são melhores do que eu. Talvez eu seja a pior delas, vai saber!
Em um outro universo/dimensão, eu poderia ser uma super-heroína se o mundo estivesse sendo invadido por um alienígena malvado, que nem na Marvel. Mas não sei se eu seria tão altruísta, logo, eu poderia ser uma anti-heroína. Sei que eu não seria vilã, não mais do que na nossa dimensão atual.
Eu poderia ser uma cantora, uma atriz ou uma autora de best-sellers, espero que uma das minhas versões seja muito talentosa!
Durante nossa passagem por esta dimensão, não vai dar tempo de viver tudo, de conhecer mais pessoas, de seguir várias profissões e de olhar para cada canto do mundo. Nesse sentido, eu queria poder viver todas as possibilidades que existem em cada dimensão, em cada versão minha que existir.
Com carinho,
J

CARTA ENCONTRO III - 4

Caro Leitor,

Sabia que já pensei muito sobre os “E se?” da vida. Que atire a primeira pedra quem nunca parou diante do espelho é já se imaginou em um universo paralelo recheado de outras possibilidades. Ah, Leitor... honestamente, acho uma dor de cabeça gigante pensar nas possibilidades que viveria caso tivesse tomado uma decisão diferente. Eu gosto da minha vida como está. No entanto, ontem eu estava conversando com a minha Digníssima sobre umas perguntas que vi no Reels do Instagram. Uma delas era: “o que você diria para seu eu de 15 anos?” Acho que todos pensam na mesma resposta: “não faça tal coisa, naquele tal dia, naquela tal hora, com aquela tal pessoa.”

Bem, Leitor, vamos lá pros meus “E se?” que me levariam para um outro universo. A J Paralela seria mais desobediente. Sim, desobediente. Ela seria alguém que se posicionaria muito mais diante das coisas, especialmente diante de seus pais. Ela seria aquela Juliana que não abaixaria a cabeça quando a mandavam calar. Acho que essa é a única coisa que eu mudaria, mas acho que eu posso ser mais criativa.

No meu universo paralelo particular, nós estaríamos preocupadas com qual cores iríamos criar a atmosfera da nossa tela de pintura. Nós teríamos um ateliê de arte em alguma parte pacata do Brasil, porque minha realidade paralela precisa se passar aqui nesse país tropical abençoado por Deus. Me tire tudo, menos o meu Brasil de mim, por favor. Nós moraríamos numa casinha com paredes amarelas por fora, de um tamanho bem espaçoso pra caber a família que vamos construir.

Lá tem uma mesa grande no quintal, em que eu colocaria bolos, pães e frutas dispostos em vasilhas que combinam com os pratos e canecas de mesa posta. Talvez minha natureza seja familiar, mesmo em um universo paralelo. Nós cortaríamos frutas aos montes todas as tardes para alimentar os Carcarás, Quero-queros e Bem-te-vis que por ali passariam em busca de saciar a fome.

É, Leitor, minha vida seria simples e tranquila, porém farta de cheiros, texturas, sons e sensações. E você? Eu lembro que uma vez você me contou que queria projetar uma boate dentro de um avião. É uma loucura da aviação, mas eu gosto muito dessa sua versão inventiva que trecos é cacarecos que só existem em algum lugar na imensa teia de infinitos Leitores. Teoria das Cordas, né? Na minha opinião, a gente tem que pegar essas cordas e brincar de “O homem... bateu... em minha... porta... e eu... a-bri.” Certo, senhoras e senhores? Ponham a mão no chão. Espero ansiosamente sua resposta.

Um abraço da J da Terra-62!

CARTA ENCONTRO III - 5

Belém, 17 de outubro de 2024.

Olá, queridos Navegantes Honoratos.

Espero encontrá-los bem. O tema desta vez é “Quem eu seria em outra dimensão”. Pois bem! De diversas formas a Bia tem demonstrado muita criatividade ao longo deste curso, os temas que ela vem propondo para nossas cartas provam meu ponto. Essa é minha terceira carta, e como foi com as outras, no começo da escrita eu fico meio perdida. Vocês também ficam? Bom... a cada escolha uma direção, assim, talvez em outra dimensão eu possua uma dessas profissões: estilista, médica veterinária, artista visual, arqueóloga, socióloga e antropóloga, penso nisso baseada nos meus desejos de infância ou em acasos sucessivos que quase me levaram para esses rumos. Porém, caso essa outra dimensão tivesse mais a ver com uma versão minha vivendo em outra época do passado, a depender de quando, acredito que minhas tendências fariam

de mim uma modelista nos anos 20, uma hippie nos anos 70, ou até mesmo uma revolucionária contra a ditadura no Brasil.

Pensando bem, essa questão é arbitrária, logo, escolho algo diferente: eu seria uma diretora de cinema. Assim, vou chamar essa minha versão de J C. enquanto eu, que esta carta lhes escreve, fico sendo apenas “eu”.

Navegantes, consigo perceber o estilo da J C., os gêneros mais explorados são o drama, suspense e a ficção científica. As obras são repletas de fotografias intimistas, as tramas bem costuradas e argumentadas, os roteiros bem realizados e as temáticas críticas e/ou culturais a respeito do Brasil.

Sei que a J C. não será indicada ao Oscar, pelos motivos que todos sabemos. E, caso chegasse a ser, não levaria a estatueta. Tudo bem, ela entende os pormenores da (auto)premiação do cinema norte-americano (embora costume acompanhar).

O mais importante, é que através desse meio ela expressa suas questões individuais e coletivas, tenta fazer arte. E ao tentar, levantando suas questões, ela já o faz.

Quem sabe exista uma obra sua que se passa em outra dimensão, onde ela é estudante de Letras na UFPA...

Assim, queridos, deixo-os com a decisão: esse exato momento é uma cena ficcional onde

todos somos personagens? ou a J C. é que é ficção?

CARTA ENCONTRO III - 5

Meus queridos navegantes honoratos,
De novo, outra vez, novamente... mais uma carta, acho que nunca antes tinha brincado tanto com as palavras, acredite eu amo a leitura, dizem que ler faz você querer escrever e colocar ideias e mais ideias no papel, pois saiba que isso nunca me aconteceu. As palavras não vem tão fácil assim, as rimas não tem sentido e a prosódia parece errada.

Mas, voltemos ao assunto, quem eu seria em um universo paralelo? Ora mais que pergunta hein?! Seria no universo onde eu com 16 anos me imaginava encontrando a Tainá Müller e a gente vivendo felizes para sempre? Ou seria no universo onde eu fugia de casa porque achava que minha vida era péssima? Ou se me desse a louca e eu fosse fazer high school e morar nos EUA com minha tia? É uma baita pergunta com 1 milhão de possíveis respostas. No entanto, dadas as circunstâncias de um curso de literatura nada melhor do que contar a história da fase, no auge dos 22 anos, na qual achei que era escritora. É claro que eu vou lhes contar caros amigos essa história, não é longa, pois nunca terminei, mas de fato talvez fosse promissora.

Era pandemia, tinha acabado de terminar a faculdade de biblioteconomia, desempregada, presa em casa, com pânico de sair, é claro que eu fui reler Jogos vorazes, na melhor que uma distopia para fugir da realidade. Nessa época eu só estudava francês, aprendia a tocar ukulele e aperfeiçoava minhas técnicas de desenho, no entanto uma vontade repentina de escrever a próxima distopia bombástica veio. É claro que jogos vorazes serviu de base para toda a discussão.

Sem mais delongas, a história era a seguinte... Numa Salinópolis pós pandemia onde não haviam encontrado uma cura para o COVID 19, a solução para muitos foi se isolar uns dos outros para sobreviver na esperança de dias melhores. Lia é uma jovem de 23 anos que conhece muito pouco do mundo do antes e vive com sua mãe, seus tios, primos e um avô alcoólatra. Tudo que ela sabe estão nos muitos livros que ela possui e guarda com todo carinho. Ela conhece Clarice por acaso em circunstâncias nada favoráveis, mas surge uma amizade a distância entre elas enquanto tentam sobreviver ao caos que a vinda de um navio com dezenas de pessoas desembarca na cidade.

Por fim, eu nunca terminei essa história, eu escrevi bem mais do que eu apresentei, não irei cansar vocês, meus caros leitores, com minhas histórias de amor sáfico (sim elas se apaixonam!) e conflitos em uma Salinópolis nunca antes vista. Mas minha mente sempre pensa que se eu tivesse terminado de fato esse livro, será que eu conseguiria publicar? e se esse fosse o primeiro passo para de fato ser uma autora? Com certeza eu seria o tipo de escritora igual ao George R. R. Martin, que começa várias histórias incríveis mas não termina nenhuma, só sei que de fato seria uma pessoa completamente diferente. É muito difícil imaginar esses "e se...s" desse grande multiverso de possibilidades, só sei que seria interessante conhecer essa outra possibilidade de mim.

Atenciosamente,
LSQF

CARTA ENCONTRO III - 7

Belém, 17 de outubro de 2024

Querida [pessoa],

Como vai você? Vi que tens outra pergunta. Continuas fazendo perguntas difíceis. Perguntas que não sei se conseguirei responder. Com a minha escassa imaginação posso tentar responder a sua pergunta. Mas, de tão escassa pode ser que esta carta vire um bilhete. Bem, acho que em um universo paralelo não seria tão diferente fisicamente quanto o meu eu de agora. Mas acho que teria um cabelo mais perfeito, queria pelo menos, um ondulado tão bonito que seria apenas de uma única curvatura. Acho que provavelmente seria melhor em matemática e faria arquitetura. Agora, provavelmente, estaria construindo alguma coisa. E, também, não estaria mais aqui.

Estaria em algum lugar bem longe, onde falariam uma outra língua, e que eu não tivesse que pegar ônibus lotados. Todas as minhas viagens seriam sentadas, e não espremidas. Teria uma moto. Pois, sendo menos medrosa, me aventuraria em coisas novas, em coisas várias. Talvez, fosse um pouco mais egoísta. Ou não, fosse completamente altruísta.

Porque, posso te dizer que neste mundo, as minhas ações, os meus atos, as minhas escolhas são completamente guiados e fincados nas necessidades dos outros. E talvez, no outro universo, eu seria mais livre, mais fácil.

Bem, não sei.

Acho que hoje é só. Fique bem e até a próxima!

Com carinho,

L

CARTA ENCONTRO III - 8

Cara L,
Se você está recebendo essa carta, é porque não estou delirando: eu estou em outro universo!

Não, cara eu, não fomos para o universo do último livro que lemos – ainda ~~há~~ pensei em viver em um mundo cheio de magia, demônios e uma igreja feminista? Seria incrível, eu sei, mas você sabe que não seríamos a honrada, morreríamos na revolução ou na guerra. Também não fomos pro último jogo – até porque seria bem difícil existir um universo nos jogos de carta que você costuma jogar – ou última série – e você sabe muito bem que Arquivo X é baseado em fatos reais. Desista desses seus sonhos estranhos baseados nos últimos dez isekais que você leu, L! Desista! A realidade é que estou presa num mundo em que eu ouvi a sugestão do nosso pai e fui pra Porto Velho fazer faculdade de matemática... que coisa, meu senhor! Imagine a minha tristeza de estar em um local em que meu eu atual não conhece ninguém; deve existir em algum lugar essa Larissa que já conhece todo mundo daqui, anda pelas ruas com naturalidade, se acostumou com a saudade, vai pra igreja e faz malabarismo com sua identidade... Mas essa não sou eu! Nada daqui é meu, você me entende? Deve entender, só eu poderia me entender.

O que eu me pergunto é qual foi o momento crucial que me fez vir parar aqui? Será que eu morri comendo miojo igual ao Shen QingQiu? E se – pior! – estão tentando me dizer que fiz a escolha errada em não ir? Seria esse meu futuro perfeito, pleno e cheio de felicidade? Ou devo tomar as rédeas desse mundo com toda a minha mentalidade dos meus 21 anos? São tantas perguntas! No fim, me vejo totalmente paralisada. Não saio faz exatas duas semanas, procuro em todos os cantos da Internet uma maneira de voltar ao meu lugar de direito – e sim, o lugar que estou falando da cadeira de embalo da vovó.

Não conte pra ninguém, L, porém acho que achei a fórmula da minha saída numa página do tumblr numa postagem de 2007. Assim, não estão me garantindo ir para o universo que quero, mas sim ir pra outro; nós já vimos um milhão de vezes “Homem-Aranha no Aranhaverso”, sabemos que todas as Larissas Mustafés (como pluriza nome?) estão conectadas de alguma forma e isso deve servir de alguma coisa. E nem que eu tenha que ir de universo em universo, eu vou voltar pra casa. Eu tenho que voltar pra casa! Você sabe, tem gente esperando por mim.

Enfim, se der certo, lhe aviso em uma próxima carta. Agora, se der errado... não vamos entrar em detalhes, certo?

Atenciosamente,
A sua outra eu

CARTA ENCONTRO III - 9

Querida Bia,

Preciso ser muito honesta com você e dizer que nesse momento estou encarando uma tela do docs em branco e pensando seriamente em não entregar essa carta.

Simplesmente porque não consigo pensar em algo que seja suficiente para o tópico.

Primeiro, que eu não costumo consumir fantasia e sci-fi, então nem sei quais são as regras narrativas para imaginar outra dimensão. E segundo, que eu acho que se eu fosse outra pessoa, em outra dimensão, então automaticamente eu não seria eu.

É óbvio que eu já pensei em muitas outras coisas que eu gostaria de ser, em um milhão de coisas que mudaria em mim mesma. Mas ao mesmo tempo, eu penso que tudo que me constitui, seja interna ou externamente, é exatamente o que me faz ser eu. Então, se algo se alterasse, eu por inteira me alteraria. Dá pra entender?

Então para eu existir em outra dimensão e não ser exatamente da mesma forma que sou nessa, provavelmente todas as circunstâncias desde antes do meu nascimento teriam que ser diferentes. E aí, eu seria outra pessoa que não eu. E talvez, quem sabe, outro espermatozoide poderia ter vencido a corrida e, de novo, não seria eu.

Não pense que essa carta é um monólogo de autoconfiança porque, muito pelo contrário, eu penso diariamente em tudo que eu queria que fosse diferente em mim.

Mas no final a resposta sempre é a mesma: se fosse diferente, não seria eu. No fim, acho que eu nem descobri ainda o que é ser “eu” por completo, mas enquanto tô no caminho, acho que não quero ser qualquer outra pessoa senão eu mesma.

(E talvez todo o conceito de outra dimensão seja assustador demais pra minha cabeça pequena...)

Atenciosamente,

L (vulgo eu).

CARTA ENCONTRO III - 10

Querido eu (de outra dimensão),
Começo esta carta lhe chamando de querido, pois, numa dimensão alternativo você é melhor. Na verdade, você é perfeito.
Nessa dimensão alternativa sua infância foi memorável. E não tem nada que você tenha esquecido... Ou preferido esquecer, por qualquer motivo que seja (porque você também tem medo de descobrir).
Desta forma, acredito que por sua infância ter sido tranquila e memorável, você não tenha crescido tão quebrado. Você não passou a juventude ansioso e com medo de enfrentar certas situações.
Talvez assim, você não tenha errado tanto. Talvez, desse jeito, você tenha cometido erros de uma pessoa normal; e não erros de uma pessoa ruim. Talvez, então, você não tenha sentido o peso desses erros virem a tona de uma só vez e se sentiu culpado por tanto tempo...
Bem, eu de outra dimensão. Acredito que estou colocando expectativas demais sobre você. Mas de qualquer forma, vou acreditar que você foi um pouco melhor do que eu. E, saiba que, daqui estou orgulhoso de você!
Com amor,
P

CARTA ENCONTRO III - 11

Essa é uma questão que rende bastante. Promove muita conjectura. Especialmente no meu caso, pois já há um tempo ando pensando bastante nisso de outras versões, mas penso sob outro contexto. Me voltando mais para personagens, não para mim. E agora tendo que focar em mim, surge um pensamento um tanto quanto paradoxal. Por um lado, creio que em outra dimensão eu seria diferente. Talvez fosse de outro signo, talvez tivesse poderes ou um irmão gêmeo, quem sabe até os olhos da cor roxa ou laranja, ou até mesmo heterocromia. Enfim, coisas que iriam me distinguir de quem sou aqui, nesta versão, nesta dimensão. Não é que eu iria desgostar se essa outra versão não possuísse nenhuma excentricidade. É só que eu acharia mais interessante se ela fosse diferente. Caso não tivesse uma aparência assim tão divergente da minha, tudo bem. Mas seria legal se fosse diferente, ao menos, no jeito de ser. Não me considero um poço de arrependimentos, mas gosto de achar que se me fosse dada a oportunidade, eu não faria novamente as coisas da mesma maneira, ao menos não tão estritamente. É até por isso que não costumo apreciar tanto a sensação de dejavu, aquela sensação de repetição, de já ter feito aquilo, de já ter dito exatamente aquelas palavras, de já ter vivido aquela situação, aquele momento. Uma parte minha acha isso fascinante, outra não gosta tanto, pelo motivos que expliquei anteriormente. Gosto da ideia de que, em outra dimensão, tenho mais autonomia, e um pouco mais de coragem. Gostaria que em outra dimensão, não tivesse estado em ambientes tão tolhedores. Gostaria que esse eu de outra realidade, aprendesse e sentisse mais cedo o significado da palavra acolher. E que não passasse pelas mesmas situações chatas que passo nesta dimensão. Sou daqueles que acha que tudo que passamos na vida, seja algo bom ou ruim, acarreta em um aprendizado. Mas é cada aprendizado que a vida ensina, que as vezes dá vontade de ter ficado burro. Entretanto, por outro lado, acho que no fim das contas mesmo, não modificaria tanto as coisas por aqui, por incrível que pareça. Em outra oportunidade, numa outra dimensão, gosto sim da ideia da diferença. Mas se fosse reescrever minha história aqui, nesta dimensão, não mudaria uma vírgula de lugar. Um profundo receio me impediria. Penso que tudo pelo que passo, e que já passei, a maneira como lidei, a forma como enfrentei, a lição que ficou. Tudo isso fazem de mim o que sou. Como naquele famoso pensamento que alega, tu não es o que fizeram de ti, tu és o que fazes com o que fizeram de ti. Não sei se recordei certinho, mas acho que o cerne da ideia ficou claro. Em outra dimensão seria diferente do que sou nessa. Porém, nesta dimensão, sou o que sou, e aprecio isso. Ou pelo menos tento. Tento admirar minhas qualidades e aperfeiçoar o que puder, concertar meus defeitos e aprender a lidar com o que não posso corrigir. Sempre acho que posso evoluir. Mas, no geral, posso dizer que aprecio esta minha versão desta dimensão. E se for possível mandar um recado para o eu de outra dimensão, queria pontuar que não sei se ou quantas dimensões existem mais independente de qualquer coisa, queria dizer para ele nunca se desacreditar e nunca deixar que alguém o faça se sentir menor. Você é especial sim, não duvide disso. É importante que você tenha carinho por si, tratar os outros com carinho é importante, mas você também precisa se tratar com carinho. Não seja tão duro consigo, se aceite, se perdoe. A vida nem sempre é fácil, mas tente sempre fazer o seu melhor. Bom, e é assim, com essas pequenas mensagens que eu finalizo mais uma tentativa de carta (e desconfio que até então essa foi a que meu jeito de pensar demonstrou ser mais singular ©).

CARTA ENCONTRO III - 12

De: T M C

Para: K

Data: 17 de outubro de 2024

Caro K, faz um pouco mais de uma semana desde a última carta, realmente aquela foi em um tom menos contido, agradeço a preocupação. Bom, o assunto da carta de hoje é sobre “Quem eu seria em outra dimensão”. É engraçado que antes de dormir eu sempre penso nessa possibilidade? Crio muitas histórias fictícias na minha cabeça, haja vista que elas ajudam a acalmar meus pensamentos. Para ser bem sincera, eu sempre me imagino sendo uma cientista altamente treinada que tem como objetivo explorar diversas galáxias.

Imagino também que a qualquer momento os humanos irão trazer um desequilíbrio tão grande para o universo inteiro que será necessário intervir. Nas minhas histórias, a alta cúpula de meu planeta me enviará para a Terra para fazer essa mediação. De modo resumido, eu iria até a ONU e iria propor outro meio de produção que não fosse destrutivo para o universo e a própria Terra, argumentaria que minha raça e nossos aliados poderiam ajudar nessa transição. Ai você pode questionar “e se eles não aceitarem?”, basicamente eles teriam que aceitar uma hora ou outra porque minha nação é altamente tecnológica e se os humanos ameaçam todo o universo isso é um problema de todo mundo, mas não faríamos que nem eles fazem com a própria raça, extermínio, etnocídio, estupro e outras coisas horríveis, mas sim um plano para colapsar o modo de produção deles até eles se verem forçados a adotar um que não seja nocivo para ninguém. Portanto, K, é assim que me imagino em outra dimensão. Agora me responda uma curiosidade, como você se sentiu ao matar Ares pelo que ele fez com sua família?

APÊNDICE D – CARTAS ENCONTRO IV**CARTA ENCONTRO IV - 1**

Querido Leitor,

Eis aqui uma cartinha com o tema "Os meus choros". Não escrevo esta carta com lágrimas nos olhos, porque hoje de fato não me ocorreu algo que me fizesse chorar e eu pudesse vir aqui escrever chorando. Mas eu quero falar sobre os meus choros. Todos os choros que já enfrentei durante esses anos que já vivi. Alguns de felicidade, outros de tristeza. Chorar é algo tão fundamental e sempre revela o nosso ápice de algo que nos incomoda, deixa triste, feliz e tem vezes que não sabemos nem a causa, mas ela vive ali... parece que sentimos... Meus choros são como ondas do mar, eles vêm e vão, mas sempre deixam uma marca, que são essas lembranças.

Então, ponho-me a contar três vezes que chorei e nunca esqueci... a primeira é de lágrimas de felicidade de quando eu soube da minha aprovação na UFPA... eu estava lendo um livro, intitulado "A elegância do ouriço", e eu não fazia ideia que naquele dia sairia o listão, então quando vieram até a minha casa me avisar eu fiquei em choque e confusa pois eu não sabia se de fato era eu que havia passado. Quando eu confirmei que era eu, a única coisa que eu fiz foi chorar muito, de felicidade e de alívio por aquele objetivo alcançado. A segunda lembrança já não é de lágrimas de felicidade, pois se resumem ao dia mais triste da minha vida quando eu soube da triste notícia de falecimento da minha tia. Foi quase nas vésperas do Enem, no período da Pandemia, e toda aquela frustração do momento somado à notícia fizeram com que eu chorasse por vários dias de tristeza e angústia... a última e não menos importante lembrança foi de uma leitura muito triste de um livro que eu li na adolescência. O livro era o "O menino do pijama listrado", e a narrativa me pegou de maneira tão emocionante que quando eu terminei a obra eu podia dizer que estava em uma profunda melancolia e tristeza, principalmente com o final.

Essas são lembranças de lágrimas derramadas de momentos que marcaram a minha vida até aqui, mas atualmente, principalmente com as obrigações da faculdade a gente se permite chorar um pouquinho de vez em quando e essas lágrimas se resumem a tristeza, alegria, frustração, medo e está tudo bem, né... a gente precisa às vezes... assim meus choros são um reflexo da minha alma, da minha humanidade. Eles me lembram que eu sinto, que eu vivo, que eu sou.

Com carinho, A!

CARTA ENCONTRO IV - 2

Os meus choros

Lembro de ser uma criança que chorava muito, principalmente quando eu estava em casa. Hoje compreendo mais as razões que me faziam chorar muito, mas como diz o velho ditado: São águas passadas. Depois que cresci encontrei outras situações que desencadearam mais choros, porém eu aprendi a superar mais rápido o que me causava chorar. Acho que eu até gostava de chorar, dizem que lava a alma. Nós últimos meses não tenho conseguido ter tempo para exercitar o choro, mas sempre há razões para que ele venha. Kkkkkk Mas sabe de uma coisa? Eu prefiro sorrir, mesmo que a situação seja controversa. Ou então se eu não posso sorrir, eu canto, mas se for inevitável chorar, que venha as lágrimas, elas sempre serão bem vindas e recolhidas em algum lugar do universo.

CARTA ENCONTRO IV - 3

Oi,

Começo dizendo que eu sou alguém que chora bastante. Acredito que, quando o coração está cheio, ele precisa transbordar por algum lugar. Tenho a impressão de que a minha saudosa Marília Mendonça já disse algo do tipo uma vez... Enfim.

Choro porque odeio voltar para casa de barco todos os dias.

Choro quando não vou bem em uma apresentação de trabalho que eu estudei para caramba.

Choro porque quero ser um orgulho para a minha mãe, apesar de ela dizer que sente orgulho de mim várias vezes.

Choro porque acho que não vou ser uma boa professora, acho que não tenho vocação para a profissão que eu escolhi com 15 anos, que irônico.

Choro quando não sou a favorita dos meus amigos.

Choro com músicas, filmes e séries.

Chorei quando o único garoto que eu já gostei, romanticamente, naquela cidade horrível não sentiu o mesmo por mim. Eu ainda consigo me lembrar do dia 16 de setembro, na viagem em que estávamos juntos por acaso, e a indiferença dele era tão clara que me fez voltar chorando copiosamente para casa, em público, em um ônibus lotado. Enquanto eu virava a cabeça para a janela, para chorar tal qual em um clipe musical triste de 2010, no meu fone estavam tocando repetidas vezes as músicas: "Depois", da Marisa Monte e "All Too Well", da Taylor Swift. Ainda me lembro de tudo muito bem, apesar de que agora eu prefiro esquecer. Sei que é um exagero, mas ainda sinto minhas bochechas arderem e meus olhos se encherem de lágrimas com a rejeição.

Choro porque já sou mais velha e ainda estou presa em um "ai, eu nunca vou amar novamente".

Me perdoem se vocês acharem isso vergonhoso demais, eu vou chorar por esse motivo mais tarde também.

E se caso eu estiver lendo esta carta em voz alta para vocês, Navegantes Honoratos, e estiver chorando, vou ficar muito envergonhada, e vou chorar por isso mais tarde também.

Com carinho e lágrimas,

J

CARTA ENCONTRO IV - 4

Meu caro e confidente Leitor,

Hoje iremos ficar íntimos, porque vamos navegar um pouco pelas minhas lágrimas. Aceitar se molhar um pouco comigo nas águas da saudade, do amor e do desamor? Vou presumir que sim, mas com a condição única que você também me conte as suas.

Meu rosto já se molhou por tantas coisas, mas irei me deitar sobre aquelas que primeiro me vierem à mente. Penso muito nas minhas dores de criança, as dores dos primeiros anos de vida que são as mais assustadoras ao meu ver, porque estamos experimentando o mundo pela primeira vez e tudo é tão grande. Um dos meus monstros da infância foram umas meninas maiores da Escola Fundamental 15 de Outubro. Era e ainda é uma escola pequena e singela aqui no bairro do Guamã, com salas apertadas que registram as peripécias das crianças todos os dias. Tudo lá tem um espaço aceitavelmente pequeno, inclusive o banheiro. Tinha 2 sanitários apenas, uma pia e uma divisória para dizer que tínhamos alguma privacidade. O que importa não é o tamanho, e sim o fato que eu não gostava da ideia de ficar trancada em lugares. Vai que me esquecem ali pra sempre e eu morro sozinha, que triste. Eu sempre deixava a porta do banheiro encostada, porque eu sabia que 1) aquela maçaneta às vezes emperrou e 2) minha mão suave bastante, então era meio difícil girar aquela maçaneta redonda e velha. Uma vez usei aquele banheiro quando algumas meninas entraram nele. Eu pedi, por favor, que deixassem a porta encostada. Elas perguntaram o motivo e eu expliquei. Elas viram que meu medo era sério e aqueles olhares malignos percorreram entre elas. Eu havia entendido o plano covarde delas de fecharem a porta.

Isso de fato aconteceu, e eu só sabia gritar e chorar rezando pra maçaneta maldita girar e eu fugir dali. Pro meu azar e meu pânico, ela não abriu na primeira girada, nem na segunda, mas abriu na terceira. As meninas riam do meu medo bobinho, mas que se foda. Odeio maçanetas redondas e odeio a ideia de estar trancada nos lugares. Uma curiosidade sobre mim que nasceu desse choro: eu sempre procuro por saídas em casos de emergências e traço estratégias se algum dia eu ficar presa em algum lugar. Juro. Que maçaneta infeliz e que meninas infelizes.

Chega de maçanetas, agora podemos falar do que você tanto quer, Leitor. Eu conheço o teu jeito fofoqueiro, seu pilantra. Você está se coçando pra saber de antigos namoros. Já tive alguns amores que foram doloridos, mas cada um deles me deixou lições que carrego comigo até hoje, lições boas e ruins. Mas acho que meus choros de verdade vieram do fato que eu me esqueci nessas relações. Não há nada pior do que estar com alguém que faz você desgostar de si mesma.

Mas eu acho que meus piores choros duraram um tempo de 5 meses, que foi o tempo necessário para curar a dor de uma relação que eu sabia que estaria fadada a não acontecer, mas o que doía mesmo era alimentar uma falsa esperança. E ainda bem que não aconteceu, porque com certeza hoje eu estaria muito infeliz. Uns costumam dizer que é um livramento, inclusive uma conta no twitter de Tarot que de vez em quando gosto de ler. Ele foi tão exato na leitura das cartas e disse várias vezes que não era pra nada ter acontecido. A dor vinha do meu coração teimoso que criava cenários e possibilidades e eu ficava presa nesse umbral maldito. Meu rosto ficou tão molhado que limpou todo o resquício daquilo que machucava. Eu percebi isso quando olhei os Status dela e não senti nada além de indiferença. Livramento.

E por último, deixo aqui alguns choros bons! Dessa vez, um choro de felicidade, porque a mulher mais incrível do mundo escolheu andar de mãos dadas comigo pelas estradas da vida enquanto nossas felicidades são vizinhas uma da outra. Algum dia eu te conto como duas pessoas nada religiosas se uniram por causa de Nossa Senhora de Nazaré. Você já chorou quando se deu conta do quanto ama alguém? Eu acho que todos deveriam se molhar nessas águas pelo menos uma vez na vida. Mas não apenas de namoro eu falo, também falo dos amores vindos de amigos! Uma vez já chorei ao perceber que amo tanto meus amigos que eu adoraria ser criança com eles por um dia e convidar todos pra brincar na chuva e roubar acerola dos vizinhos. Já chorei por amar demais a vida mesmo que ela constantemente me bata na cara. Mas você já sentiu que estar vivo, por si só, já é uma grande benção? Essa é outra água que eu desejo que algum dia todos se aventurem em nadar.

E você, Leitor? Lembre-se de minha condição. Eu sei que fui bem vaga nessa carta, porque eu sei que você queria nomes, rostos e detalhes, mas eu te convido pra minha casa. Vou passar um café e fazer bolo pra eu te dar todas as informações que você quer saber sobre cada um dos meus choros. Te vejo em breve.

Com amor, J A

CARTA ENCONTRO IV - 5

Meu caro e confidente Leitor,

Hoje iremos ficar íntimos, porque vamos navegar um pouco pelas minhas lágrimas. Aceitar se molhar um pouco comigo nas águas da saudade, do amor e do desamor? Vou presumir que sim, mas com a condição única que você também me conte as suas.

Meu rosto já se molhou por tantas coisas, mas irei me deitar sobre aquelas que primeiro me vierem à mente. Penso muito nas minhas dores de criança, as dores dos primeiros anos de vida que são as mais assustadoras ao meu ver, porque estamos experimentando o mundo pela primeira vez e tudo é tão grande. Um dos meus monstrinhos da infância foram umas meninas maiores da Escola Fundamental 15 de Outubro. Era e ainda é uma escola pequena e singela aqui no bairro do Guamá, com salas apertadas que registram as peripécias das crianças todos os dias. Tudo lá tem um espaço aceitavelmente pequeno, inclusive o banheiro. Tinha 2 sanitários apenas, uma pia e uma divisória para dizer que tínhamos alguma privacidade. O que importa não é o tamanho, e sim o fato que eu não gostava da ideia de ficar trancada em lugares. Vai que me esquecem ali pra sempre e eu morro sozinha, que triste. Eu sempre deixava a porta do banheiro encostada, porque eu sabia que 1) aquela maçaneta às vezes emperrou e 2) minha mão suave bastante, então era meio difícil girar aquela maçaneta redonda e velha. Uma vez usei aquele banheiro quando algumas meninas entraram nele. Eu pedi, por favor, que deixassem a porta encostada. Elas perguntaram o motivo e eu expliquei. Elas viram que meu medo era sério e aqueles olhares malignos percorreram entre elas. Eu havia entendido o plano covarde delas de fecharem a porta.

Isso de fato aconteceu, e eu só sabia gritar e chorar rezando pra maçaneta maldita girar e eu fugir dali. Pro meu azar e meu pânico, ela não abriu na primeira girada, nem na segunda, mas abriu na terceira. As meninas riam do meu medo bobinho, mas que se foda. Odeio maçanetas redondas e odeio a ideia de estar trancada nos lugares. Uma curiosidade sobre mim que nasceu desse choro: eu sempre procuro por saídas em casos de emergências e traço estratégias se algum dia eu ficar presa em algum lugar. Juro. Que maçaneta infeliz e que meninas infelizes.

Chega de maçanetas, agora podemos falar do que você tanto quer, Leitor. Eu conheço o teu jeito fofoqueiro, seu pilantra. Você está se coçando pra saber de antigos namoros. Já tive alguns amores que foram doloridos, mas cada um deles me deixou lições que carrego comigo até hoje, lições boas e ruins. Mas acho que meus choros de verdade vieram do fato que eu me esqueci nessas relações. Não h

Com amor, JA

CARTA ENCONTRO IV - 6

Oi Navegantes, espero encontra-los bem.

Dessa vez eu serei mais direta, responderei a questão e me retirarei, pois não me traz tanto entusiasmo pensar nesses momentos.

Meu primeiro choro foi quando meu pai deixou a nossa casa, minha mãe aos 21 anos com duas crianças pequenas. Esse choro me fez crescer um pouco, e criou algo em mim, um sentimento ruim que não sei denominar. Durante a reconciliação de meus pais, eu o chamava pelo nome, me recusava a chamá-lo pai.

Mais tarde, após a fase adolescente revoltada, já me encontrava calma e havia perdoado ao meu pai e a vida. Quando as coisas pareciam melhores, voltei a chorar. Tinha 19 anos, e experimentei pela primeira vez a morte de uma pessoa próxima. Meu avô, cansado de tantos anos de trabalho, lentamente perdeu suas forças e foi descansar, esse foi meu segundo choro.

Mais tarde, aos 23 anos, chorei pela terceira vez quando perdi meu primo, que sofreu por meses em um quarto de hospital. Assim como meu avô ele também estava cansado, precisou dormir. E por mais que pareça clichê dizer isso, no descanso ele parecia um anjo. Nós que não costumamos entender essas coisas, choramos, sofremos, com uma dor que perdura, assim como o choro do menino que corre enquanto chora.

CARTA ENCONTRO IV - 7

Vossa Magestade Xie Lian,

Quem lhe escreve é uma antiga devota, talvez ainda perca para seu companheiro, Hua Cheng, em quesito de números, mas meu coração lhe dá todo o clamor.

Recentemente ouvi que se chora três vezes antes de chegar à vida adulta... pensei nos seus choros quando ouvi. Sua vida foi marcada por tantos momentos de choro que pensei ser impossível definir em qual a vida adulta lhe abraçou com a pele fria e disse que a partir dali seus choros não tinham mais um resultado, deveria ser você a resolvê-lo. Parece um pouco desesperador a independência adulta, talvez por isso ainda não me sinta uma. Mas o que eu sinto e o que eu sou são coisas diferentes. Sou, inegavelmente, uma adulta.

A que custo?

Vejo meu primeiro choro aos cinco anos: o dia em que meu pai saiu de casa. Acho que nesse dia eu entendi que algumas pessoas, por mais amadas que sejam, nunca estão satisfeitas. Acho que sou um pouco assim também. Mas, me diga, o seu primeiro choro foi ver Xian Le cair em guerra? Desceste do céu para lutar, mostrou que a mão que segura a flor também segura a espada. Vistes a doença se espalhar, seu povo morrer e perdestes teu status de deus. O quanto deves ter chorado?

A segunda vez foi quando perdi o sentido da vida. Você já sentiu o mesmo, não é, meu deus? Chorou junto a mim e entende a minha heresia, eu sei, e me perdoas, porque és feito de toda a piedade aos pobres de espírito e aos que perderam a crença, pois os deuses erram em sua finitude.

O meu último choro é ambíguo, tenho minhas dúvidas sobre qual realmente foi, contudo quero acreditar que, se ele já ocorreu, não foram de tristeza essas lágrimas. Gosto de pensar que chorei ao passar na UFPa. Um choro feliz e incrédulo, porque ninguém acreditava que seria possível. Também não acreditavam que seria possível ver-te novamente nos reinos do céu, mas te viram subir, te viram lutar em sua falta de fé e te viram cair mais uma vez. Você chorou quando caiu pela segunda vez? Foi aí que te vi ser adulto e lentamente aprender com a vida a se tornar alguém.

Foi difícil tornar-se adulto, oh, Xie Lian? Todas as responsabilidades, todos os conflitos, todos os choros que ainda estão por vir que nos fazem crescer ainda mais. Se já sou uma adulta, porque não me vejo uma? Você se via adulto quando subiu aos céus pela terceira vez? Não parecia que tudo era só levar pouco a pouco os seus dias por curtos oitocentos anos? Sobreviver por mais um dia, se alimentar por mais um dia... Se já sou adulta, me diga, é apenas sobreviver que se resume essa fase?

Essa é a minha prece, meu deus. Por favor responda esta menina que perdeu a sorte igual ao senhor.

De sua mais fiel devota,

LM

CARTA ENCONTRO IV - 8

Prezado leitor,

Falar dos meus choros é um pouco complicado porque não sou muito do tipo que chora. E acho que isso é o tipo de coisa que se vê muito em certas pessoas que a maioria

busca evitar. Imagino isso pois vejo o choro como um dos meios mais puros de demonstrar suas emoções. As verdadeiras emoções de uma pessoa. Isto é, existe muita

diferença entre um choro de alegria para um choro de tristeza ou entre um choro de alívio e um de agonia.

Mas, deixando isso de lado, não posso falar dos meus choros sem falar dos meus risos. Pois eles são muitos e bem mais frequentes do que os meus choros, ainda bem. E,

arrisco dizer que são tão frequentes, que chego a rir nos momentos em que deveria chorar. Não sei ao certo porque isso acontece, mas tenho quase certeza que ainda tenho um tanto de assuntos a resolver comigo mesmo.

A velha superstição diz que no terceiro choro nós crescemos, mas apesar de não chorar muito, posso afirmar que chorei bem mais que três vezes e ainda não sinto como

se tivesse crescido... Por completo. Vejo que ainda tenho que amadurecer muito em certos aspectos, enfrentar certas situações, viver alguns desconfortos, visitar velhas memórias e perdoar certos erros. De qualquer forma, acredito que ainda tenho tempo para essas coisas. E, espero que quando decidir fazer tudo isso, eu chore para amadurecer e não ria para escapar ou esconder o que quer que seja que eu esteja sentindo.

Não sabendo ao certo como me sinto,

P.

CARTA ENCONTRO IV - 9

Bom, desde o principio eu alertei que costumo ser bem franco(por vezes, fatalmente sincero), e penso que esta é a carta, ou tentativa de carta, em que isso vai ficar mais claro. Depois de reiterar esse ponto, acho que já posso começar. Então vamos lá. Eu acho que choro pouco, ou bem menos do que deveria, ou gostaria. Talvez porque sou um escorpiano com ascendente em aquário, ou talvez por causa de bloqueios emocionais, vai saber. Curiosamente, acredito que a minha relação com a tristeza é quase íntima, mas ainda sim, não pratico tanto o ato de chorar. Eu me emociono, às vezes a tal ponto que minha vista fica levemente marejada, mas lágrimas que é bom, nada. E não é que eu seja uma pedra, incapaz de sentir ou externalizar sentimentos. Eu só não faço o tipo que, por qualquer razão que seja, chora a cada 5 minutos. E já que estou sendo honesto, talvez desnecessariamente honesto, vou aproveitar para comentar algo que não me orgulho. Quando assisto aqueles jornais de meio-dia, que são com notícias cheias de morte, tráfico, com todas as violências possíveis, um desamparo, e é claro um sensacionalismo barato, entre outros adjetivos negativos, eu vejo e até me sinto solidário. Porém, não paro de almoçar por causa disso nem fico em prantos. Agora, quando vejo aqueles filmes que tem cachorros e o cãozinho morre no fim, aí eu choro, sinto como se o bichinho fosse meu. Lembro até hoje da primeira vez que vi Marley & Eu, e aquele, Sempre ao seu lado. Eles me marcaram, ou melhor dizendo, eles me traumatizaram. Costumo pensar que, os bichinhos merecem o mundo, mas o mundo não merece os bichinhos. Por um lado me condeno por ser assim, mas por outro lado acho que tenho razão. Recentemente uma criatura, que me recuso a considerar como criança, invadiu um hospital veterinário e matou quase 30 animais. Foi um massacre. E o infeliz ainda nem cresceu. Se pequeno ele já realizou uma chacina, não quero nem pensar no que ele vai fazer quando adulto for. É um caso cheio de aspectos tenebrosos, mas que no geral voltam para um ponto já conhecido, um ser humano maltratando/ matando um animalzinho. Acho esse um pensamento muito vegano da minha parte. Mas não sou vegano, nem vegetariano. Sim, prezo o bem estar dos animais, porém consumo carne de animal. Não, não sou uma fraude. Diria que sou, paradoxal. Agora, voltando aos meus choros. Creio que tenho uma forte preocupação com a tristeza. Apesar de me achar íntimo da melancolia, tenho sempre muita cautela para lidar com ela. Receio que se a deixar vir muito livremente, ela pode reivindicar espaços demais e acabar, irreversivelmente entranhada no meu âmago. O que me jogaria em um abismo, e eu não sei se saberia como voltar de lá. Apesar do receio em não conseguir me desvencilhar dela, eu ainda a recebo bem. Por saber da importância da tristeza e de sentir as coisas devidamente, permito que ela venha e me dê a mão. E quando julgo necessário, até a abraço. Normalmente faço isso ao som de vienna, do billy joel. Sim, eu sei, é uma coisa muito garota branca heterossexual padrão, que sofre pela vida. Não me pergunte porquê, mas essa música sempre combina. Nem foi propriamente uma escolha deliberada, foi quase intuitiva. E eu nem ouço ela somente nessas circunstâncias, também escuto em outros momentos. Mas por algum motivo, sinto que ela super combina com esses momentos mais reflexivos/tristes. Eu culpo as comédias românticas dos anos 2000 por implantar essa impressão em mim. Não lembro onde foi, mas certa vez li em algum lugar que as lágrimas purificam a alma, desconfio que talvez tenha sido na biblia. Pode ter sido em um versículo ou eu só juntei trechos de ensinamentos diferentes em um único pensamento. Não tenho certeza sobre o lugar que vi, mas certamente acredito nisso. No começo deste relato, iniciei pontuando que não choro muito. Pessoalmente, acho meio intrigante estar assim. Porque, quando criança me achava meio chorão, mas sempre ouvi que não devia ser desse jeito. Que homem não chora. Que precisava engolir o choro, acho que ouvi e internalizei isso tão bem que até hoje, não mais uma criança, ainda sou assim. Uma represa de mim mesmo. Caramba, a obediência é uma desgraça mesmo (mais um reflexo negativo de minha criação na igreja, olha que legal-contém ironia-). Entretanto, é com prazer que comunico que estou em um processo de mudança, já há um tempo estou assim. É um trabalhoso e longo processo de mudança, que certamente mesmo depois de concluído vai precisar de manutenção contínua. Eu já explicitéi acima os pensamentos que tenho hoje a respeito do choro e da tristeza, e isso de certa forma é uma conquista pessoal, há tempos atrás falar, ou escrever, tão diretamente sobre isso não era uma opção para mim. Hoje estou aqui, e consigo verbalizar tudo(ou pelo menos espero que consiga falar em voz alta tudo isso) tão claramente quanto penso. E se não conseguir, vou ficar contente por ter tentado, e não menos importante, por ter escrito tudo isso. Pra quem não achava simples falar/escrever tão desinibidamente sobre si, até que consigo soltar bastante coisa. Até essa carta aqui eu consegui, pelo menos. Veremos como me sairei na próximas vezes. Enfim, é com esta última confissão que encerro essa carta, ou tentativa de carta. Até a próxima.

CARTA ENCONTRO IV - 10

De: T M C

Para: K

22 de outubro de 2024

Caro K, espero que esteja tudo certo contigo. Hoje serei bem breve e falarei sobre meus 3 choros que me tornaram adulta. O primeiro foi o bullying na escola, onde tive que aprender o que rejeição desde muito pequena, o segundo foi quando minha mãe foi diagnosticada com transtorno bipolar e aqueles que costumava a chamar de "família" nos abandonaram de todas as formas e tive que assumir responsabilidades demais para uma criança de 10 anos e o último choro é com relação o meu ingresso e na faculdade, percebi que apesar desse terceiro choro ser o menos pior ainda sim é ruim, porque apesar das possíveis portas que se abrirá após a conclusão do curso, ainda sim a experiência aqui está sendo péssima, você inclusive teve um pequeno deslumbre na minha carta sobre que tipo de professora eu seria. Com isso, no momento, estou apenas sobrevivendo com a bagunça que é viver... Ah, e ouvir rumores que você está afim da F, é verdade?

Ass: T M C

APÊNDICE E – CARTAS ENCONTRO V**CARTA ENCONTRO V - 1**

Querido Leitor,

A cidade onde cresci foi mais do que um lugar para viver, foi um berço que me moldou, me ensinou e me fez quem sou hoje. Digo isso porque grande parte da minha infância e toda a minha fase de adolescência se permearam nessa cidade e isso mostra que os lugares sempre irão influenciar nossa personalidade, nossa maneira de ser no mundo. Eu nasci em Belém, e morei nessa cidade até meus seis anos. Depois mudei-me para Vigia, uma cidade vibrante e cheia de vida. Suas ruas estreitas e históricas, seus igarapés e seu povo acolhedor foram minha escola, meu lar e meu mundo. Lá aprendi a valorizar a simplicidade e a hospitalidade. Eu cresci em uma cidade que me ensinou a ser ousada e exploradora. Suas ruas me levaram a descobrir novos mundos e sonhos. Hoje, sou uma pessoa que não tem medo de arriscar e buscar novos horizontes. Vigia de Nazaré é uma cidade cheia de história e cultura, caminhar pelas suas ruas é como voltar no tempo, com suas casas coloniais e igrejas históricas, como a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. A cidade me ensinou a ser resiliente, a enfrentar desafios e a nunca desistir. Me mostrou que, mesmo nas dificuldades, há sempre uma oportunidade para crescer e aprender. Hoje, quando olho para trás, vejo que a cidade em que cresci não é apenas um lugar, é uma parte de mim. É o som da minha voz, é o ritmo do meu coração, é a essência da minha alma.

Com carinho, A.

CARTA ENCONTRO V - 2

Querido leitor,
Fui questionada sobre o lugar pequeno em que cresci. É ordinário, não tem tanto o que dizer.
Sei que parece que estou péssima depois dos meus últimos escritos, talvez eu esteja mesmo. Só não consigo lembrar desse lugar sem um olhar apático, na maioria das vezes.
Claro, existem coisas boas aqui, como minha família e amigos. Apesar de algumas péssimas experiências, consigo entender que isso fez o que eu sou hoje, seja pela convivência com as pessoas ou pelo lugar em si.
Eu já quis muitas vezes ir embora, porque nada me agrada em uma cidade tão pequena. Muito clichê, né?! Posso ter esperanças demais, mas sinto que, se ainda estou aqui, há um propósito maior e isso me tranquiliza, tanto nos dias bons quanto nos ruins. Continuo afirmando que é um lugar ordinário, mas, como outro clichê também, o nosso lar é onde o coração está e o meu ainda está aqui.
Com carinho,
Alguém um pouco perdido

CARTA ENCONTRO V - 3

Olá, meu querido Leitor,

Depois de tantas cartas, me sinto íntima de você já. Comecei meio acanhada, mas depois fui me soltando. Ah... é quase o que aconteceu com a minha cidade e eu. Senta aí, pega uma bebida que você vai saber de tudo.

Nasci e cresci nessa cidade Belém. Acho que toda a criança belenense já acreditou que Jesus nasceu aqui, não é? Culpa daquela música natalina “pobrezinho nasceu em Belém”. No entanto, a história dessa cidade muito tem a ver com o natal, só fico triste que é uma história recheada de invasão e violência, mas um dia eu te conto isso melhor. Da minha infância até o início da minha adultice, o bairro do Guamá era o meu mundo. Aqui tem de tudo, tudo mesmo! Se a gente ficar mal acostumado, dá nem vontade de sair. Precisa ir ao supermercado? Temos. Quer comprar um temperinho ali rápido, porém quer ter variedade na escolha? Temos. Quer se divertir num show? Temos. Quer um lugar bonito pra fazer atividade física? A orla da UFPA de manhã cedo e no início da tarde é tão bonita pra fazer isso. Cresci num bairro legal, porém muito conhecido pela violência. Já ouvi muitas histórias tristes que algum autor poderia se debruçar para escrever contos.

Apesar de ter crescido aqui em Belém, eu a mal conhecia. Arrisco dizer que ainda desconheço tantas outras coisas. Pra você ter uma noção, minha primeira vez indo ao Forte do Presépio foi na idade adulta, atividade essa que quase todas as crianças fazem logo nos primeiros anos de vida. No entanto, acho que ter ido nessa tarda idade me fez ter olhos para admirar a imensidão e riqueza dessa cidade. Vou confessar algo feio meu, tudo bem? Eu era tão vira-lata... Admirava tão pouco o que estava diante de mim, rezando pra crescer logo e me mudar para algum país com neve, porque eu gostava demais de filmes estadunidenses que mostravam pessoas felizes e bem vestidas nos países frios. Eu desprezava tanto meu lugar de origem que até as gírias eu me recusava a falar e eu não entendia o motivo que levava tantas pessoas para a Avenida Nazaré em pleno mês de Outubro para caminhar junto a uma estátua. Ainda bem que essa visão mudou, porque essa Estátua é agora tão importante pra mim... Hoje, se alguém se atrever a me tirar daqui, eu ralho e jogo uma panela na cabeça pra deixar de leseira. Mas sempre há o momento de virar gente, e eu fiquei feliz por esse dia ter chegado pra mim. Meu medo de verdade seria se nunca o tivesse. Eu não lembro exatamente como, mas passei a olhar Belém com mais ternura. Foi um caminhar lento, mas finalmente consegui admirar o que tanto ignorava. De repente, os outros países e cidades eram só outros países e cidades, porque Belém tinha virado o meu lar. Na verdade, sempre foi, mas a minha cabeça dura era incapaz de ver.

Essa cidade linda me fez ser alguém que sempre está procurando prédios antigos para admirar. Eu sei, é muita arquitetura portuguesa, então quero deixar aqui registrado que havia um povo aqui antes dos branquelos de barco aportarem nas nossas terras. Belém é território de um povo chamado Mairi, a gente das cores vermelhas. Essa cidade me fez então alguém que fareja histórias que querem deixar embaixo do tapete, mas se depender de mim, todo mundo vai saber que a nossa cidade cresceu em cima da violência. No entanto, Belém é linda e carregada de história. Quando você vier aqui, Leitor, eu vou te levar para conhecer os prédios bonitos que a arquitetura portuguesa enche nossos olhos, vamos passear pelo mercado do Ver-o-peso ver a gente da feira, que pra mim é muito mais interessante, porque lá tem vida.

Belém me fez ser uma pessoa que está aprendendo a ser gente. Eu te convido a refletir que essas duas palavras não são sinônimos. Leitor, me conta de onde você veio e onde você cresceu. Gostaria de receber uma resposta sua para nós alinharmos umas viagens, que tal?

Um beijo no seu coração, J.A.

CARTA ENCONTRO V - 4

Ananindeua, 10 de novembro de 2024.

Olá, queridos Navegantes Honoratos. Como vocês estão?

Como a cidade em que eu cresci fez quem eu sou? Eu vivo na interseção entre Belém e Ananindeua, meu CEP diz que sou de Ananindeua, e meu voto deixa lá, assim como

o IPTU, mas também tenho uma rotina consistente em Belém. Essa minha cidade, considerando a região metropolitana, a Grande Belém, fez de mim uma típica belemense e ananindeuense. Este recorte geográfico me fez, quando criança, sentir medo da Matinta Pereira e da Mulher do Taxi, admito que quando vou ao interior ainda fico cabreira com a Matinta. Se eu não fosse daqui, talvez nem soubesse quem são essas entidades. Ter nascido e sido criada aqui me faz saber que açai não tem gosto de terra, me faz entender a letra da música quando Djavan canta “Açai guardiã, zum de besouro, um imã”. Toda a cultura que só os nascidos aqui tem, o sangue ardente que o Sol da linha do Equador não deixa esfriar, nem com a chuva da tarde (que tem sido mais rara, roubada pelo “progresso”). Banhar nas águas doces, juntar uma manga ou um jambo do chão, quebrar a porta quebrando CASTANHA DO PARÁ, comer creme de cupuaçu, pegar bacuri de baixo da árvore no interior, comer tapioca, não porque é a última moda entre os nutricionistas ou os crossfiteiros, respirar 80% de água. Ser amazônida por puro privilégio de Deus e da Nazinha, e não porque é moda.

Sobre a nossa comida, só fala mal quem é bilé. Quem não conhece as nossas músicas precisa ser iniciado. E é claro que todas as partes da experiência são importantes, e

juntas elas fazem de nós belemenses. Mas a nossa língua... o nosso dialeto... as nossas gírias... égua, não tem pra ninguém nesse Brasil.

Parafraseando o poeta: que me desculpem os outros Brasis, mas ser belemense é essencial.

Pois é, Navegantes, se eu não fosse daqui eu seria uma versão paralela, mas essa carta

já passou, por isso deixo-lhes.

Abraços,

J

CARTA ENCONTRO V - 5

Como a cidade onde eu cresci fez quem eu sou

Eu cresci em Belém do Pará. Eu estou feliz e triste com a minha cidade, aqui vou falar sobre a tristeza e a felicidade de uma morada da cidade das mangueiras. Sou feliz pela culinária, amo o açaí daqui com farinha, tacacá, e outras coisas. Assim, a minha tristeza vem do calor, às oito horas da manhã a pessoa está soando, meu Deus, Belém merece isso? E tem a criminalidade, mas mesmo se eu morasse em outra cidade, eu falaria disso, e outras situações que prefiro não falar. Depois de explicar o que me deixa feliz e triste em Belém vou para a pergunta, misturando os dois sentimentos me tornei uma mulher forte, esperta, curiosa e sem frescura.

CARTA ENCONTRO V - 6

Meus queridos navegantes honoratos,
Estamos aqui novamente com uma pergunta um tanto curiosa... É complexo falar do lugar que cresci porque todo ano era uma casa nova, vizinhos novos, experiências novas. Mas vou começar pelo começo: minha mãe praticamente se criou sozinha morando e trabalhando em casa de famílias, depois ela conheceu meu pai, o filho do meio, e me tiveram. No começo, morávamos com minha avó paterna em Marituba, situação essa que minha mãe não tolerava porque “Quem casa, quer casa”, aí meu pai arranhou emprego na prefeitura de Tomé-Açu como topógrafo e lá ficamos dos meus 3 anos até os 10. Portanto, essa cidade foi meu lar a infância toda.

Lá era uma colônia de japoneses, eu estudava no Ipitinga onde o nome da minha diretora era I S T S, entre os meus colegas tinham as irmãs A e H e os irmãos M e M. Algo bem presente na minha infância era a competitividade japonesa e o perfeccionismo. Os traços da cultura japonesa eram bem sutis, eu não falava japonês e nem comia sushi, mas com certeza essa possibilidade lá existiam. Eu odiava o bullying da escola por não ser uma criança padrão e no meu último ano, na 4ª série, foi um pesadelo que finalmente chegou ao fim.

Ao final dos meus 10 anos, 4 meses antes de fazer 11, me mudei para Marituba para ficar perto da minha madrinha, da minha avó, do meu primo, nunca fui tão feliz... ter minha família por perto e meus novos colegas de escola foi um alívio pra mim. Em resumo, Tomé-Açu me ensinou a levar a sério os estudos e fazer as coisas do jeito

certo, mas também me traumatizou e me ensinou que as pessoas podem fazer coisas terríveis. E minha nova cidade, Marituba, me acolheu quando eu mais precisava e me possibilitou ir mais além do que eu poderia imaginar.

Atenciosamente,
LSQF

CARTA ENCONTRO V - 7

Minha querida e adorada Nossa Senhora de Nazaré,

Acho que é impossível falar da cidade das mangueiras e não falar de ti, quando tu vens em outubro e muda todo o clima da cidade, como se teu amor pudesse cobrir tudo que o Sol toca e mais um pouco. E tu podes, eu sei. A Senhora convida todos os seus filhos à comunhão e eu a tempos não sigo.

Belém é uma cidade imersa em um sincretismo religioso, não é mesmo, Nazinha? E eu, mesmo sabendo tão pouco sobre ti, tenho certeza que se orgulha de todos os seus filhos: não só naqueles que vão na corda e pagam promessa, mas de todos aqueles que se sentem tocados com a mudança dos ares que tu causas, ganhando força para mais um dia e, quem sabe, fazendo um pouco pelo próximo.

Eu acho que sou um pouco assim.

Quando era mais nova, meu pai fazia muito mais que tentar – digo tentar, pois não conseguiu – me passar o amor pelo Remo, ele, esporadicamente, me levava em terreiros para me passar sua crença; minha mãe, por sua vez, me levava todos os sábados para o centro espírita perto da minha casa para ouvir e aprender brincando e minha avó não ficava para trás, todas as sextas íamos para a Missa – e depois comíamos pizza, contudo não fale para a minha mãe. Essa foi a minha rotina por muito tempo, lembra, Senhora? Eu era igual Belém, detentora de muitos destinos, mas, se me perguntassem qual seguiria, não saberia responder.

Acho que até hoje não sei ao certo.

Digo que sou espírita, porém recuso toda e qualquer explicação pautada na influência dos espíritos; quando vou a Missa, a hóstia gruda no céu da minha boca; e a única coisa que resta da antiga crença do meu pai, é a mania de falar “saravá” quando estou próxima à minha família – e isto é mais culpa do meu tio L do que de meu pai. Por muito tempo pensei que fosse ateia, mas acredito em cada caso que me contam – e a Senhora sabe que Belém é um caso – e peço a Deus que sempre ilumine o caminho de minha família. É tudo tão irônico, não é, Mãezinha?

Essa grande Belém que é tudo e de todos e ao mesmo tempo de nada e de ninguém. Teria como isso ser mais eu? Não sei, mas eu rio.

Com carinho da sua devota,

LM

CARTA ENCONTRO V - 8

Se passaram muitos anos antes de pisar meus pés no ponto rosa de novo, será possível responder essa pergunta, sem pensar em você?

Querido quarto, querido infinito particular, meu ponto rosa em meio ao amarelo ocre, refúgio e fortaleza. Como as coxinhas de fim de tarde eu sou hoje? É vivido na minha memória a primeira vez, você se lembra infinito particular? Quando eu tive que desmontar os pedaços da minha vida em caixas, e você se tornou uma parte esquecida de mim. Como a cidade que eu nasci moldou quem sou hoje? Como a música que meu pai cantava pra mim antes de poder ouvir dentro da barriga, como minha bisavó levantou as mãos pro céu quando descobriu o que tinha entre minhas pernas “É menina graças à Deus!”, como meu irmão nasceu e a pequena eu não sabia que se tratava de um ser humano, e puxava pra fora do berço os bracinhos frágeis. Assim começou minha vida, assim em qualquer lugar, e esse lugar qualquer tem nome, e tem carinho. Cândido Mendes. Minhas memórias são mais doces porque estão embebidas das histórias e do modo de vida do meu lugar, quem sou eu sem as aventuras no mato com a vovó, sem as fofocas em frente à loja da S, sem os banhos de água doce e salgada? É simples, menos feliz

CARTA ENCONTRO V - 9

Olha, talvez essa seja a minha menor carta.. O que é um tanto irônico porque na carta anterior eu meio que me gabei um pouco por estar me saindo melhor do que pensei que me sairia nessa dinâmica.. Enfim, vamos ao tema. É o seguinte, eu fui criado na igreja evangélica..

Basicamente, por causa disso era indicado que eu não me aproximasse muito das coisas mais regionais. Das coisas mundanas. Então durante muito tempo da minha vida eu não acessava tanto minha regionalidade.. Cirio, carimbó, quadrilha, entre outras coisas, não eram pra mim..

Penso que as únicas coisas que ainda chegavam até mim eram a culinária e as músicas, e algumas coisas mais simbólicas. Costumo ser mais seletivo com maniçoba e caruru. Eu gosto da maniçoba de um jeito muito específico, e caruru só o da minha vó, e mesmo o dela, nem sempre eu como. De resto, como de tudo um pouco. Principalmente se tiver ou Monteiro Lopes ou Cupuaçu envolvido. Além disso, os bregas, as marcantes, o tecno melody, aquelas músicas mais passadão, tudo isso invariavelmente rodeiam a vida de qualquer paraense. A gente ouve tanto essas músicas que, mesmo sem querer, acaba decorando. Antes, quando menor, não gostava, hoje em dia eu adoro. Fora isso também posso mencionar algumas coisas mais simbólicas, experiências que só quem é paraense pode vivenciar e apreciar, como, almoçar no ver o peso, bater perna no comércio até se perder, contemplar o pôr do sol na estação das docas. Poderia mencionar algumas outras coisas, mas elas ainda se encaixariam nessas mesmas categorias acima. Enfim, como já havia alertado desde o princípio, essa não é uma longa carta. Acho que, até então, ela foi a mais curta. E é com essa reiteração que escolho finalizar mais uma tentativa de carta.

Até a próxima.

CARTA ENCONTRO V - 10

De: T M C

Para: K


Caro K, espero que esteja tudo bem contigo e com todos dos 7 reinos. Chegou a mim mais um tema, no mínimo curioso, a ser discutido e é com relação a “como a cidade que eu cresci me tornou quem eu sou”. Eu digo que esse tema é curioso, pois minha relação com a cidade é um tanto problemática... Primeiramente, eu nasci e fui criada no município de Ananindeua, mesmo sendo o 2º município mais populoso do Pará, perdendo apenas para a capital, minha cidade carece de uma infraestrutura de qualidade e as mudanças chegam sempre a passos lentos, o que me dá uma sensação de angústia e até certo modo desgosto, talvez por isso eu sinto uma certa desconexão com a cidade, pois, quase tudo que precisei eu tive que procurar na cidade vizinha. Apesar de amar a cultura da cidade (a música, a dança, a culinária, as rezas, os eventos culturais) sempre me imaginei morando em outro lugar, haja vista que o bairro onde eu moro é longe de tudo e principalmente perigoso, então o meu maior sonho é morar em outro lugar que não seja Ananindeua e nem os municípios da Região Metropolitana. Contudo, apesar de todas as coisas ruins, a minha cidade me tornou uma entusiasta pela cultura e gastronomia paraense, fez de mim uma apreciadora dos diversos ritmos existentes na região, uma eterna curiosa em entender como que nosso sotaque e dialeto funcionam. Por fim, se minha cidade não fosse perigosa e não faltasse o básico, eu com toda certeza adoraria morar aqui, mas é aquela coisa né Kratos, o que não nos mata, nos fortalece.

Ass: T M C

CARTA ENCONTRO V - 11

Querido E,

Você já se perguntou como sua cidade onde você cresceu fez ser quem tu és? Pois, eu nunca tinha me feito essa pergunta, até agora. Eu nunca imaginei que a cidade poderia influenciar na pessoa quem sou hoje, mas uma coisa eu posso te dizer, se não fosse pela arquitetura colonial que tem no Pará, acho que eu nunca iria amar essas estatísticas. No entanto, saindo das partes estéticas e bonita da minha cidade e vindo para a periferia, onde nasci e fui criada. A periferia me ensinou a ser esperta, mas nunca usar dela para passar por cima dos outros, me fez ter empatia ao ponto de ficar feliz com a felicidades dos meus amigos que enfrentam as mesmas dificuldades diárias que eu enfrento. Me fez ser o tipo de pessoa que tem sede de ajudar os outros e quando não consegue, fica triste. Tem tanta coisa que ela influenciou para mim ser quem eu sou, mas como essa foi a primeira vez que estou pensando nisso, não sei como escrever, talvez eu tenha escrito besteira, já que eu não sei o que esse tipo de pergunta espera de resposta. Por enquanto vou ficar por aqui e pensar mais um pouco sobre. Quando eu chegar em uma conclusão, te falo.

Com amor, sua amiga do 

APÊNDICE F – CARTAS ENCONTRO VI**CARTA ENCONTRO VI - 1**

Querida E,

Aquela atriz, Mônica Martelli, tem uma frase famosa que diz: “tem pessoas na vida que a gente esbarra e tem pessoas na vida que a gente encontra”. Acho que nós duas somos um encontro para toda a vida.

Penso sempre no quão lindo é quando dizemos que sempre nos conhecemos, mas Deus nos fez amigas no momento certo. Precisávamos uma da outra, pelo menos, sei que eu precisava de você. Por causa de tudo que passamos nos últimos quase dois anos e porque sua companhia me salvou tantas vezes, eu não conseguiria contar quantas.

Queria agradecer por você ser uma das coisas mais verdadeiras nesta cidade falsa (nós sempre dizemos isso também) e por tudo que fez e ainda continua fazendo por mim. Sei que sou difícil de lidar, mas eu continuo na minha batalha eterna para melhorar, você já sabe. Obrigada por me ouvir falar sobre o assunto de sempre, apesar de eu saber que já está chato até para mim, que estou falando. Obrigada por me entender, independentemente de tudo.

Eu espero que você nunca viresse alguém que eu poderia reconhecer a voz em qualquer lugar. Espero que as demandas da vida adulta nunca nos separem. Saiba que eu sempre vou torcer por você acima de tudo e que você tem uma irmã em mim.

Desculpa se não consigo expressar meus sentimentos com precisão e por ser muito amargurada na maioria das vezes. Eu amo você, da Lua até Saturno!

Com carinho,

J

CARTA ENCONTRO VI - 2

Caro Leitor,

Eu estava pensando no passeio que iremos fazer algum dia, porque lembrei da carta que te escrevi falando sobre a cidade. E aí, pensando mais um pouco, vi que os passeios algum dia me levaram para os encontros mais fantásticos de minha vida. Não falo apenas de passeios literais, Leitor, que são aqueles que fazemos com as pernas, mas também me refiro aos passeios metafóricos, que parecem parecer além da compreensão quando nos damos conta que algo tão simbólico e bonito nos encontrou.

Vou contar um pouco dos dois encontros pra você. Queria ter tempo para te contar tudo, porque adoro uma boa história como essas! Leitor, devo lhe contar que na minha

juventude mais jovem da que estou hoje, eu não gostava muito de passeios. Ou melhor, eu os via como algo que deveria ser grandioso, entende? Algo que eu só deveria fazer em ocasiões especiais. De um tempo para cá, meu amigo, eu passei a enxergá-los de uma outra maneira. Agora, quando me dá na telha, eu estou fazendo um passeio gostoso pela cidade. E em quase todos esses passeios gostosos, eu tive encontros igualmente bons. Por exemplo, uma vez sai com um velho amigo para explorar um pouquinho nosso bairro. Perambulamos o Guamá em busca de algumas coisas, e obtivemos alguns resultados. Nessa época, as lavanderias estavam chegando por aqui, algo que eu só via em outros bairros mais pelo centro ou dentro dos shoppings, mas agora estavam decorando o Guamá. Agora temos uma lavanderia pertinho da outra, mas antes elas eram um pouquinho mais escassas. Encontramos 3, todas distantes umas das outras.

Descobrimos, também, uma sushiteria na rua José Bonifácio que eu não fazia a menor ideia que existia. Eu e D, meu velho amigo, entramos lá apenas para olhar os preços, que até estavam convidativos. Visitamos bares que nunca entramos também com planos de passar noites boêmias em alguns deles depois das aulas das nossas faculdades. Essas noites nunca aconteceram, se é que você quer saber. Sobre o Sushi, demorei muito a retornar lá, mas voltei! Fui lá com minha amada na sexta feira para um encontro! (agora naqueles encontros com as pessoas queridas por nós, que agora chamamos de dates).

Lembro também de outro encontro, dessa vez com minha amiga B. Somos amigas por causa de um maldito filme ruim, acredita? Tivemos aula num sábado para repor uma falta da professora numa disciplina. Ela só falou "J, arruma 30 reais e vamos sair". Arrumei o dinheiro e fomos ao cinema assistir Jogos Mortais X, um filme muito ruim, mas que me deu uma das minhas maiores amizades e tesouros da vida: a B. Nos encontramos na dor de dois corações partidos. Eu e ela estávamos sofrendo com luto pós relacionamentos amorosos. E foi aí, compartilhando nossas dores, que nos encontramos. E desde então, não existe J sem B, nem B sem J. Quase um Claudiinho e Buchecha. E quando encontramos os amores que não doem? Encontrei a K, minha namorada, no lugar mais insalubre possível. De tão ruim que é, eu honestamente achava que nada iria nascer ali: é o Tinder, Leitor. Juro pra você que eu esperava apenas casualidades, mas eu estava completamente enganada. Achei essa menina engraçadinha que tem umas tatuagens bonitas e eu falei: por que não? O melhor de tudo foi o primeiro encontro pessoalmente. Ela falou: "então, se eu te chamasse hipoteticamente pra dormir na minha casa, você viria?" Analise bem a situação comigo, Leitor: era uma pessoa que eu nunca vi na minha vida. Eu teria que atravessar duas cidades pra chegar até Marituba com riscos da moleca ser uma psicopata que iria traficar meus órgãos. Lógico que eu fui, né? Avisei todos os meu amigos e deixei minha vida nas mãos de Deus. Spoiler: foi o melhor encontro/date que já fui na vida.

Agora vou falar de encontros quase sobrenaturais. A professora de Literatura Contemporânea I dispôs livros no chão para escolhermos um deles para estudá-lo. Eu faltei no primeiro dia para fazer a escolha, então no segundo dia havia menos livros disponíveis. No meio de tantos, eu peguei "menino do mato", de Manoel de Barros. Acho que gostei tanto porque ele é um poeta da infância. As poesias dele me levaram pra minha criança interior. Não quero me afastar dessa criança, já que ela é a nascente do Rio da minha vida. Essa leitura de Manoel foi um acontecimento e tanto. Um livro, que não tem pernas, nem braços, me encontrou. Tá vendo como existem encontros quase sobrenaturais? Todo mundo deve ter histórias de encontros como essa. E eu quero ler sobre as suas, Leitor. Ei, acho que você e eu também somos um encontro, não é? Mesmo que você seja inteiramente fruto da minha imaginação. Concluí que os encontros são os tantos que deram muito certo. No meio de tantos, encontramos tais coisas que viram nossa vida e deixam ela mais bonita, nos tornam mais sensíveis e humanos.

Um abraço carinhoso, J.A.

CARTA ENCONTRO VI - 3

Ananindeua, 10 de novembro de 2024.

Olá, Vózinha. Tudo bem? Como estão as coisas aí no interior? Quando a senhora vem passar uns dias aqui com a mamãe? Não sei se está no tempo, mas se estiver, traga cupuaçu, vó.

Eu tenho que escrever uma carta que fale sobre encontros, e começar esse tema é difícil para mim. Sinto vontade de escrever sobre desencontros. Apesar disso, acho

que vou falar de um encontro bastante importante para mim. Há cerca de 15 anos a senhora adoeceu, teve um problema que levou à perda do seu olho. E há cerca de 8 anos a senhora apresentou os mesmos sintomas no olho que restou. Apesar de sempre ter convivido com a senhora, nunca fomos próximas, íntimas ou afetuosas. Isso porque eu alimentava algumas mágoas que me impediam de desenvolver e demonstrar sentimentos bons pela senhora. Eu não lembro bem da jornada pela qual a senhora passou quando pela primeira vez foi acometida pela doença, nessa época a senhora havia se mudado, e já não estava tão próxima geograficamente. Mas lembro da segunda vez, quando a senhora procurou ajuda na minha mãe e em mim.

Eu estava embebida em mágoas, mas resolvi ajudá-la, com o intuito de evitar o sofrimento da mamãe, que sempre lhe foi uma filha dedicada, mas que naquele momento não podia prestar a ajuda que a senhora precisava, também por motivos de saúde.

Acontece que algo mudou, eu não sei exatamente quando, mas nesse processo frágil de dor e esperança, nós fomos nos aproximando, coisa que até então eu considerava impossível. Durante o processo de procura de ajuda médica, de tratamentos, de recorrer à justiça para garantir que a senhora fosse tratada da melhor forma possível, nós fomos criando vínculos, e eu passei a me dedicar a esse tratamento e ao seu bem estar. Já não fazia pela minha mãe, mas porque queria que a senhora melhorasse, porque nos dias difíceis em que as respostas pareciam negativas, a sua tristeza me entristecia.

Durante esse movimento eu não percebi a mudança do meu sentir. Somente depois, ao olhar para trás, vi o quanto nossa relação mudou, e o quanto isso me mudou.

A mágoa foi perdoada. Na época eu não sabia, mas naquele momento nós nos encontramos. E em uma terra infértil surgiu vida. Ver que, apesar de tudo, a senhora está bem, me deixa tranquila. E eu só espero, vó, que a senhora continue alegre e contando suas histórias.

Por isso se cuide. E não esqueça de tentar trazer cupuaçu quando vier.

Um abraço da sua neta.

CARTA ENCONTRO VI - 4

Meus queridos navegantes honoratos,
Quando eu achava que não podia ficar mais difícil, que eu já tinha pegado todas as manhas da produção de cartinhas vem o próximo tema com algo mais desafiador que o anterior.
Nesse momento estou escrevendo sem saber onde quero chegar, qual encontro eu quero expor com vocês? seria meu encontro com meu amor para toda a vida? Seria um encontro com a minha profissão dos sonhos? Seria aquele primeiro encontro com meus alunos que acompanhei a evolução deles por um semestre inteiro? Pensando bem, nenhum parece tão bom assim...
Pois bem... falarei daquele primeiro encontro que me proporcionou abrir os olhos para o mundo, aquele vislumbre que temos sobre nós mesmos e definimos "hummm acho que eu sou esse tipo de pessoa". Vou falar de quando as coisas fizeram sentido para mim. Eu sempre fui uma criança estranha, muito inteligente e focada em coisas específicas, nunca dei trabalho e sempre me elogiavam como uma "criança fofa", mas foi na minha adolescência que os surtos começaram, eu não pensava como meus colegas, eu não sentia as coisas da mesma forma que eles e isso me deixava furiosa, PORQUE EU NÃO POSSO SIMPLEMENTE SER COMO TODO MUNDO? Por muito tempo eu não soube responder o porquê me relacionar com as pessoas era muito difícil, sempre me diziam que eu deveria me abrir mais pro mundo, para as experiências da vida, mas sabe quando isso apenas não rola, pois é... Eu não tenho como contar cada detalhe e cada impasse que eu tive ao longo dessa jornada, mas ao saber que eu era sim diferente, que tinha um tal de autismo nível de suporte 1 era a tal questão que me impedia de ser como todo mundo. É claro que questioneei a veracidade dessa informação, o que não faltou foram segundas opiniões entre psicopedagogos e psiquiatras, como pode alguém tão falante ter problemas de comunicação? Acontece que a minha sintaxe é perfeita, nunca tive prejuízos na fala e sempre fui objetiva, mas aquela conversa fiada e as figuras de linguagens eram difíceis de assimilar, que era apenas fácil falar de algo que eu já gostasse e que novos assuntos com pessoas estranhas sempre foram difíceis. Isso também explica porque nunca levantei a mão para fazer perguntas em sala de aula e porque apresentar um trabalho, cujo tema eu já sabia, era fácil.

CARTA ENCONTRO VI - 5

Não sei muito bem por onde começar essa tentativa de carta. Engraçado, já tem um tempo que escrevo nessa dinâmica mas ainda não me acostumei, deve ser porque os temas sempre são bem diferentes. Não dá tempo de criar hábito, sempre surge algo novo e saio da zona de conforto. E como já pontuei outras vezes, considero uma tarefa árdua escrever assim, tão abertamente sobre si mesmo. Após muita ponderação, muita mesmo, resolvi escrever sobre meu encontro com a literatura. Minha história começa já na infância, aprendi a ler um pouco mais cedo que a maioria e desde então não parei mais. Acho relevante comentar que ter o exemplo da minha mãe foi de suma importância. Cresci vendo ela sempre com algum livro diferente em mãos, e com certeza isso teve uma forte influência sobre mim. Ela lia seus próprios livros e os que conseguia emprestando com amigos. Quando pequeno eu lia principalmente turma da Mônica, aliás passei por todas as fases do pessoal do bairro do limoeiro. Li a turma da Mônica criança, a jovem e até algumas edições deles pré-adolescentes. Isso sem falar sobre a edição deles adultos, aquela do casamento da Mônica e do Cebola. Essa foi um marco. Igualmente foi a do primeiro beijo deles, na turma da Mônica jovem, nossa nunca vou me esquecer da sensação que tive quando vimos dois se beijando na capa da edição, fiquei totalmente em choque. Depois do gibi, migrei para os livros. Li quase todos de o diário de um banana. Entre alguns outros livros que me achavam.

Nessa época eu gostava de folhear a parte de livros do catálogo da Natura, nem sempre dava pra comprar, mas eu sempre gostava de ver. E um ou outro eu pude adquirir. Lembro especialmente de um que chamava, vovô vigarista. Hoje não tenho mais ele, porém nunca o esqueci. Não tive como esquecer dele principalmente por causa de como foi a "perca" dele. Eu fiz uma troca de livros com ele, na verdade foram dois, eu emprestei vovô vigarista e o diário de um banana(o da capa vermelha; o 1º), em troca recebi O pequeno príncipe e Harry Potter e a câmara secreta, o 2º livro da saga. O colega que eu emprestei os meus livros, nunca me devolveu eles. Esse sem noção ainda me relatou uma história super mal contada pra tentar explicar, mas não me convenceu nenhum pouco. Acho que ou ele quis ficar com os livros ou ele deve ter engolido eles. A segunda opção me parece mais possível. Eu acabei ficando com os dele, já que não obtive os meus de volta. Até hoje nunca li o do Harry Potter, pra mim não

faz sentido ler o 2º sem ter lido o 1º antes. E se eu ler o 1º e o 2º, vou precisar ler toda a saga. Então estou sempre adiando. Já o pequeno príncipe foi um prazer e é até hoje quando eu o releio. Virou praticamente um livro de conforto pra mim, já li diversas vezes desde que "ganhei". Acho muito curioso que toda vez que eu leio ele tenho uma percepção diferente, toda vez extraio algo novo. Deve ser porque tem sempre um bom espaço de tempo entre cada releitura, então é quase como se eu não fosse a mesma pessoa desde a última vez em que o li. Tipo aquela coisa de que um rio não passa duas vezes pela mesma pedra, porque sempre que ele passar a pedra não vai ser a mesma(não tenho certeza se esse ditado popular é exatamente assim, porém acho que dá pra entender meu ponto). Isso também rola quando assisto o filme

V de vingança, sempre que o revejo consigo ter uma visão nova. Logo na primeira vez que li o pequeno príncipe não o entendi tanto, mas pude sentir. A compreensão foi pouca mas o sentir, esse foi muito. Posso não ter entendido mas ele mexeu bastante comigo desde nosso primeiro encontro, não à toa tenho uma grande estima por ele até hoje. Outro livro querido é O mágico de Oz. Principalmente porque o ganhei em um sorteio, foi o único sorteio que ganhei em toda a minha vida. Normalmente, eu participo mas não ganho, aliás ganho sim, ganho a frustração, a desilusão e tristeza. Só coisa legal. Uma vez me disseram que eu preciso ter mais espírito esportivo, o que é uma balela. Eu sei competir, não tenho problema em perder. Todavia é muito fácil alguém que costuma ganhar pensar assim, quero ver ser como eu e manter esse espírito. Além do mais, essa historinha não vale para sorteios. E no meu caso, é uma vida inteira perdendo, tem frustração pra dar e vender, então sim, eu acho que

tenho todo o direito de no mínimo ficar chateado ou sentido com a perda. Ainda mais a perda de um livro. As perdas mais recentes foram a do ótimo, o Último Apito do Trem(não, ainda não superei. Mas certamente vai acontecer, vamos torcer). Antes dessa, perdi o sorteio do livro O crime do padre Amaro, foi na sala de aula, em um momento de descontração com outra professora querida. Enfim, comentei sobre O mágico de Oz e O pequeno príncipe. Mas nem só de boas escolhas vive o homem. Tenho algumas vergonhas literárias, que mesmo com dificuldade, sempre assumo. Eu li os seis livros de After. Não, você não leu errado. Sim, eu li After. Em minha defesa, aconteceu em um período de formação do senso crítico, eu ainda não era politizado e afins. Bom, pelo menos serviu de aprendizado, hoje considero que tenho bastante propriedade para reconhecer e afirmar quando uma história é ruim. Já pensou se eu nunca tivesse lido a saga do Hardin e da Tessa, quem sabe do tipo de coisa que eu gostaria hoje, meu Deus eu poderia até gostar da Colleen Hoover(dela só Verity que se salva). Vai ver é aquilo de que tudo acontece por uma razão. Antes do fim, quero mencionar A seleção. Os 3 livros iniciais, que são os melhores, foram uma ótima leitura. Tem mais alguns outros títulos avulsos que caberia citar, uns bons outros maravilhosos, mas acho que já me prolonguei demais. E creio que deu pra fazer um bom resuminho desse meu encontro com a literatura, ou ao menos do início dele. Um encontro que por mim, vai perdurar por todo o sempre. Enfim, vou encerrar essa tentativa de carta por aqui, até a próxima.

CARTA ENCONTRO VI - 6

De: T M C

Para: K

Caro K, espero que você e os 7 reinos estejam bem. O tema desta carta, encontros, é um pouco curioso e até demasiadamente difícil para mim, pois eu sinto que eu perdi tanto ao longo da vida que, francamente, não faço ideia de como me encontrar. Mas um encontro que a vida me proporcionou foi o encontro com o amor. Lembro que aos meus 19/20 anos tinha me perdido dele e inclusive, aquela versão de mim mesma tinha prometido que perdera para sempre a chance de encontra-se com o amor, porém hoje eu digo, não só encontrei o amor da minha vida mas como é muito bom amar e ser amada. Portanto, mesmo essa carta sendo curtinha, preciso enfatizar que ainda necessito traçar caminho para outros encontros, principalmente o encontro com a paz de espírito, contudo isso fica para outro momento.

Ass: T M C

APÊNDICE G – CARTAS ENCONTRO VII**CARTA ENCONTRO VII - 1**

Querido Leitor,

Hoje, decidi compartilhar um pensamento que me veio à mente: qual livro eu gostaria de ter lido quando era criança? E Ao refletir sobre minha infância, percebo que a curiosidade e a imaginação sempre foram meus companheiros inseparáveis, mesmo que diante dessa percepção atual na minha infância eu não houvesse tido contato com diversos livros que pudessem de alguma forma abrir meus pensamentos. Assim, havia um livro, em particular, que eu gostaria de ter conhecido naquela época: "O pequeno príncipe". Este livro conta a história No planeta Terra, o Pequeno Príncipe faz amizade com uma raposa, que lhe ensina sobre a importância dos laços afetivos e sobre o que é verdadeiramente essencial na vida. A raposa compartilha uma das mensagens mais famosas do livro: "O essencial é invisível aos olhos. "Imagino que, ao ler "O pequeno príncipe" quando criança, eu teria aprendido valiosas lições sobre coragem, amizade e a importância de acreditar em nós mesmos. Além disso, a narrativa envolvente e os personagens cativantes teriam alimentado ainda mais a minha imaginação, me inspirando a criar minhas próprias histórias e a sonhar sem limites. Apesar de não ter tido a chance de ler esse livro na infância, fico feliz em poder conhecê-lo agora e apreciar a profundidade e a beleza de sua mensagem. Acredito que cada criança deveria ter a oportunidade de se encantar com uma história tão rica e cheia de significados.

Com carinho, A.

CARTA ENCONTRO VII - 2

Oi,
Espero que todos estejam bem!
Eu não fui uma criança muito leitora. Os livros que tive contato naquela época eram de temáticas que eu não entendia bem, apesar de que eu me considerava “madura para a minha idade”.
Queria ter lido livros destinados para a minha faixa etária. Queria ter lido todas as 100 edições da primeira série de “Turma da Mônica Jovem”. E acho que a minha eu criança iria se apaixonar por Jogos Vorazes também, demorei muito a conhecer essa obra-prima.
Com carinho,
J

CARTA ENCONTRO VII - 3

Olá, Leitor

Nas minhas andanças pela internet, uma hora ou outra temos que nos deparar com aquele vídeo da Jout Jout que quase todos assistimos: “a falta que a falta faz” é o nome dele. Há 6 anos atrás, esse possivelmente foi o vídeo que transformou a forma que vemos os livros infantis, pois uma adulta falando de um livro direcionado para crianças não é algo tão corriqueiro. 8 milhões de pessoas pararam alguns minutos das suas vidas e eu fui uma delas. “A parte que falta” seria o livro que eu gostaria de ter lido quando criança. Talvez eu ainda não estivesse pronta para recebê-lo com a profundidade que merece, mas eu ficaria muito feliz de ver as figuras da bolinha com a parte faltante tentando se encaixar nas demais. Certamente, eu acharia engraçado e sem sentido, assim como toda criança costuma fazer. Nós somos assim, não acha, Leitor? Ao sermos crianças, tudo tem graça e nada tem sentido.

Apenas somos.

A história é sobre uma bolinha que tenta se encaixar nos lugares, mas ela sempre encontra dificuldades quando tenta se fixar com alguma parte. Depois de tanta procura, ela encontra finalmente a parte perfeita. A consequência disso foi ela deixar de ter tempo para sentir as alegrias do tempo que ela tinha a parte que faltava. E agora? A vida nos livros infantis é mais descomplicada, então a bolinha apenas seguiu a vida sem a parte. A falta também nos diz alguma coisa, é na falta em que há beleza. Eu não entenderia isso quando criança. Jamais teria a capacidade de filosofar nesse ponto. No entanto, eu iria amar ser uma adulta que um dia achou esse livro bobo.

Todos nós, ao sermos crianças, já nos deparamos com algo que achávamos bobo.

Agora, adultos, temos olhos para ver. Alguns adultos ainda não têm olhos para enxergar beleza nas coisas, o que eu, particularmente, considero adultos tristes e cinzas. A beleza de ser adulto é ter passado por várias trocas de lentes, assim, nossa criança finalmente consegue enxergar as coisas. Com esse livro, eu adoraria ter me aventurado pelo pasmo de conseguir ver o que eu não via.

E você, Leitor? Me conta de algum livro que você gostaria de ter lido.

Abraços da sua correspondente, J.A.

CARTA ENCONTRO VII - 4

Oi, P. Recebi a sua mensagem, é meio complicada a sua pergunta “Que livro eu gostaria de ter lido quando criança”. Vou ter que cavar na minha mente até chegar no passado, mas vamos lá.

Eu gostaria de ter lido O Pequeno Príncipe, mas eu não tive a oportunidade de ter o livro em mãos. Fui ler adulta, e amei acompanhar a aventura do Pequeno, imagina

ler essas aventuras quando criança? Eu gostava demais das aventuras do Cebolinha com seus planos infalíveis ha ha ha. Acho que é isso, P, bjs.

CARTA ENCONTRO VII - 5

Meus queridos navegantes honoratos,
Que pergunta interessante... me fez viajar em todas as minhas memórias de livros já lidos no fim da minha infância, na adolescência e já na vida adulta. Acreditem meus caros, foram muitos livros já lidos e nenhum veio à mente que eu deveria ter lido antes.

Acho que não existe esse livro que teria me mudado ou que me fez falta na infância, mas acho que poderia ter lido mais, que eu poderia ter mais acesso a esse mundo fantástico de livros. Em resumo, esta carta foi bem breve, pois não tinha muito que falar e filosofar sobre. Mas com certeza eu sou muito feliz por algo lá no passado ter acontecido e eu ter me tornado uma boa leitora que sou hoje em dia.

Atenciosamente,

LSQF

CARTA ENCONTRO VII - 6

Caro Perseus "Percy" Jackson,

Caso você não saiba, você foi o protagonista do primeiro livro não-paradidático que eu li. Do que isso lhe serve? Não sei, mas pra mim isso diz muito.

Imagine uma criança meio "tadinha", cheia de amigos "esquisitos" – de acordo com as crianças denominadas "normais" – e meio abandonada pelo pai que, do nada, acha um livro em que os protagonistas tem essas mesmas características. Seria um achado e tanto, não acha? Bem, te encontrar foi um feito e tanto para mim.

Sendo bem sincera, não lembro bem como "Percy Jackson e os Olimpianos" chegou no meio de alguma conversa com os meus amigos, mas lembro que ganhei o box com os 5 livros no meu aniversário. Seria 12 ou 13 anos? Não sei, porém devorei esses 5 livros em um único mês – lia de madrugada e recebia várias broncas da minha mãe – e levei esse assunto no volta às aulas. Ninguém nunca chegou a conclusão de qual seria meu chulé – hoje sei ser culpa dos meus transtornos psicológicos –, mas era único me imaginar dentro daquele universo. Hoje, quase 10 anos depois, sei que "Percy Jackson" foi o livro que eu precisava ler nos meus 12 anos e sou muito grata a isso. Mas e os meus 15, 16 anos? Bem, eu li John Green, porém pouca coisa conectou de verdade com o que eu precisava ler. Acho que foi por isso que as fanfics me pareceram de tão bom tom. Foi com elas que eu desafiei uma ordem heteronormativa e desbravei todas as minhas questões de identidade, sexualidade e feminilidade. Às vezes da pior forma? Sim, contudo isso me fez cronicamente online. Só que, pra falar a verdade, acho que isso não supriu o que era preciso. Na minha opinião de criança, perpetuada até os dias de hoje, nada supera a sensibilidade de ter os livros em mãos, abrir até quase rasgar, cheirar, folhear e, só no fim, ler. Tem também o fator emprestar, né? É muito mais fácil alguém ler um livro que foi indicado do que uma fanfic – o preconceito com fanfic é algo bem chato, é como se toda fanfic fosse mal escrita ou coisa do tipo –, assim eu poderia ter debatido ainda mais e mais. As questões não ficariam só comigo e a tela do computador.

Ainda não li o livro que eu gostaria de ter lido nesta idade, mas espero encontrá-lo logo. E, para finalizar, talvez "Heróis do Olimpo" tivesse sido uma ótima pedida para esse tempo.

Com muito carinho de sua leitora,
L.M.

CARTA ENCONTRO VII - 7

Eu gostaria de ter tido mais contato com a literatura paraense e com livros com personagens não tão heteronormativos. Mesmo que eu goste de pensar que os livros certos me encontraram nos momentos certos, teria sido muito bom ter entrado em contato com autores paraenses ou com livros lgbs. Quando eu li *Pssica*, do autor paraense Edyr Augusto, me senti totalmente inserido naquele contexto. Creio que foi a primeira vez que isso ocorreu de forma tão latente. Os lugares, as ruas, uma boa parte das ambientações eu conhecia pessoalmente. Tinham até informações sobre lugares que eu conheço que eu nem desconfiava que eram tão barra pesada. Teve um momento que um personagem ia na torre da rba, eu lia essa passagem dentro do ônibus justamente passando perto da torre, foi mágico. Em outro momento tem uma personagem que vai participar do programa de desaparecidos do jornal. E eu sempre via esse quando no jornal. Entre outras coisas que facilmente me situam na história. Foi uma sensação ótima, porém tardia. Li esse livro somente na faculdade. Teria sido legal me identificar em uma história assim, mais cedo. Na infância ou na adolescência. Foi só na faculdade que eu li. Gostaria de ter lido antes algo assim, bem dentro da minha realidade. E a experiência de ter lido quinze dias, do Vitor Martins, também foi muito prazerosa. Um protagonista lgbt com questões sobre seu corpo, bem posso dizer que me identifiquei um pouco. Como já pontuei, gosto de pensar que os livros certos me acharam nos momentos certos, um exemplo que posso dar sobre isso é *Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo*, um livro que hoje é cancelado por muitos, mas que quando me achou, me encontrou na hora exata. Acho que foi a primeira vez que li sobre um jovem rapaz latino tão melancólico, uma o Ari tem uma melancolia quase inerente. E acabei me identificando bastante com esse e alguns outros aspectos da personalidade dele e de outros personagens também. Acho que o cerne de tudo é o senso de identidade, é formidável ler obras em que você consegue se identificar de algum modo. Mesmo tendo lido uma quantidade ínfima de obras assim, ainda posso dizer que li. Mas sei que muitos por aí não tiveram a mesma sorte. Enfim, vou encerrar por aqui está tentativa de carta. Até a próxima.

CARTA ENCONTRO VII - 8

De: T M C

Para: K

Caro Kratos, espero que esteja tudo bem com você e com os sete reinos. O tema da carta de hoje é, no mínimo, deveras interessante. A princípio, não me vinha à cabeça um livro que eu gostaria de ter lido na infância porque minha infância foi muito pautada em Turma da Mônica, apesar de eu ter lido outros livros, até mesmo aqueles que eram direcionados a outros públicos. Porém, matutando e perscrutando no fundo da minha mente, eu gostaria de ter lido na infância 20 Mil Léguas Submarinas de Júlio Verne. É um livro tão maravilhoso, tão instigante e que nos deixa tão imerso que até nos dias atuais ele continua uma boa história de aventura, inclusive, Júlio Verne é um dos autores que eu mais gosto justamente pelo fato das histórias dele terem um enredo, de início absurdo, mas que ao decorrer da narrativa você simplesmente abraça todas aquelas situações. Com toda certeza, eu teria me apaixonado ainda mais pela leitura se eu tivesse lido esse livro. Por fim, conte-me mais como foi seu diálogo com o verdadeiro Tyr em Valhöll?

Ass: T M C

CARTA ENCONTRO VII - 9

Querida E,

Você já leu algum livro e parou para pensar que o teu eu do passado iria amar ele? Pois eu já! Quando adolescente eu nunca tive alguém para me incentivar a ler, uma grande parte de mim tinha muita curiosidade e vontade de ler naquela época, meus pais nunca se interessavam em ir comprar. Bom, era o que eu achava, agora quando eu cresci compreendo muito bem os seus motivos. Eu nunca fui uma criança leitora, comecei a gostar de leitura aos 16 anos, tudo graças a uma colega de escola que era cheia de livros e confiava em mim para emprestar seus livros (ela era muito corajosa, sinto saudades dela, mas, infelizmente, cada pessoa toma seu rumo.), porém se eu pudesse voltar no passado, levarei para a minha eu todos os livros paraenses voltado para o infanto-juvenil, fazendo com que o meu eu desde cedo valorizasse a literatura local. Além disso amigo, eu fico pensando se depois de grande eu me identifiquei, tenho certeza de que se fosse a uns anos atrás, também iria me identificar.

Bom amigo, era só isso mesmo. Espero que você esteja bem. Sinto saudades, beijos.

Com amor, sua melhor amiga.

APÊNDICE H – CARTAS ENCONTRO VIII**CARTA ENCONTRO VIII - 1**

Querido Leitor,

Hoje eu queria compartilhar um pouco sobre como a família em que cresci moldou quem eu sou hoje. Minha família sempre foi a base de tudo o que sou e faço, e não poderia ser de outra maneira. Desde pequena, minha família me ensinou a importância do respeito, do amor e da união. Em nossa casa, sempre valorizamos o diálogo aberto e honesto, o que me ajudou a desenvolver uma comunicação clara e empática com as pessoas ao meu redor. Cada conversa ao redor da mesa de jantar e cada conselho que recebi foram peças fundamentais na construção do meu caráter. Lembro-me dos momentos de alegria e aprendizado que tivemos juntos. As brincadeiras no quintal, as histórias contadas antes de dormir e até as dificuldades que enfrentamos juntos foram experiências que me mostraram o verdadeiro significado de resiliência e solidariedade. Foi na minha família que aprendi a importância de nunca desistir, mesmo diante dos desafios mais difíceis. Além disso, minha família sempre incentivou a busca pelo conhecimento e pelo desenvolvimento pessoal. Cada livro que li, cada atividade extracurricular que participei, teve o apoio e o incentivo daqueles que mais amo. Esse apoio incondicional me deu a confiança necessária para perseguir meus sonhos e objetivos, sabendo que sempre teria uma rede de apoio para me amparar. Diante de tudo isso, vejo claramente que a pessoa que me tornei é resultado direto dos valores e ensinamentos que recebi da minha família. Sou grata por cada momento, cada palavra de incentivo e cada abraço. Eles não apenas moldaram meu caráter, mas também inspiraram meu desejo de ser uma pessoa melhor a cada dia. Espero poder continuar a honrar tudo o que aprendi com minha família e passar esses valores adiante, para que outras pessoas possam também sentir o impacto positivo que uma família unida e amorosa pode ter na vida de alguém.

Com carinho, A!

CARTA ENCONTRO VIII - 2

Querido Leitor,

Hoje eu quero me deitar sobre coisas boas. Minha família está muito longe da perfeição, mas quando estou passando por momentos tranquilos, as memórias ruins se esvaem

e as boas sobressaltam. Eu escrevo e penso muito sobre a família a qual nasci, tanto é que dediquei a preencher páginas e páginas do caderno de duras reflexões sobre ela. O Renato Russo cantou que eles são crianças como eu, então eu deveria ser menos dura com eles. Eles têm os seus defeitos, sim, mas não a ponto de serem pais ruins, como sei que infelizmente muitos aqui têm. Meus pais são Golden Retrievers, em resumo. Eles falam alto e riem alto, exatamente como eu. Além disso, eu sou a combinação exata dos dois ao mesmo tempo, é isso que dizem.

Carregar os traços deles me faz carregar a história da minha família. Pelo que sei, é uma história feia e permeada de violência, porém com toques de beleza ao longo do caminho. Do meu papai, herdei meus olhos e sorriso que se encontram e formam uma bochecha rechonchuda. Herdei seu riso altíssimo que dá pra ouvir de longe. Herdei o pé horrendo dele.

Faço sons com a boca quando tô distraída, exatamente como ele faz. Tenho um raciocínio matemático razoável até, porque eu muitas vezes o via resolvendo exercícios de lógica no YouTube.

De mamãe, eu tenho a sensibilidade de chorar fácil com a mesma facilidade de dar risada. Eu e ela somos exímias organizadoras e planejadoras. Nada nos assusta quando

sabemos que estamos preparadas pra enfrentar até as maiores instabilidades. Aprendi com ela a andar de ônibus. Vez ou outra saíamos pela cidade e ela me ensinava nomes de ruas, nomes de outros ônibus e me dizia o que fazer caso eu me perdesse. Sem pânico, apenas procure um final de linha. Com ela, aprendi a ser presente, mesmo que isso tenha significados diferentes para nós duas. Aprendi a brincar de “cama de gato”, aprendi a desenhar uma flor. Com ela, aprendi a me esforçar. Lembro das noites que ela ficava estudando pra concurso público. 48 das 50 questões ela acertou. Minha mãe é incrível. Aprendi a ser forte, mesmo que por dentro a maioria das vezes eu esteja em profunda agonia, mas uma hora tem que dar certo, é o que ela sempre diz.

Tenho esses e muito mais retalhos do lugar de onde vim. Honestamente, eu não sei onde estaria hoje se não fosse por ela. Por mais que sejamos uns cabeças duras, eu os amo imensamente. Apesar deles me machucarem porque não souberam curar suas feridas, eu abraçaria todas elas se eles conseguirem descobrir o que os aflige. Quero saber sobre a sua família também, Leitor.

Com amor, J.

CARTA ENCONTRO VIII - 3

Ananindeua, 01 de dezembro de 2024

Olá, mãezinha. Estou escrevendo a carta nº 8 do Curso Navegantes Honoratos, mesmo tendo pulado uma carta que pretendo escrever depois. Dessa vez a Bia perguntou como minha família fez quem sou. Claro que não poderia escrever essa carta para outra pessoa que não pra ti.

Lembrei da palavra Ubuntu, que tem origem africana, tenho certeza que tu já ouviu. Ela significa "eu sou porque tu és". E eu sou, mãe, porque tu e o papai são, e pelo o que meus avós, minhas tias, minha irmã, meus primos e primas são.

Sou o resultado do acaso somado às escolhas de vocês, pois, como 99,9% das pessoas que conheço, não fui planejada, ainda assim, uma vez que eu havia sido gerada, vocês me amaram. Tu, mãe, que sempre foi amor, e papai, que sempre foi proteção. Tu com teu carinho escancarado, ele com o carinho velado, disfarçado de homem durão. Tão jovens e sem preparo, com uma filha de poucos meses nos braços e me esperando na tua barriga, sempre me deram tudo o que preciso para ser quem eu sou, fizeram de mim uma pessoa íntegra.

Embora nossa vida nunca tenha sido cheia de extravagâncias, vocês nunca deixaram faltar amor, respeito e amparo, fui criada, no final de contas, num ambiente propício para que eu pudesse escolher ser eu mesma e fazer as minhas escolhas. Vocês sempre incentivaram a nossa educação. Tão sábios! Mesmo que esse direito tenha sido negado a vocês, que tiveram a infância e a adolescência tão duras. Ainda assim vocês permitiram que J e eu estudássemos. J agora é professora, e eu estou começando a trilhar esse caminho, cheia de esperança nas próximas gerações e no futuro. Aprendi a sonhar. E quanto aos meus objetivos? São sempre pensados na gente como um todo, afinal, eu sou porque nós somos!

Sabe, mãezinha, eu sempre agradeço por fazer parte dessa família. Sei que nem todos têm a boa sorte de ter uma mãe tão atenciosa. Sou grata a vocês por tudo o que são. E sou grata especialmente por ti. Pois eu sei, mãe, que vocês dois abriram mão de muitos sonhos, mas eu sei também que esse sistema te escolheu para bode expiatório.

E sei, mãe, de tantas humilhações que tu viveu por ser mulher e por ser mãe. Eu sei, mãe, que tentaram te colocar em um lugar sujeição, mas tu, com a tua força de mulher e de mãe, mostrou para eles qual é o lugar deles, e eles se amedrontaram com a tua força. Eles achavam que tu era uma menina, não sabiam do teu super poder, aquele que é dado apenas às mulheres quando se tornam mães.

Quando a gente cresce recebe olhos diferentes, que fazem com que a gente perceba coisas que os olhos de criança, tão inocentes, não conseguiam ver. Por isso, apesar de dedicar essa carta pro papai e pra J também, eu escrevo ela pra ti, porque tu, mãe, é o meu cais. Tu, em toda a tua simplicidade, é meu referencial de mãe, e, em toda a tua complexidade, é o meu referencial de mulher.

Sem a tua presença a nossa casa seria uma mera construção civil, és tu quem transforma o lugar e a gente em uma família. Tu, mãe, embora seja gente, é também uma força que eu carrego comigo. E em cada espaço que eu entro, em cada não e em cada sim que recebo, te levo junto. E eu sou, mãe, porque tu és. E pro resto das nossas vidas eu continuarei sendo porque tu és.

Da tua filha que te ama e admira.

CARTA ENCONTRO VIII - 4

Meus queridos navegantes honoratos,

Esse tema é de fato interessante, afinal minha família é enorme, principalmente por parte de mãe, e teve um grande papel na minha vida.

Primeiramente devo dizer que a minha mãe, conhecida como dona W, é a filha mais velha do primeiro casamento da minha avó, depois, do segundo casamento vieram minhas tias M (que tem meus primos A e A) e A (a tia rica e distante que teve a E), e finalmente, do último casamento, vieram o D (pai da L e L), o E (o único sábio que não teve filhos) e a A (aquela que cresci junto, briguei muito e me deu o meu priminho A que acompanho desde pequenino. Eu sou a primeira neta, portanto a mais velha entre todos.

Falando do meu pai, ele é o irmão do meio, tem um irmão mais velho A (quem teve meus dois primos, o A, com quem não tenho muito contato porque quando eu era criança ele já era um adolescente chato, e o A que nasceu no mesmo ano que eu e sempre fui muito grudada.

E por que eu apresentei todos assim? Simplesmente porque apesar de ter muita gente eu tenho contato com todos eles.

Eu morei com minha avó e meus pais até uns 2 anos, depois, junto com meus pais, fui para Tomé-Açu e com 6 anos ganhei a minha irmãzinha Larissa e lá moramos até meus 10 anos, nesse meio tempo eu sempre vinha para a casa da minha avó, em Marituba, ou para Salinas, na casa da minha outra avó.

Isso na verdade foi só uma introdução porque para uma história é preciso saber o nome dos personagens. E, isso diz muito sobre o que é família pra mim. Eu sempre fui apegada a todos os meus primos e primas e as minhas avós. Com meus primos aprendi a dividir as coisas, a ter empatia com quem tem menos e a ter sempre com quem contar. Ao meu primo A que se assumiu primeiro para mim e me fez questionar sobre mim mesma. Com minha avó Creuza, mãe da minha mãe, tive uma cultura do interior muito grande porque sua profissão era agricultora e ela tem plantação de milho e mandioca e perdi as contas de quantas vezes a vi fazendo farinha do tipiti e tirando o tucupi.

Minha avó paterna sempre quis ter uma filha, mas só teve filho homem, eu fui a primeira neta então imaginem só os mimos. Sempre fui muito mimada por ela e por isso eu sempre agradeço muito.

Aos meus pais que sempre estiveram comigo em todos os momentos. Meu pai foi um pai normal que sempre contribuiu em casa mas não era tão presente nas responsabilidades na minha criação e educação, essa era minha mãe que sempre foi bem liberal na medida certa, ela é o tipo de mãe que não mostra fotos da minha infância, não me espera acordada quando estou fora de casa e que sempre aceitou minhas maluquices.

Eu acho que a minha família contribuiu em muitos aspectos para eu me tornar quem eu sou hoje, mas foi uma mistura da família, amigos e a sociedade que de fato nos molda como pessoas. De qualquer forma eu sempre agradeço por ter uma grande família.

Atenciosamente,

LSQF

CARTA ENCONTRO VIII - 5

Caro, cara e care Deus.

Gostaria de começar dizendo que não gosto de te atribuir gênero; me parece um tanto quanto abstrato atribuir gênero para algo que criou os gêneros, mas não vim aqui falar sobre isso. Na verdade, o que vim falar não tem nada haver com isso.

Pois bem, a primeiro momento, gostaria de agradecer pelas pessoas que colocaste na minha vida: as minhas famílias. Sim, no plural, pois acredito que família é mais do que um laço sanguíneo e sim aquelas pessoas tão próximas que fica difícil viver sem. Quando passo por essa segunda definição, quatro pessoas me vem à mente: minha mãe, minha avó, a M e o Y. Essas pessoas formaram o meu eu. Minha mãe e minha vó, acima de tudo, me ensinaram a nunca desistir. Lembro que quando fiz ENEM pela primeira vez, quando ainda era treineira, voltei chorando pra casa após a primeira prova. Não fiz a redação e não entendi os textos, disse que nunca ia passar e minha mãe disse que era só o começo, ainda tinha muito caminho pela frente, eu não podia desistir depois da primeira barreira. Dois anos depois, no auge da pandemia, fiz a prova valendo e, mais uma vez, voltei chorando. Minha avó disse que se eu não passasse esse ano, era só tentar de novo e de novo até conseguir. Quem diria... eu consegui.

A M e o Y, por sua vez, me ensinaram ser gente, no sentido mais amplo da palavra. É até um pouco engraçado pensar agora, mas eu tinha muitos amigos que me levavam para o “mal caminho” – eu até diria “entenda como quiser”, mas você é Deus, sempre vai entender o que quero dizer – e, você sabe, era muito difícil sair do meu eu egocêntrico e olhar para a realidade do outro. Se me chamavam de militante aos 15 anos, a culpa é toda delas! Também é culpa delas o meu gosto por animes e leitura (de fanfics a literatura canônica) e o cabelo descolorido na adolescência.

Tantas coisas me foram ensinadas nesses meus 21 anos de vida... coisas acontecem e nos ensinam sem a gente perceber e, quando dá por si está lá, com uma raiz tão profunda no seu ser que é impossível saber de onde vem cada coisa e, no final, tudo se torna um eu colorido e cheio de facetas (até porque seria chato se fosse algo preto e branco). Acho que essa é a beleza da família, no final das contas

Com muito carinho de uma devota,
L M.

CARTA ENCONTRO VIII - 6

Caro destino,

Hoje escrevo para contar sobre o presente, sobre como a minha família moldou quem eu sou. Minha família tem uma parcela de culpa em basicamente tudo o que eu fiz. Boa ou ruim. Eles me criaram, eles me fizeram ser quem sou hoje. Talvez eu tenha influencia de uma ou outra pessoa que passou na minha vida, mas basicamente, sou um produto deles.

E como foi isso? Bem, teve seus bons momentos e seus momentos ruins. Em alguns deles, gostaria que tivessem sido mais humanos (não falo isso de todos, mas de alguns) em outros gostaria que tivessem sido mais duros (pasmem).

Já fui muito hipócrita com a minha família. Critiquei-os milhares de vezes, mas quantas vezes não agi igual? Mas eu agi igual por ser um produto deles? Ou algo assim? Desculpe, destino, essa carta está confusa. Acho que tal qual a minha criação e minha família.

Até breve.

Atenciosamente,
PL.

CARTA ENCONTRO VIII - 7

Definitivamente, essa é a tentativa de carta que serei mais sucinto, não quero discorrer muito. Não que haja muito o que comentar, mas enfim, basicamente eu fui o filho que não dava trabalho, e hoje sofro as consequências disso. Bem, eu não vou me aprofundar ou explicar tanto esse ponto porque não vejo necessidade. Creio que é uma situação de que pra bom entendedor, meia palavra basta. Além do mais, acho forte falar que algo ou alguém me fez, ou fez quem eu sou. Penso que estamos sempre em formação, não considero que já tenho uma completude imutável. Desse modo, não tenho como afirmar que algo, ou alguém, fez quem eu sou. Quem sou hoje pode não ser exatamente quem eu serei amanhã, da mesma forma que quem eu fui ontem não é exatamente quem sou agora. No entanto, apesar disso, acredito sim que em alguns aspectos sou um reflexo da minha criação, seja quando escolho ser semelhante a alguma referência parental que tive seja quando decido não ser como essa referência. Como um espelho que ora é invertido ora replica, ou reflete, aquilo que vê. Mas isso normalmente acontece de modo inconsciente. Somente vez ou outra que faço algo e me atento que um familiar X, também poderia fazer o mesmo. Esse tipo de coisa é natural na formação de qualquer um, invariavelmente nos espelhamos em algum tipo de figura de autoridade. E reitero, esse espelhamento pode ser proposital ou não. Normalmente nos moldamos tendo por base alguma figura que foi minimamente relevante na nossa criação. E essa figura geralmente é um familiar. Enfim, acho que é isso. Finalizo por aqui. Até a próxima.

CARTA ENCONTRO VIII - 8

De: T M C

Para: K

Caro K, espero que você e os 7 reinos estejam bem. O tema da carta de hoje é “como minha família fez quem eu sou”. Este tema é bastante complicado, pois não tenho uma boa relação com minha família, cresci num lar extremamente conturbado e desunido, o que faz com que eu tenha uma certa desconexão com este núcleo. Muitos dizem que família é importante e a base de tudo e até certo ponto eu concordo, contudo a minha família se resumia em brigas, muitas brigas, jogos de interesse, fofocas, comentários ofensivos e abandono parental. Então, respondendo a pergunta, a minha família me fez uma pessoa ressentida com eles próprios, uma verdadeira bagunça psicologicamente falando e com aquele pensamento de não querer seguir esse mesmo ciclo vicioso e submeter meus futuros filhos a esse ambiente insalubre. Perdão se esta carta soou mais como um desabafo, mas apesar de tudo isso, eu sigo com a esperança de futuros melhores.

Ass: T M C

CARTA ENCONTRO VIII - 9

Querido E,

Tu sabes o quanto eu sou apegada com meus pais e os admiro muito. Eles tiveram uma grande influência em tudo que sou, aos meus gostos musicais, animes, desenhos, comida até nós esportes. Se eu choro assistindo filme, se deixo o arroz queimar assistindo desenho, se vou no YouTube tirar dúvida de como fazer um ponto de crochê ou como rejuntar a casa foram coisas que eu puxei deles.

Papai até hoje deixa o arroz queimar quando tá assistindo desenho, eu não posso nem reclamar porque sou igualzinho kkkkkk...

Não posso deixar de falar dessa garra e força de vontade que eles têm, que é algo lindo! Se hoje eu sou uma pessoa sonhadora, foi que eu aprendi com eles como sonhar, a correr atrás dos meus objetivos.

Mesmo em meio as dificuldades, eles sempre me mostraram o caminho certo, me mostraram a saber vê as coisas, tratar as pessoas com respeito, independentemente, da idade, sexo ou gênero. Me ensinaram a ser uma pessoa honesta em relação a tudo, até com meus sentimentos, ser um ser humano justo quando for necessário e a amar. Na minha casa nunca me faltou amor e sou muito grata a isso, pois sei amar.

E é isso amigo, se hoje sou uma pessoa educada, generosa, esforçada, amorosa e sonhadora. Foi tudo graças a eles, que são o meu grande exemplo de ser humano bom.

Mas e você amigo, como sua família te influenciou? Por favor, não demore a me responder. Beijos.

Com amor, sua amiga do coração

APÊNDICE I – CARTAS ENCONTRO IX

CARTA ENCONTRO IX - 1

Querido Leitor,
Chegou o momento de escrevermos nossa última cartinha para esse curso e devo dizer, desde já, que já sinto saudades... Ao término do curso de extensão "Navegantes Honoratos", sinto que minha jornada acadêmica se transformou profundamente. Este curso não apenas me trouxe novos conhecimentos, mas também me proporcionou uma nova perspectiva sobre quem eu sou e o que sou capaz de realizar. Durante os encontros, pude explorar conceitos inovadores e desenvolver habilidades sobre como perpassar a literatura juvenil para meus futuros alunos. Além disso, a convivência com os colegas e os livros lidos durante o curso, todos com histórias e vivências tão diversas, enriqueceu ainda mais essa experiência. Hoje, me vejo como uma pessoa mais confiante e preparada para enfrentar desafios que virão durante essa jornada acadêmica. O curso despertou em mim um desejo insaciável de continuar aprendendo e me aprimorando. O curso "Navegantes Honoratos" me ensinou a importância de que a literatura juvenil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos jovens leitores e que é através das páginas dos livros que eles podem embarcar em aventuras incríveis, descobrir novas culturas e entender diferentes perspectivas sobre o mundo. Obrigada por tudo, Bia! Sinto-me mais conectada aos meus objetivos e a como posso contribuir positivamente para o mundo ao meu redor depois de tudo que pude aprender e conhecer durante os encontros do curso.

Com carinho, A.

CARTA ENCONTRO IX - 2

Queridos Navegantes Honoratos,
Eu espero que vocês estejam bem!

No semestre passado, uma professora nos dizia inúmeras vezes que deveríamos viver a universidade além da sala de aula, sempre tive isso em mente. Digo com convicção que, para mim, este curso foi uma das melhores coisas que aconteceram neste meu primeiro ano da graduação, que foi um tanto quanto caótico, diga-se de passagem.

Não sou boa em me expressar. Não me considero boa escritora. Não sei usar floreios e nem metáforas. Não tenho um olhar artístico, sou, quase sempre, direta. O curso me ajudou a ser menos travada no quesito escrever. Melhorei e agora, surpreendentemente, não entro em pânico quando preciso escrever algo, o que acontece bastante na faculdade de Letras.

Achava muito engraçado (talvez fascinante) quando o universo se alinhava e os temas das cartas coincidiam com alguma coisa que estava acontecendo comigo. Era terapêutico escrever, sejam as cartas endereçadas a vocês ou as que foram para outros lugares.

Quando eu lia os textos teóricos, ficava pensando que tipo de professora eu queria ser no futuro. Essa parte, durante essas semanas, me fez refletir muitas coisas.

E eu não poderia estar mais alegre em ter entrado em contato com as obras literárias paraenses, penso em como usarei elas nas minhas futuras aulas. Mesmo sendo quase engolida pelas minhas inseguranças, acho que ainda quero ser professora.

Me apaixonei de novo pelas palavras e quero ser alguém que consegue transmitir isso para outras pessoas, seja para os jovens leitores ou para os que já são mais velhos, mas que por algum motivo não tiveram esse incentivo e acesso quando novos.

Guardarei esses encontros na minha memória com muito carinho, foi uma honra participar de tudo isso e também conhecer vocês um pouco melhor. Amei todas as vezes.

Com carinho,
JR

CARTA ENCONTRO IX - 3

Querida J,

Mudei o remetente que estou escrevendo essa carta. Hoje, nas vésperas de terminar o curso, você com certeza pode dizer que se tornou uma pessoa diferente do primeiro dia de aula. Além de serem seus últimos dias de Navegantes, você também já se deu conta de que o curso de Letras também está quase no fim? Acho que sim. Ter feito parte dos Navegantes foi importante para a sua trajetória porque te deu novas lentes para enxergar coisas deveras importantes: os adolescentes.

Estamos passando por mais uma (de várias) crises na educação. Os homens de terno e gravata têm um grandioso projeto de sucateamento das escolas que vai muito além de cortes de gastos. O plano é e sempre foi colocar vendas nos olhos da população, fazendo-a acreditar que a educação não é nada importante. Infelizmente, a cegueira está aumentando: agora, os jovens estão indo para a internet dizer que a escola não vai ajudá-lo em nada, o foco de verdade é tornar-se um grande empreendedor. Isso não é assustador? É um cenário em que jovens estão se rendendo para a “utilidade”, o que vem dando certo até aqui.

O curso Navegantes colocou nossos olhares voltados para esse grupo de pessoas que um dia vão ter voz mais ativa. Se nos cabe alguma missão no mundo, algo que nós teremos de “propósito” a ser atingido, esperamos tocar o coração dos jovens por meio da educação. Não almejo ser uma professora revolucionária, mas uma que seja boa o suficiente apenas para enxergá-los como pessoas que precisam de atenção para com o seu desenvolvimento enquanto aprendentes. Ser uma professora que não oprima as habilidades, quaisquer que sejam... Eu sinto que vim aqui pra fazê-los grandes pessoas, e será um enorme desafio diante do caos que o projeto dos homens de terno causa na sociedade. Sentimos que precisamos bater de frente com eles, desafiando-os todos os dias, do momento que levantamos, no momento que damos aulas e no momento que as planejamos. Dar aula é uma arte, é assim que vemos nossos professores da faculdades. Queremos ser artistas assim também.

No meio de um momento sensível na educação, os jovens estão sendo atacados. Lembro de um episódio de Naruto, em que o sensei Asuma Sarutobi provoca o Shikamaru perguntando a ele quem seria o Rei. O Rei, no Xadrez, é a peça que devemos proteger. A batalha se desenvolve unicamente com o fim de não deixar meu Rei cair para as peças opostas. Então... quem seria o Rei? A resposta é: são as crianças, são os jovens. O Navegantes mudou em mim uma coisa que eu ainda demorei pra perceber. Eu finalmente pude me sentir responsável pelo Rei. Espero conseguir fazer um bom trabalho daqui em diante. Com amor, de J para J Navegante Honorata.

CARTA ENCONTRO IX - 4

Ananindeua, 06 de dezembro de 2024

Olá, Bia. Tudo bem? Essa última cartinha é muito especial, eu poderia escrevê-la aos Navegantes, como fiz na maioria das outras, mas decidi escrever para você.

Eu cheguei ao curso Navegantes Honoratos com timidez e introspecção, pois, cercada por ótimos profissionais da área de licenciatura em letras, me via acanhada. Isso porque meu processo com a leitura é muito controverso, pois, embora tenha sido uma adolescente leitora, o encantamento foi deixando de existir quando passei a cursar Artes (minha 1ª formação). Você pode estar se perguntando agora como isso foi possível, já que em geral as artes são muito divertidas. Acontece que a academia pode transformar coisas legais em maçantes, vai depender muito da abordagem.

Já o hábito de escrita, perdi antes mesmo da faculdade. A J que te escreve hoje, tem uma nova perspectiva, mais encorajamento e mais vontade de professorar e de pensar e realizar a leitura de uma maneira mais convidativa, aberta, dinâmica, reflexiva e divertida.

Percebi ao longo dos nossos encontros, que a tua curadoria dos títulos foi diversa, dessa forma, não somente conseguiu alcançar especialmente a cada um de nós em algum momento, como conseguiu (re)apresentar gêneros que talvez a primeira vista não parecessem interessantes, nos fazendo pensar nessa diversidade sem preconceitos.

A J de hoje, que escreveu tantas cartinhas e até um microconto em sala, através das tuas incitações, também escreveu um conto (que ainda está sendo trabalhado).

Após o curso Navegantes Honoratos percebo uma J mais sensível, mais instigada, mais enamorada pela leitura. Agora, Bia, tenho algumas ferramentas para me aventurar nessa jornada que é a leitura como fruição e por consequência, me aventurar na sala de aula, ou em espaços menos formais, para levar a literatura.

Emergiram questões que estavam submersas em mim, sorri muito durante nossos encontros, derramei lágrimas na escritura de algumas das cartas, me deixei ser atravessada durante esse processo. A travessia foi leve, os caminhos foram seguros, isso porque a capitã desse barco, mesmo tão jovem, é muito sábia, e instigou a nós, tripulantes, a realizarmos uma viagem prazerosa pelo conhecimento.

Desejo que o futuro traga novas travessias, agora já sei um pouco, aprendi com você.

A você, capitã Bia, deixo meus sinceros agradecimentos.

Com todo carinho, de sua aluna J.

CARTA ENCONTRO IX - 5

Quem sou eu depois do curso navegantes honoratos

Olá, meu amigo. Hoje eu devo falar sobre “quem sou eu depois do curso navegantes honoratos”, bem, você vai ser a primeira pessoa a saber, depois me fala o que achou.

No começo encontrei a informação sobre o curso no grupo da faculdade, me interessei sobre o assunto “literatura juvenil” No primeiro dia do curso eu não conhecia ninguém, muito menos a professora. E tivemos que fazer cartas, algumas com temas difíceis, um exemplo “Quem sou eu” eu não fico toda hora me questionando, eu tive que ficar pensando sobre mim. Enfim, eu consegui, e agora estou escrevendo a última, vou sentir sdds dos encontros na segunda-feira à tarde.

Nos encontros eu gostei de descobrir livros juvenis paraenses, atores, e ainda ouvir sobre como encantar os jovens com essa literatura. Ainda me expressei através das cartas ou como aconteceu um dia, em colagens.

Agora eu sou uma pessoa que entende um pouco mais sobre literatura juvenil, e como posso expor para os meus futuros alunos.

Obrigada pela atenção, K

CARTA ENCONTRO IX - 6

Meus queridos navegantes honoratos,
Não tinha melhor tema para encerrar este curso, a quem sou muito grata por esses momentos leves e agradáveis no meio de um curso que nem sempre é tão bom assim... para saber quem eu sou é antes necessário saber quem eu era antes.

Antes eu amava literatura infantojuvenil, cujo público eu sempre respeitei demais, principalmente as crianças que podem ser tão exigentes e perspicazes. Mas nunca antes tinha visto alguém dar a importância ao tema como neste curso, na verdade eu tenho um certo trauma sobre isso. Eu fiz literatura portuguesa clássica com uma professora, vejam bem o assunto era realismo e tínhamos que fazer uma apresentação sobre o tema, portanto nosso grupo escolheu um conto realista da biblioteca de Coimbra para trabalhar especialmente a literatura com crianças menores e tentar fazer algo dinâmico. Resultado: a professora não achou nosso conto realista o suficiente e nem abraçou a ideia de trabalhar textos diferentes com um público de crianças. Neste dia uma parte de mim morreu um pouco.

Hoje eu tenho mais embasamento teórico, tenho um curso que não só me apresentou de uma forma diferente um tema que eu já amava, como me fez resgatar aquela aquela vontade de escrever mais vezes. Este curso veio numa época onde fazer letras estava sendo mais um peso do que um prazer pelas belas letras. Eu sou uma pessoa mais feliz e realizada por ter encarado fazer mais uma coisa que acabou sendo a melhor parte do meu semestre. Muito obrigada por essa emocionante caminhada, meus queridos navegantes honoratos.

Atenciosamente,
LSQF

CARTA ENCONTRO IX - 7

Caro Norato,

Não sei se lembra de mim, mas dois meses atrás (ou quase isso) lhe mandei uma carta e agora escrevo outra. Acho que não há destinatário melhor que você, sabe? Com você início e com você fecho um ciclo. Nunca fui boa em fechar ciclos, entretanto estou me esforçando para dar o meu melhor neste.

Acredito ter aprendido muito neste curso, Norato. Aprendi mais sobre o aluno leitor e o não leitor, a escola que se propõe a fazer algo diferente junto ao professor (falo junto, pois acredito que um depende do outro para fazer um bom trabalho) e, acima de tudo, sobre o dever do professor com seus alunos. Transformar um aluno não leitor em leitor pode parecer uma tarefa impossível, mas não é. Talvez com os livros certos, se torne mais fácil.

Aprendi – ou, melhor, fui usada de cobaia – técnicas para fazer os alunos se sentirem mais conectados com os livros e acho que isso se liga diretamente ao contrato que fazemos ao aceitar ou não determinado enredo. Alunos que se sentem incluídos em uma história vão se conectar melhor com as aulas e interagir mais.

Acho que saio daqui com uma nova imagem do que quero ser como professora: aquela que forma leitores (ou ao menos tenta).

Com isso, vos digo Norato: até mais.

Atenciosamente de sua amiga,

LM

CARTA ENCONTRO IX - 8

Depois de tanto gostar tua essência, depois de riscar tua superfície com os dedos suados, você me pergunta quem eu sou depois da nossa navegação? Passamos por vários locais, a ilha de Mosquitos me assustou por um momento, bem como a viagem pelo tempo que fizemos em busca das erveiras, mas os subimos no skate aéreo e descemos a Almirante Barroso futurista. Pulamos no multiverso da nossa amada UFPA quase tivemos que recitar o hino do império flor de Grão-Pará. Nos encontramos em textos curtos, micro contos, nos perdemos nas cartas. Nossas cartas e me perdoa se trouxe livros demais na viagem que compartilhemos, me perdoe se tracei linhas demais e você perdeu muita tinta, me desculpe se te ofendi com as bobices da minha escrita. O que aprendemos? Qual a melhor maneira de levar a literatura em pensando em crianças e jovens? Será com livros ilustrados, será com personagens que dialoguem com as histórias deles, suas vidas, sua cidade. A única máxima que compreendi é que levar os livros seja obras novas, sejam clássicos em outros formatos como quadrinhos, o importante no final é incentivar o gosto e o hábito pela leitura, porque esse é o papel mais importante do professor, ler abre portas, quebra barreiras e constrói opiniões. Então nessa última carta, peço que me acompanhe e me ajude, a escrever as próximas palavras da nossa nova aventura, a sala de aula.

CARTA ENCONTRO IX - 9

Nossa essa é uma pergunta difícil, esse não é um tema simples. Nunca é na verdade, cada tema teve a sua particularidade. Curiosamente, desde a primeira carta, melhor, desde a primeira tentativa de carta, eu já expus que não acho tão fácil falar de forma tão desinibida sobre mim mesmo. Expus isso, dentre outras coisas acerca de mim, e de quem eu sou. Acho que durante todas as cartas isso foi uma constante minha, me expus verdadeiramente. Tentei sempre fazer isso da melhor forma possível. Não tenho certeza se consegui, porém posso afirmar que tentei de coração. Esse foi um curso que modificou meus entendimentos em vários aspectos. Ingressei aqui tendo algumas dúvidas a respeito da literatura juvenil, apesar de me considerar um entusiasta, não tinha muita convicção se no hoje ela ainda poderia ser bem abordada ou se verdadeiramente valia a pena abordar ela. Ou se há realmente uma variedade minimamente interesse para o seu público alvo, e meus futuros possíveis alunos. Bom, é com um grande prazer que informo que sim, ainda vale a pena tratar da literatura juvenil e sim, é totalmente possível fazer isso de modo proveitoso.

Também é fato que há uma boa variedade de títulos que podem ser abordados com os educandos de forma profícua. Por causa disso e de outras coisas, sinto que não saio do

curso da mesma maneira que entrei, concluo esse capítulo da minha trajetória acadêmica da melhor maneira possível. Acredito que ensinar é transformar e aqui, comigo, esse foi o caso. O curso reformulou minhas concepções e certamente trouxe novas perspectivas. Agora, posso afirmar categoricamente, sem ter sequer a menor sombra de dúvida, que existe muita coisa produtiva sobre a literatura juvenil tanto sobre os textos teóricos quanto os literários. Assim finalizo minha nona e última carta, melhor, nona e última tentativa de carta. Mas antes de encerrar de vez quero pontuar que para mim a experiência do curso foi primorosa, superou minhas expectativas. Bia, espero que pra você tenha sido tão benéfico quanto foi pra mim, quero te agradecer por tudo e te desejar tudo de bom. Minha cara, todo sucesso do mundo pra você! És uma profissional da educação maravilhosa, Paulo Freire ia te adorar. Me orgulho de dizer que fiz parte desse curso, e por sua vez, da tua trajetória acadêmica. Bia uma professora como você faz revigorar minha crença nessa nossa profissão cheia de percalços. O nosso meio acadêmico é nebuloso, mas você é sol Bia. Um ponto de luz. A próxima professora de literatura juvenil dessa universidade, com certeza, esteja ela onde estiver, Maria Lúcia Medeiros vai ver e se orgulhar muito de ti! Boa sorte diva! Não vou me despedir com um adeus porque não gostaria que fosse uma despedida definitiva. Quero acreditar que talvez o acaso possa fazer a gente se reencontrar. Quem sabe um dia a gente até de aula no mesmo lugar, nunca se sabe né. Enfim, acho que é isso, dessa vez tentei me prolongar para evitar a despedida final, mas ao que me parece, minhas palavras também estão sentido a perda, por isso se acanharam. Acho que isso deve ser um sinal de que eu genuinamente adorei todo esse tempo aqui nos Navegantes Honoratos. Mas não dá mais para fugir, agora realmente vou terminar. Então é isso, tchau e até a próxima, um abraço e obrigado por tudo!

CARTA ENCONTRO IX - 10

De: T M C

Para: K

Caro K, espero que você e os 7 reinos estejam bem, hoje é um dia que traz um misto de sentimentos, pois ao mesmo tempo que chegamos a última carta dos Navegantes Honoratos com a sensação de dever cumprido existe também o sentimento de pesar haja vista que a interação, os desabafos e o compartilhamento de ideias e opiniões eram tão proveitosos, sentirei falta desses momentos e dos encontros de segunda feira a tarde, confesso. Com isso, respondendo a pergunta que não quer calar “Quem eu sou após os Navegantes Honoratos?” Só posso dizer que este curso foi uma daquelas raras e boas fagulhas que Letras trouxe no meu cotidiano acadêmico haja vista que não é surpresa alguma que a rotina e a própria graduação vez em quando me causam sobrecarga e frustração. Os Navegantes Honoratos resgatou em mim aquele apreço pela literatura ao qual estava perdido no mar de livros academicistas com toda aquela linguagem técnica que pouco ou nada conversam com os graduandos e me fez lembrar do principal motivo de eu escolher cursar Letras, a paixão pela literatura, pelos livros e principalmente por aqueles gêneros literários aos quais alguns ditos “cultos” e “entendedores” da área não consideram se quer literatura de fato. Não posso deixar de elogiar a professora/pesquisadora Bia, pois além da proposta do curso ser crível, sua didática e postura também são excelentes, a universidade necessita de pessoas como a Bia exercendo esse cargo, pois a literatura não deve ser resumida apenas a teorias, metodologias, produções e publicações desenfreadas em revistas Qualis A/B/C, mas sim um espaço para se compartilhar vivências, experiências, exercer a criatividade, proporcionar fuga da realidade e ao mesmo tempo nos aproximar ainda mais dela, além de ser algo prazeroso. Sinto que concluo este curso com uma mente mais aberta e a esperança renovada com relação ao ensino de literatura nas universidades.

Agradeço também a você, K, sr. Deus da Guerra (tá nem tão novo assim, rs) pelos conselhos e pela mentoria, tentarei seguir seus conselhos e virtudes, agradeço também aos queridos participantes do curso que também compartilharam suas vivências e ajudaram a dar sustentação para o curso, a professora/ pesquisadora Bia pela realização do projeto.

Desejo a você um reinado próspero durante todo o resto da eternidade.

Ass: T M C.

CARTA ENCONTRO IX - 11

Querida Bia,

Antes de fazer o curso do “Navegantes Honoratos”, eu estava perdida em relação ao meu curso. O curso de Letras em Língua Portuguesa, nunca foi uma opção para mim, pois de ter tentado dois anos para psicologia acabei me frustrando, então decidir trocar a minha opção de curso. Como as minhas notas se encaixavam com a nota de corte de Letras, resolvi tentar. Afinal envolvia leitura, não custava nada eu tentar não é mesmo? Porém, durante dois anos me sentir muito perdida e culpada, as vezes eu achava que estava ocupando lugar de alguém que queria muito está cursando esse curso, era como se eu não merecesse, não conseguir me sentir encaixada, não sabia se de fato queria continuar no curso ou se trancava para tentar mais uma vez para psicologia. Até que resolvi participar dos encontros, me lembro como se fosse ontem o primeiro encontro. Cara, eu achei perfeito! Quando os livros foram trazidos para roda, a minha criança interior gritou dentro de mim, a cada encontro ela queria saber demais livros infantojuvenil paraense para ler, a mini T se sentiu muito representada. Confesso que eu também amava/amou escutar as carteirinhas dos meus colegas, acabei criando uma admiração por suas criatividadees ao elaborar as cartinhas, eu conseguia sentir cada palavra em suas leituras.

Tudo que aconteceu durante os encontros fez eu ter vontade de criar uma roda de leitura em minha casa e mostrar para as crianças do meu bairro tudo o que aprendi aqui, levar cultura a elas, mostrar todas as obras que tive o privilégio de conhecer nesse encontro. O curso Navegantes Honoratos me mudou bastante, fez com que eu ainda quisesse continuar no meu curso e trabalhar obras literárias paraense com as crianças não só com as do bairro onde moro mas também dentro de sala de aula.

Com muito aperto no coração término a minha carta por aqui, espero que um dia a gente possa se encontrar de novo, te desejo todo sucesso do mundo.

Com carinho, sua eterna honorata